

NUNO MIGUEL LOURENÇO NEVES RENCA

DERIVAÇÃO NOMINAL EM *-DOR/A* E EM
-DEIRO/A NO PORTUGUÊS EUROPEU
CONTEMPORÂNEO

Coimbra

2005

NUNO MIGUEL LOURENÇO NEVES RENÇA

DERIVAÇÃO NOMINAL EM *-DOR/A* E EM
-DEIRO/A NO PORTUGUÊS EUROPEU
CONTEMPORÂNEO

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coimbra

2005

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa, sob orientação da senhora Professora Doutora Graça Maria Rio-Torto, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ÍNDICE GERAL

Índice geral.....	i
Agradecimentos.....	iii
Siglas, abreviaturas e convenções.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO.....	1
1. OBJECTO.....	2
2. OBJECTIVOS.....	2
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
3.1. <i>Conceitos operatórios nucleares</i>	4
3.2. <i>Constituintes morfológicos em jogo</i>	5
3.2.1. Bases.....	5
3.2.2. Sufixos.....	6
3.3. <i>Regras de formação de palavras</i>	7
4. O <i>CORPUS</i> UTILIZADO. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	8
CAPÍTULO II. DERIVAÇÃO EM –DOR/A.....	11
1. IDENTIDADE DO SUFIXO (ORIGEM E EVOLUÇÃO).....	12
2. DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES DO CORPUS.....	16
3. FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM –DOR/A.....	19
3.1. <i>Caracterização das bases</i>	19
3.1.1. Estrutura categorial.....	19
3.1.2. Estrutura morfológica.....	24
3.1.3. Estrutura argumental.....	26
3.1.4. Estrutura eventivo-aspectual.....	30
3.2. <i>Caracterização dos produtos</i>	37
3.2.1. Estrutura categorial.....	37
3.2.2. Estrutura argumental.....	43
3.2.3. Estrutura semântica.....	53
3.2.3.1. Valores semânticos dos produtos em – <i>dor</i>	54
3.2.3.2. Valores semânticos dos produtos em – <i>dora</i>	68
4. UM SUFIXO OU SUFIXOS DISTINTOS?.....	72

CAPÍTULO III. DERIVAÇÃO EM –DEIRO/A	77
1. IDENTIDADE DO SUFIXO (ORIGEM E EVOLUÇÃO)	78
2. DELIMITAÇÃO DAS UNIDADES DO <i>CORPUS</i>	80
3. FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM –DEIRO/A	82
3.1. <i>Caracterização das bases</i>	82
3.1.1. Estrutura categorial	82
3.1.2. Estrutura morfológica	88
3.1.3. Estrutura argumental	91
3.1.4. Estrutura eventivo-aspectual	94
3.2. <i>Caracterização dos produtos</i>	97
3.2.1. Estrutura categorial	98
3.2.2. Estrutura argumental	101
3.2.3. Estrutura semântica	106
3.2.3.1. Valores semânticos dos produtos em –deiro	107
3.2.3.2. Valores semânticos dos produtos em –deira	116
4. –DEIRO/A, UM OPERADOR SUFIXAL DO PORTUGUÊS?	135
CAPÍTULO IV. RELAÇÕES INTRAPARADIGMÁTICAS E INTERPARADIGMÁTICAS. SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS E REFERENCIO-CULTURAIS	138
1. INTERACTIVIDADE E ALTERNÂNCIAS SUFIXAIS	139
1.1. <i>Relações intraparadigmáticas</i>	139
1.2. <i>Algumas relações interparadigmáticas</i>	143
1.2.1. –dor/a e –deiro/a vs. –eiro/a	143
1.2.2. –dor/a e –deiro/a vs. –douro/a	143
1.2.3. –deira vs. –ção	144
2. PRODUTIVIDADE EM CONFRONTO	145
CONCLUSÕES	149
BIBLIOGRAFIA	152
ANEXOS	I
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XLIX
ÍNDICE DE QUADROS	L
ÍNDICE DE ANEXOS	LI

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma tese é sempre um produto colectivo, embora a sua redacção e responsabilidade, bem como as preocupações inerentes sejam eminentemente individuais. Várias pessoas contribuíram para que o presente trabalho chegasse a bom termo. A todas elas registo a minha gratidão.

À senhora Professora Doutora Graça Rio-Torto, orientadora científica deste estudo, pela forma exigente, crítica e criativa com que orientou a dissertação e pela disponibilidade e incentivo constantes.

Aos orientadores dos seminários “História da Língua Portuguesa” e “Problemas de Sintaxe e Semântica” do Mestrado em Linguística Portuguesa, senhora Professora Doutora Clarinda de Azevedo Maia e senhor Professor Doutor Jorge Morais Barbosa, pelo interesse que souberam suscitar *ab initio* pela investigação naquelas áreas temáticas.

Aos colegas do curso de mestrado, pelas reflexões partilhadas, que enriqueceram e tornaram mais aliciante a realização deste trabalho.

Ao Instituto de Língua e Literatura Portuguesas (FLUC) e a quem facilitou a consulta morosa dos inquéritos e relatórios do ILB, das teses de licenciatura e da *Revista Lusitana*, nomeadamente à senhora Doutora Filomena Saraiva de Carvalho e a todas as senhoras funcionárias do referido instituto.

Aos meus amigos e a todos aqueles não mencionados que, directa ou indirectamente, colaboraram na concretização deste trabalho.

Por último, uma palavra especial para o Armando, a Lisete, o Pedro e o Eduardo, pela compreensão, pelo apoio, pela motivação e por estarem *sempre* presentes.

A DEUS, em cada uma das linhas anteriores já implícito.

SIGLAS, ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

Fontes/dicionários

- CNP – *Classificação Nacional das Profissões – 1994 [2001]*^{2.ª ed.} (IEFP)
- DCECH – *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* (Corominas & Pascual)
- DELPE – *Dicionário etimológico da língua portuguesa*^{4.ª ed.} (José Pedro Machado)
- DEPP – *Dicionário de expressões populares portuguesas*^{2.ª ed.} (G. Augusto Simões)
- DLE – *Diccionario de la lengua española*^{22.ª ed.} (Real Academia Española/Espasa-Calpe)
- DLP – *Dicionário da língua portuguesa*^{8.ª ed.} (Porto Editora, suporte informático)
- DLPC – *Dicionário da língua portuguesa contemporânea* (Malaca Casteleiro, Academia das Ciências de Lisboa/Verbo)
- DM – *Diccionario da lingua portugueza*^{2.ª ed.} (Moraes Silva)
- EXPRESSO – Jornal Expresso (com indicação de data e pág. em rodapé)
- HOUAISS – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Antônio Houaiss, Instituto A. Houaiss e Editora Objetiva)
- ILB – *Inquérito linguístico de Boléo*
- JN – Jornal de Notícias (com indicação de data e pág. em rodapé)
- GDLP – *Grande dicionário da língua portuguesa*^{25.ª ed.} (Cândido de Figueiredo)
- PÚBLICO – Jornal Público (com indicação de data e pág. em rodapé)
- RL – *Revista lusitana*
- TSF – TSF, Rádio Notícias, Produções e Publicidade, S.A.
- VITERBO – *Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam* (Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, ed. crítica por Mário Fiúza)

OPERADORES:

- A – adjetivo
- AG – agente/agentivo(a)
- ACT – acção/nome de acção (*nomina actionis*)
- Arg^{EXT} – argumento externo
- Arg^{INT} – argumento interno
- C_{loc} – complemento locativo-situativo (lugar onde)
- C_{loc_dir(or/dest)} – complemento locativo-direccional (lugar de onde/para onde)
- C_{prep} – complemento preposicional
- Devb – deverbal
- EA – estrutura argumental

EMorf – estrutura morfológica
INAC – verbo ou construção inacusativo/a
INERG – verbo ou construção inergativo/a
INTR – verbo ou construção intransitivo/a
INSTR – instrumento/instrumental
LOC – local ou locativo(a)
N – produto nominal (substantivo e/ou adjectivo)
O – objecto
OBL – complemento oblíquo
OD – complemento objecto directo
OI – complemento objecto indirecto
OC – operação categorial
OS – operação semântica
OSC – operação semântico-categorial
Pref. – prefixo
PapTEM – papel temático
RAD – radical
RAD_{pp} – radical do participípio passado
RADJ – radical adjectival
RadS – radical substantival
RadV – radical verbal
RFP – regra de formação de palavras
RFP^{ACT} – regra de formação de palavras – *nomina actionis*
RFP^{AG} – regra de formação de palavras – agentivos
S – substantivo
S_b – substantivo-base
SN – sintagma nominal
SP – sintagma preposicional
SUJ – sujeito
SV – sintagma verbal
TR – verbo ou construção transitivo/a
TV – tema verbal
V – verbo
V_b – verbo-base
VT – vogal temática
X_b – elemento-base
° – precedendo uma palavra, indica que é forma possível mas não atestada
* – marca de não-aceitabilidade

RESUMO

No âmbito da formação de palavras, o estudo da formação de nomes deverbiais que designam, primordialmente, profissões e/ou instrumentos apresenta-se como de grande importância, quer sob o ponto de vista teórico, quer sob o ponto de vista do conhecimento da língua, em virtude de nos dar a conhecer recursos lexicais diversos que viabilizam a construção de denominações de um tão nuclear sector do léxico. Uma vez que esse paradigma de construção lexical integra mais do que um sufixo, o estudo de cada um, das suas condições e restrições de uso, permite entrever as motivações sócio-culturais que a selecção de uns e de outros representa.

Neste trabalho, analisam-se as bases dos produtos em *-dor/a* (cap. II, § 3.1) e em *-deiro/a* (cap. III, § 3.1), nas suas dimensões morfológica, semântica, eventivo-aspectual e argumental, operando-se do mesmo modo em relação aos produtos derivados em *-dor/a* e em *-deiro/a* (cap. II e cap. III, §§ 3.2). Identificam-se ainda as propriedades semânticas, eventivas e argumentais que são ou não herdadas pelos produtos a partir da base e descrevem-se as modalidades de actualização dessa herança. Ao nível semântico (cap. II e cap. III, §§ 3.2.3), estes produtos definem-se profunda e sistemicamente pelas significações agentiva e instrumental, embora se constate que alguns deles, e de um modo particular os derivados em *-deiro/a*, são portadores de diversos traços de significação (agentividade/instrumentalidade/acção, processo ou resultado/locatividade/intensidade), co-presentes, não raras vezes, num mesmo item.

Por fim, atendendo a que grande parte dos produtos em *-deiro/a* remete para todo um campo semântico-referencial relacionado com actividades de cariz tradicional, agrário, doméstico, constata-se que é um sufixo pouco produtivo na “norma culta” actual, o que faz ponderar as dimensões sociolinguísticas que a opção por cada um dos sufixos envolve (cap. IV).

ABSTRACT

In what concerns word formation, the formation study of the deverbal nouns, which define, mainly, jobs and/or instruments, is of great importance, both in the theoretical and in the language knowledge point of view, as it introduces to us various lexical resources that make it possible to create denominations for such a nuclear lexical section. Once that paradigm of lexical construction includes more than one suffix, the study of each one, of their conditions and their usage restrictions, allows us to foresee the socio-cultural motivations behind the selection of each of them.

In this study, we intend to analyze the basis of the products in *-dor/a* (chapt. II, § 3.1) and in *-deiro/a* (chapt. III, § 3.1), in their morphological, semantic, eventive-aspectual and argumental dimensions, as in relation to the products derived in *-dor/a* and in *-deiro/a* (chapt. II and chapt. III, §§ 3.2). The semantic, eventive-aspectual and argumental characteristics which can or not be inherited by the products from the basis are also identified and the updating modalities of that inheritance are described. On a semantic level (chapt. II and chapt. III, §§ 3.2.3), these products are systematically defined by their agent and instrumental meanings, however it is evident that some of them, and namely those derived in *-deiro/a*, are carriers of several different traces (agentivity/instrumentality/action/process or result/locativity/intensity), which are usually co-present in the same lexical item.

Concluding, taking into consideration that most of the products in *-deiro/a* lead us to a semantic-referential field related to traditional, agrarian and domestic activities, one realizes that it is a low-productive suffix in the current “educated norm”, which leads us to ponder the sociolinguistic dimensions that each one of these suffixal choices involves (chapt. IV).

CAPÍTULO I.
INTRODUÇÃO

1. Objecto

O presente trabalho tem como objecto de estudo a formação dos nomes deverbais sufixados em *-dor/a* e em *-deiro/a*, no português europeu contemporâneo. Trata-se de vocábulos que derivam de verbos e que designam, primordialmente, actividades profissionais e/ou instrumentos, denominados, na gramática tradicional, por *nomina agentis* e *nomina instrumenti*.

2. Objectivos

O trabalho que agora se inicia pretende analisar os produtos derivados em *-dor/a* e em *-deiro/a* e também os tipos verbais das suas bases, nas dimensões morfológica, semântica, eventivo-aspectual, argumental e nas repercussões sociolinguísticas da distribuição de tais sufixos.

Partindo da observação das bases e das unidades lexicais criadas pelos operadores em estudo, procura-se identificar e descrever que traços se transmitem da base para o produto e de que modo essa transmissão de informação é processada. Concomitantemente, pretende-se identificar e descrever também as grandes regularidades morfossemânticas. Por outro lado, tendo em conta que uma operação semântica nem sempre abarca a diversidade semântico-referencial que o novo produto lexical frequentemente ganha face à sua estrutura originária, podendo concorrer, numa mesma unidade, vários níveis de significação, procede-se à identificação e caracterização desses distintos níveis. Uma vez que o confronto entre a formação de produtos pelos operadores em estudo permite entrever grandes diferenças ao nível da produtividade, invoca-se a dimensão sociolinguística para explicar a opção por cada um dos sufixos.

3. Enquadramento Teórico.

Na construção de novas palavras a sufixação é, como observa Pena (1991a: 81), o «modo de adjunción más común en las lenguas», seguido, a larga distância, pela prefixação. A análise do fenómeno da criação lexical não se pode confinar a uma metodologia afixocêntrica, tal como não pode ser circunscrita uma área tão interdisciplinar como a da formação de palavras ao âmbito de uma única área gramatical. Tendo em conta estes pressupostos, o modelo que adoptamos é o desenvolvido e aplicado em Rio-Torto (1993). De acordo com a concepção polidimensional e interactiva perfilhada pela autora, a formação de palavras encontra a sua identidade própria no seu próprio funcionamento: na interacção de três componentes e na influência de dimensões de outras áreas linguísticas em cada uma delas. Assim, quer na componente de base (bases e afixos), como na gerativa (onde actuam as RFP, aplicando propriedades sistémicas e previsíveis) e na convencional (onde actuam regras que aplicam, a um número não generalizado de produtos, propriedades irregulares e imprevisíveis) intervêm activamente diferentes dimensões.¹ Só uma visão interactiva e dinâmica da produção lexical, onde as palavras são analisadas como produtos decorrentes de todo um conjunto de processos e operações polivectoriais, permite suplantar as limitações de uma tradicional «visão concatenatória e resultativa» da formação de palavras (Rio-Torto 1994a).² É com base nestes pressupostos alargados, entendendo a formação de palavras como espaço de confluência e de interacção de vários espaços, processos e operações, que iremos analisar a formação dos derivados em *-dor/a* e *-deiro/a* no português europeu contemporâneo.

¹ São elas: morfofonológica, morfolexical, semântico-sintáctico-categorial e enunciativo-pragmática. Cf. Rio-Torto 1993: capítulo III; Id. 1998b: particularmente 74-82; Vd. também Corbin (1987), de cujo modelo este é, como afirma a autora, largamente tributário (Rio-Torto 1998b: 74).

² Rio-Torto 1994a: prefácio e 1. Sobre as diversas limitações de uma morfologia da concatenação, atente-se também nos (contra-)argumentos de Corbin (1987: 101-3).

3.1. Conceitos operatórios nucleares

Apesar de o trabalho que agora se inicia ter como pano de fundo a formação de palavras na língua contemporânea, os contributos de fases mais pretéritas revelam-se essenciais. Numa primeira fase da análise do *corpus*, deparámo-nos com a necessidade de delimitar mais acuradamente o objecto em estudo, distinguindo entre diversos subtipos de palavras. Existem três grandes tipos de palavras, de acordo com Corbin (1987: 455-9): construídas, complexas não construídas e não construídas. O critério classificativo baseia-se no carácter composicional ou não, e total ou parcial, do significado previsível das palavras perante a sua estrutura interna.³ A distinção foi concretizada pelo recurso ao critério diacrónico, uma vez que, como salienta Rio-Torto (1998b: 140),

«Só com o conhecimento da origem e da história de uma palavra é possível caracterizar adequadamente o estatuto morfolexical dos seus constituintes (...) e, por conseguinte, deliberar sobre o carácter compósito, ou não, daquela. Só assim é possível distinguir as terminações sem valor afixal dos verdadeiros afixos, ou diferenciar palavras efectivamente construídas no português de outras cuja estrutura morfolexical é compósita, mas que não representam um produto derivacional da nossa língua.»

A este respeito, deparámo-nos, na amostragem inicialmente coligida, com um número significativo de vocábulos construídos no latim, que passaram ao português. Na sua grande maioria, sendo a base uma forma verbal preservada do latim, optou-se por excluir das amostragens apenas aqueles casos em que não existe transparência formal e/ou semântica (cf. Basílio 1980: 52).

³ Nas construídas esse significado é totalmente composicional face à estrutura interna, surgindo da «aplicação a uma categoria lexical maior (base) de uma operação derivacional (efectivada por uma RFP) associando operações categorial, semântico-sintáctica e morfológica» (*Ibid.*, 6; 425); nas complexas não construídas o significado é apenas em parte dedutível (*Ibid.*, pp. 187-8; 459); estas podem ser de dois tipos: as que apresentam pelo menos um constituinte de uma categoria lexical maior e outras em que um dos constituintes é [Afixo]; se um destes segmentos for reconhecido como afixo – o mais provável, tendo em conta que a lista dos morfemas lexicais é mais aberta que a dos gramaticais (*Ibid.*, 463) – ou como base podem passar a construídas. Não construídas são as que não possuem estrutura interna, pelo que o seu significado não pode ser analisado como arquitectado a partir de eventuais constituintes internos.

3.2. Constituintes morfológicos em jogo

Ao tratarmos de palavras construídas, falamos de palavras morfológicamente complexas, com uma estrutura formada por, no mínimo, dois constituintes internos. A noção de constituintes morfológicos/internos remete, desde logo, para o(s) estatuto(s) semiótico(s) e para a(s) definição(ões) de palavra/morfema, questões complexas e amplamente debatidas, pela sua importância nos estudos morfológicos. Como refere Basílio (2000: 10), se «Na Gramática Tradicional o conceito de palavra não é colocado em questão (...) No estruturalismo, no entanto, dado o surgimento teórico e a ênfase do morfema como unidade básica da morfologia, não apenas a palavra deixou de ser a unidade mínima de análise linguística; mais do que isso, deixou de ser uma unidade relevante da estrutura da língua.»⁴ Se é verdade que RAD e afixos podem aparentar, num dado momento, não possuir significado, a análise deverá ter em conta também a génese e evolução das palavras, uma vez que o estatuto actual de constituinte pode não coincidir com o seu passado (Rio-Torto 1998b: 19).⁵ Atentemos nestes constituintes intervenientes na formação de novos produtos, bases e sufixos.

3.2.1. Bases

Estes morfemas básicos são, de acordo com Vilela (1994a: 56), os elementos que transportam o significado lexical e constituem a forma de partida na formação. No entanto, tal como se verá em relação aos sufixos, o papel que ambos (bases e sufixos) desempenham baseia-se numa relação de correlação entre si e com a OSC da RFP.⁶ As

⁴ Em Aronoff ([1976] 1985: 18), o papel de unidade mínima significativa cabe à palavra e não ao morfema pois estes «do not have constant meanings and in some cases have no meaning at all.» O autor redefine, assim, o conceito de morfema de Hockett («the smallest individually meaningful element in the utterances of a language» (*apud* Aronoff [1976] 1985: 7)).

⁵ Esse desfasamento temporal é, de acordo com Coseriu (1958: 271; 283), inerente à própria língua, tomada como ♥<ΞΔ(γ4∇, contínua construção, onde sincronia e diacronia se complementam.

⁶ Controversa foi (é) a Hipótese da Base-Palavra de Aronoff ([1976] 1985: 21). Para uma refutação, vd., por ex., Villalva (2000: 139-74).

bases podem ser, como propõe Villalva (2000), de diversas categorias e subcategorias morfológicas: RAD (unidades lexicais de uma categoria sintáctica maior); temas (RAD e VT/índice temático) e palavras (tema e flexão morfológica). Para a autora (*Ibid.*, 116-24), as bases apresentam-se, portanto, como «variáveis lexicais», enquanto os afixos serão «constantes lexicais». ⁷ Para Rio-Torto (2001a: 273), os TV são a categoria morfológica preferida como base para derivar, heterocategorialmente, produtos deverbais. ⁸

Quanto à estrutura interna das bases, pode ser simples, tratando-se de um RAD ou tema básico, ou complexa, se um RAD ou tema já derivado. Neste último caso, estaremos perante fenómenos de recursividade, sendo que, como salientam, entre outros, Renzi et alii (2001: 476), cada RFP «aggiunge un afisso ed uno solo alla volta». ⁹

3.2.2. Sufixos¹⁰

De acordo com Faitelson-Weiser (1993: 119-20), a função dos operadores sufixais, que constituem signos linguísticos plenos, é incluir a palavra em que ocorrem num campo morfossemântico particular. Assim, e de acordo com a mesma autora, palavra sufixada é a que é parafraseável por uma fórmula genérica ou abstracta aplicável a um conjunto de outras palavras similares (exceptuando-se as que relevam de

⁷ O índice temático equivale, na gramática tradicional, ao morfema de género ou desinência e é o traço de subcategorização que indica a classe nominal (ou declinação) dos RADJ ou dos RN. Por outro lado, a flexão morfológica faz-se, nos S e A, em número e, nos V, em tempo-modo-aspecto e pessoa-número.

⁸ “Heterocategorial” é a designação proposta por Rio-Torto (1993) para o tipo de derivação que altera a classe da palavra sobre a qual opera, distinguindo-se da “isocategorial”, que mantém a classe da palavra. Pena (1991: 83) emprega “heterogénea” e “homogénea”.

⁹ *Empilhadorista* (“Classificados”, JN, 18/03/2004), v.g., será assim formatado: [[[empilha]_{TV} dor]_{RFP1} ista]_{RFP2}, onde *empilhador*, um produto construído por uma RFP1 (RFP^{AG} deverbais), que funciona como base complexa à qual se aplica, posteriormente, uma RFP2 (RFP^{AG} denominais).

¹⁰ Unidades que, numa palavra construída, se juntam a uma base (RAD, tema ou palavra) e que, à excepção do que sucede na derivação z-avaliativa e na derivação dos advérbios de modo em *-mente* (onde as bases são palavras, portanto, formas flexionadas), precede imediatamente os morfemas flexivos. Para Villalva (2000: 185-9), os sufixos de derivação, para além de poderem realizar o género, determinam a categoria sintáctica, a subcategoria morfológica e a categoria morfossemântica dos derivados em que ocorrem. Os que realizam o género integram formas já lexicalizadas (*embaixatriz, baronesa, poetisa*), não sendo, como refere a autora, um processo produtivo (*Ibid.*, 230).

especializações semânticas e de lexicalizações). Estas palavras devem também ser interpretáveis como sequências de unidades X+sufixo, onde X, representando a base, veicula a significação particular (logo, variável) do produto e o sufixo é responsável pela significação genérica (fixa) do mesmo (cf. Scalise 1994: 101-2).¹¹

Por outro lado, considera-se inoperante um entendimento sintagmaticista dos processos e RFP, que considere a existência, nas palavras, de uma estrutura interna hierárquica dos seus constituintes.¹² Para além de subvalorizar o papel da base e da própria RFP, esta concepção não se aplica a todos os tipos de derivados e compostos (Rio-Torto 1993: 184-95). Em alternativa, adopta-se uma dependência e inter-relação base/sufixo, cabendo antes à RFP, mais explicitamente à OSC que lhe subjaz, o poder de efectivar (ou não) alterações categoriais. Os sufixos serão, portanto, parte colaboradora, porquanto «mais do que simples marcadores sintácticos, têm um significado e colaboram no significado derivativo global» (Vilela 1994a: 65).

3.3. Regras de formação de palavras

A formação de palavras novas a partir de unidades já existentes pressupõe a existência de regras que governem o processo. Elas estão, portanto, na base da criação das palavras que possuem uma estrutura interna complexa.¹³ De acordo com Corbin

¹¹ Sobre a “responsabilidade” dos sufixos, Rio-Torto (1993: 191) realça que, não constituindo meros instrumentos da RFP, «os afixos não são entidades desprovidas de significação, muito embora os seus valores semânticos não sejam dissociáveis dos dos procedimentos derivacionais a que estão associados.»

¹² Esse ponto de vista considera os afixos como itens lexicais que, seleccionados para a estrutura da palavra (tal como estas o são para a das frases), são o núcleo que domina e determina a categoria gramatical e semântica da construção. A noção de que o núcleo é o constituinte mais à direita (na derivação, o sufixo) subjaz à teoria X-barras (Williams 1981b, para quem, tal como para Lieber 1981, os afixos constituem categorias maiores; vd. também Scalise 1994: 30). Selkirk (1982, 1983: 21) reformula a regra, afirmando que o núcleo é o constituinte mais à direita portador de informação sintáctica, determinando a palavra por um mecanismo de percolação. Para um panorama das várias (contra-)propostas desta teoria, vd. Villalva (2000: 257-60). De facto, as RFP detêm identidade própria, o que não obsta a que elas se relacionem com as outras componentes da gramática.

¹³ Em rigor, em vez de “palavra”, deveríamos utilizar “radical”, pois, como salienta Villalva (2000: 184), a flexão é «o único processo morfológico que forma palavras (os outros processos morfológicos de sufixação formam radicais)». Basílio propõe uma distinção entre dois tipos de regras: às Regras de

(1987: 492-3), possuindo cada uma das RFP um determinado número de sufixos associado, seleccionam, na componente de base, uma base lexical, que cumpra determinados requisitos, para processar, na componente gerativa, um derivado que depois de na componente convencional ter sido formal e semanticamente configurado, caso não seja bloqueado, integrará o léxico de uma língua.¹⁴

4. O corpus utilizado. Pressupostos Metodológicos.

Visando o estabelecimento de um *corpus* diversificado, que permitisse retratar fidedignamente a realidade linguística do português europeu contemporâneo, procurámos tirar partido de fontes de índole e de épocas diversas. As unidades lexicais que constituem o *corpus* de base do presente trabalho (cf. Anexos 1, 2 e 3) foram recolhidas do DLP (*Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora, 8.^a edição, suporte informático), da RL (*Revista lusitana. Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*), dos materiais do ILB (relatórios de inquéritos)¹⁵ e de dissertações de licenciatura, muitas das quais inéditas. A *Revista lusitana* revelou-se uma importante fonte de informações de carácter diacrónico/etimológico, a par de outras mencionadas na bibliografia e ao longo do trabalho. Como dissemos na introdução (cf. cap. I, § 3.1.1.), apesar de o presente trabalho ter um carácter sincrónico,

Formação de Palavras («RFP's») compete abordar a construção de novos itens enquanto as Regras de Análise Estrutural («RAE's») dão conta das «formações fossilizadas no léxico» (Basílio 1980: cap. III). Cf. também Aronoff ([1976] 1985: 31); Renzi et alii (2001: 475) destacam que estas regras são lexicais e não sintácticas, atribuindo-lhes um duplo propósito: «quello di dar conto della formazione di parole nuove e quello di analizzare la struttura interna di parole complesse già esistenti.»

¹⁴ Contrariamente à concepção de Aronoff ([1976] 1985: 22), que identifica afixo e regra, entende-se, pois, que a cada RFP se associa um paradigma morfológico, no âmbito do qual actua um conjunto de diversos processos e operadores morfológicos. Cf. também Scalise [1984] 1986: 146.

¹⁵ O ILB, nome por que é conhecido, teve a sua primeira edição e começou a ser realizado em 1942, por correspondência (a ele responderam os párocos e os professores primários das diversas localidades); depois, a partir de 1943, e até 1973, inclusive, realizou-se por inquéritos feitos *in loco* quer pelos próprios autores da proposta (se bem que o Doutor Boléo já realizara um inquérito – em Riba-Côa – em 1941), quer «(...) não só pelos meus alunos de Linguística Portuguesa, II Parte (que para essa tarefa são preparados por meio de uma série de lições) mas também por outras pessoas.» (nota explicativo-introdutória do inquérito – edição reimpressa e policopiada, Coimbra, 1972). Dos 780 relatórios e das 200 teses de licenciatura consultadas, só são apresentados dados das fontes (cf. Anexos 3.a), 3.b), 3.c) e 3.d)) consideradas relevantes.

as informações históricas são de extrema importância para a constituição do presente *corpus* de análise, permitindo uma distinção mais acurada entre unidades lexicais não construídas, compósitas não construídas e construídas, bem como a identificação de significados originais não raras vezes diluídos (ou mesmo elididos) no curso do tempo.¹⁶ Assim, recorreremos a estudos de índole dialectal e/ou a textos de fases mais e menos pretéritas da língua. Constituíram fontes de valiosas informações, nomeadamente sócio-dialectais, os materiais do ILB e as dissertações de licenciatura. Foi também com o objectivo de tentar colmatar a incompletude que caracteriza os dicionários que recorreremos a produções linguísticas diversificadas, que vão da imprensa à literatura (cf. Anexo 4). De igual modo, as bases de dados *MorDebe* (base de dados morfológicos de Português Europeu) e *REDIP* (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa), do ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional),¹⁷ a par da utilização – fundada em técnicas e estratégias de pesquisa criteriosamente definidas – de motores de busca¹⁸ constituíram também ferramentas que permitiram o confronto da língua actual com *corpora* de fases mais pretéritas.

¹⁶ Com efeito, na evolução de uma língua, muitos dos vocábulos que dela fazem parte vão perdendo os valores semânticos com que na sua origem foram criados, podendo inclusive perder a sua condição de atestados/existentes (que pode, todavia, ser reactivada), a ponto de, não raras vezes, persistirem apenas nos meios mais isolados e entre os falantes mais idosos. O primeiro gramático disso dá conta: «as velhas (...) guardão muito a anteguidade das linguas porq falão com menos gente (...)» (Oliveira [1536] 2000: cap. XXXVI, pág. 49). De facto, quando uma palavra permanece muito tempo no léxico, pode adquirir significados idiomáticos dificilmente (ou mesmo não) decifráveis (cf. Scalise 1994: 102-4; 116).

¹⁷ Como se refere no sítio do ILTEC (<<http://www.iltec.pt/>>), a *MorDebe* é uma «fonte lexicográfica (...) que provê informação sobre a ortografia e a flexão de um grande número de palavras da língua portuguesa. (...) Esta base de dados é constantemente actualizada com palavras que ocorrem com frequência nos jornais Público e Diário de Notícias.» É um projecto que conta com a colaboração da Porto Editora e que, consta, actualmente, de 124.233 lemas e de 1.260.006 formas. O *REDIP*, projecto desenvolvido também pelo ILTEC, em cooperação com o CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e a Universidade Aberta, é um *corpus* de língua oral e escrita elaborado a partir de recolhas variadas de rádio, televisão e imprensa., possuindo aproximadamente 330.000 vocábulos, repartidos pelas áreas temáticas da actualidade, ciência, cultura, economia, desporto e opinião.

¹⁸ Especialmente o *Google* e o *AltaVista*, ambos reconhecidos, em particular o primeiro, pela crítica actual, como dos mais desenvolvidos pesquisadores, pelo poderoso sistema de referências, precisão e rapidez de devolução de resultados. Permitem ainda a restrição da pesquisa a páginas de Portugal (não apenas ‘em português’, opção que implica resultados de páginas de países lusófonos), o que contribui para uma maior fidelização de resultados e facilita a triagem das informações realmente pertinentes.

Ao nível das produções orais propriamente ditas – uma vez que quer a RL quer os materiais do ILB representam também, poder-se-á dizer, a oralidade na escrita –, recorreu-se a documentários e entrevistas na rádio e na televisão. Os actos informais de fala (distritos da Guarda, Aveiro e Viseu, concelho de Cinfães do Douro)¹⁹ revelaram-se também importantes, na medida em que possibilitaram um conhecimento mais profundo e real, porque contextualizado, do objecto em apreço. Porque uma grande parte dos produtos em estudo designam profissões, recorreremos ainda aos dados actualmente em vigor do Estado Português/Instituto do Emprego e Formação Profissional, i.e., a CNP (*Classificação Nacional das Profissões*), constituiu o ponto de referência para as profissões hoje existentes.²⁰

No que toca às unidades e informações inventariadas nas fontes de fases mais pretéritas da língua – como RL, DM ou VITERBO –, optou-se por respeitar sempre, nas citações e referências, a ortografia e a acentuação presentes nos textos originais. O critério de notação das unidades recolhidas na RL é o seguinte: <RL,Y, P>, representando <Y> o número do volume ou volumes da *Revista* e <P> a página ou páginas correspondentes em que determinada unidade figura. Em nota indicam-se o título do artigo da RL em que determinada unidade é registada, o nome do autor e outras informações relevantes.

¹⁹ Em Souselo, Cinfães do Douro, durante o ano de 2004, foram recolhidas informações provenientes de conversas informais com falantes autóctones e de trabalhos escritos de discentes da disciplina de Língua Portuguesa (3.º Ciclo do Ens. Básico). De facto, trata-se de uma região em que se observam, ainda hoje, algumas particularidades dialectais, a vários níveis. Apesar da curta distância que a separa do litoral desenvolvido, as características geográficas propiciaram um isolamento que se vai esbatendo lentamente.

²⁰ A CNP é uma classificação sistemática, de âmbito nacional, das profissões para a população activa. Teve a primeira versão na década de 60 e foi objecto de revisão em 1980 e em 1994. A versão utilizada foi, portanto, a que actualmente vigora, a de 1994, pela sua 2.ª edição (2001).

CAPÍTULO II.
DERIVAÇÃO EM *-DOR/A*

1. Identidade do sufixo (origem e evolução)

O sufixo *-dor*, existente em português e em espanhol, resulta do latino *-tor*, o qual, a par dos gregos *-τωρ* e *-τήρ*, de acordo com Benveniste ([1948] 1975), já haviam tido origem no Indo-Europeu.²¹ Na passagem ao português, muitas das formas latinas mantiveram-se, apresentando *-tor* (*auditor*), enquanto na maior parte dos casos o *-t-* inicial do sufixo,²² quando intervocálico, sofreu sonorização, gerando-se assim o vernáculo *-dor*. Este passou a predominar sobre o primeiro, generalizando-se a sua adjunção a numerosos verbos, mesmo quando, originalmente, já houvesse um derivado em *-tor* ou *-sor*. No quadro seguinte (Quadro 1), dispõem-se alguns desses exemplos.

<i>cantor</i>	<i>cantador</i>	DM; DCECH; GDLP; DELP; DLP; RL, XX, 148; Carvalho 1970: 489; HOUAISS; DLPC
<i>confessor</i>	<i>confessador</i>	DM; VITERBO; GDLP
<i>defensor</i>	<i>defendedor</i>	DM; DCECH; GDLP; HOUAISS
<i>escritor</i>	<i>escrevedor</i>	DM; DLP; HOUAISS; DLPC
<i>executor</i>	<i>execudor</i>	DM; VITERBO; GDLP
<i>expositor</i>	<i>expoedor</i>	VITERBO
<i>factor</i>	<i>fazedor</i>	DM; VITERBO; DELP; DLP; HOUAISS; DLPC
<i>impressor</i>	<i>imprimidor</i>	DM; GDLP; DELP; DLP
<i>indutor</i>	<i>induzidor</i>	DM; DELP; DLP; HOUAISS
<i>intercessora</i>	<i>intercedora</i>	Carvalho 1970: 549
<i>ofensor</i>	<i>ofendedor</i>	DCECH; DLP; HOUAISS; DLPC
<i>pintor</i>	<i>pintador</i>	GDLP; DELP; Silva 1960: 197
<i>produtor</i>	<i>produzidor</i>	DM; GDLP; DLP
<i>promotor</i>	<i>promovedor</i>	DM; VITERBO; DCECH; DLP; HOUAISS; DLPC
<i>protector</i>	<i>protegedor</i>	DLP; GDLP; HOUAISS

²¹ A esses dois sufixos correspondiam diferentes semantismos, situação a que mais à frente nos referiremos. Como salienta Gràcia i Solé (1995: 38), há línguas, como o basco e o turco, que mantêm sufixos distintos para os valores AG e INSTR.

²² No latim, *-tor*, que resultou da combinação do sufixo *-t* (do participio perfeito ou, mais propriamente, do supino) e de *-or* (que formava N abstractos ou de acção), apresenta(va)-se em alguns vocábulos, muitos dos quais passaram ao português, com a forma *-sor*, em virtude de uma alteração fonética (Nunes [1919] 1989: 370 e Greenough et alii 1903: §§ 178, 236a e 238a). A este assunto voltaremos aquando do estudo da EMorf das bases.

<i>raptor</i>	<i>raptador</i>	DLP; HOUAISS; DLPC
<i>receptor</i>	<i>recebedor</i>	DM; DELP; DCECH; DLP; HOUAISS; DLPC
<i>reflector</i>	<i>reflectidor</i>	GDLP; DLP
<i>relator</i>	<i>relataador</i>	DM; DLP
<i>repressor</i>	<i>reprimidor</i>	DM; GDLP; DLP
<i>revisor</i>	<i>revedor</i>	DM; DELP; DLP; HOUAISS
<i>tradutor</i>	<i>traduzidor</i>	DM; GDLP; DLP

Quadro 1. Algumas construções paralelas: formas tomadas do latim (-tor/-sor) vs. formas vernáculas (-dor)

Esta propensão para criar novos vocábulos em *-dor* revela que desde cedo o sufixo se autonomizou. Como se realça no DCECH, de *defender* derivaram-se os vernáculos *defendedero* (port. *defendedeiro*) e *defendedor*, tendo este último sido utilizado antes de *defensor*, a forma tomada da língua-mãe. De igual modo, também o registo, nos materiais do ILB (Carvalho 1970: 549), de formas como *intercedora* (por *intercessora*, com haplogia da sílaba *-de-*) ou a afirmação de Moraes (DM), a propósito de *imprimido*, *imprimidor* («V. *Impresso*, *impressor*, como hoje se dizem»), parecem indicar que o povo optou, primeiro, pela derivação, de forma generalizada, com o recurso ao sufixo vernáculo. Como explicar, porém, esta profusão de formas?

De acordo com o modelo adoptado, as unidades podem, ou não, uma vez formal e semanticamente configuradas, integrar o léxico de uma língua. De facto, devido a um fenómeno de bloqueio, i.e., de «nonoccurrence of one form due to the simple existence of another» (Aronoff [1976] 1985: 43), nem todos os produtos, apesar de correcta e regularmente formados, entram no léxico.²³ Aparentes excepções a esta tendência, de acordo com Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4545), não o são na realidade, na medida em que denotam realidades diversas e reportam-se a distintos domínios

²³ É um fenómeno psicológico, que contribui para a economia da língua (cf. Aronoff & Anshen 1998: 239-40). Scalise (1994: 222-5) realça que estes fenómenos «non possono, in realtà, essere considerate condizioni formali sulle RFP, ma piuttosto l'espressione di una tendenza abbastanza generale del lessico ad evitare la formazione dei sinonimi.» Sobre a noção de sinonímia e as dificuldades na delimitação da mesma, veja-se García-Hernández (1997). Por outro lado, devendo as RFP «be able to generate all the well-formed words of a language and exclude all the ill-formed ones» (Scalise [1984] 1986: 25), também é certo que não existem, no sentido de se encontrarem atestados (nos dicionários e inventários lexicais), todos os vocábulos que poderiam existir, porquanto “bem-formados”.

diatópicos e diastráticos. Apesar disto, os dicionários registam, por vezes, uma sinonímia que só neles existe: nos pares *cantor(a)/cantador(deira)* e *músico/tocador*, sendo os segundos marcados do ponto de vista semântico, ilocutório e/ou dialectal, nem sempre disso se dá conta nos dicionários.²⁴ Aliás, de acordo com Laca (1993: 185), um dos factores que justificam que *-or*, *-sor*, *-tor* e *-dor* representam variantes alomórficas de uma única unidade morfológica baseia-se na constatação de que, no espanhol, todas geram produtos com conteúdos semânticos idênticos (AG, INSTR e LOC) e a presença de *-or*, *-sor* e *-tor* impede construções sinónimas com *-dor* a partir da mesma base (a existirem derivações paralelas, estas poderão ser marcadas semântica ou ilocutoriamente).²⁵ É o caso de alguns dos produtos vernáculos atrás elencados (cf. Quadro 1), marcados negativamente, como *escrevedor* (DM; DLP; HOUAISS; DLPC: «adj. e s.m. escritor de pouca qualidade; escrevinhador»)²⁶ ou *traduzidor* (DM; GDLP; DLP: «mau tradutor»).

Relativamente ao género, os derivados em *-dor* terão sido inicialmente uniformes, só incorporando a desinência *-a* de feminino no curso do português moderno, isto é, no século XVI (donde, por analogia, também *-tor/-tora* e *-sor/-sora*).²⁷ A forma feminina *-dora* tem, portanto, a sua origem no acrescentamento da desinência nominal de género feminino ao sufixo *-dor*. Trata-se de uma opção que em

²⁴ Em relação, por exemplo, a *cantor(a)/cantador* e *cantadeira*, enquanto no DLP é estabelecida alguma diferença (*cantor(a)*: “aquele(a) que V_b; artista que V_b por profissão”/*cantador(deira)*: “aquele/a que canta música popular”), no GDLP, a paráfrase “aquele(a) que V_b” é aplicada de forma generalizada aos produtos mencionados. O DLPC, tal como no caso de *tocador* também, não marca os produtos com o traço ‘popular’, apenas destaca, para *cantador/deira*, uma marca de intensidade («pessoa que V_b muito»).

²⁵ Vd. também, a este propósito, Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4509-10) e Diez (1874: 323).

²⁶ Nem sempre se vislumbra com clareza, em usos concretos, essa carga que *escrevedor* pode ter: «Não é costume entre os nossos irmãos *escrevedores de histórias, contos e semelhantes*.» (Garrett 1845: 2). Pelo contrário, *escrevinhador*, com uma base distinta (*escrevinhar*, ainda que construída sobre a base do produto anterior, define-se exclusivamente pela carga pejorativa), já não suscita essas dúvidas: «o Gouvarinho, ali continuava, palrador, *escrevinhador*, politicote (...)» (Queirós 1888: 278); «enxovalhos de *escrevinhadores* devassos.» (Castelo Branco 1862: 43); «a candidatura de algum imbecil da Arcada, de algum chulo *escrevinhador* do Partido!» (Queirós 1900: 86; os itálicos, aqui e antes, são nossos). No capítulo IV voltaremos a este assunto.

²⁷ HOUAISS: vd. *-dor*. Na entrada *vendedor*, em VITERBO, lê-se: «tambem se acha no genero femenino: “Eu dita vendedor mandei fazer esta Carta”».

português e em espanhol se sobrepôs maioritariamente ao sufixo feminino originário do latim e correspondente para *-tor*, *-trix*,²⁸ o que pode indiciar a ocorrência daquilo a que Meyer-Lübke chamou «Changement de suffixe».²⁹ A parca receptividade, em português, do sufixo original feminino correspondente de *-tor* (que, em harmonia com a evolução fonética, na passagem a esta língua, deveria ser *-driz*) poderá dever-se, de acordo com Nunes ([1919] 1989: 370), ao facto de, na língua antiga, o masculino servir para designar ambos os géneros. Para suplantar essa lacuna, salienta o mesmo autor, o português moderno recorreu ou a *-dora* ou a *-deira*.³⁰ Tais evidências haviam, porém, sido já sublinhadas pelo primeiro gramático português (Oliveira [1536] 2000: 59), quando, na sua *Grammatica*, a propósito das palavras derivadas («nomes tirados de verbos»), refere que «(...) de pescado ou pescar dizemos homem pescador e mulher pescadeira e barca pescaresa», continuando, mais à frente, «[dos nomes deverbais] acabados em *-OR* tiraremos que tampouco se podem tirar de todos e os que se tiram, poucos têm femininos em *-a*».³¹

²⁸ Como refere Diez (1874: 323-4), é apenas «en italien que ce suffixe a conservé son ancienne extension, de sorte qu'à tout masculin à peu près en *tore* on peut donner un féminin en *trice*». Com efeito, enquanto o português recorreu a *-deira* ou a *-dora*, o italiano manteve *-trice* (*engomadeiral/stiratrice; metralhadora/mitragliatrice*) (Renzi et alii 2001: 495).

²⁹ Meyer-Lübke 1895: 442. Pode haver «troca aparente de sufixo» (confusão de sufixos originariamente diferentes, que, por evolução fonética, adquiriram a mesma forma) ou «troca real de sufixo», nos casos em que dois sufixos, também originariamente distintos, por desempenharem o mesmo papel funcional, ou coexistem em plano de igualdade, alternando-se o uso de um e de outro na língua, ou há um que é menos frequente, podendo, nesse caso, acabar por ser eliminado pelo mais “forte”.

³⁰ *-Trix* poderá ser, portanto, um daqueles sufixos que, apesar de presente em português, se encontrará num estado inerte, uma vez que, para novas formações, se recorreu a outro sufixo que, tendo outra forma, veicula um significado equivalente. De facto, *-dora* e *-triz* coexistem, mas a situação não é, de todo, de igual vitalidade: no DLP, há 38 derivados em *-trix*, enquanto no caso de *-dora* são 30 as unidades arroladas. O que sucede, porém, é que, ao contrário destas, as primeiras são “formas eruditas” (dessas 38 unidades, apenas 7 não provêm do latim, sendo contudo formadas sobre o seu modelo).

³¹ *Pescadeira*, “mulher que pertence à classe piscatória”, no ILB (Mendes 1953: 42 e Netto 1945: 131). Diez (1874: 269) refere, a propósito do escasso número de derivados femininos face ao de masculinos nas línguas românicas de um modo geral, que «Les dérivés ne se plient pas rigoureusement au genre des primitifs. Le masculin, qui en roman a pris aussi la place du neutre, est évidemment favorisé.»

2. Delimitação das unidades do corpus

–DOR

No DLP, listam-se 2309 entradas lexicais terminadas em *dor*. Neste número, 419 unidades representam vocábulos cuja estrutura morfolexical é compósita mas construída no latim, tendo sofrido a posterior sonorização da consoante inicial do sufixo na passagem ao português. Dessas mesmas unidades lexicais que o português acolheu, excluíram-se as formas não interpretáveis ou opacas,³² i.e., aquelas cuja base não é definida e identificável com precisão em português europeu contemporâneo (como *bucinador*, *caduceador*, *equador*, *supinador*). Registam-se ainda 19 vocábulos que, pela sua estrutura e pelas informações apresentadas nos dicionários consultados, se afiguram como importações/adaptações de outras línguas. Delas se excluíram as construções ininterpretáveis (formas como *fonador*, *pronador*, *tabulador*, *bezedor*).³³ Foram, de igual modo, não consideradas palavras não derivadas em *-dor* e termos que são assinalados pelos dicionários como brasileirismos (exs.: *alotador*, *charqueador*, *registrador*, *zingador*). Por outro lado, existem alguns casos em que o dicionário atribui entradas individuais a unidades que se distinguem por diferenças formais subtis, ilustrativas, na maioria dos casos, de fenómenos de variação diatópica/diastrática. Esta observação não é, todavia, anotada pelo DLP, que apenas remete o leitor para o termo sinónimo, como é o caso de: *açoutador/açoitador*, *decentralizador/descentralizador* ou

³² Basílio 1980: 52. A autora apresenta aí os seguintes conceitos de opacidade/transparência, referidos à morfologia: «Uma RAE [Regra de Análise Estrutural] é maximamente transparente quando, para qualquer forma, (a) a composição fonética do sufixo que ela especifica é identificável sem ambiguidade; e (b) a função e/ou significado do sufixo que ela especifica é identificável com precisão, assim como a classe de bases com que este sufixo pode ser combinado. Se alguma destas condições é violada, a regra é opaca. Assim, uma RAE é opaca quando as formas a que ela poderia ser aplicada podem também ser analisadas como tendo uma estrutura diferente ou como sendo indivisíveis.»

³³ Estes exemplos constituirão, segundo Corbin (1987: 187-8; 459), palavras complexas não construídas do segundo subtipo (aquelas cujos constituintes internos não pertencem todos à lista de entradas lexicais e em que apenas é possível identificar com rigor um constituinte, pertencente à categoria [Afixo]).

demonstrador/demonstrador. Assim, para efeito das análises quantitativas dos dados, apenas foi contabilizado um dos termos do par.³⁴

Figuram nos índices dos volumes da RL 224 itens terminados em *dor*. Desse número, excluíram-se 89 formas: unidades não interpretáveis (latinismos como *arredor*, *esplendor*, *grandor*, *resplendor* e importações/adaptações de outras línguas como *andor* ou *tenedor*). Também aqui, nos casos de variantes registadas como entradas individuais, apenas foi contabilizada uma das variantes (como *bersador/versador* (I, 205/XXXVIII, 177), *cobredor/cobridor/cobredidor* (XXXIII, 139-40), *lavardor/lavrador* (X, 93/XI, 197) ou *sticador/esticador* (XXXV, 286/XX, 161)). Por último, excluíram-se vocábulos que, embora tenham tido origem no/sofrido a influência do português, representam adaptações por outras línguas, uns porquanto são variantes da forma original portuguesa já elencada, outros por serem ininterpretáveis (53 unidades coligidas em “O Guinéense”, de M. Marques de Barros, no volume VII, e 3 outras em “Malaio e português”, de A. Fokker e Gonçalves Vianna, no volume VIII).

–DORA

No DLP registam-se 40 unidades lexicais terminadas em *dora*, sendo que apenas 33 representam palavras construídas ou interpretáveis em português europeu contemporâneo. É um registo bem inferior em número ao dos produtos em *-dor* (2226), pelo que a listagem efectuada no dicionário não deverá ser reveladora do real funcionamento de *-dora*. Tal discrepância não só se deve a factores de ordem extralinguística, ou ao facto de o léxico reflectir a tradicional repartição das actividades profissionais por sexos. De facto, o número de unidades em *-dora* que integram o léxico português, como aliás se pode constatar igualmente em relação às formas em *-dor*, é muito mais extenso, se partirmos do princípio de que, naqueles casos em que se

³⁴ Excluimos *contendor* – um caso de haplogia, indicado no DLP e no DCECH (entrada “contender”) – por se tratar de termo variante do original e também atestado *contendedor*.

trata de um contraste de género, por uma questão de economia e porquanto se trata de derivados cujas configurações semântica e formal são bastante previsíveis, não são (nem podiam ser) registadas no dicionário todas as unidades existentes (além disso, se outras fontes fossem consultadas, novas palavras teriam sido encontradas). De um modo geral, os produtos em *-dor* admitem variação de género quando denotam um ser humano (*encenador/encenadora*), enquanto os que denotam instrumentos/objectos têm género fixo. Poderão existir, contudo, hesitações. No espanhol, elas existem, de acordo com Bosque (1998: 113), «en algunos instrumentos, como *computador(a)* o *tostador(a)*». Em português, poderá haver algumas semelhanças, como parecem demonstrar *debulhador(a)*, *escarolador(a)*, *ralador(a)*, *rectificador(a)*, *tapador(a)*.³⁵ Bosque realça ainda que quando os produtos denotadores de instrumentos/objectos se apresentam com variação de género, há uma distinção semântica entre as duas formas, sendo apenas perceptível uma vaga relação entre elas. É isso que leva Rainer (1993: 454-5; 1999: 4601) a considerar um sufixo *-dora* distinto daquele em que a forma homónima corresponde ao feminino de *-dor*. Naqueles casos, os produtos em *-dora* seriam primitivos A, que concordariam em género com o S *máquina*, depois elidido.³⁶

Em relação às unidades do DLP, só em 33 casos estamos na presença de palavras construídas/interpretáveis em português. Sete unidades não são, portanto, consideradas (latinismos e importações não interpretáveis, como *pandora*). Nos índices da RL figuram 11 unidades lexicais terminadas em *dora*, sendo apenas 5 as sufixadas. As restantes são helenismos (nomes próprios como *Ninfodora*, *Menodora*) ou não são sufixadas (*cadora* – por *cada hora*, *pildora/pilula*). Deste modo, subtraídas as exclusões

³⁵ *Debulhador e debulhadora* são apresentados no DLP como sinónimos. Em relação ao segundo exemplo, o DLP regista apenas *escarolador; escaroladora*, com idêntico significado (ou seja, referindo-se ao mesmo tipo de instrumento), é atestada em Carvalho (1970: 518). O mesmo se passa com *ralador(a)*, *rectificador(a)* e *tapador(a)*, sendo *raladora* registada em Pinho (1960: 50), *rectificadora* em Silva (1945: 110) e *tapadora* em Santos (1972: 236). A este assunto voltaremos no cap. IV.

³⁶ Opção análoga é a de Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4542). Rainer (2004) rebate a tese da origem elíptica da categoria INSTR, defendendo antes a sua existência autónoma desde o início.

mencionadas (172 unidades em *dor* e 13 em *dora*), contamos, no total, com um *corpus* de base de 2361 palavras em *-dor* (2226 unidades no DLP e 135 na RL) e de 38 em *-dora* (33 no DLP e 5 na RL).

3. Formação de palavras em *-dor/a*

Uma dada RFP pode ter ao seu dispor diversos operadores afixais. Ao serviço da RFP^{AG}, regra que constrói produtos designadores de AG humanos e/ou INSTR, Rio-Torto (1998b: 103; 116) menciona *-dor*, *-nte* e *-ão*. Para Vilela (1994a: 69-71) servem a “designação de portador de acção” *-dor/dora*, *-tor/-triz*, *-sor/sora*, *-ante/-ente/-inte*.³⁷ É da derivação com o recurso ao primeiro deles que nos iremos ocupar.

3.1. Caracterização das bases

Ainda que um derivado não represente a simples “súmula” concatenadora dos seus elementos constituintes, toma da relação que mantém com a forma derivante parte da sua própria identidade. Por isso, os pontos subsequentes têm o objectivo de caracterizar, dos pontos de vista categorial, morfológico, argumental e eventivo-aspectual estes elementos fulcrais no fenómeno derivacional, as bases. A sua descrição permitirá, posteriormente, pela comparação com as correspondentes formas derivadas, identificar que tipo de comportamentos e traços se manifestam co-presentes, e saber de que modo essa transmissão se processa e é representada.

3.1.1. Estrutura categorial

A derivação levada a cabo pela adjunção do sufixo *-dor/a* é do tipo Devb, uma vez que se verifica a sua aplicação a bases verbais. Os verbos derivantes repartem-se por todas as conjugações do português (*guiar/guiador*, *saber/sabedor*, *des-*

³⁷ No que diz respeito a *-ante/-ente/-inte*, não se tratará, na verdade, de diferentes sufixos, mas apenas de um só (*-nte*), constituindo a vogal introdutória parte da base (o TV de infinitivo), como se conclui, por exemplo, em Mateus e Andrade (2000: 90).

truir/destruidor),³⁸ constituindo a primeira, de longe, a mais representada, como se constata pelos gráficos seguintes (Gráficos 1 e 2), elaborados com base nas unidades compendiadas no DLP.

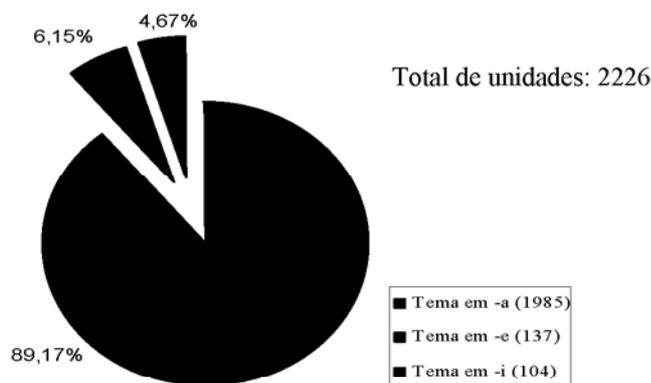


Gráfico 1. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (-dor)

Em relação às bases das unidades coligidas em *-dora*, a primeira conjugação é, igualmente, de longe, a mais representada, com 31 ocorrências; a segunda e a terceira registam apenas uma ocorrência, para cada uma (cf. Gráfico 2).

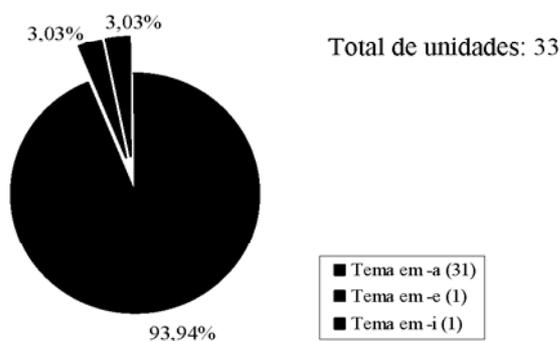


Gráfico 2. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (-dora)

Atentemos, agora, em produtos como *aguador*, *historiador*, *lenhador*, *prosador*, em que a atribuição da categoria sintáctica [+V] à base pode suscitar algumas dúvidas. Alguns autores defendem uma restrição de unicidade categorial, segundo a qual cada RFP estará configurada para operar com apenas uma categoria de partida e outra de

³⁸ Em espanhol a situação é idêntica, como observa Fernández Ramírez (1986: 80-1).

chegada.³⁹ Scalise ([1984] 1986: 137-46), por seu turno, numa reformulação da ‘*unitary base hypothesis*’, admite já que «a given suffix may be attached to both Adjectives and Nouns ([+N]), or to both Adjectives and Verbs ([+V])». ⁴⁰ Todavia, vários estudos demonstraram a inadequação do princípio, pelo registo, em várias línguas, de afixos que se anexam a categorias diversas de bases.⁴¹ Rejeita-se, deste modo, uma unicidade categorial obrigatória, dado que não é um princípio aplicável a todas as operações derivacionais. Cada RFP define-se pela aplicação de uma OC e de uma OS, inerentes à própria RFP e interdependentes.⁴² As RFP aplicam-se a bases pertencentes a categorias maiores para construir palavras pertencentes a categorias maiores, podendo as categorias em jogo ser iguais ou distintas.⁴³

Contudo, serão as bases dos produtos atrás referidos os nomes *água, história, lenha e prosa*? Como se integram esses produtos na RFP^{AG}?

Autores como Santiago Lacuesta, Bustos Gisbert ou Fernández Ramírez defendem que, no espanhol, alguns produtos em *-dor* constituem verdadeiras fugas ao

³⁹ Aronoff ([1976] 1985: 48-50) postula que «the syntacticosemantic specification of the base, though it may be more or less complex, is always unique. A WFR [Word Formation Rule] never operate on either this or that.» A categoria da nova palavra é igualmente determinada pela RFP que a produziu, dando o exemplo do AG *-er*, que forma deverbais. Também Corbin (1987: 482) afirma que «Chaque RCM [Règle de Construction de Mots] ne s’applique qu’à une catégorie de base et une seule, et n’attribue aux mots qu’elle construit qu’une catégorie et une seule».

⁴⁰ Outros autores consideram que os critérios que subjazem a esse estabelecimento de classes naturais (N=S e/ou A e V=A e/ou V), e que validam a hipótese, se revelam inoperantes. Plag (1999: 47-8), por exemplo, refere que «by choosing the appropriate feature system the UBH [Unitary Base Hypothesis] can be immunized against refutation».

⁴¹ Renzi et alii (2001: 489; 494), apesar de salientarem que quando um sufixo se agrega a duas categorias distintas estas são preferencialmente S/A ou A/V, constatam que, no italiano, *-ino* (o que forma AG/INSTR, distinto do que forma diminutivos) se pode anexar quer a N quer a V. No português, Rio-Torto (1998b: 102) entende também que cada RFP «se define por uma relação semântico-categorial unitária, mas não necessariamente unicolorial». Considerando N (=S) de A (=A), a autora demonstra a inadequação do princípio na derivação de avaliativos, cuja RFP opera sobre distintas categorias de bases. Situação similar é constatada pela autora em nos V de mudança de estado, que possuem como bases quer N, quer A. Sobre os avaliativos (RFP^{AVAL}), vd. Rio-Torto (1993: cap. IV, 2.2.) e, para os V de mudança de estado, *Id.* (1998b: 120-1).

⁴² Vd. Corbin (1987: 470) e Aronoff ([1976] 1985: 85), embora este admita que, em certos casos, uma relação derivacional possa ser apenas morfológica, já que a certos morfemas pode não corresponder significado (*Ibid.*: 30-3).

⁴³ Entende-se, assim, que se houver alteração categorial (base>produto) ela estará inscrita na OSC inerente à própria RFP, sendo, portanto, da sua responsabilidade (e não exclusivamente do sufixo, como alguns modelos preconizam). É este o entendimento de Corbin (1987: 440), por oposição, v.g., a Villalva (2000: 189) e Renzi et alii (2001: 476).

carácter Devb geral da regra, apontando dois tipos de excepções: há uma base nominal em vez de uma verbal (*'aguador'*, *'leñador'*, *'prosador'* e *'viñador'*) e outros, em que não existe base verbal (*'traidor'* e *'aviador'*). Já relativamente a *'historiador'*, os autores mencionam tratar-se de um exemplo polémico, pela existência do neologismo *'historiar'*.⁴⁴ A dificuldade de destriçar uma origem nominal ou verbal para os produtos do primeiro tipo prende-se com a questão fulcral da identificação da direcionalidade derivacional S/V, pois nem sempre resulta claro, em pares derivacionalmente relacionados, qual das formas é a base e qual o derivado. Também nos casos em estudo, tal como salienta Rodrigues (2001: 73) a propósito da construção de postverbaís, muitas vezes é o recurso a critérios sintácticos e semânticos que permite estabelecer o estatuto dos membros de cada par. Não se encontrando presente, deste modo, o sentido de “acção” em *água*, *história*, *lenha*, *prosa* e *vinha*, estas não poderão ser classificadas como Devb (ou postverbaís), apresentando-se antes como S_b de verbos. *Aguar*⁴⁵ e *lenhar* (Esp. *'leñar'*) encontram-se atestados tanto no DLP como no DLE, com significado semelhante («dissolver em água; regar»/«colher, cortar ou rachar lenha»); *prosar* surge apenas no DLP («escrever em prosa»); *°vinhador* (RAE: «*viñador* 1. m. Cultivador de viñas. 2. m. Guarda de una viña») não se regista actualmente em português, onde temos *vinhadeiro* (cf. a análise no cap. III); um V *°vinhar* não surge em nenhum desses dicionários, muito embora no DCECH ele se encontre documentado no séc. XV.⁴⁶ Por outro lado, surgindo já o sentido de “acção” (ou do V_b) em *aguador*, *lenhador*, *prosador* e *°vinhador*, parece afigurar-se mais operatória a sua classificação como deverbaís:

⁴⁴ Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4543) e Fernández Ramírez (1986: 80-1). No HOUAISS, as primeiras documentações, em português, de *historiar* e de *historiador*, referem-se ambas ao séc. XIV.

⁴⁵ O mesmo sentido derivacional aponta Rio-Torto (2004: 83): «Um conjunto relativamente homogéneo de verbos que admitem dupla leitura é o dos que têm por base nomes de matéria natural ou orgânica (*aguar*, *azeitar*, *iodar*, *remelar*), e que são parafraseáveis por ‘prover de Xb, transformar em Xb, assemelhar-se a Xb, adquirir algumas das propriedades de Xb’.» (o negrito é nosso). *Augar*, no ILB (por ex., em Fernandes 1965: 230).

⁴⁶ DCECH: vd. entrada *'vino'*. *'Viñar'*: «propagar (las plantas)».

- *aguador* (DLP) «s. m. que agua; regador»;⁴⁷
- *lenhador* (DLP) «s. m. o que colhe, corta ou racha lenha» [= o que *lenha*];
- *prosador* (DLP) «s. m. aquele que escreve em prosa» [= o que *prosa*];
- o facto de °*vinhador* não se encontrar sincronicamente atestada (como *prosar* em espanhol) não obsta à sua derivação a partir de uma forma possível (°*vinhar*) porquanto as RFP têm acesso quer a bases existentes/atestadas, quer, desde que regularmente formadas, a bases potenciais (Corbin 1987).⁴⁸

Relativamente aos produtos do segundo tipo atrás citados, como *traidor* e *aviador* (tomado na acepção de «tripulante de um aparelho de aviação»), se a análise do primeiro não oferece grandes problemas, sendo, sob um ponto de vista sincrónico, formado regularmente ([[traí]_{TV}+dor]), no segundo exemplo, apesar da semântica AG, deparamo-nos já com a ausência de uma suposta base verbal derivante.⁴⁹ Todavia, de acordo com Corbin (1987: 194), «La même RCM [a RFP que constrói AG deverbais] permet d’attribuer la catégorie verbale à la base de aviateur»,⁵⁰ pelo que não se considerará, também aí, uma excepção à regra.

⁴⁷ Acepções mais concretas aparecem, por exemplo, em Monteiro (1963: 93), onde *aguador* designa um «recipiente, munido de um cabo, que serve para tirar água de um poço baixo» e, na RL (VI, 76), «jarro de água». A constatação no DCECH (vd. entrada ‘*agua*’) de que está «muy difundida dialectalmente la variante ‘*augua*’», comprova-mo-la, para o português, nos materiais do ILB: «*Augador*: aguador; augar = aguar = auguar» (Baptista 1970: 553) e «s. m. /augadór/, instrumento agrícola utilizado para tirar água dos poços ou valas para rega. (= garabano); De água (< aqua)» (Freitas 1948: 85).

⁴⁸ Como menciona Corbin (1987: 63), «ni l’inattestation d’un mot, ni a fortiori l’intuition de celle-ci, ne peuvent servir d’argument morphologique. Seule la démonstration que ce mot est mal formé est un argument valide»; por outro lado, «les mots construits réguliers (...) ne disparaissent pas de la langue. Ils peuvent ne plus être attestés, mais ils sont toujours récupérables (...), soit dans leur sens régulier, soit dans une adaptation de celui-ci à un secteur particulier de la technique» (*Ibidem*: 41).

⁴⁹ O V *aviar*, do qual se formou um homónimo *aviador* do acima mencionado, existe, mas com o seguinte significado (DLP): «v. tr. pôr a caminho; pôr em via; aprontar; atender (...); v. refl. apressar-se». Como se refere no DCECH (entrada ‘*avión/lave*’), «*aviación, aviador*, tomados del fr. *aviation* (...), *aviateur*, derivados cultos del lat. *avis*».

⁵⁰ *Risador*, atestado na RL (XXIX, 266) como «pessoa que ri a miúdo», poderá complicar um pouco a questão, uma vez que, a menos que se considere a existência possível, a nível dialectal, de °*risar*, V a partir do qual aquele teria sido gerado, a base teria de ser *risa* ou *riso* (a primeira, registada como sinónimo de *risada* em GDLP, DM e DEPP).

3.1.2. Estrutura morfológica

Ao nível da EMorf, encontramos bases de vários tipos. Para além das não construídas (V que passaram directamente do latim ao português e empréstimos de outras línguas: *caçar, computar, rasgar*), temos bases construídas, as quais podem ser de quatro subtipos,⁵¹ permitindo todos eles a derivação em *-dor/a*:

- bases de derivação imediata: V derivados, não prefixados e portadores de um constituinte temático, a partir de S ou A (*enxofrar, orientar, mesquinhar*);
- bases prefixadas: V derivados, através de prefixos, a partir de S, A ou V (*ajoelhar, arrolhar, acertar, desacreditar, reanimar*);
- bases circunfixadas: V derivados, através de circunfixos, a partir de S ou A (*alancear, apedrejar, aterrorizar, ensurdecer, escornear, esfaquear*);
- bases sufixadas: V derivados, através de sufixos, a partir de S, A ou V (*altear, arejar, azulejar, clarificar, favorecer, idealizar, versejar*).

Quanto à subcategoria morfológica das bases, ela terá sido, em latim, o RAD do particípio passado.⁵² Testifica-o a designação de “nomes participiais” atribuída a uma das categorias de derivados, já desde os latinos – está presente na gramática de Prisciano – e retomada por Barros ([1540] 1971: 306): «participiál nome se chama aquele que vem de algum particípio, como: de amádo, amator; de douto, doutor/e

⁵¹ Cf. Rio-Torto 1998d; *Id.* 2004. Ao analisar os diferentes padrões de formação de V no português contemporâneo, a autora conclui que «as bases substantivas, que correspondem às unidades mais numerosas do léxico, representam, pois, o maior fornecedor de matéria-prima para a formação de verbos.» (*Id.* 2004: 31). Sobre a noção de circunfixo, veja-se Rio-Torto (1998b: 211-21) e, no que toca à polémica em torno da natureza derivacional da VT, bem como da consequente distinta classificação dos processos que formam alguns dos subtipos destas bases, a análise levada a cabo na secção da estrutura morfológica das bases dos produtos em *-deiro/a*, no cap. III deste estudo.

⁵² Em latim, de acordo com Nunes ([1919] 1989: 370), *-tor* apresentava-se em alguns vocábulos com a forma *-sor*, em virtude de uma alteração fonética que transformou em “s” o encontro consonântico das dentais “*dt*”. Este fenómeno verificava-se no supino de alguns verbos (aqueles cujo radical de infinitivo/raiz terminava em *d*), como em **defendtum>defensum* ou **invadtum>invasum*, e, paralelamente, porquanto formados a partir da mesma base que aquele, também observável nos AG correspondentes, como **defendtor>defensor* ou **invadtor>invāsor*.

outros que o uso nos insina». Assim, o sufixo não seria propriamente *-dor/a*, mas apenas *-or/a*, já que aquela consoante fazia parte da base (RAD do participio).⁵³

Porém, como menciona Diez (1874: 323), muitos dos produtos novos construídos pelas línguas românicas não têm origem, como sucedia em latim, no RAD do participio passado (mais especificamente do supino), tendo antes adoptado como base o TV. A partir daí, a par da manutenção de formas antigas, foram geradas novas formas, que, não raras vezes, desenvolveram novas significações, como Nunes ([1919] 1989: 363) também sublinha: «os sufixos conservam ainda hoje a mesma significação que em latim (...) todavia não é raro que novas ideias venham adicionar-se às que eles já possuíam, embora sejam desenvolvimento da principal». O sufixo terá, então, sofrido um processo de lexicalização,⁵⁴ passando a seleccionar como base o TV (Mateus e Andrade 2000: 89). Por outro lado, também poderemos aceitar a possibilidade de, já desde o latim, o sufixo seleccionar igualmente o TV de infinitivo, como constata Greenough et alii (1903).⁵⁵ Deste modo, consideraremos que na língua portuguesa, sob

⁵³ Oliveira ([1536] 2000: 59) refere-se igualmente a estas palavras como «[nomes] acabados em *-OR*», tal como, três séculos mais tarde, Barbosa ([1822] 1830: 122) entendia que acabavam em *-or* palavras como *amador*, *ledor* ou *ouvidor*, acrescentando que eram formadas a partir de «do». Nunes ([1919] 1989: 370), porém, ao elencar e estabelecer a origem dos sufixos do português, identifica *-dor*, entre os de proveniência latina, mencionando igualmente que *-tor* (*-sor*), de onde aquele proveio, se mantiveram em palavras eruditas. Posições similares, mas contrárias à anterior, são as de Cunha e Cintra ([1984] 1992: 99) e de Said Ali ([1931] 1964: 237), que concluem haver apenas um único sufixo, *-or*, já que as consoantes que o podem preceder integram a base a que o sufixo se agrega (o RAD do participio perfeito). Já para Vilela (1994a: 69-71), «o sufixo *-DOR* funciona com todos os verbos, e o *nomen agentis* em *-TOR/TORA/TRIZ*, *-SOR/SORA* pressupõe uma base erudita». Sobre a questão da alomorfia que rodeia estas formas, vejam-se: Rio-Torto (1998b: 19; 41-3); para a autora, *tor*, */s/or* e */z/or* não serão, sincronicamente, verdadeiros sufixos, já que a consoante inicial integra a base *-RAD* do participio latino *-*, pelo que, aí, o sufixo será *-or*, que existe a par de *-dor*, o operador AG deverbal mais representativo do português; solução semelhante é avançada para o italiano em Renzi et alii (2001: 498), onde se consideram *-ore* e *-tore*, variantes alomórficas de um sufixo e que seleccionam tipos distintos de bases. Barbosa (2004: 110-2) conclui também que *-dor* representa a única forma operacional em português.

⁵⁴ Nunes ([1919] 1989: 363) e Meyer-Lübke (1895: 576) referem que a base destes produtos é o TV. A identidade própria do sufixo parece ser também confirmada além-fronteiras, nomeadamente em tétum, onde *-dor* foi importado para designar *nomina agentis* e onde existe como forma autónoma, não necessariamente ligada ao V (Thomaz 1994).

⁵⁵ De acordo com Greenough et alii (1903: §§ 178), «the Supine Stem may be found by dropping *-um* from the Supine. It is formed by adding t (or, by a phonetic change, s) – *a*. To the present stem [que equivale, como é referido, a ‘**verb-stem**’ (TV), *Ibidem*: nota 2]: as, amā-t-um, dēlē-t-um, audī-t-um. *b*. To the root, whit or without ĭ: as, cap-t-um (capiō, CAP), moni-t-um (moneō, MON used as root), cās-um (for cad-t-um, CAD), lēctum (LEG)». No que respeita aos sufixos formadores de AG, os mesmos autores realçam que o sufixo *-tor* seleccionava o mesmo tipo de bases que o supino/participio perfeito: «-tor (-

um ponto de vista sincrónico, existe um único sufixo produtivo, *-dor*, que representa a evolução do latino *-tor*, e que, sob esse ponto de vista, acolheu e desenvolveu, de entre as capacidades de subcategorização morfológica de que este dispunha, a selecção exclusiva de TV de infinitivo para servirem de bases a novos produtos. Comprovam-no, como realçam Mateus e Andrade (2000: 88-90) e Rio-Torto (1998b: 42-3), os produtos derivados de V da segunda conjugação portuguesa, em que a base subjacente é, efectivamente, o TV de infinitivo. Exemplos como *corredor/a* ([[corre]_{TV} dor/a) ou *cosedor/a* (*[[cosid]_{RAD PP} or/a]), demonstram, portanto, que a base é o TV e não o RAD_{PP}.

3.1.3. Estrutura argumental

No que diz respeito à descrição da estrutura argumental ou valencial dos V_b, teremos de ter em conta, antes de mais, o número de argumentos que as bases seleccionam.⁵⁶ No Quadro 2 apontam-se alguns exemplos da distribuição de bases dos produtos em estudo pelos distintos tipos de predicadores:

sor) has the same phonetic change as the supine ending *-tum* (*-sum*), **and is added to the same form of root or verb-stem as that ending**» (*Ibid.*: 236a; os negritos são nossos).

⁵⁶ De acordo com Mateus et alii ([1983] 2003: 185), esse número, a par da relação semântica dos argumentos com o predicador e da categoria sintáctica do mesmo (V, S ou A), está inscrito no próprio esquema predicativo. Existem, assim, predicadores de \emptyset , de um (unários), de dois (binários) e de três lugares (ternários). Segundo alguns autores, como Peres e Mória (1995: 51-2), podem ser ainda quaternários V como *comprar*, *vender*, *arrastar* ou *levar*. Busse & Vilela (1986: 18-9) falam em predicados aivalentes, monovalentes, bivalentes e trivalentes. Por outro lado, o facto de os/alguns dos argumentos que se associam a um V poderem ou não apresentar realização sintáctica é independente da sua presença na EA do predicador (argumentos não actualizados ocasionalmente devem ser recuperáveis pelo co(n)texto – vd. Rodrigues (2001: 122-3) sobre outros casos em que pode não haver manifestação sintáctica, não apenas pontual mas sistemática, de argumentos). Outro tipo de complementos são os que ocupam posições não argumentais, i.e., aqueles que não se inscrevem no esquema predicativo do V, sendo opcionais: os denominados adjuntos, modificadores (Mateus et alii [1983] 2003: 183-4) ou circunstanciais (Busse & Vilela 1986: 23-7). Em Tesnière (1969), a valência de um V é constituída pelo número de actantes (argumentos obrigatórios ou constituintes indispensáveis) que ele pode reger. Os argumentos de um V são em número limitado, ao contrário do que ocorre com os circunstanciais.

Unários	<i>trabalhar, dormir, dançar, nadar</i>
Binários	<i>morar, limpar, comer, coser, vencer</i>
Ternários	<i>oferecer, receber, atirar, dar, informar, perguntar</i>

Quadro 2. Bases dos produtos em *-dor/a* quanto ao número de lugares

Observa-se que é possível a derivação em *-dor/a* a partir de todas as classes de V representadas, exceptuando-se a dos predicadores de \emptyset lugares ou de natureza física/meteorológica (*chover*,⁵⁷ *anoitecer*, *trovejar*, *lampejar*, etc.). Ora, como se constatará ao tratar da herança argumental legada pelas bases aos derivados, os produtos em *-dor/a* só podem resultar de bases verbais que contenham, no mínimo, um argumento. Além disso, construir-se com pelo menos um argumento não é a única condição imposta pela RFP^{AG} às bases destes produtos, porquanto a função sintáctica que ocupa essa posição argumental (ou a própria natureza argumental) pode não cumprir os requisitos exigidos.

Consideraremos, para já, as seguintes funções sintácticas (Quadro 3):

SUJ	sujeito
OD	complemento objecto directo ⁵⁸
OI	complemento objecto indirecto
C_{prep}	complemento preposicional ⁵⁹
C_{loc dir(or/dest)}	complemento locativo-direccional (lugar de onde/para onde)
C_{loc}	complemento locativo (lugar onde)

Quadro 3. Funções sintácticas operantes

No quadro seguinte (cf. Quadro 4), descrevem-se as funções que podem ocupar os lugares inscritos nos esquemas predicativos das bases de produtos em *-dor/a*, bem como as EA mais características que estas podem apresentar. A itálico, representam-se

⁵⁷ O DLP regista *chovedor* como A («que faz chover; chovediço»).

⁵⁸ Alguns autores consideram também a existência de OD preposicionados (como em *amar a (OD)*). Vd., por exemplo, Vilela (1999: 332-3) e Cunha e Cintra ([1984] 1992: 143).

⁵⁹ Corresponde ao actante A4 de Vilela (1999: 336), com o aditamento de poder ser a função de argumentos com o PTEM 'instrumentativo'. Embora opcionais (Cunha e Cintra ([1984] 1992: 154) inclui-os nos adjuntos adverbiais), é relevante a inclusão destes complementos na descrição das estruturas em estudo, dada a influência que a base exerce nos derivados (muitos dos quais, designadores de INSTR).

V que podem ocorrer em diferentes tipos de configurações.⁶⁰ Dos complementos entre parêntesis, apenas um pode ser realizado no esquema sintáctico em que se integra, correspondente à tipologia do número de lugares abertos pelo V. Atente-se no caso exemplificativo de *desenhar*:

- (i) *O Pedro desenhou a figura;*
- (ii) *O Pedro desenhou a lápis;*
- (iii) *O Pedro desenhou no ateliê;*
- (i)' *O Pedro desenhou a figura a lápis;*
- (ii)' *O Pedro desenhou a figura no ateliê.*

Desenhar pode, portanto, configurar-se binariamente, como em (i), (ii), (iii), mas preenche já os três lugares em (i)' e (ii)', passando a ternário.

Quadro 4. Estruturas argumentais típicas das bases de produtos em *-dor/a*

⁶⁰ Assinalam-se apenas alguns desses V, pois outros, apesar de estarem aí enquadrados numa única categoria, poderão constituir casos semelhantes, como *correr*, *dormir*, *sonhar*. A eles voltaremos, no ponto seguinte, ao tratar da não actualização de determinados argumentos.

⁶¹ Sobre o critério de utilização dos parêntesis, vd. o que se disse nos parágrafos anteriores.

Nem sempre é fácil definir as propriedades argumentais dos V e a tradicional classificação bipartida –TR vs. INTR (verbos que exigem/não exigem OD)⁶² – não se revela operatória, sobretudo a partir do momento em que se constata que os INTR não são uma classe homogênea. Nestes unários, o seu único argumento obrigatório desempenha a função sintáctica de SUJ, todavia, a observação de comportamentos diferentes levou a que fossem definidas duas subclasses: INERG (inergativos), cujo SUJ se comporta similarmente ao argumento externo dos transitivos e INAC (inacusativos ou ergativos), cujo SUJ se assemelha ao Arg^{EXT} (com função de) OD dos TR.⁶³ As propriedades dos INAC, que não se apresentam como TR, ao não seleccionarem um argumento externo, nem como INTR, pois constroem-se com Arg^{INT}, demonstram a inoperacionalidade da classificação tradicional. De acordo com Eliseu (1984), os critérios que permitem distinguir os três tipos de construções verbais do português são a existência de um SUJ temático (argumento externo do V), a existência de um objecto (OD) e as propriedades sintácticas do predicador enquanto atribuidor de caso acusativo (TR atribuem tipicamente caso acusativo ao SN argumento interno, ao contrário do SN argumento interno dos INAC, que recebe caso nominativo).⁶⁴ Serão pois consideradas três grandes classes de construções verbais no português: as transitivas (TR), as inergativas (INERG) e as inacusativas (INAC).

Uma das conclusões que assim ressalta do panorama apresentado (cf. Quadro 4) é a considerável fluência classificativa dos V, pelo que as várias classes têm, deste

⁶² Cunha e Cintra [1984] 1992: 136-9. Os TR subdividem-se, neste ponto de vista, em directos, indirectos e simultaneamente directos e indirectos. Os autores realçam, por outro lado, a “variabilidade da predicação verbal”, uma vez que a classificação TR/INTR pode depender do co(n)texto. Como demonstra Lieber (1992: 87), as EA não são codificadas em traços binários como [±transitivo], uma vez que o traço [transitivo] não é binário, podendo apresentar vários valores.

⁶³ A diferenciação é proposta inicialmente em Perlmutter (1978). Para o português, os primeiros autores a abordar esta questão foram Raposo (1981: 290-314) e Eliseu (1984), propondo uma classificação tripartida, mais realista do que a tradicional binária.

⁶⁴ «o critério básico no estabelecimento de uma tipologia verbal é a distinção entre sujeito temático e sujeito não temático. Este critério, associado à determinação das propriedades dos verbos enquanto atribuidores casuais é necessário e suficiente para estabelecer a tipologia básica dos verbos do português.» (Eliseu 1984: 104).

modo, de ser estabelecidas partindo do co(n)texto em que advêm as predicções. Vários V de entre os unários podem, deixando de o ser, considerar-se TR, ao receber OD. Tal implica não só uma alteração ao nível da configuração/classificação argumental do V, como também acarreta mudanças semânticas (a interpretação eventiva/aspectual interna será distinta), como se verá mais adiante. Além dos predicadores de \emptyset lugares, que, como já vimos, não possibilitam a derivação em *-dor/a*, a subcategoria de predicadores unários INAC não se encontra também, e tal como em espanhol (vd. Varela Ortega 1999), disponível para ser seleccionada pelo sufixo: *acontecer/ *acontecedor; chegar* (V de movimento)/ **chegador; nascer/ *nascedor; desmaiar/ *desmaiador*. Ao não possuírem Arg^{EXT} e o seu SUJ se comportar semelhantemente ao OD dos verbos TR, torna-se impossível a anexação de *-dor/a*, um sufixo prototipicamente agentivo. Pelo contrário, a subclasse dos INERG cumpre as condições exigidas neste processo derivacional, uma vez que o seu SUJ partilha propriedades com o Arg^{EXT} dos TR⁶⁵ (*andar>andador, correr>corredor, trabalhar>trabalhador*). Constata-se, pois, que, neste processo, o tipo de relação que o SUJ celebra com o verbo representa um papel peremptório.

3.1.4. Estrutura eventivo-aspectual

Os verbos são unidades complexas não apenas do ponto de vista morfológico e sintáctico, mas, sobretudo, semântico. Por se manifestarem, nos derivados em estudo, propriedades já presentes, à partida, nas bases, centramo-nos agora na interpretação dos

⁶⁵ Varela Ortega (1999: 217), ao referir-se à diferença de comportamento, em espanhol, destas duas subclases de INTR como base de novas derivações, conclui que *-dor* e *-do* (este forma, tanto em espanhol como em português, “participios adjectivos subjectivos”) se encontram em «distribución complementaria respecto de los verbos intransitivos: el primero se agrega a inergativos, pero no a ergativos. El segundo se comporta a la inversa». Da mesma impossibilidade dão conta Laca (1993: 193) e Anscombe (2001: 40). Em Mateus et alii ([1983] 2003: 301) constata-se que esta situação é análoga à verificada em português, onde a construção com participio absoluto só é admitida por INAC ou ergativos.

diferentes tipos de predicadores (no que toca à sua estrutura aspectual interna ou eventiva) e nos papéis temáticos dos argumentos que os rodeiam.

Enquanto elemento nuclear em torno do qual se acciona uma predicação, o V selecciona argumentos, pelo que tem um conteúdo proposicional.⁶⁶ As suas propriedades semânticas encontram-se intimamente relacionadas com o tipo e o número de actantes e circunstantes por ele regidos. Cada um desses argumentos dispõe de uma função semântica (ou PapTEM), i.e., mantém com o seu predicador uma determinada relação semântica. De acordo com Mateus et alii ([1983] 2003: § 7), predicar consiste em descrever estados de coisas relativos a um dado universo de referência.⁶⁷ Ora, segundo as autoras, existem duas grandes classes de predicadores: os estativos e os não estativos. Nos estativos, caracterizados pelo traço [-DINÂMICO], as entidades envolvidas numa descrição não sofrem qualquer alteração/transição durante um intervalo de tempo (*O António anda triste/A quinta fica no alto do monte*). Os não estativos ([+DINÂMICO]), por sua vez, subdividem-se em predicadores de processo, em processos culminados, em culminações e em pontos. Os de processo exprimem um “fazer”, que não se consubstancia numa mudança de estado de coisas e decorre ao longo de uma duração temporal não delimitada (*O piloto conduz o carro*); os processos culminados, as culminações e os pontos exprimem situações [+télicas], sendo que os dois primeiros exprimem uma mudança de estado: algo durativa, no caso dos primeiros (*O aluno redigiu a composição*), ou com duração breve ou ausência de duração, no caso das culminações (*O livro caiu da estante*); os pontos, ao contrário destes, não possuem um estado resultante como uma das suas componentes (*A Joana tropeçou no degrau./*A*

⁶⁶ Sobre a centralidade do V na análise da frase veja-se Tesnière (1969: 14-5), Martinet ([1967] 1973) e Barbosa (1998). Tomamos aqui V no sentido de V lexical ou pleno, uma vez que os V auxiliares não seleccionam argumentos, não possuindo por conseguinte conteúdo proposicional (cf. Campos 1991: 85).

⁶⁷ A tipologia de predicadores é construída a partir do estado de coisas em que o predicador pode sobrevir e das funções semânticas dos argumentos (*Ibid.*: 193 e seg.).

Joana está tropeçada). Esta, como outras propostas,⁶⁸ é em parte tributária da tipologia verbal quadripartida de Vendler (1967), que distingue os seguintes tipos de V/SV:

- a) Actividades: situações de duração temporal imprecisa, atética, não envolvendo culminação.⁶⁹
- b) Accomplishments: Situações dinâmico-durativas télicas. Trata-se de um evento dinâmico delimitado que progride até um limite interno (no caso, por ex., de alguém que, tendo estado a desenhar uma paisagem, tenha parado de o fazer, não podemos dizer que esse alguém desenhou a paisagem). Há necessidade de completação.
- c) Achievements: situações pontuais. Evento dinâmico delimitado, de duração muito breve, sem fases: culmina num ponto. Estes verbos captam o começo ou o clímax de uma situação, não patenteando extensão temporal.⁷⁰
- d) Estados: situações estáticas ocorrem em todos os instantes de um determinado período de tempo (são contínuas; podem cessar, mas enquanto isso não sucede, não podem ser interrompidas).⁷¹ Existem eventos

⁶⁸ Ramchand (1997: 123-30) distingue V de estado (os que não envolvem alteração temporal das entidades intervenientes), V de *achievement* (onde há dois momentos temporais, sendo um o ponto de partida e outro o de chegada) e V que designam actividades e *accomplishments* (vários momentos temporais, havendo uma mudança de estado de coisas continuada, sendo que, ao contrário do que sucede nos de actividade, os de *accomplishment* indicam o ponto de chegada).

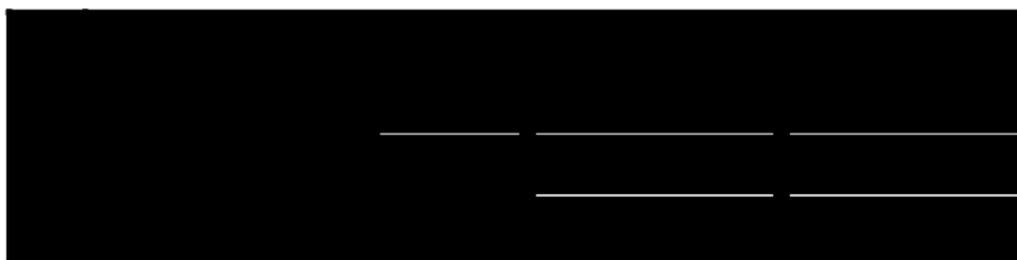
⁶⁹ «For activities: A was running at time t means that time instant t is on a time stretch throughout which A was running.» (Vendler 1967: 106). V de actividade, segundo o autor, não co-ocorrem com construções temporais pontuais do tipo “em X tempo”, somente com construções temporais durativas (“durante X tempo”). Uma pergunta adequada para considerar uma situação como actividade é a que evidencia uma duração no tempo: “Por quanto tempo...”. De acordo com o autor, é ainda possível testar o V de actividade através da construção “parar+de+V” (por exemplo, em “A Joana parou de andar” está implícito que a Joana andou, mas que não precisa necessariamente de ter completado um determinado trecho, podendo, inclusive, ter parado diversas vezes durante a actividade).

⁷⁰ Este tipo de V pode ser assim descrito: «A won a race between t_1 to t_2 means that the time instant at which A won that race is between t_1 and t_2 .» (Vendler 1967: 106). A diferença entre *accomplishment* e *achievement* encontra-se, portanto, no tempo envolvido: enquanto o primeiro tipo de V pode pressupor uma maior ou menor extensão de tempo (uma hora, um dia, etc.), o segundo deve ocorrer num determinado instante do tempo. Se obtivermos uma resposta apropriada às questões: “Em/a que hora...” ou “Em/a que momento...”, estamos perante uma situação do tipo *achievement*. Em Campos (1991: 320) e Duarte (2000: 321), surgem também “eventos prolongados” (para *accomplishments* ou processos culminados) e “eventos momentâneos” (para *achievements* ou culminações).

⁷¹ «A loved somebody from t_1 to t_2 means that at any instant between t_1 and t_2 A loved that person.» (Vendler 1967: 106). A pergunta relevante é, como nas actividades, “Por quanto tempo?”, todavia, ao

permanentes e outros não permanentes (estativos): os primeiros denotam propriedades não susceptíveis de variação (*ser baixo/ser de Coimbra*); os segundos, propriedades variáveis (*estar alegre/possuir um carro*).

Em síntese, e com base no que ficou dito, consideremos então:



Quadro 5. Eventos (situações/acontecimentos) e traços típicos na base das relações predicativas

Qualquer proposta tem as suas limitações, sobretudo porquanto o valor semântico de um termo advém de sua inserção no texto (cf. Vilela 1992: 26).⁷³ Para uma adequada caracterização dos V quanto à sua natureza aspectual, devem, pois, ser considerados os argumentos do V. As relações estabelecidas no eixo sintagmático são essenciais, uma vez que um constituinte pode alterar o significado de outro quando imediatamente relacionados. No quadro seguinte (Quadro 6), considerando as propriedades mais prototípicas dos V em análise, apresenta-se um panorama da variabilidade tipológica aspectual dos V_b das unidades em *-dor/a*. Os PapTEM adoptados são os que se encontram em Mateus et alii ([1983] 2003: § 7.1).⁷⁴

invés destas, os estados são situações que perduram por um certo número de instantes temporais, sem possibilidade de divisão em fases. Outro critério para identificar este tipo de V pode ser a impossibilidade de eles ocorrerem em respostas a “O que é que aconteceu?” (Mateus et alii ([1983] 2003: § 7.1).

⁷² “Evento” refere-se aqui a qualquer tipo de ‘situação’ ou ‘acontecimento’ denotado por um predicado.

⁷³ Do ponto de vista do significado genérico dos predicadores verbais, Vilela (1999: 62-3) distingue V de acção («aqueles em que a “processualidade” tem como ponto de partida um “Agente”, implicam um “fazer”»), de processo (os que implicam uma mudança do estado de coisas, um «acontecer») e de estado, aqueles «com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade (...)».

⁷⁴ “Funções semânticas”, “casos” ou “significados gramaticais” em Gutiérrez Ordóñez (1997: 102-3). São os seguintes os aqui considerados: AG (agente), FONTE, EXP (experienciador), LOC (locativo), ALVO e TEMA. AG é o PapTEM do argumento que designa uma entidade [+controladora]; FONTE, o do argumento que designa uma entidade [-controladora] que está na origem de uma situação; EXP, o do que designa uma entidade que é a sede psicológica de uma propriedade/relação; LOC designa a localização espacial de uma

relação semântica especial entre V e O (quando este pertence, como referem Mateus et alii ([1983] 2003: 184), ao tipo de objectos que funciona tipicamente como argumento O desses verbos); noutros, cognatos, pela relação etimológica entre ambos também (*sonhar, viver, jogar*, por ex.).⁷⁹ Além disso, esses casos em que o argumento O pode não ser realizado sintacticamente restringem-se apenas a relações de actividade, uma vez que, quando os mesmos V configuram situações de *accomplishment* (*correr os cem metros/cantar uma ária*), o argumento O é obrigatório. Do mesmo modo, a presença do argumento ALVO, indicando direcção-destino, é condição necessária para que V prototipicamente de actividade possam ser interpretados como *accomplishments* (*A Joana caminhou muito/A Joana caminhou até à sua casa*).⁸⁰ Além disso, a quantificação do argumento interno (com função de) OD pode condicionar também a interpretação eventiva da relação predicativa. Muitos dos V designadores de actividades podem servir igualmente para denotar *accomplishments*. Confrontem-se os exemplos seguintes:

- (i) *cantar / ler / fumar / correr*
- (i)' *cantar músicas / ler jornais / fumar charutos*
- (ii) *cantar uma música / ler a revista / fumar dois cigarros*

Devido ao tipo de quantificação representado no Arg^{INT} OD, (i) e (i)' denotam actividades, enquanto em (ii) se configuram situações de *accomplishment*.⁸¹ Como antes

⁷⁹ Em V como *beber* e *conduzir*, terá havido, segundo Vilela (1992: 74; 80-2), a incorporação de um argumento no próprio V (*beber* [álcool]; *conduzir* [veículo motorizado]). Para Anscombe (2001: 38-9), palavras destinadas a designar propriedades intrínsecas essenciais não são necessárias ou, quando se criam, existe “distorção semântica” (*bebedor, comedor, dormidor, viverdor, v.g., nunca designaram(ão) ‘pessoa que V_b’; existe é a incorporação de uma propriedade acidental ou face à quantidade – ‘que V_b muito’ – ou à escolha – ‘de álcool, de coca-cola’ – ou toma-se ainda ‘V_b’ numa acepção particular).*

⁸⁰ Cf. Duarte (2000: 320). Nesses casos, não se trata, pois, de verdadeiros argumentos opcionais, já que têm o poder de alterar a estrutura eventiva: *correr* (actividade) vs. *correr até à meta* (*accomplishment*).

⁸¹ Segundo Campos (1991: 320-1), a quantificação do argumento SUJ pode, analogamente, interferir na determinação da classe aspectual dos predicados, em casos como *chegaram soldados durante duas horas* (*accomplishment*). Aí, é apenas «a interpretação distributiva do plural indefinido *soldados*» que permite ultrapassar a incompatibilidade entre construções eventivas e adverbiais durativos. Para a autora, estes casos constituem um fenómeno de «recategorização», pelo que se deve falar em classe aspectual da relação predicativa (não apenas de V ou de SV).

foi referido, registámos apenas as propriedades aspectuais básicas das situações denotadas pelos predicadores, e não todos os valores aspectuais particulares que podem ser aduzidos a uma relação predicativa pela ocorrência/tipologia dos argumentos actualizáveis, porquanto tal tarefa sairia do âmbito do presente trabalho. Pela análise do Quadro 6, comprovamos que *-dor/a* se junta a bases verbais das classes aspectuais de estados, actividades e *accomplishments*. Todavia, os derivados não provêm de V de *achievement* ou culminações prototípicos/as (INAC que denotam entrada/saída de cena, como *chegar/sair*, e mudança de estado, como *falecer* ou *rejuvenescer*). No atinente à estrutura sintáctico-argumental, vemos, pois, que o sufixo não se agrega a construções sem Arg^{EXT}, sendo incompatível com as seguintes classes de verbos:

- (i) existenciais: *existir/*existidor*;
- (ii) meteorológicos: *chover/*chovedor*, *nevar/*nevador*, *anoitecer/*anoitecedor*;
- (iii) de movimento: *chegar/*chegador*, *partir/*partidor*, *sair/*saidor*;⁸²
- (iv) de mudança de estado (da entidade designada pelo argumento TEMA/O):
*nascer/*nascedor*, *desmaiar/*desmaidor*, *murchar/*murchador*.

Por outro lado, apesar de não existir uma relação directa e linear entre a classe aspectual de um V e a sua classificação como TR ou INERG, podem observar-se as seguintes configurações eventivo-aspectuais gerais para as construções predicativas das bases destes produtos:

- Situações/V estativos: locativos como *permanecer*, *morar* ou *possuir* e TR (experienciais, como *amar*, *conhecer*);
- Situações/V de actividade ou processo: INERG, mas também os TR com OD não delimitado (como *beber vinho*, *cantar música*, *fumar charutos*);

⁸² Em espanhol, '*salidor*' e '*llegador*', apesar de não atestados no DLE, surgem, como A/S, particularmente em registos ligados a actividades desportivas. Vd. a definição do primeiro no dicionário em linha <<http://www.aragob.es/elocales/quinto/lengua/DiccionariodeQuinto.htm>> e um uso do segundo no *El Mundo* <<http://elmundodeporte.elmundo.es/elmundodeporte/envivos/fichas/1/042/298.html>>.

- Situações/V de *accomplishment*: TR.

Deste modo, ainda que muitos dos TR denotem eventos em sentido geral, eles denotam igualmente, embora em muito menor número, estados (*conhecer, amar, possuir*). Entre os V que designam actividades ou processos encontram-se mormente os INERG (que, se receberem objecto, passam a TR, deixando também de designar actividades para passar a *accomplishments* – *andar/correr/nadar dez metros*) e há ainda TR que, dependendo da determinação do objecto, se classificam quer como actividades (*comer fruta, construir estradas*), quer como *accomplishments* (*comer uma pêra, construir a estrada*).

3.2. Caracterização dos produtos

3.2.1. Estrutura categorial

O paradigma de derivação que está na base dos produtos em análise é heterocategorial, uma vez que a adjunção do sufixo à categoria de base (V) configura produtos nominais (N, S ou A). Para perceber melhor a distribuição dos derivados por essas categorias, efectuou-se um levantamento quantitativo que dá conta das classificações avançadas no dicionário. Como destaca Casteleiro (1981: 11-2), não é fácil efectuar este tipo de descrições, uma vez que, em muitos casos, os dicionários apresentam uma mesma entrada como A e/ou S, não explicando os critérios de tal classificação.⁸³ Opta-se por considerar, num primeiro momento, quatro séries distintas (S, A/S, S/A e A), estabelecidas de acordo com o critério de ordenação empregado no DLP, como a seguir exemplificado:

⁸³ Na maior parte dos casos, a diferença de categorização estabelece-se aí com base em critérios semânticos e não com recurso a critérios de ordem formal ou funcional (sendo que a distinção entre estas unidades só é possível na frase). Por outro lado, como o autor conclui, as unidades primordialmente S (por ex. *caçador*, que no DLP surge A/S) deveriam ter apenas uma entrada no léxico, uma vez que os usos aparentemente adjectivais «resultam ou das suas relações com o verbo de que ele é derivado morfológico (...) ou da sua qualidade de substantivo que, como tal, pode ser inserido em estruturas relativas predicativas.» (*Ibid.*: 68).

- Série S_(substantivo) ↔ *manobrador*: «s. m. aquele que manobra»
 Série A_(adjectivo)/S_(substantivo) ↔ *abolidor*: «adj. e s.m. que ou o que faz abolição»
 Série S_(substantivo)/A_(adjectivo) ↔ *furador*: «s. m. instrumento para fazer furos ou ilhós; adj. que fura; (fig.) empreendedor»
 Série A_(adjectivo) ↔ *madurador*: «adj. que faz amadurecer»

Os gráficos seguintes permitem visualizar a distribuição relativa nestas séries dos produtos em *-dor* (cf. Gráfico 3) e em *-dora* (Gráfico 4) registados no DLP:

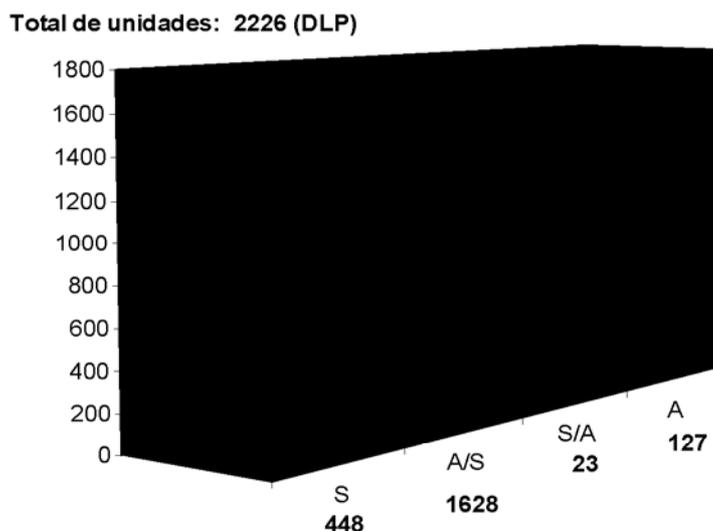


Gráfico 3. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em *-dor*

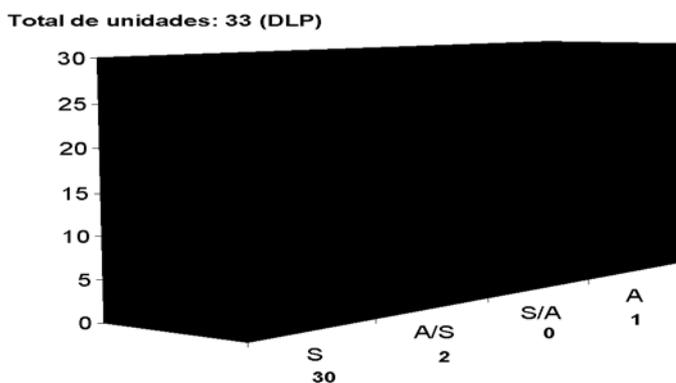


Gráfico 4. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em *-dora*

A classificação das unidades em quatro séries distintas (S, A/S, S/A e A) tem como objectivo apresentar uma descrição fidedigna da informação inventariada pelo DLP em cada uma das entradas lexicais. O critério do dicionário, ao adoptar dois modos de apresentação da informação sintáctico-categorial das unidades S e/ou A, não se afigura claro. A maior parte dos derivados em *-dor* (73,14%) é inventariada como A/S,

enquanto a configuração S/A representa apenas 1,03% do total (23 produtos).⁸⁴ Apesar de no caso de *-dora* não serem compendiadas unidades S/A (apenas duas categorizações A/S), situação que decorre, também, de não se encontrar dicionarizada a variação de género, poderá não ser aleatória a ordem de apresentação da informação sintáctica. Os vocábulos S/A (*desandador, flutuador, regador, atacador*) revelam de um modo geral um maior grau de lexicalização face aos arrolados como A/S, cuja configuração semântica tende a ser geralmente mais vaga ('o que V'), como se observa na secção consagrada à análise semântica dos produtos.

Por outro lado, e porque a parte mais significativa dos derivados pode pertencer, concomitantemente, a ambas as categorias A e S, coloca-se aqui o problema basilar da sua natureza categorial. Trata-se de uma questão complexa, pois implica a distinção de dois tipos de categorias (A/S) entre os quais a inexistência de uma fronteira nítida e linear é desde há muito realçada.⁸⁵ Essa distinção só tardiamente foi realizada, em meados do séc. XVIII, porquanto a classificação das partes do discurso pelos primeiros gramáticos (principalmente Dionísio da Trácia – período helenístico, séc. II a.C. e Prisciano – sécs. V a VI), herdada pela gramática tradicional, não contemplava o A como categoria autónoma.⁸⁶ Assim, da escola de Alexandria foi conservada, pela tradição gramatical posterior, a reunião de A e S sob uma mesma classe, a dos N, por uns e outros compartilharem a mesma morfologia flexiva. Por outro lado, a delimitação das classes gramaticais a partir de critérios exclusivamente semânticos não se revela,

⁸⁴ Na análise das unidades descritas pelo dicionário como ambivalentes, em todo o trabalho, apenas o valor substantival constitui objecto de estudo.

⁸⁵ Como observa Meyer-Lübke (1895: 432), «Parmi les différentes espèces de mots, c'est entre les substantifs et les adjectifs que les rapports sont les plus étroits». Desde cedo também no português isso se constata (por ex., a propósito de *sabedor* (RL, IX, 39), diz Leite de Vasconcelos: «sabio (...). Empregado ora como substantivo, ora como adjectivo, e muito usado nos sécs. XIV e XV.» Também Barbosa ([1822] 1830: 122) deixa igualmente transparecer a dificuldade que havia em classificar estes mesmos vocábulos: «Amador, Ledor, Ouvidor, e outros semelhantes, duvida-se se são Substantivos ou Adjectivos.»

⁸⁶ Tal classificação contemplava oito partes do discurso, tendo Prisciano, porque o latim – ao contrário do grego – não tinha artigo, tratado à parte as interjeições (cf. Anastácio 1997: 18; Bosque 1998: 105).

como menciona Bosque,⁸⁷ cabal, uma vez que a expressão de processos/estados/acções não é exclusiva dos V, tal como a das propriedades não é, como lembra Vilela, exclusiva dos A.⁸⁸ Dada esta dificuldade em distinguir S e A, nomeadamente pelas descrições descontextualizadas que os dicionários facultam,⁸⁹ impõe-se equacionar qual a relação semântico-categorial que preside à RFP geradora dos produtos em estudo. Constituíamos, por ora, três hipóteses direccionais:

$$\begin{array}{c} V \rightarrow A \text{ e/ou } S \\ \text{ou} \\ V \rightarrow A \\ \text{ou} \\ V \rightarrow S \end{array}$$

Tendo em conta o elevado número de categorizações A^{e/ou}S, será *-dor* originalmente um dos sufixos que categoriza o produto como ambivalente nesse ponto de vista?⁹⁰ Perfilhando esta hipótese, não poderemos admitir, à semelhança do que se apurou quanto às bases, nenhum tipo de coarctação categorial.⁹¹ É a primeira das configurações atrás elencadas que subjaz à regra apontada por Basílio (1980: 95) para a construção dos produtos em *-dor*:

$$[X]_V \rightarrow [[X]_V \text{ DOR}]_{A \text{ E/OU } S}$$

⁸⁷ Bosque 1998: 36. A utilização destes critérios – que remontam já ao período da filosofia aristotélica e, mais tarde, ao da escolástica – dita que as distintas partes do discurso sejam o reflexo das diferentes ordens de “coisas” do extralinguístico. Sendo o mundo físico constituído por objectos/substâncias, possuidores de propriedades/acidentes, estabelecendo relações e realizando acções/experimentando processos, assim a gramática comportaria respectivamente S, A, V e partículas.

⁸⁸ Vilela 1999: 180. Daí que, como postula Hjelmlev, «Para que uma categoria tenha uma existência real desde o ponto de vista gramatical é preciso que se defina com critérios de forma e não por critérios puramente semânticos.» (apud Bosque 1998: 41).

⁸⁹ O DLPC distingue-se do DLP, por exemplo, ao incluir entradas próprias para as unidades A.

⁹⁰ Nesta solução (V \Rightarrow A e/ou S), *-dor/a* será um dos sufixos do último tipo daqueles que Meyer-Lübke (1895: 432) enumera: «il existe un assez grand nombre de suffixes réservés, les uns à la formation des substantifs, les autres à celle des adjectifs, mais il n’y en a peut-être pas moins qui servent pour les deux classes de mots».

⁹¹ «Syntactically, ever new word must be member of some major lexical category, the exact category being determined by the WFR which produces the word» Aronoff (1985: 49). De acordo com Basílio (1980: 89-95), se esta restrição fosse aplicável ao português, a formação dos derivados em *-dor* repartir-se-ia por três regras, prejudicando o princípio da economia linguística.

Nos gráficos que se seguem, opta-se por reunir as duas sub-séries anteriormente ponderadas de acordo com o registo no dicionário (A/S e S/A) numa só, a de N (A^{e/ou}S),⁹² a fim de observar a distribuição dos produtos em *-dor* (Gráfico 5) e em *-dora* (Gráfico 6) pelas categorias N, S e A:

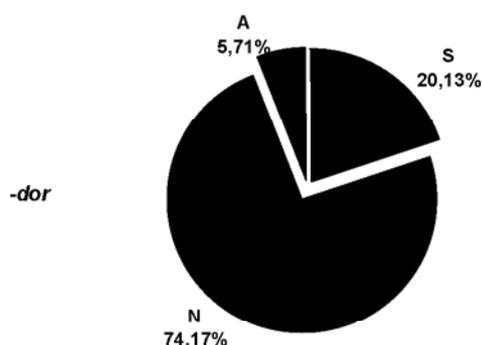


Gráfico 5. Produtos em *-dor*: distribuição pelas categorias N, S e A

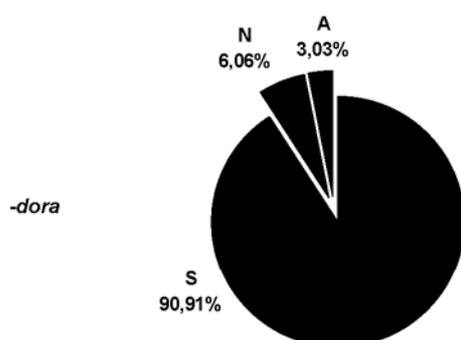


Gráfico 6. Produtos em *-dora*: distribuição pelas categorias N, S e A

Enquanto as atestações em *-dora* pertencem maioritariamente (90,91% de 33 formas) à categoria S (o DLP regista apenas algumas das formas existentes, e já bastante lexicalizadas: *calculadora*, *debulhadora*, *empilhadora*, *governadora*, *escavadora*, *niveladora*, *perfuradora*, etc.), a maior parte dos derivados em *-dor* (74% de um total de 2226 atestações) é constituída por produtos nominais (A^{e/ou}S), facto que parece favorecer a hipótese atrás enunciada. Opção teórica diversa surge em Rio-Torto (1998b: 118), para quem a relação semântico-categorial que subjaz à formação dos AG deverbais enformará unidades cuja categoria sintáctica primária será, não N mas A.

⁹² “N” entendido, portanto, como uma arqui-classe comportadora das subclasses adjectiva e substantiva (cf. Nunes [1919] 1989: 202).

Nos resultados atrás expostos, observa-se que um número significativo dos derivados se apresenta como S: este constitui o segundo grupo nos items em *-dor* (448 unidades) e o primeiro em *-dora* (30 unidades). Porém, de acordo com Rio-Torto (1998b: 118-9), tal poderá não ser impeditivo de que estejamos perante unidades – quer estas denotem AG, quer denotem INSTR – originariamente pertencentes à classe dos A, que terão sido, por conversão, nominalizados, com o conseqüente desaparecimento do S que acompanhavam.⁹³ O facto de estes S serem consequência de uma elisão ou a justificação, por uma concordância antiga, da presença neles do contraste de género ([*empresa*] *distribuidora* e casos semelhantes), aliados à evidência de que a conversão não modifica a estrutura significante da palavra, são argumentos que poderão levar a definir a conversão como um processo mais sintáctico do que morfolexical.⁹⁴ Para Bosque (1998), todavia, a conversão é um processo distinto da elisão sintáctica. Segundo este autor, a elipse não é recuperável, pelo que se haveria obrigatoriamente de considerar a existência de um núcleo \emptyset , que corresponderia à palavra suprimida, incompatível com a determinação do artigo. A conversão, de acordo com Bosque, um processo muito activo na criação de produtos AG e INSTR, afigura-se como a propensão de uma comunidade linguística para «conceptualizar como entidades o como objetos lo que no son sino algunas de las propiedades que los caracterizan.»⁹⁵ Estes adjectivos nominalizam-se em virtude de essas propriedades, pelo seu carácter distintivo e notório, terem passado a designar classes ou categorias. Na sequência do exposto, postulamos, assim, a seguinte regra de construção dos deverbais em *-dor*:

⁹³ J. J. Nunes refere-se à grande permeabilidade entre S e A, a propósito de um dos processos de formação de novos vocábulos, a conversão/derivação imprópria: «figuram hoje, na classe dos substantivos, muitos que dantes eram contados entre adjectivos, pela perda, devido ao seu emprego muito frequente, do nome que qualificavam». Este fenómeno, aliás, já se verificava na língua latina (Nunes [1919] 1989: 208; 202).

⁹⁴ «Em abono desta tese aduz-se o facto de na génese de alguns nomes estar um processo de elisão (...) que abriu caminho à mudança categorial da palavra não elidida» (Rio-Torto 1998b: 98).

⁹⁵ Bosque 1998: 109-11. Estas substantivações decorrem de convencionalismos vários de natureza referencial e cultural, de modo especial nos casos em que as entidades categorizadas se definem pelo traço [+humano]; como exemplo, o autor menciona que os S de pessoa “branco” e “negro” dificilmente o seriam num mundo sem quezílias raciais. A este propósito, veja-se também Casteleiro (1981: 18).

$$[X]_V \rightarrow [[X]_V \text{ DOR}]_A$$

Verificando-se em alguns produtos:

$$[X]_V \rightarrow [[X]_V \text{ DOR}]_{A > S}$$

Em que '>' designa um fenómeno de conversão.

O número de produtos exclusivamente A registados no *corpus* (cf. Gráficos 3 a 6), sendo diminuto, não se afigura como indício seguro de que a categoria A estará escassamente disponível para funcionar como classe de chegada desta operação da RFP^{AG}. Por outro lado, o número de palavras atestadas como pertencentes a ambas as classes, bem como a possibilidade de, mesmo os vocábulos categorizados como apenas S, poderem facilmente adjectivar-se, i.e., 'voltarem' a poder expressar propriedades, a qualquer momento, pelo co(n)texto/anteposição de *homem/máquina/aparelho*, reforça a tese da origem adjectival e posterior substantivação (ou disponibilidade para a mesma) destes produtos.

3.2.2. Estrutura argumental

Os processos que ocorrem na formação das palavras são importantes para a estrutura sintáctico-semântica destas.⁹⁶ No caso de palavras nominalizadas, ainda mais relevantes se tornam essas conexões, dado representarem processos de relações lexicais sistemáticas entre N e V. Assim, os traços contextuais da base podem determinar os da forma derivada, i.e., as bases têm uma EA que pode ser mantida, alterada ou elidida após a adunção de um afixo. Herança será, por conseguinte, a relação que se estabelece entre algumas propriedades lexicais de um derivado e as propriedades correspondentes

⁹⁶ «(...) a estrutura argumental é essencialmente uma representação sintáctica: de facto, é o reflexo sintáctico de certas propriedades semânticas» (Sadler & Spencer 1998: 210).

da sua base.⁹⁷ De acordo com Comrie & Thompson (1985: 349), os nomes podem ser criados de V ou de A e, uma vez gerados, podem denotar o nome da actividade/estado designados pela base ou então, e é este o caso dos AG e INSTR, representar um dos argumentos dessa forma. Enquanto os do primeiro tipo retêm algumas das propriedades da base, os AG e INSTR comportam-se sintacticamente como os restantes N e mantêm com aquela apenas relações morfológicas (imprevisíveis e idiossincráticas) e semânticas.

Aos produtos em estudo, tradicionalmente designados “nomes de agente”, Booij (1986: 507) propõe que se lhes chame antes “nomes-sujeito”, porquanto «the basic effect of the suffix [-er] is that it binds whatever q-role is linked to the subject position of the base verb» e não apenas o papel de AG, embora na maior parte das construções seja este o papel a estar ligado à posição de SUJ. Não existe, portanto, uma correspondência directa e linear entre função sintáctica e semântica, uma vez que na posição de SUJ podem ser representados diferentes papéis semânticos, como refere Laca (1993: 192): o de agente (*caçador, jogador, navegador*), o de experienciador (*admirador, sabedor, sofredor, conhecedor*), o de ‘termo de relação de possessão’ ou LOC (*possuidor*),⁹⁸ ou o de ‘relação local’ ou TEMA (*morador*). Deste modo, cada vez que se faz, neste trabalho, referência à noção de AG, ela pressupõe a de nome-sujeito de Booij (1986). Nos exemplos seguintes, comparam-se a EA que integra um deverbais *em -dor* e a EA do seu V_b (onde ‘x’ representa o argumento externo e ‘y’ o interno):⁹⁹

⁹⁷ Vd., por exemplo, Booij (1988: 57), Basilio (1980: 74-89) e Gràcia i Solé (1995: 13-9). Noutra perspectiva, Benveniste (1974: 113-25) falara em “transposição” para designar o processo que forma os nomes de agente em *-eur* no francês, onde haveria uma passagem de um grupo verbal ou V a um N: *penseur* (“aquele que V_b”)/*chroniqueur* (“aquele que faz crónicas”), mantendo-se uma relação sintáctica entre base e derivado (*Pierre est un bom marcheur = Pierre marche bien*).

⁹⁸ Cf. Mateus et alii ([1983] 2003: 194), a propósito do papel locativo (LOC) aqui considerado.

⁹⁹ Cf. Levin & Rappaport (1998: 251-65). Não tratamos aqui, por não se integrarem nos objectivos do presente estudo, dos produtos/ usos A. De facto, na adjectivalização deverbais desencadeada por *-dor*, semelhantemente ao que ocorre também com *-nte*, observa-se, como mencionam Teles e Filipe (2003), a formação de predicados que atribuem as propriedades do predicador verbal ao argumento externo.

(i) *O Pedro organiza o congresso.*

$[N_x]$ organiza $[N_y]$

(i)' *O organizador do congresso.*

$[N_x$ *de*_(+o) $N_y]$

Ao compararmos a construção (i), contendo o V_b , com a construção (i)', em que ocorre o deverbal, verificamos que este processo de nominalização deverbal afecta o Arg^{EXT} , ao mesmo tempo que preserva o Arg^{INT} da EA do V_b , modificando embora a sua subcategorização. Williams (1981a: 92) refere que, na aplicação de uma RFP, a EA da base pode ser alterada de dois modos: externização de um argumento interno e internização de um argumento externo.¹⁰⁰ Vejamos o que sucede com os produtos em estudo.

Uma redução da estrutura argumental em (i)' face a (i) é a primeira constatação que se efectua. Com efeito, tendo em conta que, como define Gràcia i Sole (1995: 37), AG constituem «noms que es refereixen a un agent, a l'entitat que fa una acció expressada per una arrel verbal»,¹⁰¹ a partir do momento em que é configurada a unidade N_x (=organizador), o Arg^{EXT} com a função de SUJ em (i) deixa de poder ser actualizado numa construção como (i)':

**O organizador do congresso pelo Pedro.*

Os V_b dos derivados em estudo manifestam, quando funcionando autonomamente, uma EA ampliada, ao convocarem um Arg^{EXT} , que é bloqueado nas predicções em que ocorrem os nominais com base neles derivados.¹⁰² A herança desse

¹⁰⁰ Em português, como anotam Teles e Filipe (2003), a externização do argumento interno ocorre no caso do sufixo *-vel* e a internização do argumento externo é realizada pelos sufixos formadores de nomes de acção ou de estado (*-ção, -ismo, -mento, -nça/-ncia*).

¹⁰¹ A autora realça que essa definição deve ser tomada em sentido lato. De facto, como refere Anscombe (2001: 29), é limitador considerar como AG apenas os sufixados a partir de um V (como *futebolista*, para o qual não existe V derivante). Para Bybee (1985: 84), o sufixo agentivo *-er* altera mais do que a categoria sintáctica ($V \Rightarrow N$), uma vez que especifica que o N é o AG da actividade nomeada pelo V.

¹⁰² Para Laca (1993: 187-9), os vocábulos em *-dor* (e também os em *-nte*) constituem “nominalizações orientadas”, i.e., aquelas que, por oposição às “não orientadas”, dão origem a S e a A e designam entidades de primeira ordem (pessoas/objectos), que correspondem ao argumento incorporado no sufixo. As “não orientadas” designam entidades de segunda ordem (estados de coisas/processos), dão origem a S

mesmo argumento é morfológica ou interna, pois ele é integrado nos derivados pelo próprio sufixo *-dor*, que encerra, assim, quer o Arg^{EXT} , quer a acção que este perpetrava através do V. Por outro lado, vemos, no que diz respeito ao argumento interno da EA do V_b (*o congresso*) que ele é mantido na EA do derivado N_x (*=organizador*), surgindo num SP introduzido pela preposição *de*.

Confrontemos agora (i) e (i)' com os exemplos seguintes:

(ii) *O Eduardo realiza filmes.*

(ii)' *O realizador de filmes.*

(iii) *O dispositivo simula voos.*

(iii)' *O simulador de voo(s).*

$[N_x] V [N_y]$

$[N_x \text{ de } N_y]$

Relativamente ao argumento externo em (ii) e (iii), observa-se que continua a ser internizado em (ii)' e (iii)', tal como sucedera em (i) e (i)':

O Pedro V → O organizador

O Eduardo V → O realizador

O dispositivo V → O simulador

Notam-se já algumas diferenças no que respeita à actualização do argumento interno OD nas bases e, conseqüentemente, nos deverbais. O carácter deste argumento influencia, como se observou aquando da análise da estrutura das bases, a interpretação eventivo-aspectual de uma relação predicativa. Deste modo, o carácter determinado do OD em (i) converte a relação predicativa num evento do tipo *accomplishment* (*x organiza o y*), ao mesmo tempo que, em (ii) e (iii), o carácter genérico do mesmo

e não incorporam argumentos do V_b (podendo surgir com eles na predicação, como em *O exército inimigo destruiu a cidade/A destruição da cidade pelo exército inimigo*). Vd. também Teles e Filipe 2003.

argumento permite a leitura da predicação como actividade ou processo (definidos, por natureza, pelo traço [-télico]): *x realiza/simula y*.¹⁰³

Em estreita relação com estas distintas possibilidades de leitura das bases, encontra-se a questão das diferentes interpretações semânticas dos deverbais em epígrafe. Em (i) e (ii) os argumentos externos *O Pedro* e *O Eduardo* caracterizam-se ambos pelo traço [+animado], pelo que suscitam, assim, a leitura como AG dos deverbais *organizador* e *realizador*. Já em (iii), definindo-se o argumento externo *O dispositivo* como [-animado], a interpretação em (iii)' é a de INSTR (*simulador*: aparelho ou dispositivo que V_b). Ora, como se comprovará na secção dedicada à análise semântica destes produtos, os AG não são uma classe homogénea, uma vez que podem integrar, dependendo do co(n)texto em que surjam actualizados, traços [+pontuais] ou [+habituais]. Levin & Rappaport (1988) propõem as designações de “nomes eventivos” e “não eventivos” para distinguir os nomes que aludem a entidades realizadoras de um acontecimento concreto (ou que desempenham um determinado papel em certo momento) daqueles que denotam entidades que, moldadas para exercer uma dada função, não implicam uma concretização da mesma.¹⁰⁴ Com base nestes pressupostos, podem estabelecer-se as seguintes ilações:

- o carácter determinado do argumento OD, herdado da base, induz uma interpretação [+pontual] do derivado; como em (i)': *O organizador do congresso*, onde $N_x (=organizador)$ representa um nome eventivo, i.e., designador de um AG que é o autor de uma acção concreta e perfeitamente delimitada;

¹⁰³ X representa um nome designador de um AG (*realizador*) ou de um INSTR (*simulador*), que tem por função [$V_b y$] e que mantém a sua condição ainda que não efective a sua função.

¹⁰⁴ As noções de “nomes eventivos” e “não eventivos”, que Levin & Rappaport (1988) distinguem com base na ocorrência/inocorrência de um acontecimento concreto, são tributárias das de “nomes de autor” e “de agente” de Benveniste ([1948] 1975); empregamos a designação ‘autor’ pressupondo esta diferenciação, assunto que será retomado na análise semântica destes produtos.

□ em exemplos como (ii)' e (iii)', a generalidade do argumento OD da base é também herdada pelos deverbais, que assim denotam entidades pensadas para/destinadas a realizar determinada(s) tarefa(s). A interpretação é, nestes casos, [+habitual] ou [-télica]: *O realizador de filmes/O simulador de voo(s)*, onde N_x representa um nome não eventivo, designador de um AG (*realizador*) ou de um INSTR (*simulador*), que tem por função $[V_b y]$, e que mantém a sua condição independentemente de exercer/effectivar ou não essa função.

Uma diferença cumpre, no entanto, assinalar a propósito deste último subtipo de formas. Os AG podem, como se disse atrás, viabilizar os dois tipos de interpretações:

acendedor de velas / realizador de filmes vs.
acendedor das velas $a e b$ / realizador dos filmes $g e d$

Como se deduz, o *acendedor das velas $a e b$* e o *realizador dos filmes $g e d$* designam indivíduos que, em determinado momento e/ou local, pratic(ar)am a acção expressa pelo V_b do derivado, sendo, portanto, nomes eventivos. Pelo contrário, o *realizador de filmes* é alguém que se define por ter como actividade profissional/ocupação realizar filmes tal como um *acendedor de velas* (PÚBLICO)¹⁰⁵ é o funcionário cuja actividade consiste em acender velas. Por seu turno, os INSTR definem-se sempre, como postulam Levin & Rappaport (1988), pelo traço [+habitual], dado serem encarados sempre como não eventivos: não manifestam uma realização concreta mas antes a capacidade de um objecto para efectuar determinada função ou tarefa. Comparem-se as diferenças entre os dois tipos seguintes de construções:

¹⁰⁵ PÚBLICO, 15/08/2004, pág. 24. A função dos acendedores de velas, tradução do francês *feutier* (veja-se, no sítio seguinte, uma análise sobre a própria palavra e a profissão que ela designa <http://lourdes2004.cef.fr/portrait_detail.php3?id_article=167&id_rubrique=6&lang=fr>), consiste em «acender os milhões de velas que os peregrinos compram e garantir que elas vão arder até ao fim». Este exemplo é bastante elucidativo de que as palavras não morrem, pois, de facto, o *acendedor* foi já o «indivíduo encarregado, antigamente, de acender e apagar os candeeiros de iluminação pública» (DLPC). A fonte de datação no HOUAISS para esta palavra é do séc. XV, embora não se explicita a definição da mesma. Outra questão é a da interpretação destes produtos como AG ou INSTR, que, como se constatará na análise semântica, é já do foro extralinguístico, decorrente de factores culturais ou pragmáticos.

O compactador de ficheiros não compactou os ficheiros (e e z).

vs.

** O compactador dos ficheiros (e e z) não os compactou.*

A agramaticalidade deste segundo tipo de enunciados reside na contradição que enforma, uma vez que o carácter determinado do SP (*dos ficheiros (e e z)*), que actualiza o Arg^{INT} da relação predicativa da base, supõe uma leitura eventiva, herdada da predicação do V_b: *x compactou y* [*os ficheiros (e e z)*].

Sendo *compactador* um INSTR, ele está programado – é por isto que se define – para realizar a acção de V_b, e não por a realizar pontual ou efectivamente, o que pode até não se verificar. Com efeito, um *(des)compactador de ficheiros* continua a ser um programa informático ainda que não *(des)compacte* ficheiro algum, tal como um *bloqueador de janelas publicitárias* ou um *simulador de voo* são um *bloqueador de janelas publicitárias* e um *simulador de voo* mesmo que nunca tenham sido efectivamente utilizados, mantendo até, depois de substituídos ou inutilizados, a sua identidade (não já, porventura, a capacidade) e designação. Daí que, como refere Grácia i Solé (1995: 22; 51), os INSTR, ao serem nomes não eventivos por natureza, são, à semelhança dos AG igualmente não eventivos, incompatíveis com SP determinados (que representariam a suposta herança de um OD também determinado do V_b).¹⁰⁶ Esta constatação remete-nos para um último aspecto que importa salientar e que tem a ver com a interpretação formal deste tipo de construções.

De facto, tal como as já referidas, formas como as seguintes são/foram também expressões sintácticas lexicalizadas, caracterizando-se pela estrutura [N_x de N_y], que lembra outro tipo de processos:

¹⁰⁶ Um INSTR pode ocorrer acompanhado de um SP determinado como em *fotocopiadora da empresa*. Contudo, aqui, esse SP representa um complemento possessivo e não já uma eventual herança de um argumento interno do V_b, pois, para além da incompatibilidade acima enunciada, uma construção como essa seria também agramatical por o item *empresa* não respeitar as condições necessárias para integrar a classe de objectos admitidos pelo V.

<i>acarretador de azeitonas / de cal / de pão</i>	Mendes 1953: 32 [<i>de azeitonas</i>], 131 [<i>de cal</i>]; RL, IV, 60 e XXXIII, 117 («o que acarreta o pão de casa dos moleiros») ¹⁰⁷
<i>azuladores de cabos de espadas</i>	Mendes 1953: 151 (ofício daqueles que azulam ou anilam o ferro/espadas) ¹⁰⁸
<i>atestador de vinho</i>	Silva 1971: 109 («comendo [os marinheiros dos rabelos] a costumada pá de peixe e bebendo o tradicional atestador de vinho»)
<i>calcador de calçadas</i>	Mendes 1953: 243 (nome de ofício) ¹⁰⁹
<i>cantador de pinheirais</i>	Carvalho 1970: 489 («homem enganado pela mulher»)
<i>contador de contos</i>	RL, XX, 155, 167 («intrusão, intriguista»)
<i>corredores de terra</i>	VITERBO («soldados, ou paisanos inimigos, que em tempo de guerra se lançam a fazer prezas nos bens moveis, ou semoventes dos seus contrarios, e mesmo a destruir as suas searas, e lavouras, e fazerem outros danos») ¹¹⁰
<i>cozêdor de louça</i>	RL, XX, 155 («homem que compõe louça»)
<i>entregadora de meninas</i>	RL, XXXV, 155 («mulher alcoviteira, sempre com fins desonestos») ¹¹¹
<i>moedor(es) de linho</i>	Mota 1958: 158 («moem o linho no engenho; engenheiros»)
<i>operador de câmara</i>	Madeira 1966: 56 («Enquadrador: menos usado que “operador de câmara” e “segundo operador”») ¹¹²
<i>polidor de esquinas</i>	Franco 1961: 170 («registada pelo I.L. em Juncal do Campo/Castelo Branco, Penacova e Peniche; indivíduo que passa a vida ociosamente, encostado às paredes, parecendo ocupar-se em limar as asperezas que nelas possam existir»)
<i>rascador de rebeca</i>	DEPP («mau executante de violino»)
<i>scalladores de casas</i>	VITERBO («os que á escala vista, com força e violencia entram nas casas, cometendo ou com animo de cometer, algum maleficio, com injuria, afronta, ou lesão dos seus moradores») ¹¹³
<i>serrador de valsa</i>	Castro 1945: 94 («violinista da Tuna Académica de Coimbra; aquele componente da mesma Tuna. Expressão originada nos movimentos feitos pelo arco do violino, semelhantes aos da serra quando corta qualquer coisa»)
<i>teédor de estradas e caminhos</i>	VITERBO («O ladrão público, que com mão armada, e violentamente, ocupa, tem e embarga estes lugares, roubando

¹⁰⁷ Actualmente, apenas *carregador (de fogo, mercadorias, etc.)* é registado como profissão pela CNP.

¹⁰⁸ *Azulador* não se regista hoje como profissão nem é atestado na maior parte dos dicionários consultados (surge, por ex., em GDLP e HOUAISS). Uma pesquisa na *Internet* devolveu resultados do item apenas em páginas brasileiras e espanholas, apontando usos como nome de substância química (pesquisa a 13/09/05: <<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=azulador&btnG=Pesquisar&meta>>).

¹⁰⁹ Na CNP apenas se registam como profissões *enalcador* e *decalcador de desenhos*. *Calcador* como INSTR em RL, XI, 299 e XII, 110 («pau que usam os moleiros para atacar a farinha nos folles ou sacos» ou «peça do moinho»), tal como *recalcador*, em RL, XXXV, 241 («um dos utensílios do ferreiro»).

¹¹⁰ «Os *corredores* cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviais dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro» (Herculano 1851: 2; o itálico é nosso).

¹¹¹ «Aquilo nã éi ‘ma mulhéri boa: éi ‘ma entregadora de meninas! (Portel)» (“Vocabulário Alentejano”, J. A. Pombinho Júnior, *Ibid.*).

¹¹² Trata-se de uma designação da linguagem técnica do cinema, não constando, nessa acepção, como profissão na CNP (registam-se aí outros tipos de profissão, como *operador de câmara de vácuo – tabaco* ou *operador de câmara de murchação de chá*).

¹¹³ Em DM e HOUAISS menciona-se também esta acepção. Moraes acrescenta ainda o «escalador de castellos» (*escalar*, no sentido de *assaltar, roubar, destruir*).

	os passageiros»)
<i>tiradores de prata branca e dourada</i>	Madureira 2001: 177 («fiandeiro que processa metais preciosos em vez de fibras vegetais ou animais»); também em Mendes 1953: 264 (AG) ¹¹⁴
<i>tocador de harmónio</i>	Pinho 1960: 49 («homem que acompanha as caminhadas – grupo de trabalhadores que levam em fila os cestos vindimos até ao lagar»)
<i>tritador de linho</i>	Mota 1958: 171 («engenho de moer o linho ou [no Minho] trutador de linho»)

Quadro 7. Produtos com estrutura [N_x de N_y]

Estes exemplos, a que poderíamos aduzir *arrumador de automóveis*, *atendedor de chamadas*, *fazedor de cidades*,¹¹⁵ *fingidora de necessidades* (JN),¹¹⁶ *gravador de voz*, *traçador de gráficos* (*plotter*), para além dos já atrás referidos e de outros designadores de profissões actuais de que a CNP dá conta,¹¹⁷ podem também servir para ilustrar estruturas semelhantes às dos compostos, de acordo com alguns autores. Booij (1988: 63), por exemplo, refere que quando os deverbais derivam de V TR, eles não ocorrem isolados, herdando e realizando sintacticamente o argumento interno do V_b (*producer of ice*, *taker of initiative*) ou como constituinte da esquerda em «compostos verbais» (*ice producer*, *initiative taker*). Em trabalhos ulteriores (Booij 2002, 2004), onde aborda as inter-relações entre morfologia e léxico, o autor postula que certas estruturas sintácticas do inglês e do holandês (entre as quais se incluem as que integram um verbal em *-er*) podem funcionar como verdadeiras palavras complexas, particularmente como compostos, com a mesma estrutura que os compostos nominais ordinários. Como sugere igualmente Gràcia i Solé (1995: 48-55) para o catalão, as construções em que o SN [N_{dor} de N] – não eventivas, portanto, – ocorre «presenten una clara similitud formal amb els compostos sinàptics» e podem, para além

¹¹⁴ Na CNP registam-se *tirador*, *tirador de cortiça* e *tirador (ou pregador) de teias*.

¹¹⁵ Jornal “O Interior”, 12/08/2004, pág. 8. Título de um artigo sobre um deputado que propôs, na despedida de funções na Assembleia da República, a elevação da sua terra-natal a cidade.

¹¹⁶ JN, 10/02/2004, pág. do leitor (36).

¹¹⁷ *Abridor-amaciador de juta e lã*, *Bordador à máquina*, *Cortador de peles (com pêlo)*, *Enchedor de bonecos de pano*, *Ligador de fibras*, *Misturador de algodão*, *Operador de máquina de tratamento de linho*, *Tratador de peixe, crustáceos e moluscos*, *Virador de malha tubular*, entre muitos outros. Como se constata, a estrutura destes N pode apresentar-se com diversos graus de complexidade e/ou extensão.

da semelhança ao nível formal, ser efectivamente consideradas palavras compostas. Com efeito, algumas destas construções comportam-se, umas de forma mais evidente que outras – existem diversos graus de composição/cristalização –, de modo similar aos compostos.¹¹⁸ Tal como estes, não parecem admitir, por exemplo, a intercalação de um elemento modificador entre os seus constituintes: *?arrumador cansado de automóveis/arrumador de automóveis cansado*; *?compactador avançado de ficheiros/compactador de ficheiros avançado*; *?traçador caríssimo de gráficos/traçador de gráficos caríssimo*. Em suma, este último tipo de construções, sendo nomes não eventivos (AG denotadores de actividades profissionais/ocupações e INSTR), herda toda a EA do V_b morfológica ou internamente (Gràcia i Solé 1995: 50-1), i.e., ambos os argumentos do V_b são integrados num SN que se assemelha a um composto com a estrutura [N_x de N_y]:

[*O realizador de filmes*] / [*O compactador de ficheiros*]

Os eventivos (AG denotadores/identificadores de indivíduos que realizam determinada acção ou que desempenham um determinado papel em certo momento), por seu lado, distinguem-se dos anteriores por herdarem o Arg^{INT} do V_b sintáctica ou externamente:

[*O organizador*] de [*o congresso*]

A actualização sintáctica destes argumentos internos pode ter ou não ter lugar, por razões mais ou menos acidentais,¹¹⁹ porém, eles integram a EA do predicador.

¹¹⁸ Sobre a questão dos diversos graus de composição e fixação deste tipo de estruturas, veja-se também Anscombe 1990.

¹¹⁹ Como Booij (1988: 61-3) salienta, os derivados em *-er* herdam o argumento directo interno do V_b: muitos deles (os que derivam de V_b com um argumento interno directo obrigatório), não ocorrem sem esse complemento. As excepções existentes são lexicalizações em que o argumento adquire um semantismo fixo e não é realizado sintacticamente, como em *ocupador* ('estrangeiro de um país') ou *reformador* ('da Igreja católica') ou, então, no caso de contextos elípticos (Booij & Haaften 1988: 32), em que o complemento é facilmente recuperável.

3.2.3. Estrutura semântica

De acordo com o princípio da unicidade semântica (Corbin 1987: 485-6), a cada RFP subjaz uma única OS, condição indispensável para manter a identidade daquela.¹²⁰ Tal não impede que a operação possa conter variantes.

Ao resultarem da RFP^{AG} e em virtude da unicidade semântica que caracteriza e garante a identidade das RFP, os produtos em análise apresentam-se previsível e sistemicamente como AG e/ou INSTR. É essa a sua significação regular, a que se agregam, em alguns casos, significações não genéricas, figurais e/ou convencionais, previstas na própria operação semântico-derivacional.¹²¹ Sendo os produtos em estudo parafraseáveis por “aquele que V” ou por “aquilo (com) que (se) V”, as fórmulas são suficientemente genéricas para que a RFP possa admitir essas variações.¹²² Por outro lado, o princípio atrás referido não obsta igualmente a que existam interferências entre regras, porque, como salienta Rio-Torto (1998b: 131), as RFP modelam-se «numa estrutura de parecença de família, em que as regras mantêm relações não apenas bilaterais, mas também multilaterais.» Neste âmbito, procuraremos analisar que tipo de relações (intra-) e/ou (extra)paradigmáticas se estabelecem e de que modo(s) tais intersecções se verificam.

¹²⁰ A autora afirma também aí a necessidade de que esta OS seja parafraseada de modo bem abstracto (o que está na base, segundo a autora, de alguns eventuais desfasamentos entre o significado previsível – conferido pela RFP – de uma dada palavra e aquele(s) com que ela se pode encontrar atestada nos dicionários). Como salienta também Rio-Torto (1998b: 111), «a operação semântica que preside a cada RFP não substitui nem esgota a complexidade semântica do produto construído.»

¹²¹ Corbin 1991: 21-3 e Rio-Torto 1993: 145. Os mecanismos responsáveis pela afectação de propriedades semânticas não sistémicas são de diversos tipos: significações não sistémicas presentes, logo à partida, na base e/ou afixo; lexicalizações; significações figurais e significações enunciativo-pragmáticas. Para Booij (1986: 504-7) são “*extension rules*” as que permitem derivar outros significados do significado mais prototípico de cada processo de formação de palavras e explicar, assim, a polissemia característica de alguns sufixos, entre os quais *-er*. A este propósito, vd. ainda Faitelson-Weiser 1993: 122-30.

¹²² Villalva (2000: 191), identificando sufixo com OSC, observa que «um mesmo sufixo pode realizar diferentes categorias morfossemânticas: os derivados que integram o sufixo *-dor* podem ser interpretados como nomes agentivos ou instrumentais». Relativamente aos argumentos implicados nas paráfrases, a diferenciação entre ‘aquele’ e ‘aquilo’ remete para o carácter [\pm animado] dos referentes.

3.2.3.1. Valores semânticos dos produtos em *-dor*

Partindo da descrição da informação inventariada no *corpus*, aduzem-se de seguida os resultados do tratamento quantitativo levado a cabo, quanto aos semantismos encontrados. Também ao nível semântico, à semelhança do que ocorre, como já vimos, com a classificação categorial, o dicionário adopta distintos critérios de apresentação da informação, nomeadamente no domínio das paráfrases e da consequente caracterização semântica das unidades. Deste modo, num primeiro momento, apresenta-se a informação tal como é disponibilizada no DLP, i.e., repartindo os derivados por um número de séries correspondente ao dos tipos das paráfrases veiculadas no dicionário (indica-se, também, a categorização sintáctica de cada item). Ao mesmo tempo, analisam-se os vários níveis/tipos de significações (co)presentes nas unidades lexicais.

□ Série AG (“aquele que V_b”)

Exemplo: *Treinador*: «adj. e s. m. que ou aquele que treina, principalmente em exercícios de desporto.» Outros:

A/S ¹²³		S	
<i>abastecedor</i>	<i>mergulhador</i>	<i>abortador</i>	<i>estofador</i>
<i>apresentador</i>	<i>mobilador</i>	<i>ajustador</i>	<i> fingidor</i>
<i>bebedor</i>	<i>pesquisador</i>	<i>anotador</i>	<i>forrador</i>
<i>certificador</i>	<i>realizador</i>	<i>apostador</i>	<i>guardador</i>
<i>cobrador</i>	<i>rufador</i>	<i>asfaltador</i>	<i>historiador</i>
<i>consumidor</i>	<i>sabedor</i>	<i>atador</i>	<i>montador</i>
<i>escalador</i>	<i>segurador</i>	<i>atribuidor</i>	<i>possuidor</i>
<i>fiscalizador</i>	<i>sonhador</i>	<i>caiator</i>	<i>prefaciador</i>
<i>fumador</i>	<i>tosquiador</i>	<i>capador</i>	<i>recompilador</i>
<i>impulsionador</i>	<i>trabalhador</i>	<i>cinzelador</i>	<i>tecedor</i>
<i>instalador</i>	<i>transportador</i>	<i>compendiador</i>	<i>tatuador</i>
<i>jogador</i>	<i>vencedor</i>	<i>drenador</i>	<i>vidrador</i>

Os produtos nominais – os que aqui se encontram em estudo – definem-se pelo traço [+animado] e, na relação predicativa, podem veicular dois grandes tipos de conteúdos semânticos:¹²⁴

¹²³ Na análise das unidades descritas pelo dicionário como ambivalentes (A/S), em todo o presente trabalho, apenas constitui objecto de estudo o valor substantival.

¹²⁴ Estes dois grandes tipos de conteúdos relacionam-se, de algum modo, com as noções de «nomes de autor» e «nomes de agente» propostas por Benveniste. Segundo o autor, os «nomes de autor» referem o

- a) conteúdo pontual ou ocasional: denotam pessoas relativamente a acções concretas que praticam ou ao papel que desempenham em certo momento. A classe semântico-aspectual da construção predicativa determina o carácter [±perfectivo] do derivado (V_b prototipicamente de *achievement* ou *accomplishment* criam produtos [+perfectivos] – *dador, vendedor, vencedor* – e V_b de actividade/processo ou de estado – *fumador, sonhador, habitador*,¹²⁵ *morador*, etc. – induzem carácter cursivo ou [-perfectivo]). Quando ocorrem isoladamente, os derivados A/S têm interpretação nominal (*António é (um) mergulhador*); contudo, se modificados por adjuntos, ganham interpretação verbal (*António é um bom mergulhador* equivale a *António mergulha bem*).¹²⁶
- Pelo contrário, os agentivos S têm sempre interpretação nominal, o que levanta algumas dúvidas relativamente à categorização de alguns destes derivados no DLP (veja-se a alínea seguinte).
- b) valor genérico ou disposicional:¹²⁷ realização habitual de uma acção/função social (designadores de grupos profissionais: *estofador, historiador, tecedor*) ou tendência para um determinado comportamento (caracterizam grupos/géneros de pessoas: *consumidor, impulsionador, trabalhador*). Os do

sujeito que é autor de um acto particular, passado (realizado) ou presente (momentâneo mas actual). Por seu turno, os «nomes de agente» denotam uma pessoa ou um instrumento a partir da sua função, ainda que esta não seja, por aqueles, exercida na realidade, já que «il suffit qu'on soit destiné à une fonction, pour que le nom d'agent se justifie» (Benveniste [1948] 1975: 60).

¹²⁵ Também *elaborador* como sinónimo de *sonhador*, e *habitador*, de *habitante* (em Souselo, Cinfães do Douro, 2004, através de conversas informais). Este último, também em Herculano (1844: 23 [«os vascónios, *habitadores* selvagens das cordilheiras dos Pirinéus»]) e Camões ([1572] 1987: X.121.1): «Ganges, no qual os seus *habitadores*/Morrem banhados» (os itálicos são nossos).

¹²⁶ Basílio (1980: 91-3) fala, a propósito dos derivados em *-dor*, nestes dois níveis de significado: o lexical (quando o derivado denota 'alguém com a função de V_b', o que não implica a realização concreta da tarefa) e o verbal ('alguém que V_b', que corresponde ao «autor» de Benveniste). Os agentivos A, de que aqui não tratamos, têm sempre, como a autora refere, significado verbal.

¹²⁷ Laca (1993: 194) propõe os seguintes testes para distinguir os subtipos deste valor: os designadores de profissões, ao invés dos caracterizadores, não têm, na predicação nominal, artigo nem admitem variação em grau (**O João é muito estofador*). Por outro lado, de acordo com Bosque (1998: 109-10), as substantivações valorativas a partir de A de pessoa (e que podem integrar a qualquer momento esta lista de vocábulos designadores de 'tendência para um determinado comportamento') são particularmente visíveis quando os A em causa apontam para qualidades negativas.

primeiro subtipo são, ao contrário dos do segundo, referencialmente autónomos, pelo que estes AG deveriam, à partida, tender a categorizar-se como S e A/S, respectivamente. Por isso, poderá ser alvo de alguma controvérsia a classificação, no DLP, de unidades como *fingidor* ou *apostador* como S ou *apresentador*, [?]*cobrador* ou [?]*mergulhador* como A/S.

Embora seja possível determinar, em grande parte dos casos, a significação mais típica de cada produto, é necessário ter em conta o papel incontornável do contexto (EA). Observem-se os seguintes enunciados:

- | | |
|---|---|
| (i) O António arruma automóveis. | (i)' O arrumador de automóveis é o António. |
| (ii) A Luísa arruma o automóvel. | (ii)' A arrumadora (do automóvel) é a Luísa. |

De facto, as mesmas unidades (base e produto) podem ter várias leituras consoante o contexto em que se encontram inseridas. Neste caso, é da quantificação/determinação do OD essa responsabilidade: se (i) e (i)' denotam a actividade classificadora ou caracterizadora do sujeito da frase, (ii) e (ii)' representam já situações de *accomplishment*/não habituais, onde se entende que o sujeito não tem como hábito/actividade profissional 'arrumar carros', apenas realizando essa acção em determinado momento.¹²⁸

Um grupo de AG (A/S) está igualmente disponível para veicular, por metonímia, um semantismo que se afigura colectivo e, por isso mesmo, menos concreto. Em formas como *abastecedor*, *certificador*, *distribuidor*, *fiscalizador*, *operador*, *segurador*, *transportador*, *urbanizador*, entre outros, o produto refere-se, em muitos dos usos, a

¹²⁸ Como refere Basílio (1981: 92-4), quando se trata de N classificadores ou caracterizadores o nível de significado é o lexical e, quando se trata de identificadores, o significado da palavra é verbal (cf. também a já referida distinção entre nomes de autor/nomes de agente, em Benveniste [1948] 1975: 60).

uma empresa, companhia, grupo, sistema ou entidade. Casos semelhantes a estes serão abordados aquando do tratamento das formas em *-dora*.

□ **Série INSTR (“aquilo (com) que (se) V_b”)**

Exemplo: *Fervedor*: «s. m. utensílio de cozinha destinado a ferver o leite, etc.» Outros:

A/S		S	
<i>apagador</i>	<i>ralador</i>	<i>agrafador</i>	<i>obliterador</i>
<i>estabilizador</i>	<i>regador</i>	<i>compactador</i>	<i>refrigerador</i>
<i>furador</i>	<i>regulador</i>	<i>enxugador</i>	<i>retesador</i>
<i>gaseificador</i>	<i>respirador</i>	<i>esquentador</i>	<i>ripador</i>
<i>incubador</i>	<i>secador</i>	<i>estirador</i>	<i>serrilhador</i>
<i>oscilador</i>	<i>silenciador</i>	<i>fervedor</i>	<i>sulfurador</i>
<i>perfumador</i>	<i>transferidor</i>	<i>grelhador</i>	<i>tapador</i>
<i>planador</i>	<i>vaporizador</i>	<i>humidificador</i>	<i>vinificador</i>
<i>polarizador</i>		<i>nebulizador</i>	<i>virador</i>

Estes produtos caracterizam-se pelo traço [-animado] e designam objectos concretos: aparelhos, maquinismos ou partes dos mesmos. São, como refere Laca (1993: 195), «la contraparte inanimada de los sustantivos personales clasificantes» e integram-se igualmente nos «nomes de agente» (Benveniste [1948] 1975: 60) ao denotarem um instrumento a partir da sua função, que realizam efectivamente ou para a qual foram concebidos. Como significações convencionais veiculadas por esta classe, decorrentes de especializações semântico-referenciais e em co-presença ou não com a genérica, destacam-se (entre parêntesis, indicam-se diferenças – nos casos em que existem – a partir do confronto entre a informação no DLP/no DLPC):

- Um conjunto de vocábulos que designa produtos ou substâncias químicas/biológicas:¹²⁹ *branqueador*, *bronzeador*, *catalisador*, *cintilador*, *coagulador*, *despolarizador* (não no DLPC), *dulcificador* (DLPC: *dulcificante*), *endurecedor* (a significação convencional ‘substância’ apenas

¹²⁹ De acordo com Rainer (2004: 104), a primeira palavra atestada em espanhol com significado de INSTR é ‘cobertor’, em 1267. Refere-se ainda que os primeiros usos designavam primordialmente instrumentos simples, mas que se registavam também algumas designações de substâncias. Também *fertilizador* é registado (DLP e DLPC) como sinónimo de *fertilizante*, contudo, como outros, não se encontra nesta secção devido a ser um INSTR/AG.

se explicita no DLPC), *estabilizador, fertilizador, fixador, imunizador, indicador, inibidor, insulador, isolador, irritador* (DLPC: *irritante*), *lambedor, mediador, mineralizador, moderador, reforçador* (a significação convencional ‘substância’ apenas se explicita no DLPC), *revelador, vitalizador*.

- Um conjunto de vocábulos que designa noções/elementos de ordem matemática: *denominador, diminuidor, multiplicador, numerador, operador* (tal como os anteriores, não sendo instrumentos prototípicos, têm presente a ideia de finalidade).

Uma proposta classificativa de tipos de instrumento é a de Marantz (1984: 246), que considera a existência de instrumentos facilitadores e de outros intermediadores. Confrontemos os seguintes exemplos, onde em ambos se observa a presença de um SP com papel temático de ‘instrumento’:¹³⁰

- (i) O atleta *salta* o obstáculo com a *vara*.
 - (i)’ **a vara salta* o obstáculo (ou **a saltadora* (vara) *salta* o obstáculo)
- (ii) A aluna *apaga* o quadro com o *apagador*.
 - (ii)’ o *apagador* apaga o quadro.

Enquanto os facilitadores (i)) se definem por auxiliarem na execução da acção do V_b (mas não a realizarem de facto), os intermediadores (ii)) representam INSTR que realizam mais efectiva ou autonomamente essa acção e, assim, os únicos a poder ser actualizados na posição de SUJ (Arg^{EXT}). Desse modo, e porque os derivados em *-dor/a*

¹³⁰ O autor dá exemplos semelhantes aos seguintes: *O rapaz come a sopa com uma colher* (**A colher come a sopa*)/*O vizinho abre a porta com a chave* (*A chave abre a porta*). Sobre o PapTEM de ‘instrumento’ para a posição de argumento externo, veja-se Keyser & Roeper (1984: 395) e a impossibilidade de tal ocorrer em holandês, segundo Booij (1988: 72).

se referem sempre, como vimos no ponto anterior, ao argumento externo do seu V_b, os INSTR classificar-se-ão, neste ponto de vista, como intermediadores.¹³¹

□ **Série AG/INSTR (“aquele/aquilo (com) que (se) V_b”)**

Exemplo: *Frisador*: «s. m. indivíduo que frisa; máquina de frisar». Outros:

A/S		S	
<i>alimentador</i>	<i>moldador</i>	<i>apontador</i>	<i>marginador</i>
<i>amassador</i>	<i>orientador</i>	<i>arrolhador</i>	<i>pasteurizador</i>
<i>analizador</i>	<i>parafusador</i>	<i>calçador</i>	<i>polidor</i>
<i>dragador</i>	<i>pesador</i>	<i>carregador</i>	<i>queimador</i>
<i>enxofrador</i>	<i>picador</i>	<i>codificador</i>	<i>rebarbador</i>
<i>esborralhador</i>	<i>raspador</i>	<i>escovador</i>	<i>relatador</i>
<i>esterilizador</i>	<i>seleccionador</i>	<i>fiador</i>	<i>soldador</i>
<i>girador</i>	<i>semeador</i>	<i>filtrador</i>	

□ **Série INSTR/AG (“aquilo (com) que (se)/aquele que V_b”)**

Exemplo: *Afinador*: «adj. e s. m. que, aquilo ou aquele que afina ou serve para afinar».

Outros:

A/S		S	
<i>abafador</i>	<i>limpador</i> ¹³²	<i>andador</i>	<i>desinfetador</i>
<i>apreendedor</i>	<i>mexedor</i>	<i>bobinador</i>	<i>maneador</i>
<i>brunidor</i>	<i>obturador</i>	<i>atestador</i>	

Integrando-se o sufixo na formação quer de AG quer de INSTR,¹³³ a distinção entre ‘aquele’ e ‘aquilo’ remete para o carácter [±animado] dos referentes, questão de âmbito extralinguístico.¹³⁴ Preconiza-se aqui, portanto, a proximidade entre o AG de uma tarefa e o INSTR que serve para a realizar, possibilitando uma transferência de capacidade designadora (homem>máquina) e que abre caminho, de acordo com Booij

¹³¹ Gràcia i Solé (1995: 42-3) levanta algumas dúvidas face à classificação, em catalão, de todos os INSTR como intermediadores. Como conclui a autora, esta questão ultrapassa os limites da morfologia.

¹³² Em artigo, no Jornal “Record” (11/04/05, pág. 14), e frequentemente na gíria desportiva, qualifica um jogador que jogou/a bem, anulando sempre as investidas do adversário.

¹³³ Scalise (1994: 118-20) considera a existência de uma “ambiguidade sistemática”. A situação é, pois, semelhante à do sufixo nominalizador *-er* inglês, que serve também os processos de nominalização AG e INSTR (Comrie & Thompson 1985: 351-55).

¹³⁴ Como menciona Benveniste ([1948] 1975: 61) a propósito da distinção AG/INSTR, «il importe peu que ces mots en *-(t)eur* désignent des hommes ou des instruments, c’est là affaire de «parole», de nécessités locales et imprévisibles. On ne devinerait pas, si on ne le savait, que chauffeur s’applique à un homme, brûleur à un appareil, et il est d’ailleurs inévitable, dans une civilisation de plus en plus mécanisée, que les tâches humaines s’assimilent à des fonctions d’instruments.» Meyer-Lübke (1895: 611) menciona um «déplacement de sens». Vd. também Ali [1931] 1964: 237.

(1986; 1988), a instanciações menos típicas da categoria AGENTE. A significação genérica ou “potencial” desta será AGENTE (pessoal), que se desdobra, num processo evolutivo, em “significados actuais ou de inventário” AGENTE (impessoal) e INSTRUMENTO, distinguindo-se estas duas subcategorias semânticas pelo carácter [±automático] do dispositivo/objecto que designam e pela ordem sequencial que apresentam.¹³⁵ Oposta é a posição de Rainer (2004), ao demonstrar que, em espanhol, a categoria intermédia só surgiu mais tarde e que «las primeras extensiones (...) transformaron Agentes Personales directamente en Instrumentos, sin pasar por la categoría, todavía inexistente, del Agente Impersonal».¹³⁶

Paralelamente, um conjunto algo significativo de vocábulos cuja caracterização semântica se anuncia mais problemática, dada a generalidade e o grau de vagueza da paráfrase com que são apresentados.

A única informação disponibilizada é a própria paráfrase (“O que V_b”) que, ao poder integrar simultaneamente os traços [+humano] e [-animado] remete para a ambiguidade semântica do sufixo.¹³⁷

Designemos, por ora, este grupo de unidades pela própria paráfrase:

¹³⁵ São estas “extension rules” que permitem explicar a polissemia dos “nomes-sujeito” criados pelo sufixo *-er*; o AGENTE (impessoal) define-se, segundo Booij (1986: 510), como [+automático] e o INSTRUMENTO como [-automático]. As designações “potencial” (resultado da OS sobre um elemento lexical de base) e “significados actuais ou de inventário” (determinados por necessidades designativas; mais restritos e concretos que o anterior e que se ordenam no léxico em “esquemas de lexicalização” a que correspondem as tradicionais categorias taxinómicas – nomes de profissão, de instrumento, de lugar, etc.) são empregadas por Laca (1993: 182-3).

¹³⁶ Rainer 2004: 117. Para este autor, as teses da extensão metonímica (AG>INSTR por estes últimos se terem tornado mais automáticos ou autónomos) ou a da origem elíptica (primitivos A que acompanhavam S depois desaparecidos) para explicar a génese do uso INSTR (e também para a do LOC) destes derivados não se afiguram creíveis. Defende antes que os S de INSTR foram, na sua origem, “criações independentes” e que «el patrón instrumental nominal heredado de la Edad Media seguía y sigue siendo productivo» (*Ibid.*: 109).

¹³⁷ Essa ambiguidade é reveladora, como demonstra Booij (1986: 503), da ausência de correspondência biunívoca absoluta entre forma e significado nas línguas naturais.

□ Série “O QUE V_b”

Exemplo: *Cobridor*: «s. m. o que cobre.» Outros:

A/S	S
<i>abraçador</i>	<i>cunhador</i>
<i>acabador</i>	<i>derrubador</i>
<i>achegador</i>	<i>encerador</i>
<i>adaptador</i>	<i>encurtador</i>
<i>adubador</i>	<i>endurecedor</i>
<i>afastador</i>	<i>entravador</i>
<i>agarrador</i>	<i>espalmador</i>
	<i>acafelador</i>
	<i>amarrador</i>
	<i>amolador</i>
	<i>paginador</i>
	<i>platinador</i>
	<i>presador</i>
	<i>transmigrador</i>

Por último, um número muito pouco significativo de itens caracteriza-se por associações INSTR/AG/LOC:

□ Série INSTR/LOC (“aquilo (com) que (se)/local onde (se) V_b”)¹³⁸

cristalizador: «s. m. compartimento das marinhas, onde se cristaliza o sal; pequeno prato de vidro usado nos laboratórios para obtenção de cristais por evaporação de soluções.»

mostrador: «adj. (...), s. m. balcão envidraçado em que, nas lojas, se expõem os objectos destinados a venda; superfície dos relógios onde são indicadas as horas e as suas fracções.»¹³⁹

Os usos INSTR e LOC nem sempre são fáceis de distinguir. A intersecção entre ambas as categorias semânticas é mais visível, como salientam vários autores,¹⁴⁰ num determinado grupo de INSTR, os designadores de objectos recipientes ou continentes, caracterizados por fortes implicações locativas. Formas em que essa acepção LOC poderá não ser tão evidente são: *defecador*, *escalfador*, *escarrador*, *esticador*, *estirador*,

¹³⁸ Ou LOC/INSTR. A ordem, aqui, tal como na série subsequente, é arbitrária.

¹³⁹ Fernandes (1965: 289) regista *mistrador* [sic] com idêntico significado (‘balcão’). Em RL, XV, 339, ocorre *mostrador*, contudo, não se trata da mesma palavra, uma vez que, aí, está por *administrador*.

¹⁴⁰ V.g., Rainer (2004: 98), que menciona que já Meyer-Lübke havia observado essa ambiguidade em relação ao italiano. Veja-se também Rio-Torto 1998b: 125. Estas intersecções são mais visíveis numas línguas do que noutras. Em húngaro, por exemplo, utiliza-se o mesmo sufixo para designar LOC, INSTR e AG (cf. Comrie & Thompson 1985: 355).

*incensador, perfumador ou ?provador.*¹⁴¹ Apesar de a paráfrase da significação convencional deste tipo de produtos poder incluir marcas de lugar para se tornar mais explícita (“objecto em que/onde se V_b”), todos estes produtos admitem a paráfrase genérica atribuída pela OS, que é válida para todos os INSTR (“que serve para V_b”).

□ **Série AG/LOC (“aquele que”/local onde (se) V_b)**

espadelador: «s. m. aquele que espadela; espadeladouro (tábua ou cortiço onde se apoia a mão com o linho que se espadela; sítio onde se faz a espadelagem).»

corredor: «1. adj. (...), s. m. aquele que corre; indivíduo que toma parte em corridas. 2. s. m. passagem estreita no interior de uma casa; galeria; caminho estreito (...).»¹⁴²

Determinadas as séries e excluídos os produtos exclusivamente adjectivais (127 unidades no DLP e 8 na RL), estabelece-se a seguinte repartição (1.^a versão) pelos diferentes valores semânticos:

Séries Semânticas	Categorias Sintácticas		TOTALS	
	(A/S)	(S)	Unidades	%
AG	1232	246	1478	70,41
AG/INSTR	159	44	203	9,67
INSTR	96	120	216	10,29
INSTR/AG	26	10	36	1,72
“O QUE V _b ”	144	17	161	7,67
INSTR/LOC	1	2	3	0,14
AG/LOC	1	1	2	0,10
			2099	100%

Quadro 8. Distribuição dos derivados em –dor por séries semânticas/categorias sintácticas (DLP) – 1.^a versão

¹⁴¹ Parece haver influência estrangeira na utilização deste item como LOC: «agora, o quarto de provas já se chama, como dizem os espanhóis, “**provador**”» (*Expresso das Nove*, em linha, 04-02-05: <<http://www.expressodasnoves.com/noticia.php?id=296>>); «a existência de um **provador** para homens e outro para mulheres, ainda que numa sala aberta sem cabines individuais, é outra das novidades.» (*Público*, em linha, 04/12/04: <<http://66.102.7.104/search?q=cache:K7VGLFGRd94J:jornal.publico.pt/publico/2004/12/04/LocalLisboa/LL08.html+provador+roupa&hl=pt-PT&lr=&strip=1>>). O DLP e o DLPC apenas o registam como nome de profissão: ‘aquele que prova produtos alimentares e bebidas, escanção’. O HOUAISS aduz a esta acepção a de INSTR («instrumento de efetuar provas, exames ou verificações») e a de LOC, «cabine de prova em lojas de roupas», dada como regionalismo do Brasil.

¹⁴² Na RL, XVI, 231/247 (em “Notas á margem do novo dicionário”, Óscar de Pratt): *Corredor*: lata – «Lata é um corredor [= renques de vides dispostas em armação] pouco extenso, de vinha alta»; no vol. XXIII, 133, em “Palavras do arquipélago da Madeira”, de E. Ribeiro: «armação de madeira ou ferro, de forma de ramada. Corredora: passagem estreita ou comprida no interior duma casa».

Elaborado com base nestes dados, o gráfico seguinte (Gráfico 7) demonstra o contributo das categorias sintáticas S e A/S, dentro de cada uma das séries semânticas atrás enunciadas, na globalidade dos produtos do *corpus* DLP:

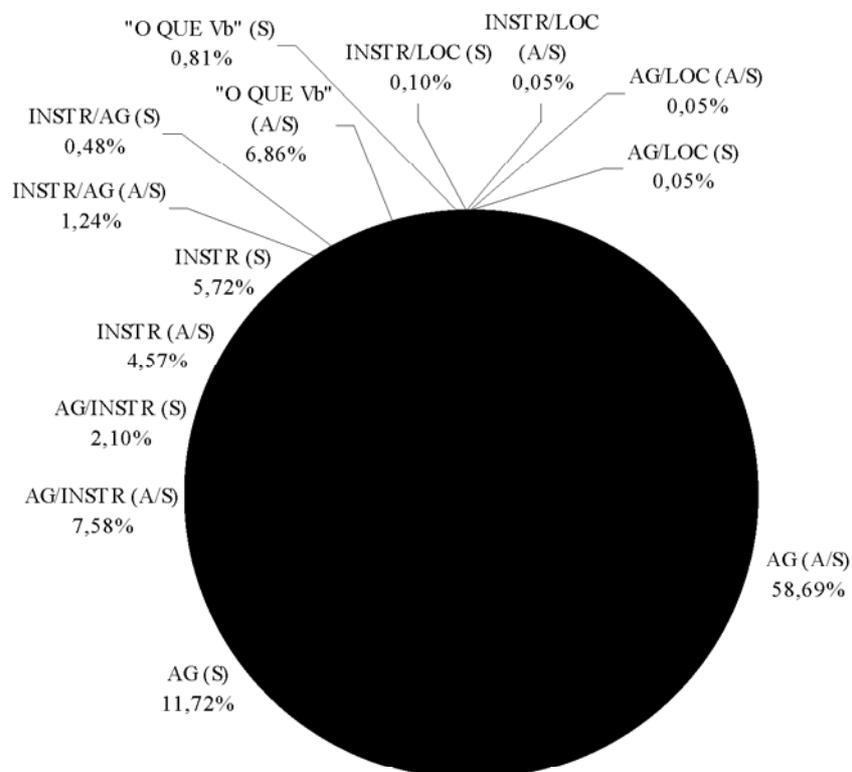


Gráfico 7. Derivados em *-dor*: séries semânticas/categorias sintáticas (DLP)

Relativamente aos vocábulos em que não é fornecido nenhum tipo de contexto ou informação adicional (previamente incluídos na série “O que V_b”), recorreu-se ao confronto com outros dicionários e aos *corpora* ILB e RL, em busca de eventuais usos/caracterizações dos vocábulos.¹⁴³ A partir dessa análise, tornou-se possível determinar três subgrupos e incluir os 161 derivados em causa nas séries já anteriormente elencadas, seguindo o padrão dos exemplos seguintes:

¹⁴³ Os dicionários são os citados na bibliografia e ao longo do trabalho, tendo-se, nesta tarefa concreta, recorrido especialmente a: DLPC, GDLP, DM, DEPP e DELP. Ao mesmo tempo, e de um modo particular nos casos em que esse confronto não desofuscou as dúvidas, procurou-se identificar usos contextuais dos produtos recorrendo à imprensa, *Internet*, ou actos de fala informais. Os produtos para os quais, decorrido este processo, não se identificaram usos contextuais/informações adicionais, foram inseridos na série AG/INSTR.

“O QUE V_b”¹⁴⁴

Série **AG** (36 unidades); exemplos:

A/S	S
<i>acabador</i> (DLPC) <i>achegador</i> (GDLP e DEPP) <i>adubador</i> (DLPC) <i>agarrador</i> (DLPC) <i>ajuntador</i> (DLPC e Tavares 1970: 104) <i>alfabetador</i> (DLPC) <i>alinhador</i> (GDLP) <i>alterador</i> (DLPC) <i>encerador</i> (DLPC) <i>encurtador</i> (DM)	<i>amolador</i> (DLPC e Mendes 1953: 235) <i>paginador</i> (DLPC) <i>presador</i> (GDLP)

Série **AG/INSTR** (120 unidades); exemplos:

A/S	S
<i>abraçador</i> <i>adaptador</i> (DLPC e Madeira 1966: 136) <i>afastador</i> (DLPC) <i>derrubador</i> (DEPP) <i>entravador</i> <i>espalmador</i> (GDLP) <i>magnetizador</i> (DLPC)	<i>acafelador</i> (DM e DELP) <i>amarrador</i> <i>platinador</i> <i>transmigrador</i>

Série **INSTR** (4 unidades):

A/S	S
<i>aguçador</i> (DLPC) <i>endurecedor</i> (DLPC) <i>escumador</i> (DLPC)	<i>cobridor</i> (GDLP)

No Quadro 9, reúnem-se vocábulos anteriormente distribuídos por séries distintas: AG/INSTR e INSTR/AG passam a constituir uma única categoria (AG/INSTR), tal como sucede com AG/LOC e INSTR/LOC, que passam a LOC. Colateralmente, comparam-se os resultados do DLP com os da RL (Quadro 10):

¹⁴⁴ A seguir a cada exemplo encontra-se, entre parêntesis, a sigla da fonte que permitiu a interpretação/inclusão do produto na série em que se encontra (quando não existe indicação é porque não foram encontradas atestações além da do DLP). A categorização sintáctica é a que consta no DLP.

Séries Semânticas	Categorias Sintáticas		TOTAIS
	(A/S)	(S)	
AG	1267	248	1515
AG/INSTR	290	69	359
INSTR	100	120	220
LOC	2	3	5
			2099

Quadro 9. Distribuição dos derivados em *-dor* por séries semânticas e categorias sintáticas (DLP) – 2.ª versão

Séries Semânticas	Categorias Sintáticas		TOTAIS
	(A/S)	(S)	
AG	34	40	74
AG/INSTR	10	5	15
INSTR	0	36	36
LOC	0	2	2
			127

Quadro 10. Distribuição dos derivados (*-dor*) por séries semânticas e categorias sintáticas (RL)

Tal como sucede no *subcorpus* do DLP, também no da RL sobressai, bem demarcadamente, o valor AG dos derivados em *-dor*. Por outro lado, os INSTR surgem em segundo lugar na RL, enquanto são terceiros no DLP (seguem os AG/INSTR), como se pode visualizar nos gráficos seguintes, elaborados com base nos dados anteriores. O Gráfico 8 apresenta os que dizem respeito ao DLP e o Gráfico 9 os relativos à RL:

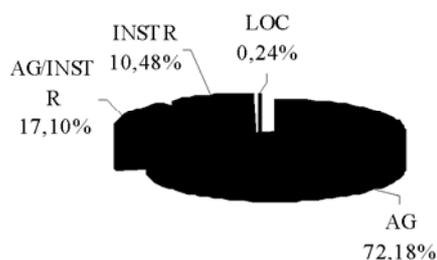


Gráfico 8. *-dor*: séries semânticas (DLP)

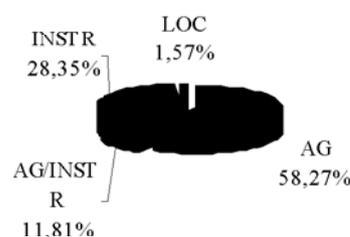


Gráfico 9. *-dor*: séries semânticas (RL)

Como se apura, as significações AG e INSTR constituem os significados sistémicos e estruturais aduzidos pela OSC da RFP.

A ocorrência de unidades isoladas que têm associados significados LOC é complementar e accidental. A comprová-lo está o facto de este significado não ocorrer como exclusivo em nenhuma dessas unidades, associando-se sempre a um dos (ou aos dois) significados sistémicos:

- *cristalizador* e *mostrador* designam tanto sítios ou locais como instrumentos, enquanto em *corredor* e *espadelador* o significado LOC só surge após o AG (sendo que *espadelador* agrega antes ainda o significado INSTR).¹⁴⁵

No que toca à repartição, no interior de cada série semântica dos produtos de acordo com a sua categorização sintáctica, impõem-se também algumas considerações.

Observemos, antes de mais, essa repartição nos gráficos seguintes, elaborados com base nos dados anteriormente descritos, e que permitem igualmente visualizar, além dessa distribuição, a contribuição das categorias no total de produtos e em cada série semântica.

O Gráfico 10 apresenta os dados que dizem respeito às unidades compendiadas no DLP e o Gráfico 11 os relativos às que foram recolhidas na RL:

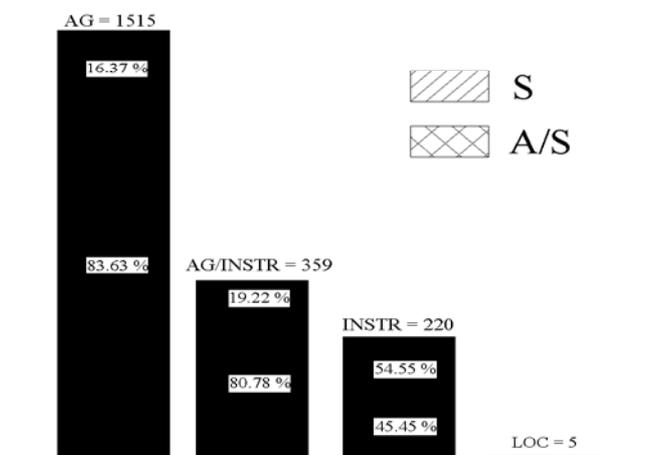


Gráfico 10. Categorias sintáticas dos derivados em -dor nas séries semânticas (DLP)

¹⁴⁵ Em alguns casos, -dor parece ganhar essa associação LOC por influência de -douro; de facto, são frequentes as remissões, nas descrições lexicais, para uma forma construída com este sufixo. Isto verifica-se também, por exemplo, em *espadelador* (*espadeladouro*). *Acarradôr*, uma das duas formas LOC na RL (a outra é *corredor*, já referida em nota anterior), é outro dos casos, porquanto remete para uma forma em -douro, e é simultaneamente uma excepção ao que se menciona acima, pois apenas se define como LOC: «o mesmo que acarradouro ou acarro (sítio onde os gados no verão passam as horas da calma)» (RL, XXV, 60; em “Vocabulário alentejano”, J. A. P. Júnior). Esta influência inter-sufixal, ou, noutra perspectiva, pura redução fonética de -douro em -dor, é noticiada também nos relatórios do ILB em relação a vocábulos como: *pregador*, “púlpito, lugar onde se prega”, *lavador*, “lugar onde se lava”, *esbalanciador*, “lugar onde se baloiça” e *enjoelhador*, “lugar onde se ajoelha” (cf. Pereira 1972: 123). No espanhol, existe uma série de locativos em -dor que Laca (1993: 184) classifica como «fechada», pelo carácter accidental face à OS que os constrói.

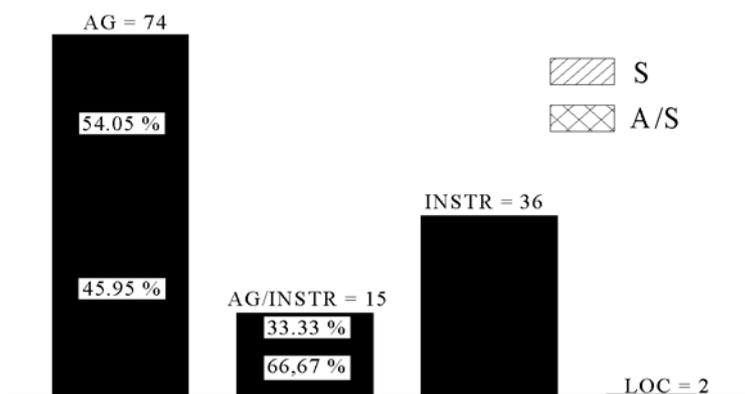


Gráfico 11. Categorias sintáticas dos derivados em *-dor* nas séries semânticas (RL)

O número menor de AG (S), comparativamente com os AG (A/S), parece indicar que os S em cuja formação intervém o sufixo são tendencialmente mais caracterizantes do que classificadores.¹⁴⁶ Denotam, portanto, na sua maioria, executores de acções genéricas, com tendência para determinados(s) comportamento(s), e não tanto grupos profissionais que, sendo referencialmente autónomos, são S. Muito embora seja escasso o diferencial, os AG (S) da RL encontram-se em maior número que os AG (A/S), comparando com o que ocorre na série correspondente do DLP. Pelo contrário, relativamente à série INSTR, já se observa um traço comum: em ambas as fontes predomina a categorização S face à ambivalente A/S. Ainda que na série INSTR do DLP os S levem também alguma vantagem sobre os A/S, os INSTR registados na RL são, na sua totalidade, S, o que parece indicar um maior grau de lexicalização destes vocábulos quando os mesmos designam INSTR do que quando são AG ou ambi-sémicos (AG/INSTR), categorias em que sobrevém mais acentuadamente uma permeabilidade sintáctica A/S.

Em estreita relação com o elevado número de A/S que se registam está o facto de, como já foi referido aquando do estudo das bases, ser provável que a categoria de chegada da operação que constrói estes produtos seja a de A (da qual, depois, derivam S pessoais ou de instrumento). De acordo com Bosque (1998: 108-13), a criação de S a

¹⁴⁶ Sobre as noções em epígrafe, vd. Laca (1993: 194-5) e o que ficou dito na análise da série AG.

partir de A, por conversão, só é verdadeiramente produtiva neste tipo de N, em que propriedades humanas (características físicas, morais, funções/actividades de grupos profissionais ou traços sociais) se tornaram capazes de representar classes de indivíduos.¹⁴⁷

Aqui reside uma das lacunas do DLP, que classifica como A/S um conjunto substancial de vocábulos cuja classificação e uso substantivos se afiguram pouco prováveis (itens como *amedrontador*, *aterrorizador*, *desnorteador*, *repugnador*, etc.).

De um modo geral, este tipo de vocábulos é categorizado pelo DLPC (os exemplos anteriores são-no todos) apenas como A, o que parece, de facto, mais acertado. Alguns deles, como *atribulador*, *predominador*, *repugnador*, entre outros, não se registam no DLPC (podendo surgir atestada apenas a forma em *-nte*, sufixo que compete com *-dor* na formação de S e A ‘activos’).¹⁴⁸

3.2.3.2. Valores semânticos dos produtos em *-dora*

As significações sistémicas são, tal como no caso de *-dor*, a agentiva (AG) e a instrumental (INSTR). Vejamos a seguinte distribuição:¹⁴⁹

	25	1	23	65,71%
	7	3	11	31,43%
	-	1	1	2,86%
	37			100%

Quadro 11. Valores semânticos dos derivados em *-dora* (DLP e RL)

¹⁴⁷ O autor realça também a importância do artigo e a do plural como responsáveis, em muitos casos, pelo significado ‘genérico’ que permite denotar uma classe de pessoas/objectos e, deste modo, pela própria substantivação. Anscombe (2001: 33-5) considera que os AG representam a passagem de um processo, no qual a pessoa é AG da acção do V_b, a uma propriedade: «la langue possède le pouvoir exorbitant d’attribuer à un individu une propriété sur la seule base de la participation de cet individu n tant qu’agent à un événement (...) les suffixes de noms d’agent sont en fait différents façons de présenter le lien entre l’individu agent du procès et l’individu détenteur de la propriété».

¹⁴⁸ Como menciona Laca (1993: 180; 185), entre outros, ambos os sufixos *-nte* e *-dor* correspondem a um mesmo tipo semântico.

¹⁴⁹ Do total de acepções, excluiu-se a única unidade categorizada como A (*condensadora*).

Apesar de as significações sistémicas serem as mesmas que as dos produtos em *-dor*, uma diferença é desde logo notória: o valor INSTR leva aqui clara vantagem sobre o AG. O dicionário apenas atesta algumas das formas existentes em *-dora* e não todas as formas, nomeadamente as femininas correlativas aos *-dor* AG. De acordo com Vilela (1994a: 69-70), o sufixo *-(d)or*, nos AG deverbais, «marca(m) a oposição de género (*-dor/dora*) unicamente quando os substantivos têm o traço [+humano] ou [-animado] (...); no caso de um substantivo apresentar o traço [+inanimado], pode ocorrer uma especialização na distinção masculino/feminino: ‘pessoa’ vs. ‘máquina’». Também Meyer-Lübke (1895: 580) se refere a estas diferenças a nível do género, postulando que o feminino serve mais para designar os objectos e o masculino as pessoas.¹⁵⁰ Nesses casos, as formas masculina e feminina terão, assim, valores distintos, observando-se apenas uma vaga relação semântico-etimológica entre elas. Atentemos nas unidades seguintes:

(i) *escavador*: «adj. e s. m. que ou aquele que escava.»

(ii) *escavadora*: «s. f. máquina destinada a escavar o terreno, podendo ainda servir para o seu transporte.»

A variação de género nos nomes não afecta, pois, apenas uma parte dos seres [+animados] – nem todos são afectados, pois há também os denominados epicenos e os sobrecomuns –, uma vez que ao feminino podem convir ainda outras especializações/cambiantes semântica/os, como a expressão de valor colectivo (*fruta/fruto*) e/ou aumentativo (*saca/saco*).¹⁵¹ Além disso, apesar de a grande parte das formas em *-dora* veicular o valor INSTR, não é certo que, em português (ao contrário, por exemplo, do

¹⁵⁰ Além disso, o autor refere também que «(...) na maior parte dos casos, [na sua origem] o feminino deve ter possuído um sentido colectivo, e o masculino designava um só indivíduo» (*Ibid.*, 476).

¹⁵¹ Sobre estas questões, vejam-se, por exemplo, Lopes (1971: 69) e Villalva (2000: 222-33). Exemplos destes cambiantes semânticos encontram-se documentados em Maia (1977: 217).

espanhol – ainda que Bosque (1998: 113-5) realce que existem muitas “hesitações”,¹⁵² seja o feminino a configuração preferida para novas designações de instrumentos, como se verá mais à frente neste trabalho. Como a variação de género não se encontra dicionarizada em termos sistemáticos,¹⁵³ os vocábulos que as fontes consultadas registam são unidades já bastante lexicalizadas,¹⁵⁴ como:

- Nomes de **máquinas/instrumentos/objectos** (parafraaseáveis por “aquilo (com) que (se) V_b” ou “que serve para V_b”); exemplos:

desfiladora (DLP): «máquina para destamar tecidos (nas fábricas de papel)».

empuradora/empudora (RL, IV, 243): «madêro pequeno para amparar [‘empurar’] o lume. Também se dá este nome á base das cargas da lenha»¹⁵⁵

fresadora (DLP): «máquina equipada com fresas».

granuladora (DLP): «britadeira para produção de gravilha».

metralhadora (DLP): «arma de fogo automática que pode fazer tiro terrestre ou antiaéreo».

misturadora (DLP): «(mec.) o m. q. misturador; máquina misturadora».

pesadora (DLP): «máquina para pesar».

ratinadora (DLP): «máquina que serve para ratinar o pano».

- ou **profissões/ocupações** (na sua maior parte, convencionalmente associadas ao sexo feminino; produtos parafraaseáveis por “aquela que V_b”); exemplos:

auscultadora (DLP): «religiosa que acompanhava outra ao locutório para ouvir a conversa».

¹⁵² Laca (1993: 196) observa que os produtos que em espanhol designam máquinas se encontram fixados principalmente no género feminino.

¹⁵³ Neste âmbito, o DLPC fornece já a indicação de variação de género, mencionando até, quando elas existem, formas concorrentes (como é o caso de muitos dos derivados com os sufixos em estudo: em muitas das entradas, a seguir a *-dor*, *-dora* co-ocorre com *-deira* como formas de realizar o feminino da palavra em causa; a este assunto voltaremos nos capítulos seguintes).

¹⁵⁴ Outro aspecto que comprova a lexicalização destes produtos, relaciona-se com a sua distribuição, no interior de cada série semântica, de acordo com a categorização sintáctica. Apresentando-se 91% das 33 formas do DLP e todas as da RL (4 formas) como pertencentes à categoria S, assumir-se-ão como vocábulos referencialmente autónomos e, ao contrário dos arrolados em *-dor*, tendencialmente mais classificadores do que caracterizantes (Laca 1993: 194-5). Vd. o que já ficou dito a este propósito na análise semântica de *-dor*.

¹⁵⁵ Em “Dialectos alemtejanos”, de J. Leite de Vasconcellos.

aveludadora (DLP): «mulher encarregada de aveludar os tecidos».¹⁵⁶

encobridora (DLP): «o m. q. encobrideira; mulher que encobre; receptadora».

entregadora (RL, XXXV, 155): «mulher alcoviteira, sempre com fins desonestos».¹⁵⁷

fechadora (DLP): «mulher que fecha as caixas ou os pacotes, nas fábricas de tabaco».

lavradora (RL, IV, 65), «a mulher do caseiro do “monte”; ou lavradora do monte – No Alemtejo monte tem o sentido da palavra casal na Estremadura».¹⁵⁸

visitadora (DLP), «agente do serviço social que faz visitas domiciliárias de inquérito».

Com significado LOC foi encontrada apenas a forma *corredora* (RL, XXIII, 133): «passagem estreita ou comprida no interior de uma casa».¹⁵⁹

Como se constata, as significações INSTR e AG constituem os significados sistémicos e estruturais destas unidades. A ocorrência isolada da unidade *corredora* com significado LOC é acidental. Por outro lado, ao analisarmos estes Devb, verificamos que alguns, definidos como AG, se podem apresentar, também, como INSTR, tal como outros que incorporam este valor podem adquirir um valor AG. Dar-se-á, então, de acordo com alguns autores, uma metáforização (Meyer-Lübke 1895):¹⁶⁰ o instrumento/meio que serve para realizar determinada tarefa passa a designar o indivíduo realizador, tal como se pode verificar, em direcção oposta, uma transferência de sentido do AG para o INSTR. Por outro lado, Rainer (2004: 112-7) refere que para haver metáfora teria de existir alguma semelhança entre AG e INSTR, o que não é o caso, dado que a única relação é funcional. Para o autor, será já mais óbvia uma relação metonímica AG/INSTR, já que, por exemplo, um *assador* INSTR é algo de que se serve um *assador* AG, sendo ambos elementos do mesmo processo. Além disso, continua o autor, a explicação da passagem AG>INSTR por metáforização pressuporia também

¹⁵⁶ Terá sido, ao que tudo indica, um ofício eminentemente feminino. Uma possível forma masculina não se encontra registada nos dicionários nem nas restantes fontes consultadas, incluindo IEFP 1989 e a CNP.

¹⁵⁷ “Aquilo nã éi ‘ma mulhéri boa: éi ‘ma entregadora de meninas!” (Portel)» (“Vocabulário Alentejano”, J. A. P. Júnior)

¹⁵⁸ “Dialectos alemtejanos”, J. Leite de Vasconcellos.

¹⁵⁹ “Palavras do Arquipélago da Madeira”, Emanuel Ribeiro.

¹⁶⁰ Cf. Meyer-Lübke 1895: 611, ss; Ali ([1931] 1964: 237); Piel ([1940] 1989).

que para os nomes de instrumentos tenham existido/existam AG correspondentes, a partir dos quais surgiriam os anteriores, o que não se verifica de modo sistemático.

Deste modo, nada obsta a que alguns produtos se possam apresentar como sendo, eventualmente, *nomina agentis* ou *nomina instrumenti*, uma vez que a distinção entre ambos, assente em traços [\pm humano] ou [\pm animado], sai já do âmbito estritamente linguístico, advindo de um conjunto de circunstâncias convencionais de carácter referencial/cultural.

4. Um sufixo ou sufixos distintos?

Os produtos construídos pela mesma RFP são heterogéneos do ponto de vista semântico-referencial. O contraste de género das formas em *-dor* com formas femininas com elas relacionadas no plano morfológico nem sempre resulta evidente, quer formal quer semanticamente. Observemos, por exemplo, os seguintes produtos:

- (i) *ceifador*: ceifeiro; *ceifadora*: ceifeira (Fernandes 1965: 250);
- (ii) *codificador* (DLP): «s. m. aquele que codifica; (neol. inform.) equipamento que recolhe, codifica e armazena a informação, de modo que esta se apresente sempre pronta para o seu processamento.»
- (iii) *distribuidora/exibidora*: «empresa cinematográfica ou “circuito” de cinemas onde se exibem os filmes»; *Reveladora*: «máquina [para revelar filmes]» (Madeira 1966: 118; 335).

Constatamos que, apesar da aparência formal e formativa com que estes produtos se apresentam (é evidente a relação de todos eles com uma forma verbal correspondente: *ceifador(a)/ceifar*; *codificador/codificar*; *distribuidora* e *exibidora* / *distribuir* e *exibir*; *reveladora/revelar*), há entre eles algumas diferenças ao nível dos conteúdos semânticos veiculados. Alguns autores preconizam que se deve distinguir entre *-dor/a*, sufixo em que existe uma variação de género (tema \emptyset no masculino vs.

tema *-a* no feminino), e *-dora*, sufixo em que não se estabelece tal oposição. A existência ou não de esse contraste genérico (sendo o género, de acordo com Villalva (2000: 233), uma propriedade inerente nos S, que pode ter conteúdo referencial, ao passo que nos A não é inerente e tem conteúdo gramatical)¹⁶¹ estará dependente da especificação do traço [\pm humano], pelo que, como refere Vilela (1994a: 69-70), aquele contraste será exclusivo dos AG, os que têm o traço [+humano] especificado.

Desse modo, recebendo os produtos em (i) e (ii) (*ceifador* e *codificador*, tomando *codificador* na primeira acepção, AG, portanto) o traço [+humano], poderá realizar-se neles a oposição de género (*ceifador/a* e *codificador/a*, apesar de o feminino deste último não se encontrar atestado no dicionário); em (ii) (*codificador*, na acepção INSTR) e em (iii) (*reveladora*), não estando esse traço especificado, não haverá lugar a tal variação. Rainer (1999: 4601), v.g., defende que é da existência ou não dessa variação de género que dependerá a consideração de um ou de vários sufixos distintos: «*[-dor/a]* es de los más productivos y versátiles del español moderno. Se encuentra en toda una serie de tipos derivacionales nominales y adjetivales de sentido muy parecido, però no parece posible considerarlos todos como variantes contextuales de un sentido fundamental único.» Reportando-se ao espanhol, o autor argumenta que muitos vocábulos em *-dora* não correspondem ao feminino da forma em *-dor* (quer nos casos em que esta denota um ser humano quer quando se trata de um objecto/instrumento), antes veiculam um conteúdo semântico INSTR próprio que lhes advém do seu carácter de primitivos A, nominalizados aquando da elisão do S “máquina” que os precedia.¹⁶² Confrontando estes pressupostos com os dados do português, tomemos como exemplo:

¹⁶¹ De acordo com a autora, o género pode ser realizado lexical ou morfologicamente (*Ibid.*: 186; 212-3). Nos produtos em estudo, essa categoria morfossintáctica será realizada, portanto, lexicalmente, pela integração dos mesmos em distintas classes temáticas (\emptyset /*-a*).

¹⁶² Rainer 1993: 454-5. Para o autor, o conteúdo INSTR próprio destas unidades em *-dora* assenta no facto de designarem “máquinas”, por oposição ao carácter mais “manual” inerente às formas em *-dor*.

Aspirador (DLP): «adj. que aspira; s. m. bomba aspirante; aparelho para produzir uma corrente de ar num recinto; aparelho pneumático para aspirar a poeira dos soalhos, tapetes, etc. (...)» e

Aspiradora (PÚBLICO):¹⁶³ “máquina para aspirar/limpar”.

Teríamos, assim, de ponderar a existência dos subsequentes distintos sufixos:

^I*aspirador/a*: pessoa (homem/mulher) que V_b;

^{II}*aspirador*: aparelho/instrumento/objecto que/para V_b;

^{III}*aspiradora*: máquina que/para V_b.

Atentemos, agora, no primeiro dos dois exemplos atrás exibidos em (iii): *distribuidora/exibidora*. Como se viu, muitos destes itens apresentam-se sintacticamente ambivalentes, funcionando quer como S quer como A. Tal como sucede também com os designadores de INSTR, casos similares a *distribuidora*, onde o S que pode preceder o derivado (*empresa, sociedade, sistema*, etc., sendo o género do nome nuclear do primitivo sintagma que ditará o do A substantivado – à semelhança do que se verifica nos primeiros) não raras vezes se elide, transportando este à condição daquele, são frequentes (cf. *decoradora, operador*).¹⁶⁴

Perante estas diferenças, caberá perguntar se estamos na presença de produtos construídos por diversas OS e, concomitantemente, de diversas RFP, ou se se trata de variações autorizadas e previstas pela OS da mesma RFP. Tratar-se-á de produtos a que,

¹⁶³ «Concurso público para locação financeira (até 3 unidades) de varredoura ou **aspiradora** super-compacta até 1 M³ de capacidade de carga» (“Classificados”, PÚBLICO, 03/07/2003; o negrito é nosso).

¹⁶⁴ “**Decoradora** Charme”; «Atrás de uma grande selecção, está sempre um grande **operador**» (nome de uma empresa de decoração [Guarda] e *slogan* da campanha publicitária promovida pela TMN durante o Campeonato Europeu de Futebol, Portugal, Junho de 2004). Em estreita conexão com esta ambivalência que caracteriza muitos dos produtos sob escopo, encontra-se um outro aspecto que poderá contribuir, segundo Rainer (1999), para a consideração de diferentes sufixos e que remete para conteúdos semânticos exclusivos de usos A. Exemplos como *efeito dinamizador, processo democratizador* ou *política negociadora* ilustrarão uma tendência moderna que assenta num novo uso relacional do sufixo e que, surgindo apenas em produtos em função A, atestará a necessidade de considerar a existência de um sufixo *-dor/a* distinto daquele que forma S Devb: «(...) tendencia reciente a predicar adjetivos en *-dor/a* de sustantivos que encajan en esta perifrasis de manera menos natural (...). Y, extendiendo tal uso, se ha llegado a utilizar tales adjetivos incluso con sustantivos semánticamente incongruentes: *expediciones buceadoras* (...) «*expediciones que bucean [“bucear”: *mergulhar*]», (...) *política negociadora* «*política que negocia», etc. (...) nacimiento de un nuevo uso relacional de *-dor/a*: *política negociadora*=*política de negociación*» (Rainer 1999: 4602). Vd. também *Id.* 1993: 453.

na sua génese, a mesma regra atribui um significado composicional ou sistémico e que, por necessidades ou condicionalismos designativos de vária ordem, ganham posteriormente novos significados, ou representarão, pelo contrário, produtos de regras distintas? A dificuldade da resposta prende-se com o carácter singular das palavras, que Aronoff ([1976] 1985) salienta ao referir, nomeadamente, que o(s) significado(s) com que elas se apresentam nem sempre equivale(m) àquele que lhes é atribuído sistemicamente.¹⁶⁵ No léxico de uma determinada língua convivem, assim, heterogeneidade e homogeneidade. Partindo de um princípio unificador formulado por Benveniste ([1948] 1975),¹⁶⁶ Laca (1993: 183) considera que os derivados em *-dor/a* são produtos de uma mesma regra, facto que não é impeditivo de que a eles correspondam diversos “esquemas de lexicalização”, definidos como séries analógicas segundo as quais se ordenam no léxico os significados com que os produtos se encontram atestados e com as quais se correlacionam «categorias taxonómicas tradicionais, como la de nombres de profesión y oficio, nombres de lugar, etc.» Para a autora, dadas as incongruências que muitas vezes se verificam ao nível dos significados abstracto ou “potencial” e atestado ou “de inventário” com que um produto se apresenta, afigura-se bem plausível «que la creación de neologismos se rija más por tales esquemas que por el nivel sistemático abstracto» (*Ibid.*). Mais, como propõe Booij (1988: 72), a própria noção semântica de “instrumento” terá mesmo sido desenvolvida a partir de uma «(personal) agent-interpretation via a conceptual extension scheme Personal Agent>Impersonal Agent>Instrument.»

¹⁶⁵ «The actual words are a subset of the possible. But words are peculiar, not only in that not all of those that should exist actually do, but also in that those which do exist do not always mean what they are supposed to mean, or even look like what they are supposed to look like. Words, once formed, persist and change.» (Aronoff [1976] 1985: 18).

¹⁶⁶ O «principe simple» é descrito por Benveniste ([1948] 1975: 6) nos seguintes termos: «quand deux formations vivantes fonctionnent en concurrence, elles ne sauraient avoir la même valeur; et, corrélativement: des fonctions différentes dévolues à une même forme doivent avoir une base commune. Il incombe aux linguistes de retrouver ces valeurs, généralement peu apparentes et souvent très cachées.»

Por outro lado, também o ponto de vista que diferencia dois procedimentos distintos na formação destes produtos com base na especificação categorial (categoria de saída) não é considerado satisfatório, uma vez que essa ambiguidade com que grande parte daqueles se apresenta se relaciona com o sistema de categorias lexicais das línguas romances, caracterizado por uma grande permeabilidade entre essas duas categorias.¹⁶⁷

Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4542) concluem que «llevada la argumentación hasta sus últimas consecuencias (...) habría tantos sufijos como contenidos actualizables puedan determinarse, lo cual resulta poco aceptable intuitivamente, por lo que parece indicado suponer un único sufijo que actualiza diferentes contenidos en distintos tipos de derivación.» Soluções análogas são propostas por outros autores para outras línguas, como o italiano e o francês.¹⁶⁸ Em suma, parece pouco aceitável ponderar, igualmente no que respeita ao português, a existência de sufixos diferentes, dado que tal implicaria uma proliferação desnecessária e inconveniente dos mesmos. Considera-se, antes, que estas formas se pautam por uma polivalência regular ou variação sistemática prevista, à partida, numa OS unitária da RFP que as cria.

¹⁶⁷ Para Laca é crível que muitos destes actuais S sejam «sustantivaciones de una estructura adjetival» e que «dentro de los sustantivos no animados, en los que no hay moción, algunos se orienten en su género por una suerte de concordancia más o menos manifiesta con un sustantivo no expreso» (Laca 1993: 190). Sobre a reunião, numa mesma regra, dos produtos em estudo, vejam-se igualmente Rio-Torto (1998b: 118-9) e Basilio (1980: 89-95).

¹⁶⁸ No italiano, Renzi et al. (2001: 494) concluem existir uma «categoria intermedia, che può cioè essere ambiguamente [±humano] (...). *-tore* è un unico suffisso con il tratto [umano] non specificato.» Maiden (2001: 48-9) propõe, igualmente, que, no francês, apesar dos distintos significados a ele associados, o sufixo *-eur* seja considerado um sufixo único.

CAPÍTULO III.

DERIVAÇÃO EM *-DEIRO/A*

1. Identidade do sufixo (origem e evolução)

Uma grande parte dos gramáticos não se refere ao sufixo *-deiro/a*. Diez (1874), Dias ([1876] 1884), Vasconcellos (1900), Ali ([1931] 1964), Bechara ([1961] 1999), Cunha e Cintra ([1984] 1992), entre outros, apenas mencionam o sufixo *-eiro* (do latino *-arium*, que se manteve *-ário*, por via erudita, e evoluiu, no português popular, para *-eiro*). Muitos desses autores concluem que, à semelhança de *-(d)or*, as formas em *-deiro/a* são igualmente formadas a partir de ‘do’, já que a consoante que precede o sufixo (*(d)eiro/a*) integra a base a que ele se agrega, o RAD do particípio perfeito.¹⁶⁹ Contudo, esta hipótese depara-se com um problema, relativo aos derivados em *-(d)eiro/a* a partir de V da segunda conjugação: a forma que deveria existir não seria, por exemplo, *colhedeira* mas antes **colhideira* ou, como se realça no DCECH, o vernáculo ‘*defendeder*’ (Port. *defendedeiro*, a par de *defendedor*, de *defender*), mas **defendideiro*.¹⁷⁰ Deste modo, consideraremos que, na língua portuguesa, existe um sufixo, *-deiro/a*, que acolheu e desenvolveu de modo sistemático a selecção de TV de infinitivo para servirem como formas derivantes (possíveis excepções, ou não, a esta regra serão analisadas adiante).

Mencionam o sufixo Meyer-Lübke (1895: 582), Vasconcelos (s.d.: 45; 62; 78), Pinheiro (1958: 129) – embora os autores precedentes só se refiram à forma de tema em *-o-* – e Nunes ([1919] 1989: 370-1), sendo este o autor, de entre os anteriormente referidos, que apresenta uma análise mais demorada. De acordo com Nunes (*Ibid.*), os sufixos utilizados no português, sendo, na sua maioria, de proveniência latina, podem ser “simples” ou “compostos”, conforme sejam formados por um ou mais elementos.

¹⁶⁹ Por exemplo, Cunha e Cintra [1984] 1992: 99, Ali [1931] 1964: 237 e Barbosa [1822] 1830: 122. HOUAISS (cf. entrada *-deiro* e *-deira*), curiosamente, apesar de incluir uma entrada que individualiza o sufixo pela própria independência da sua composição formal, depois, refere que é «correspondente ao suf. *-eiro* e *-eira*», associando-o ao RAD_{pp}.

¹⁷⁰ Recorde-se o que ficou dito a propósito da evolução de *-dor* e Mateus e Andrade (2000: 88-90).

Figurando o sufixo *-deiro*, assim, entre os do segundo tipo, ele terá resultado do cruzamento do sufixo *-to* (do participio latino) com o sufixo *-ariu*, observando-se a sonorização da consoante surda (*tario>dario*), a metátese do *i* por atracção da vogal tónica (*dario>dairo*) e, finalmente, a evolução do ditongo (*dairo>deiro*).

A forma feminina *-deira* tem a sua origem no acrescentamento da desinência nominal de género feminino ao sufixo *-deiro* e foi, de acordo com o mesmo autor (Nunes [1919] 1989: 370), e como já ficou dito em relação à origem de *-dora*, uma das duas formas de que o português antigo se socorreu para substituir o não evolutivo sufixo *-driz* em novas formações. A forma *-deira* não se limita, todavia, no que concerne ao contraste de género, a servir de feminino apenas à correspondente forma em *-deiro*. A dúvida sobre qual das duas opções, *-dora* ou *-deira*, constituirá a forma mais prototípica de realizar o feminino das unidades em *-dor* é visível a partir das próprias entradas lexicais dos dicionários, que, não raras vezes, apresentam uma dupla possibilidade de formação. É essa dificuldade que sublinham também Villalva e Correia (2000: 610): «competem entre si [*-dora* e *-deira*], e colocam, relativamente a *-dor*, o problema de não ser fácil saber com qual deles é que *-dor* constrói o contraste de género». O recurso primordial a *-deira* testemunha-o já Oliveira ([1536] 2000: 59), ao referir que «de pescado ou pescar dizemos homem pescador e mulher pescadeira». Contudo, pouco depois, acrescenta o autor da primeira gramática portuguesa que dos deverbais em *-(d)or* apenas uma escassa minoria tem formas femininas correspondentes em *-a*,¹⁷¹ o que corrobora que as dúvidas sobre a coexistência de *-dora* e *-deira* como possibilidades reais e actuaes de construir o contraste de género são já antigas.

¹⁷¹ No DCECH (entrada *pecar*) realça-se que *pecador* foi inicialmente invariável; depois, formou-se o feminino por *-ora* e/ou *-triz/-driz*. Diez (1874: 269) destaca, por outro lado, que o parco número de formas femininas face às masculinas se relaciona igualmente com o facto de o masculino ter acolhido, nas línguas românicas em geral, o género neutro do latim.

2. Delimitação das unidades do *corpus*

–DEIRO

No DLP encontram-se 161 entradas lexicais terminadas em *deiro*. Todavia, deste número apenas 56 são aquelas que representam derivados com recurso ao sufixo em estudo. Excluíram-se, assim, os vocábulos cuja estrutura morfolexical é compósita mas construída com o sufixo *–eiro* (102 produtos, de que são exemplo: *albardeiro*, *arrabaldeiro*, *bandeiro*, *cedeiro*, *fazendeiro*, *fradeiro*, *fundeiro*, *jangadeiro*, *ladeiro*, *novidadeiro*, *ordeiro*, *redeiro*, *rodeiro*, *verdadeiro*, *videiro*, etc.). Foram também excluídas as formas não interpretáveis ou opacas (Basílio 1980: 52), como alguns latinismos (*caldeiro*, *cordeiro*, *crendeiro*, *derradeiro*, *padeiro*, *sendeiro*) e termos que pela sua estrutura e pelas informações expostas nas fontes consultadas se afiguram como importações/adaptações de outras línguas (*embondeiro*, *pandeiro* ou *vivandeiro*).

Em relação à RL, figuram nos índices dos seus volumes 94 itens terminados em *deiro*. Desse número, apenas 24 serão as palavras efectivamente derivadas com recurso ao sufixo *–deiro*. Assim, excluíram-se: vocábulos construídos com *–eiro* (45 itens, de que são exemplo: *balberdeiro*, *brandeiro*, *chicadeiro*, *grandeiro*, *desladeiro*, *gadeiro*, *joldeiro*, *ladeiro*, *mindeiro*, *paredeiro*, *rezandeiro*, *veadeiro*, *verdeiro*); unidades não interpretáveis (latinismos como *cordeiro*, *derradeiro*, *fardeiro*, *madeiro*, *padeiro* e formas de etimologia obscura como *afrodeiro*, *lemedeiro*); por último, nos casos de variantes diatópicas/diastráticas registadas como entradas individuais, e para as análises quantitativas dos dados, apenas foi contabilizada uma das variantes, quer nos casos em que o sufixo é *–deiro*, como em *escarnicadeiro/escarneadeiro* (XXXVI, 116/203 e XXXVII, 233), quer nos casos em que o sufixo é apenas *–eiro*, como se verifica, v.g., em *êrbedeiro/ervedeiro/irvideiro* (I, 221/III, 327/XV, 348) ou em *merendeiro/marendeiro/berandeiro* (XXII, 31/XXVIII, 272 e XXIX, 259/XXVI, 76).

–DEIRA

No DLP existem 339 unidades lexicais terminadas em *deira*. Porém, só 269 delas se apresentam como palavras construídas com *–deira*. Algumas unidades não são, portanto, consideradas, uma vez que ou são derivadas com o sufixo *–eira* (44 formas, de que são exemplo: *bigodeira, cirandeira, dedeira, espaldeira, figadeira, grandeira, pagodeira, ramaldeira, rodeira*) ou são latinismos e/ou outras formas ininterpretáveis em português europeu contemporâneo (como *cadeira, caldeira, gilbardeira, padeira, madeira*). Nos índices da RL encontramos 164 unidades lexicais terminadas em *deira*. Extraíram-se desse número as unidades que são derivadas com o sufixo *–eira* (29 unidades: *bideira, dedeira, fundeira, lideira, medeira, meadeira, mostardeira, redeira* e outros, entre os quais alguns topónimos¹⁷²) e aquelas que correspondem a latinismos e/ou outras formas ininterpretáveis em português europeu contemporâneo (como *cerdeira, lisbandeira, madeira*). Além disso, e para fins quantitativos, considerou-se igualmente aqui apenas uma daquelas palavras que, figurando nos índices da RL como entradas distintas, representam variantes da mesma forma: no total, são 22 as unidades excluídas das contagens, itens como *berindeira/berendeira [merendeira], chamadêra [chamadeira], doudeira [doideira], estraladeira [estaladeira]* ou *spalhadeira [espalhadeira]*. Contamos, deste modo, e no que respeita ao presente *subcorpus* da RL, com 104 produtos sufixados em *–deira*.

Deste modo, subtraídas as exclusões a que antes se fez alusão (175 unidades em *deiro* e 130 em *deira*), contamos, no total, com um *corpus* de 80 derivados em *–deiro* (56 unidades no DLP e 24 na RL) e de 373 em *–deira* (269 no DLP e 104 na RL).

¹⁷² São sete estas formas: *Delgadeiras* (XXIV), *Gosendeira/Gosundeira* (XXIV), *Mendeira* (XXIV), *Rebaldeira* (XXIV), *Rechaldeira* (XXIV), *Mostardeira* (XXXV) e *Fundeira* (XXXVIII). Relativamente a estes topónimos, formados com *–eira* a partir de apelidos ou nomes pessoais, refere Joaquim da Silveira em “Toponímia portuguesa” (RL, XXIV, 211): «tal sufixo com esta função, isto é, a de indicar domínio ou posse ou ainda colonização por um indivíduo ou grupo familiar, a cujo nome ou apelido ela se liga, parece ter tido bastante uso em tempos idos, em especial no centro e sul do país e posteriormente á Reconquista. Estes topónimos são na sua maior parte «tirados» do censo da Estremadura de 1527 (...) e pertencem ao território dos modernos distritos de Leiria, Santarém e Lisboa, ao Norte do Tejo».

3. Formação de palavras em *-DEIRO/A*

3.1. Caracterização das bases

Esta secção tem por objectivo caracterizar as bases dos produtos em *-deiro/a*, para que se possa, depois, observar que parte da sua identidade própria toma o derivado da relação que mantém com a forma derivante.

3.1.1. Estrutura categorial

O paradigma da derivação em que intervém *-deiro/a* é heterocategorial e deverbal, uma vez que se verifica a sua adjunção a bases verbais. O tipo de base verbal que dá origem a novos produtos parece ter sido entendido, a princípio, e tal como em relação a *-dor/a*, como o RAD_{PP} . Contudo, à semelhança do sucedido com *-dor/a*, o sufixo terá sido lexicalizado, tendo passado a seleccionar como base o TV. Assim, apesar de alguns autores mencionarem a formação a partir de ‘do’, com base no argumento de que a consoante que precede o sufixo (*(d)eiro/a*) integraria a base (RAD_{PP}),¹⁷³ os derivados de V da segunda conjugação comprovam que o sufixo *-deiro/a* desenvolveu de modo sistemático a selecção de $[X_b]_{TV}$, com o TV de infinitivo, como configuração das formas-base para todos os produtos, como exemplificam:

- **colhideira*, mas *colhedeira* (DLP: «espátula com que os pintores juntam as tintas quando as moem.»);
- **comideiro*, mas *comedeiro* (RL, XIV, 153): «interesseiro, comêdor.»¹⁷⁴
- **defendideiro*, mas *defendedeiro* (DCECH: sinónimo de *defendedor*, *defensor*);
- **retorcideira*, mas *retorcedeira* (DLP: “máquina de torcer dois ou mais fios”).

Tal como já ocorria em latim, também em português a primeira conjugação é a dominante, porque mais produtiva e disponível para a construção de V, ao passo que a segunda e a terceira conjugações desde cedo se caracterizaram por uma certa instabili-

¹⁷³ Por exemplo, Cunha e Cintra ([1984] 1992: 99), Ali ([1931] 1964: 237) e Barbosa ([1822] 1830: 122). Vd. o que ficou dito acerca da identidade do sufixo (origem e evolução).

¹⁷⁴ «Em Viana» (“Linguagem minhota”, Oscar de Pratt).

dade e estagnação (cf. Nunes [1919] 1989: 276; Villalva 2000: 126-7). Na derivação em *-deiro/a*, todas as conjugações do português se encontram representadas (*assar/assadeiro*, *benzer/benedeiro*, *mentir/mentideiro*), embora aquela que naturalmente domina seja, assim, a primeira (50 ocorrências), encontrando-se a segunda e a terceira conjugações presentes com três formas cada, como se pode visualizar no gráfico seguinte (Gráfico 12), elaborado a partir das unidades do *corpus* DLP:

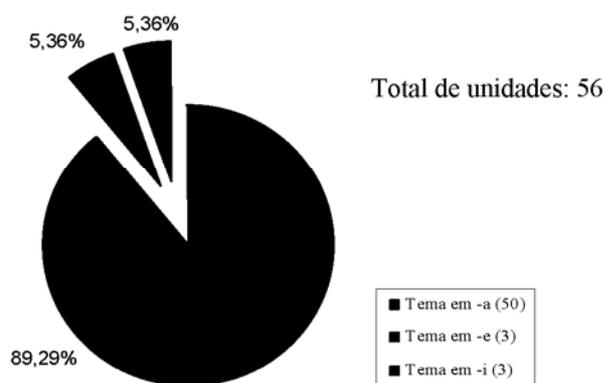


Gráfico 12. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (*-deiro*)

A análise da categoria sintáctica da base, em três destes itens – *aguadeiro*, *estalajadeiro* e *vinhadeiro* – suscita, contudo, alguma reflexão.¹⁷⁵ Serão as suas bases os nomes *água*, *estalagem* e *vinha*? Sendo *aguadeiro* o «homem que leva água ao domicílio; molho de linho em rama para demolhar» (DLP), não será problemática a sua derivação a partir de *aguar* (“dissolver em água; regar”), um daqueles V que têm por base nomes de matéria natural/orgânica (Rio-Torto 2004: 83). Paralelamente, poder-se-á considerar *vinhadeiro*, «aquele que cultiva ou guarda vinhas» (DLP), como derivado de *vinhar*, V documentado pelo DCECH no séc. XV.¹⁷⁶ À semelhança de *vinhadeiro*, também *estalajadeiro*, «dono ou administrador de uma estalagem» (DLP),¹⁷⁷ não possui

¹⁷⁵ Cf. a análise desenvolvida a propósito de casos semelhantes no capítulo II, § 3.1.1. deste estudo.

¹⁷⁶ Vd. entrada ‘vino’. ‘Viñar’: «propagar (las plantas)». O DLPC regista apenas a forma *vinhateiro*, “pessoa que cultiva vinhas”, propondo a sua derivação a partir do S *vinha* e do sufixo *-eiro*, com a consoante de ligação *-t-* a intermediar aqueles elementos.

¹⁷⁷ Nos materiais do ILB, surge em Mendes (1953: 53). Sob a forma *stalajadeiro*, na RL (XXVIII, 240; “Linguagem popular de Turquel”, J. D. Ribeiro). A respeito do termo, afirma Leite de Vasconcelos: «É derivado anormal de *estalagem*, por influência de *pousadeiro... hospedeiro...* palavras em que o *-d-*

nenhuma base verbal que se encontre atestada em português europeu contemporâneo. Assim, os dicionários consultados dão a palavra como derivada de *estalagem* e construída com *-deiro*. Contudo, tendo em conta a direccionalidade sistémica da OSC que gera estes itens, poder-se-á considerar um V_b , °*estalajar* (“administrar/oferecer estalagem”), para o mencionado produto. A derivação a partir de formas potenciais, desde que regularmente formadas (Corbin 1987: 63) – como é o caso dos V_b considerados para as unidades anteriores – encontra-se prevista na própria RFP, que tem acesso a bases independentemente do seu carácter de atestadas/não atestadas.

No que respeita às bases dos produtos derivados em *-deira* (DLP), estão também representadas todas as conjugações do português: *passar/passadeira*, *varrer/varredeira*, *urdir/urdideira*. Destaca-se igualmente, de modo bem explícito, a primeira conjugação, com 222 ocorrências, enquanto a segunda e a terceira conjugações registam apenas 23 e 24 ocorrências, respectivamente (cf. Gráfico 13).

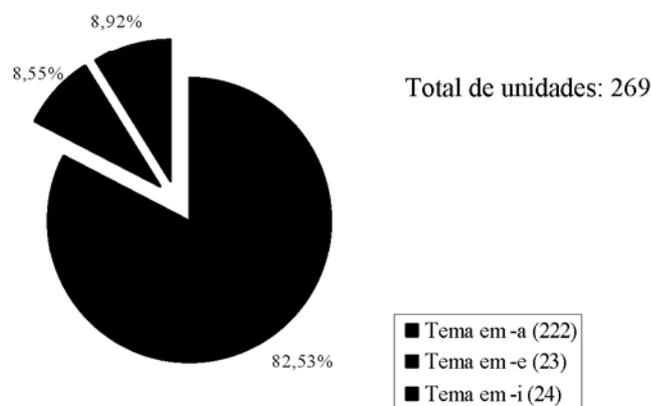


Gráfico 13. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (*-deira*)

Existem também produtos em *-deira* cuja categorização como deverbais pode ser mais polémica e que o próprio DLP classifica, em alguns casos, como derivados de bases nominais. Atente-se, por exemplo, nas seguintes unidades:

pertence ao tema, e não ao sufixo, que é *-eiro*)» (Vasconcelos [1911] 1926: 210). *Estalajadeira*, «dona de estalagem» (DM), é atestado também, v.g., em Vicente ([1562] 1984, Vol. I, 389): «ũa estalajadeira./tinha ãa filha fermosa;/veio-lhe essa veia vossa./ser freira em toda maneira./contra todos perfiosa.»

braçadeira (DLP): «anel que mantém unidas duas peças; correia do escudo por onde se enfiava o braço; distintivo enrolado no braço (...)».¹⁷⁸

pernadeira (RL, XI, 160): «corda ou correia com que prendem as pernas dos carneiros para se tosquiarem».¹⁷⁹

Não surgem registados, nos dicionários e vocabulários consultados, os verbos °*braçar* ou °*pernar*, dos quais estas unidades poderiam derivar regularmente (no DELP, indica-se *braçar*, porém a relação semântico-etimológica é diversa: de *bracis*, “cerveja fermentada”, donde “fabricar cerveja”). Por outro lado, em relação a °*braçar*/*braçadeira*, atestam-se já verbos morfológica e semanticamente relacionados, como *bracear* ou *abraçar* (de onde deriva *abraçadeira*). Deste modo, *braçadeira* é dada, nesses mesmos dicionários, como unidade formada a partir de *braço*, tendo tomado o sufixo *-deira*. O verbo °*pernar* (*pernadeira* ocorre apenas na RL e em Tavares 1952: 208), ao contrário de *apernar*, *pernear* ou *espernear*, não surge, sincronicamente, registado, embora no DCECH (vd. ‘*perna*’) se encontre documentado ainda antes de 1580, ou seja, numa fase anterior à data apontada, pelos autores do mesmo dicionário, para o (hoje) atestado *pernear*. Assim, se por um lado as unidades em epígrafe poderiam ser entendidas como derivadas regularmente destes V que, apesar de não atestados sincronicamente pelos dicionários, funcionariam como bases potenciais, por outro lado parecem não apresentar a semântica eventiva que caracteriza os deverbais, pelo que se afigura mais apropriada a sua classificação como denominais (de *braço/perna* ou de *braçada/pernada*, sendo neste último caso *-eiro/a* o sufixo actuante).

Situação distinta verifica-se com *natadeira* (DLP): «vasilha em que se deita o leite para criar nata». J. P. Machado (DELP) indica a base *nata*, portanto, nominal.

¹⁷⁸ *Braçadeira*, tal como a unidade seguinte, *pernadeira*, são registadas nos materiais do ILB também como significando metaforicamente partes relativas ao corpo humano, i.e., *braços* e *pernas*, respectivamente (Tavares 1952: 195-6 e 208). As pernas podem ainda ser as *carregadeiras* (*Ibid.*: 94).

¹⁷⁹ No artigo “Tradições populares e linguagem de Atalaia”, de Carlos A. Monteiro do Amaral. Surge também, nos materiais do ILB, com idêntico significado (Tavares 1952: 208). O DLP regista apenas *apernadeira* (“corda com que se prendem as pernas dos animais; peia”).

Apesar de os dicionários consultados não registarem °*natar*, que poderemos incluir no conjunto de V que têm por base nomes de matéria natural ou orgânica (Rio-Torto 2004: 83), o produto derivará regularmente do seu TV.

babadeira (RL, XI, 294): «babeiro».¹⁸⁰

O DM apresenta este vocábulo como sinónimo de *babadouro*, «Pedaço de pano de lençaria, que se põe no pescoço aos meninos para resguardo do vestido, por diante quando comem.» A dúvida poderia, então, aqui surgir relativamente à origem verbal (*babar*, “soltar saliva”) ou nominal do vocábulo (*baba*, “saliva”). Se, à partida, poderia parecer mais viável esta segunda hipótese, tendo em conta a inadequação da paráfrase típica do produto, “*Objecto que (serve para) V”, a base não deixará de ser aquele V, ainda que na formatação da paráfrase semântica do derivado ocorra uma especialização.

aguadeira (RL, XVI, 209): «Dizia-se de uma capa, própria para resguardar da chuva».¹⁸¹

O autor do artigo em que ocorre esta unidade considera-a denominal, aludindo, por outro lado, à incompletude dos próprios dicionários: «Entre os vários derivados de *água* que os dicionários registam, como termos regionais ou provincialismos não figuram alguns destes, e a outros não são dadas certas acepções especiais que também tem e que é conveniente registar, ampliando-se assim os conhecimentos sobre a descendência desta linda palavra portuguesa (...). Parece pois que o adjectivo tomado em tal sentido, popular em Portugal e Espanha, caiu há muito em desuso na linguagem geral, entre nós, persistindo contudo em determinadas regiões do país.» Se, à partida,

¹⁸⁰ Em “Tradições Populares e linguagem de Villa Real”, A. Gomes Pereira. O DLPC apresenta apenas *babador*, com o mesmo significado, sinónimo do actualmente mais utilizado *babete*. O mesmo dicionário, que dera *braçadeira* como derivado de *braço*, dá *babador* como derivado de *babar*, por *-dor*.

¹⁸¹ “Notas á Margem do Novo Diccionario”, Oscar de Pratt. A utilização do termo é, como refere o autor, atestada já no século XV, no *Cancioneiro da Vaticana*. Confronte-se esta unidade com a análise já efectuada de *aguador* (no cap. II, 3.1.1.) e *aguadeiro* (nesta mesma secção).

poderia entender-se a sua derivação de *água*, como defendem Oscar de Pratt e também J. P. Machado (DELP), por a paráfrase semântica não poder ser do tipo “*Objecto que serve para V”, é necessário ter em conta que nem todos os produtos de uma mesma RFP aceitam uma paráfrase idêntica, dadas as especializações e concreções de vária ordem (Corbin 1987). É o que se passa neste caso, entendendo-se, assim, o V *aguar* como a forma base deste produto, a mesma forma que permite derivar, paralelamente, os já analisados *aguador* e *aguadeiro*.

Por último, dois casos que não se encontram incluídos no *corpus*, por serem representativos de vocábulos cuja estrutura composicional, podendo ter sido interpretável numa fase pretérita da língua, terá deixado já de o ser (Corbin 1987: 41): *darmadeira* (DLP): «chapa com buracos para medir o calibre das balas».

O DLP refere que está por **adarmadeira*. O DM acrescenta a variante *dramadeira*, relacionada com o substantivo *adarme*, «peso igual a meya oitava; coisa pequena; calibre da bala de espingarda», enquanto o HOUAISS acrescenta *adarmeira*, *dardameira* e *darmadeira*. Assim, a origem mais provável será o V *°adarmar* (“medir o adarme/calibre de balas”), ou, por outro lado, poderá tratar-se de forma não derivada.¹⁸²

tambuladeira (DLP): «copo de provar os vinhos».

É um dos vocábulos que o DLP apresenta como de etimologia duvidosa. No DELP, lê-se: «estará por *tamboladeira*? Esta resultaria de *tamboradeira*, derivada de *tambor* (...) Não sei até que ponto a forma e as funções do objecto justificam esta

¹⁸² A comprovar-se esta segunda hipótese, os elementos compositivos poderão ser *adarme* e *madeira*, tendo em conta que, como se menciona no HOUAISS, o objecto era feito de chapa ou de tábua. Embora nos inclinemos mais para a hipótese da derivação, esta poderá ser hipótese válida também. Uma unidade aparentemente derivada, mas, na realidade, composta, é *casadeira* (recolhida em Souselo, Cinfães do Douro, 2004, por conversas informais e em trabalhos escritos de discentes nossos da disciplina de Língua Portuguesa). Se, à partida, poderia ser entendida como a contraparte da forma masculina *casadeiro* (registada como A no corpus DLP, com o significado “que está em idade de casar”), na realidade, está por *casa da eira*, local onde se guardam ferramentas/maquinaria agrícola ou, também, colheitas. O que foi curioso verificar foi que a noção de composição face à palavra não existia por parte dos falantes, quer na pronúncia quer na escrita. De facto, estas noções por vezes perdem-se no tempo.

relação com tambor. De qualquer modo (...) essa hipótese ainda me parece a mais viável.» Em relação à primeira dúvida que o estudioso formula, encontramos a prova na RL, onde ocorre *tamboladeira* (RL, XII, 126),¹⁸³ com um significado idêntico ao registado no DLP. No que toca à relação do objecto com *tambor*, aqui uma possível base nominal, poderá haver alguma semelhança, uma vez que este «he um cylindro, ou cano de madeira elastica, ou metal» (DM).

Em suma, comprova-se que alguns dos produtos sufixados em *-deiro/a* cuja estrutura poderia, à partida, apontar para eventuais fugas ao carácter deverbal geral da regra que os gera, não representarão, na realidade, verdadeiras excepções. Os dicionários não registam todas as palavras existentes de uma língua e os critérios de registo variam de dicionário para dicionário, pelo que, apesar de ferramentas indispensáveis, não podem, assim, ser considerados como repositórios representativos da realidade total da língua (Corbin 1987: 41; 63).¹⁸⁴ O facto de alguns dos *V_b* não se encontrarem sincronicamente atestados não impede o seu funcionamento como bases ao serviço da mesma RFP que gera estes produtos.

3.1.2. Estrutura morfológica

São vários os tipos de EMorf que se encontram nas bases dos produtos em *-deiro/a*. Para além de bases não construídas (V que passaram directamente do latim ao português e/ou empréstimos/adaptações de outras línguas), observam-se igualmente

¹⁸³ No artigo “Tradições Populares e linguagem de Villa Real”, de A. Gomes Pereira.

¹⁸⁴ Outro exemplo será a atestação, apenas pelo GDLP, do V *conhar*, base de *conhadeira* (RL, XX, 155, em “Vocabulario Barrosão”, F. B. Barreiros), que designa a «vassoura de *limpar* (varrer as espigas)». O V é regularmente construído dos nomes *conho* ou *coino*, «vassoura para varrer na eira» (DEPP). Outras variantes que o termo também apresenta – *canhadeira* (RL, XX, 204) e *acòinadêra* (RL, VII, 105 e 115, em “Dialectos Algarvios”, de J. J. Nunes) –, apresentam-se como derivadas dos V, igualmente variantes daquele, *canhar* (que apenas o GDLP também regista) e *acoinar*: «varrer, limpar os canhos, detritos de palha que ficam sobre o grão ou á mistura com elle, no fim da malhada, depois de retirada a palha mais graúda» (RL, XX, 155).

bases construídas.¹⁸⁵ Neste ponto, existem diferenças significativas face ao que se verifica na estrutura das bases dos produtos em *-dor/a*. Contrariamente a estes, as bases dos derivados em *-deiro/a* não se formam a partir de A (*certo>acertar*, *alto>altear*, *claro>clarificar*, etc.), apenas de S e de V. Além disto, a análise efectuada a partir de todo o *corpus* permite ainda concluir que não se encontram representadas, no português, bases circunfixadas para estas unidades.¹⁸⁶ Deste modo, a maioria das bases apresenta-se como palavras não construídas no português, mormente V tomados do latim (*andar*, *beber*, *descer*, *reparar*, *soldar*, etc.) e, também, outras dadas como empréstimos/adaptações de outras línguas, como *arrumar* e *bobinar* (fr.), *brincar* e *ganhar* (germ.), *despenhar* e *resvalar* (cast.).

Uma grande parte dos produtos apresenta ainda uma base do tipo de derivação imediata: V derivados, sem intervenção de prefixos e portadores de um constituinte temático, a partir de um RadS, como exemplificam os seguintes produtos:¹⁸⁷

RadS ₀	<i>agênci(a)</i> , <i>almoç(o)</i> , <i>betum(e)</i> , <i>charru(a)</i> , <i>chi(o)</i> , <i>esmeril</i> , <i>espadel(a)</i> , <i>feltr(o)</i> , <i>maç(a)</i> , <i>malh(a)</i> , <i>palmilh(a)</i> , <i>rabisc(o)</i> , <i>sulfat(o)</i> , <i>tranç(a)</i>
V derivados	<i>agenciar</i> , <i>almoçar</i> , <i>betumar</i> , <i>charruar</i> , <i>chiar</i> , <i>esmerilar</i> , <i>espadelar</i> , <i>feltrar</i> , <i>maçar</i> , <i>malhar</i> , <i>palmilhar</i> , <i>rabiscar</i> , <i>sulfatar</i> , <i>trançar</i>

Bastante significativo é, também, o número de bases denominais prefixadas: V derivados, por prefixos, a partir de RadS, como os pares subsequentes exemplificam:

¹⁸⁵ Consideram-se aqui os mesmos tipos de configurações verbais do português enunciados aquando da análise morfológica das bases em *-dor*, no cap. II.

¹⁸⁶ A constatação vai ao encontro das conclusões quantitativas em Rio-Torto (2004: 22), onde, num *corpus* de 3.967 V heterocategoriais do português, os produtos circunfixados representam apenas cerca de 5,77% do total, por oposição à percentagem bem elevada de produtos prefixados (50,23%) e sufixados (44%). Sobre a noção de circunfixo/esquemas circunfixais do português, veja-se em particular *Id.* 1998b: 211-21. A constatação em epígrafe não tem em conta uma eventual consideração dos produtos com estrutura Pref.+Xb+VT+morfema de infinitivo como produtos circunfixados, reportando-se apenas às unidades construídas com os esquemas circunfixais prototípicos.

¹⁸⁷ Como menciona Rio-Torto (2004: 18), não existe opinião unânime em torno da natureza deste subtipo, que pode consistir em conversão, derivação em *-a-*, ou adjunção de constituinte sem conteúdo fonológico: «Não havendo argumentos inequívocos em favor do papel derivacional da vogal temática, este constituinte é aqui encarado como um marcador de classe temática, como um constituinte que identifica o paradigma conjugacional do verbo, e que funciona essencialmente como um formatador morfológico da base da flexão e da derivação.»

RadS _b	<i>junt(o), pé, pern(a), sed(a), paçot(e), palh(a), carret(a), cart(a), fard(o), form(a), garraf(a), preguiç(a)</i>
V derivados ¹⁸⁸	<i>ajuntar, apear, apernar, assedar, empacotar, empalhar, encarretar, encartar, enfardar, enformar, engarrafar, espreguiçar</i>

Em relação aos produtos sob escopo, estes verbos inscrevem-se, na sua totalidade, na primeira conjugação e são predominantemente denominais. Das outras conjugações, apenas a segunda possui um sufixo (*-ec(er)* ou *-esc(er)*) capaz de formar novos V em português, não se encontrando este, contudo, representado na estrutura morfológica de nenhum dos V_b dos produtos em análise.

Um escasso número de vocábulos apresenta ainda bases sufixadas: V denominais sufixados em *-e(ar)* (*bastear, lardear, prantear e preguear*),¹⁸⁹ e deverbais sufixados em *-ic(ar)* (*escarnicar*), *-inhar* (*raspinhar*) e *-ej(ar)* (*varejar* e *frasquejar*).¹⁹⁰

Por último, no que toca às bases construídas isocategorialmente por prefixação, é também escasso o número deste tipo de bases, registando-se apenas como únicos prefixos intervenientes: *a-* (*aparar, assentar, alimpar*), *des-* (*desandar, descansar, despicar*) e *re-* (*repassar, repartir, respigar* e *revender*).

¹⁸⁸ Sobre as diversas possibilidades de interpretação deste último tipo de V (com estrutura Pref.+Xb+VT+morfema de infinitivo), veja-se Rio-Torto (1998d).

¹⁸⁹ O sufixo *-e(ar)* é caracterizado tradicionalmente por se associar a um valor semântico de natureza aspectual iterativo (vd., por ex., Cunha e Cintra [1984] 1992: 102). Este é característico de situações durativas, e, por isso, caracteriza os estados e os processos. De acordo com Rio-Torto (2004: 51), o sufixo *-e(ar)* parece estar a absorver, em alguns casos, o valor iterativo-frequentativo que distingue o já pouco disponível e produtivo *-ej(ar)*.

¹⁹⁰ Os sufixos *-iç(ar)*, *-inh(ar)* e *-ej(ar)*, além de outros não representados no *corpus*, como *-ilh(ar)*, *-isc(ar)* e *-it(ar)*, a que tradicionalmente é atribuído o valor iterativo (Cunha e Cintra [1984] 1992: 102), podem ser também portadores de significado diminutivo associado à ideia de frequência ou repetição, à semelhança, por exemplo, de *bebericar* (dar repetidos pequenos goles), *saltitar* (pequenos saltos repetidos), *petiscar* (comer pouco e diversificadamente), *chuvinhar* (chover pouco e repetidas vezes), ou de *gotejar* (verter ou [deixar] cair gota a gota). Contudo, no que toca às unidades arroladas, se ainda se percebe(m), de algum modo, esse(s) valor(es) em *varejar* (*varejadeira* – RL, XXXV, 294: «varejeira, mosca»), em *frasquejar* (*frasquejadeira* – RL, XXXVII, 236: «mulher que frasqueja*, que faz a frasca. 'É uma grande frasquejadeira a tia Mónica' [B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 31]; Baixo Alentejo) parece não se distinguir já esse(s) valor(es): «[de] *frasquejar: – Prov. alentejano – fazer bôlos ou doces (de frasca: faina de fazer bôlos ou doces); Novo Dic., vol. I, pág. 902 (In: “Retalhos de um vocabulário”, J. A. P. Júnior). De facto, como menciona Hernández Alonso ([1984] 1996: 545), os sufixos podem, com o passar do tempo, perder valores com que terão formatado os produtos na génese destes.

3.1.3. Estrutura argumental

Consideremos, em primeiro lugar, os V_b destes produtos quanto ao número de argumentos activados. No Quadro 12 registam-se exemplos da distribuição de bases pelos distintos tipos de predicadores:

Unários	<i>andar, almoçar, bailar, brincar, dançar, dormir, espirrar, fugir, nadar, rezar, trabalhar, transpirar</i>
Binários	<i>abrir,¹⁹¹ beber, cantar, cortar, comer, ganhar, guardar, lavar, matar, cozer</i>
Ternários	<i>atirar,¹⁹² dar, limpar, cortar,¹⁹³ repartir¹⁹⁴</i>

Quadro 12. Bases derivantes dos produtos em *-deiro/a* quanto ao número de lugares

A derivação em *-deiro/a* ocorre com todos os tipos de predicadores verbais, exceptuando-se, tal como sucede em relação aos produtos em *-dor/a*, a dos predicadores de zero lugares.

Ao mesmo tempo, constata-se que a maior parte das bases verbais se inscreve nas classes dos verbos unários/binários. Todavia, algumas bases de nomes em *-dor/a* não se encontram visíveis nas unidades em *-deiro/a*, como exemplificam os seguintes casos (cf. Quadro 13; a itálico surgem alguns dos V que podem ocorrer em diferentes tipos de configurações).

¹⁹¹ *Abrideira* ocorre na RL (XIX, 178) como «comida ou bebida propria para abrir o apetite, antes das refeições» (“Glossário Dialectologico dos Arcos de Val de Vez”, F. Alves Pereira) e, nos materiais do ILB (Sousa 1955: 260), como sendo um «pau flexível, de extremidades afiadas que se adapta ao saco e o mantém aberto, quando se tira a farinha do farneiro no moinho».

¹⁹² *Atiradeira*, nos materiais do ILB, em Capão (1957: 247), como «instrumento usado pelos rapazes, feito com um pau bifurado, duas tiras de borracha e um pedaço de cabedal; funda.»

¹⁹³ *Limpar* e *cortar* serão exemplos de predicadores típicos de três lugares, mas que podem ser usados como de dois lugares, com a “incorporação” do OI no SN-OD: *Cortar*[*os ramos*]_{OD} [*às árvores*]_{OI} ou *Limpar* [*o pó*]_{OD} [*à mesa*]_{OI} vs. *Cortar* [*as folhas das árvores*]_{OD} e *Limpar* [*o pó da mesa*]_{OD}.

¹⁹⁴ *Repartir* é um TR de três lugares, com um complemento oblíquo (cf. Mateus et alii [1983] 2003: 294; 409; 414) como um dos argumentos nucleares.

Unários	<i>jogar, esquiatar, montar, navegar, pensar, sonhar</i>	^o <i>jogadeiro/a</i>
		<i>jogador/a</i>
Binários	afinar, canalizar, <i>montar</i> , morar, coser, <i>jogar</i> , gravar, perder, <i>pensar</i> , vencer <i>desenhar</i> , processar	^o <i>moradeiro/a</i>
		<i>morador/a</i>
Ternários	abordar, oferecer, receber, informar, perguntar, reclamar, aconselhar, acumular, ajuntar, adicionar, <i>desenhar</i>	^o <i>perguntadeiro/a</i>
		<i>perguntador/a</i>

Quadro 13. Algumas bases em *-dor/a* bloqueadas em *-deiro/a*

A razão parece não ser mais do que um fenómeno de bloqueio, que impede a formatação de formas duplicadas, por uma questão de economia linguística. De referir que esse fenómeno pode determinar apenas a inatetação, nos repositórios lexicais de uma língua, de determinadas palavras, não implicando que as mesmas sejam mal formadas ou agramaticais (razão pela qual se assinalam as formas em *-deiro/a* em epígrafe com a marca de construção possível/não registada).¹⁹⁶ Prova de que não estamos perante restrições sistemáticas, é, por exemplo, a inatetação de uma forma derivada em *-deiro/a* do V de mudança de lugar “colocar”, face ao registo de *colocador/a*, e, paralelamente, a atetação de algumas formas duplicadas, como os seguintes derivados a partir do V – também de mudança de lugar – “arrumar”:

arrumador (DLP): «que ou aquele que arruma; encarregado de indicar, nos teatros, parques de automóveis, etc., os lugares a ocupar pelos espectadores ou viaturas; criado de quarto.»

arrumadeira (DLP): «fem. de arrumador; empregada que, nos cinemas ou teatros, indica aos espectadores os lugares correspondentes aos seus bilhetes; criada de sala ou de quarto; diz-se da mulher diligente que tem a sua casa em boa ordem e asseada.»

De facto, os significados AG e INSTR são definitórios de ambos os processos derivacionais (apesar de *-deiro/a* apresentar algumas diferenças, como se verá na

¹⁹⁵ É possível que estes produtos em *-deiro/a*, apesar de não surgirem registados no *corpus*, sejam atualizados em usos marcados por um sentido depreciativo-pejorativo e/ou irónico. O mesmo sentido é indicado explicitamente pelo DLP acerca de *livre-pensadeiro*: «(depr.) livre-pensador que exagera ridiculamente as suas opiniões».

¹⁹⁶ Cf. os pressupostos já explicitados no capítulo II do presente estudo, no ponto correspondente à identidade de *-dor* (origem e evolução), onde se tratou de algumas duplicações entre formas tomadas do latim (*-tor/-sor*) vs. formas vernáculas (*-dor*).

análise semântica destes produtos), pelo que, perante formas equivalentes, ganha desde cedo vantagem o sufixo mais produtivo, *-dor/a*. Como se constatará mais aprofundadamente na análise da herança argumental legada pelas bases, também os produtos em *-deiro/a*, à semelhança das formas em *-dor/a*, apenas derivam de bases que se construam, no mínimo, monoargumentalmente. Observem-se, no quadro seguinte (Quadro 14), as funções sintácticas que podem ocupar os lugares inscritos nos esquemas predicativos das bases de produtos em *-deiro/a*, bem como as EA mais típicas das mesmas.¹⁹⁷

Quadro 14. Estruturas argumentais típicas das bases de produtos em *-deiro/a*

Como ficou estabelecido a propósito de *-dor/a*, ao definir as propriedades argumentais dos V_b , são consideradas três grandes classes de construções verbais no português: as TR, as INERG e as INAC. O cenário exposto (cf. Quadro 14) permite, tal como observado a respeito de *-dor/a*, entrever uma ambiguidade classificativa dos V , pelo que será o co(n)texto em que as predicacões ocorrem que ditará, assim, a categorização daqueles. Encontram-se indisponíveis para ser seleccionadas por *-deiro/a*

¹⁹⁷ Cf. a análise realizada e os pressupostos subjacentes à mesma no ponto correspondente dedicado aos produtos em *-dor/a*, no cap. II. A respeito das funções sintácticas consideradas na análise, cf. o Quadro 3 (Funções sintácticas operantes), no mesmo capítulo.

¹⁹⁸ A par de *vendedeira*, atesta-se também *revendedeira* (DLP); *vendedeiro*, surge, por ex., registado em Oliveira (1982: 6): «e resolvemos ir à loja do vendedeiro da terra falar com as gentes, entre dois copos, e saber o que eram esses “tambores”».

as bases definidas como predicadores de \emptyset lugares e as representativas da subcategoria de predicadores unários INAC, como se observa pela agramaticalidade dos exemplos contidos em (i) e (ii):

- (i) \emptyset lugares: *nevar*/**nevadeiro/a*; *granizar*/**granizadeiro/a*; *chuviscar*/**chuviscadeiro/a*, etc.
- (ii) INAC: *acontecer*/**acontecedeiro/a*; *chegar* (V de movimento)/**chegadeiro/a*; *falecer*/**falecedeiro/a*; *desmaiar*/**desmaiadeiro/a*, etc.

Neste processo, o tipo de relação que o SUJ celebra com o V representa, pois, um papel muito relevante. Como os INAC não possuem argumento externo, comportando-se o seu SUJ como um OD típico de verbos TR, fica impedida a sufixação por *-deiro/a*. O mesmo não é já válido para os INERG, pois o SUJ partilha propriedades com o argumento externo dos TR, como comprovam os exemplos em (iii):¹⁹⁹

- (iii) INERG: *andar*>*andadeira*; *correr*>*corredeira*; *desfilas*>*desfiladeiro*; *transpirar*>*transpiradeiro*; *trabalhar*>*trabalhadeira*, etc.

3.1.4. Estrutura eventivo-aspectual

A distinção entre diferentes tipos de predicadores, no que respeita à sua natureza aspectual interna ou estrutura eventiva, depende directamente dos papéis temáticos dos argumentos que os rodeiam, i.e., da relação semântica que cada um desses argumentos mantém com o predicador. As propriedades semânticas do V encontram-se, assim, profundamente relacionadas com o tipo e o número de actantes e circunstâncias por ele regidos, pelo que uma adequada caracterização dos V deve ter em conta os restantes constituintes do enunciado. Deste modo, consideraremos, na sequência dos pressupostos

¹⁹⁹ Trata-se, pois, de um comportamento semelhante ao dos derivados em *-dor/a* pois também as bases dos produtos em *-deiro/a* não admitem, ao contrário dos verbos INAC ou ergativos, a construção com participio absoluto: *A Isabel trabalha*/**Trabalhada a Isabel* (cf. Mateus et alii ([1983] 2003: 301) e, para o espanhol, Anscombe (2001: 40), Laca (1993: 193) e Varela Ortega (1999: 217).

Verificamos que em algumas das EA atrás representadas, podem ser opcionais os argumentos TEMA/O ou os que designam mudança locativa (FONTE e ALVO).²⁰⁴ Contudo, a não actualização sintáctica de determinado argumento não significa que este não figure na EA do predicador (Mateus et alii ([1983] 2003: § 7), como se viu em relação a *-dor/a*.²⁰⁵ Face a estes, comprova-se que a derivação em *-deiro/a* impõe mais restrições ao tipo de base a que o sufixo se agrega, uma vez que os predicadores estativos não são seleccionados como bases para estes produtos. Assim, não se encontram representadas unidades em *-deiro/a* formadas a partir de nenhuma das subclasses dos V estativos:

- (i) Existenciais (<TEMA>): *existir/*existideiro*;
- (ii) Experienciais (<EXP TEMA>): *gostar/*gostadeiro, sofrer/*sofredeiro*;
- (iii) Locativos (<TEMA LOC>) *morar/*moradeiro, habitar/*habitadeiro*; e (<LOC TEMA>)²⁰⁶ *possuir/*possuideiro, ter/*tedeiro*.

Deste modo, as bases das formas em *-deiro/a* caracterizam-se por apresentarem, em contexto sintáctico, e relativamente ao que sucede em *-dor/a*, uma menor variedade de EA. Além dos subtipos da lista anterior, bases com as EA que a seguir se enumeram, permitindo a derivação em *-dor/a*, não configuram também formas derivantes para os produtos agora em análise:

- (iv) V de movimento (<FONTE/AG TEMA FONTE/ALVO>) designadores de *accomplishments*: *aproximar/*aproximadeiro, afastar/*afastadeiro*,²⁰⁷

²⁰⁴ O objecto (O) ou TEMA é obrigatório em situações de *accomplishment* (*lavar uma camisa*), restringindo-se a opcionalidade (da realização sintáctica) a relações de actividade. Por outro lado, a interpretação eventiva pode depender da quantificação do OD ou, também, da que apresenta o SUJ (Campos 1991: 320-1). Como se indica, a classificação tem em conta apenas as propriedades aspectuais básicas ou mais típicas das situações denotadas pelos V.

²⁰⁵ Acerca dos casos de incorporação de um argumento no próprio V, veja-se Vilela (1992: 74-5; 80-2) e a análise efectuada em *-dor/a*. No âmbito da noção de “distorção semântica” (Anscombe 2001: 38-9), estes casos, em especial os produtos em *-deiro/a*, parecem associar tendencialmente a propriedade accidental à quantidade, como se verá na análise semântica destas unidades.

²⁰⁶ Cf. o que ficou dito acerca destes V de posse no cap. II, § 3.1.4.

²⁰⁷ Na RL regista-se [égua] *fugideira* (RL, XX, 248; cf. a análise semântica deste produto, adiante).

- (v) V de comunicação linguística (<AG TEMA ALVO>): *ordenar*/*ordenadeiro, *pedir*/*pedideiro;
- (vi) V de actividade mental (<AG/FONTE TEMA>): *descobrir*/*descobrideiro, *explicar*/*explicadeiro.

Em comum, observa-se que, tal como em *-dor/a*, o sufixo *-deiro/a* não se agrega a bases actualizáveis em estruturas sem argumento externo, V de \emptyset lugares ou meteorológicos (*chover*/**chovedeiro*, *nevar*/**nevadeiro*, *anoitecer*/**anoitecedeiro*, etc.); ambos os sufixos não seleccionam igualmente bases que representem V existenciais (*existir*/**existideiro*), nem tão-pouco V prototípicos de *achievement* (INAC de movimento – *chegar*/**chegadeiro*, *partir*/**partideiro*, *sair*/**saideiro*, ou de mudança de estado – *nascer*/**nascedeiro*, *desmaiar*/**desmaiadeiro*, *murchar*/**murchadeiro*).²⁰⁸ Por último, no que respeita à relação entre as configurações eventivo-aspectuais gerais e as construções predicativas das bases, verifica-se que, tal como em *-dor/a*, não se encontram representados como bases verbos INAC, construções de actividade ou processos são denotados mormente por INERG – mas também por TR com OD não determinado (*beber sumos*, *cantar músicas*, *fumar charutos*) –²⁰⁹ enquanto as situações predicativas eventivas (*accomplishment*) são representadas por verbos TR.

3.2. Caracterização dos produtos

Contrariamente ao que se verifica em *-dor/a*, em que as unidades inventariadas em *-dora* representam um número bastante inferior ao dos produtos em *-dor*, os itens registados em *-deira* ultrapassam largamente os que se atestam em *-deiro*, quer no DLP (269/56), quer na RL (104/24). A discrepância que agora surge, devendo-se igualmente

²⁰⁸ No que concerne a este último tipo de V, a situação é distinta do que sucede em espanhol, onde se regista o A *'fallecedero/a'*: «Que puede fallecer» (DLE).

²⁰⁹ Ao receberem um objecto delimitado, os INERG – que passam, assim, a ser classificados como TR – e alguns TR deixam de designar actividades para passar a ser *accomplishments*: *andar dez metros/comer o bolo/beber um copo de whisky*.

a factores extralinguísticos, é reveladora de que os sufixos em estudo se especializaram em conteúdos semânticos próprios. Por outro lado, tal como notado em *-dor/a*, não se encontrarão registadas, nos dicionários/inventários lexicais, todas as unidades existentes (no sentido de possíveis) quando se trata de contrastes de género, por uma questão de economia linguística e pela previsibilidade das próprias estruturas semântica e formal.

3.2.1. Estrutura categorial

A derivação realiza-se heterocategorialmente, uma vez que configura produtos nominais (N, S ou A), pela adunção do sufixo à categoria de base (V). Da distribuição apresentada pelo DLP dos derivados por essas categorias dão conta os Gráficos 14 e 15, que a seguir se exibem. Consideram-se quatro séries distintas (S, A/S, S/A e A).²¹⁰

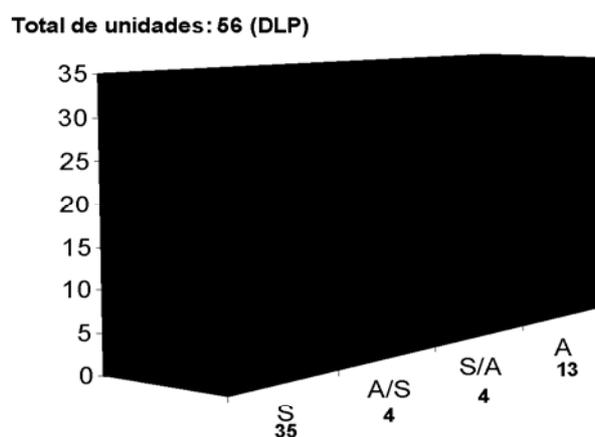


Gráfico 14. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em *-deiro*

Estes produtos distribuem-se pelas quatro séries categoriais antes estabelecidas, como exemplificam:

- Série S ⇔ *apeadeiro*: «s. m. lugar onde o comboio pára apenas para deixar ou receber passageiros; sítio de pouca demora»;
 Série A/S ⇔ *namoradeiro*: «adj. e s. m. o m. q. namorador»;

²¹⁰ Confirmam-se os critérios que subjazem a esta opção na secção correspondente à análise da estrutura categorial das formas em *-dor/a*, no capítulo II deste estudo. Na análise das formas dadas pelo dicionário como ambivalentes, em todo o trabalho, apenas constitui objecto de estudo o valor substantival.

- Série S/A ⇔ *fiadeiro*: «s. m. homem que se emprega em fiar; fiandeiro; (reg.) fogueira em volta da qual se reúnem as mulheres da aldeia para fiar, cantar ou rezar; adj. fácil de fiar»;
- Série A ⇔ *rezadeiro*: «adj. que reza muito; beato».

Relativamente às unidades em *-deira*, observa-se a seguinte distribuição:

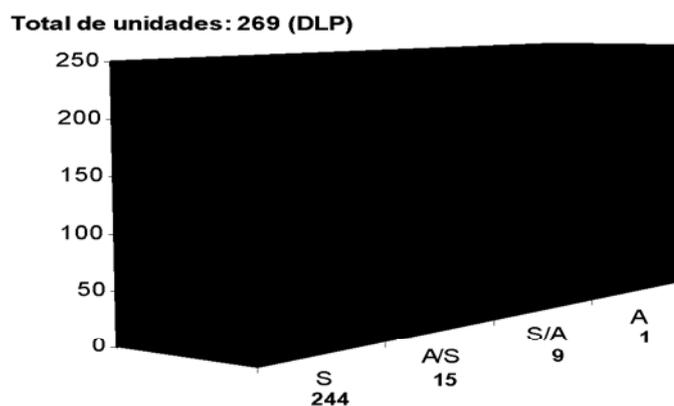


Gráfico 15. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em *-deira*

Também, em relação a *-deira*, se encontram exemplos destes produtos repartidos pelas quatro séries:

- Série S ⇔ *raspadeira*: «s. f. instrumento que serve para raspar ou rasurar»;
- Série A/S ⇔ *respigadeira*: «adj. f. e s. f. fem. de respigador; que ou a mulher que respiga»;
- Série S/A ⇔ *varredeira*: «s. f. (náut.) vela suplementar do traquete, de forma quadrangular, que se larga quando o vento é favorável; adj. fem. de varredor»;
- Série A ⇔ *parideira*: «adj. que está em idade de parir; muito fecunda».

Ao contrário do que sucede em *-dor/a*, cujos derivados se integram, na sua maioria, na série A/S, os produtos em *-deiro/a* são categorizados primordialmente como S, o que revela um maior grau de lexicalização destes. Além disso, constata-se que a configuração S/A se encontra, nos sufixos em estudo, sempre menos representada que a A/S. Só em *-deiro* isso não acontece, mas também não a ultrapassa, uma vez que ambas

as séries comportam o mesmo número de itens (4 cada), representando, assim, apenas 7,14% do total (4 produtos) em *-deiro*, e 3,35% do total em *-deira* (9 formas).²¹¹

Os vocábulos S/A (*assadeiro, caçadeira, malhadeiro, varredeira*, etc.) parecem revelar um maior grau de lexicalização face aos A/S, cuja configuração semântica, na maioria dos casos em *-deira* (*arrumadeira, respigadeira, rompedeira, secadeira, trabalhadeira*, entre outros), indica, em primeiro lugar, o contraste de género (‘feminino de TV_bdor’), como se apura na secção em que se analisam semanticamente os produtos.

Curioso e, ao mesmo tempo, indiciador da não produtividade do sufixo, é igualmente a escassa representatividade da série A, nomeadamente o facto de em *-deira* apenas se registar uma única entrada A (*parideira*).

Ao mesmo tempo, também em *-deira*, a série que surge em segundo lugar como mais representada, embora a uma grande distância da primeira (S), é a A/S, com 5,58% dos itens (15 unidades).

Os gráficos subsequentes permitem visualizar a distribuição dos itens em *-deiro* (Gráfico 16) e em *-deira* (Gráfico 17) pelas categorias N, S e A, reunindo, desse modo, as duas anteriores subséries A/S e S/A na do N (A^{e/ou}S).²¹²

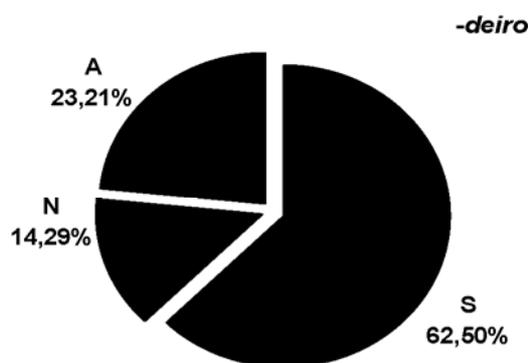


Gráfico 16. Produtos em *-deiro*: distribuição pelas categorias N, S e A

²¹¹ Como se viu na análise categorial dos produtos em *-dor/a*, a série (S/A) representava apenas 5,71% do total (23 produtos), não se encontrando representada por nenhum produto em *-dora*.

²¹² “N” como arqui-classe comportadora das subclasses adjectiva e substantiva (Nunes [1919] 1989: 202).

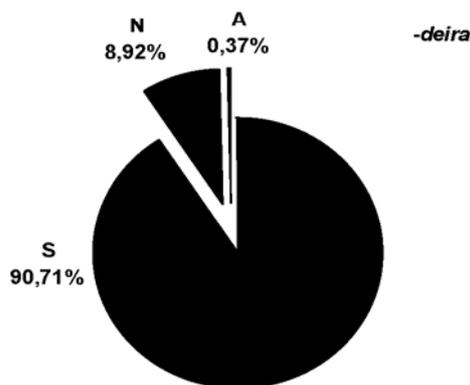


Gráfico 17. Produtos em *-deira*: distribuição pelas categorias N, S e A

Comprova-se, deste modo, que as atestações em *-deiro/a* coincidem no facto de demarcarem de forma bem inequívoca a sua inclusão na categoria S: em *-deira*, 90,71% de 269 formas e, em *-deiro*, 62,50% de um total de 56 unidades. Ora, tal não inviabilizará que se mantenha a opção defendida a propósito de *-dor/a*, onde o grupo S figurava também em primeiro lugar nos produtos em *-dora* (91% das unidades) e em segundo nos em *-dor* (cerca de 20%), em relação à possível origem adjectival destes produtos e sua posterior substantivação (ou disponibilidade para a mesma).²¹³ Com efeito, apesar de ser escasso o número das formas marcadas como (sincrónica e) exclusivamente A (cf. os gráficos anteriores, nesta secção), tal não determinará, como se constatou a propósito de *-dor/a*, que a categoria A não possa ter sido configurada como a classe de chegada desta operação da RFP^{AG}.

3.2.2. Estrutura argumental

Como se observou a propósito das formas em *-dor/a*, não existe simetria linear entre função sintáctica e semântica, uma vez que na posição de SUJ podem sobrevir distintas funções semânticas: a de AG, a de experienciador, a de ‘termo de relação de

²¹³ Cf. Bosque (1998: 109-11), Rio-Torto (1998b: 118-9) e Casteleiro (1981: 18). Acerca da derivação imprópria, sublinha Nunes ([1919] 1989: 208) que muitos dos vocábulos hoje S foram inicialmente A acompanhantes de um nome que qualificavam e que, ao este ter desaparecido, se converteram. Veja-se a análise da estrutura categorial dos produtos no capítulo II.

possessão’, ou ainda a de ‘termo de relação local’(cf. Laca 1993: 192). Existem, no entanto, algumas particularidades que individualizam os nomes-sujeito (Booij 1986) em *-dor/a* face aos derivados em *-deiro/a*.²¹⁴

Na análise efectuada a propósito das propriedades eventivo-aspectuais das bases destas formas, assinalou-se que um dos factores diferenciadores dos produtos sufixados em *-deiro/a* face aos derivados em *-dor/a* é a ausência de verbos estativos como bases por parte dos primeiros. Na sequência dessa análise, comprova-se agora que o número de produtos em *-deiro/a* derivados de predicadores construídos com argumentos em cuja posição sintáctica de SUJ ocorre o papel temático de ‘experienciador’ se revela bastante circunscrita.²¹⁵ *namorar>namoradeiro* e *(livre-)pensar>(livre-)pensadeiro*²¹⁶ são os únicos exemplos atestados. Por outro lado, constata-se que, na maior parte das EA dos V_b dos produtos em estudo, os papéis temáticos que mais frequentemente se encontram associados à posição de SUJ são os de AG e/ou de FONTE.²¹⁷ Pelos exemplos seguintes, confrontam-se as EA que os deverbais em *-deiro/a* integram com as correspondentes EA dos seus V_b :

(i) *A Isabel canta temas antigos.*

(ii) *O lugar que (onde se) apeia passageiros.*

(iii) *O utensílio torra pão.*

(i)’ *A cantadeira de temas antigos.*

(ii)’ *O apeadeiro de passageiros.*

(iii)’ *A torradeira de pão.*

²¹⁴ Cf. no capítulo II, no que diz respeito à EA das formas em *-dor/a*, as considerações efectuadas e os princípios teórico-metodológicos comuns que regem a análise na presente secção.

²¹⁵ Experienciador (EXP) é o papel temático que designa a «entidade que é a sede psicológica de uma dada propriedade ou relação» (Mateus et alii [1983] 2003: 189).

²¹⁶ Não discutiremos aqui, por não se enquadrar no âmbito do presente trabalho, se é o sufixo que se anexa a um possível V_b *livre-pensar* ou se é o primeiro termo do composto a juntar-se ao derivado *pensadeiro*.

²¹⁷ FONTE é o papel temático do argumento que designa uma entidade não controladora e Agente (AG) a do que designa uma entidade controladora (Mateus et alii [1983] 2003: 188-9).

(iv) *O Pedro brincou com os amigos.*

(iv)' *A brincadeira do Pedro com os amigos.*

(v) *Os convidados comeram todos os petiscos.*

(v)' *A comedeira de todos os petiscos pelos convidados.*

Detenhamo-nos, em primeiro lugar, nos exemplos (i)/(i)', (ii)/(ii)', e (iii)/(iii)'.
Observam-se as seguintes estruturas:

$[N_x] V [N_y]$

$[N_x de_{(+o/a)} N_y]$

As construções com os deverbais apresentam uma EA reduzida, uma vez que, a partir do momento em que são configuradas as unidades N_x , os argumentos externos com a função de SUJ em (i), (ii) e (iii) deixam de poder ser actualizados em construções com os derivados:

**A cantadeira de temas antigos pela Isabel.*

**O apeadeiro de passageiros pelo lugar.*

**A torradeira de pão pelo utensílio.*

Verifica-se, por conseguinte, que este processo de nominalização deverbal afecta o argumento externo, que é bloqueado nas predicções em que ocorrem os derivados. A herança deste argumento afigura-se morfológica ou interna, pois ele é integrado nos produtos por meio do próprio sufixo *-deiro/a*. O operador sufixal assimila, desse modo, quer o argumento externo quer a acção que este perpetrava através do V. Neste âmbito, os produtos em (i)', (ii)' e (iii)' representarão, à semelhança dos vocábulos em *-dor/a* (e também dos em *-nte*), “nominalizações orientadas” (Laca 1993: 187-9), i.e., S e A que designam entidades de primeira ordem – pessoas, objectos e, em estreita relação com estes, eventualmente locais –, que correspondem ao argumento incorporado no e pelo próprio sufixo. Ao mesmo tempo, este processo conserva o Arg^{INT} da EA do V_b , modificando embora a sua

subcategorização: ele é mantido na EA do derivado N_x , surgindo num SP introduzido pela preposição *de*.

Situação distinta é, por outro lado, a que ocorre em (iv)/(iv)':

(iv) <i>O Pedro brincou com os amigos.</i>		(iv)' <i>A brincadeira do Pedro com os amigos.</i>
--	--	--

Ora, sucede que o sufixo *-deir(a)*, apesar de não se incluir prototipicamente no conjunto daqueles formadores de nomes de acção ou de estado que suscitam uma internização do argumento externo do V_b (Williams 1981a: 92; Teles e Filipe 2003), forma alguns produtos, de que *brincadeira* é exemplo, que se caracterizam igualmente, como se concluirá na secção destinada à análise semântica, por designar acção/estado. Estes produtos podem incluir-se, portanto, no número dos que representam “nominalizações não orientadas” (Laca 1993: 187-9), uma vez que designam entidades de segunda ordem (estados de coisas, acções, processos), dão origem a S e não incorporam argumentos do V_b , podendo surgir com eles na predicação. Assim, dá-se também neste subconjunto de itens a internização mencionada, como se comprova pelo exemplo (iv)', onde *do Pedro* representa o argumento externo de (iv) internizado, em (iv)', sob a forma de um SP iniciado pela preposição *de*, surgindo na EA do derivado a ele imediatamente associado como Arg^{INT} :

(iv) $[N_x] V [com N]_{SP}$		(iv)' $[[N_{deira}] [de_{(+o/a)} N_y]] [com N]_{SP}$
-----------------------------	--	--

Contudo, nestes casos de nominalizações não orientadas, dependendo da EA da forma verbal de base, a internização do argumento externo realizar-se-á em moldes diversos. Para além do caso dos V_b monoargumentais, exemplificado em (iv), onde ocorre a internização do argumento externo do V_b através de um SP introduzido por *de*, veja-se o exemplo (v)/(v)':

(v) *Os convidados comeram todos os petiscos.*

[N_x] V [N_y]

(v)' *A comedeira de todos os petiscos pelos (*dos) convidados.*

[N_{deira}] [de N_y]_{SP} [por N]_{SP}

Conclui-se, portanto, que quando o V_b é um verbo TR, como em (v), o argumento externo é internizado também através de um SP, mas introduzido pela preposição *por* e, além disso, surge em posição final na EA associada ao derivado. Com base nos pressupostos estabelecidos aquando da análise da EA dos itens em *-dor/a* (cf. cap. II), conclui-se que o carácter determinado do argumento OD, herdado da base,²¹⁸ induz também aqui uma interpretação [+pontual] ao derivado: em *A vendedeira destes panos*, N_x representa um nome eventivo (Levin & Rappaport 1988), i.e., designador de um AG que se afigura o autor de uma acção concreta e bem delimitada (alguém que, em determinado momento e/ou local, executou a acção indicada pelo V_b do derivado). Nestes mesmos AG eventivos, e de acordo com Gràcia i Solé (1995: 50-1), a herança do Arg^{INT} do V_b é sintáctica ou externa, uma vez que ele é actualizado num SN contíguo ao do derivado: [*A vendedeira*] de [*estes panos*].

Nos casos em que aquele argumento se apresenta não determinado, os deverbais denotam entidades pensadas para/destinadas a realizar determinada(s) tarefa(s), sendo a interpretação [+habitual] ou [-télica]: *vendedeira de cravos* ou *descascadeira de amêndoa* são exemplos onde os N_x se apresentam como não eventivos, designadores de um AG (*vendedeira*) e de um INSTR (*descascadeira*),²¹⁹ que mantêm a sua condição independentemente do exercício efectivo ou não da sua função. Este último tipo de

²¹⁸ O carácter deste argumento influencia, como se viu na análise da estrutura das bases, a interpretação eventivo-aspectual da relação predicativa, já que a presença ou não de determinação no OD implica um evento do tipo *accomplishment* ([+télico]) ou do tipo *actividade/processo* ([-télico]), respectivamente.

²¹⁹ Os AG podem integrar, dependendo do co(n)texto, traços [+pontuais] ou [+habituais], viabilizando uma interpretação eventiva/não eventiva, ao passo que os INSTR se definem sempre pelo traço [+habitual] e pela consequente interpretação não eventiva – não manifestam um feito pontual ou concreto mas apenas a capacidade para efectuar certa função/tarefa (Levin & Rappaport 1988). Sobre a incompatibilidade dos nomes não eventivos, quer se trate de AG ou de INSTR, com SP determinados, do ponto de vista de uma suposta herança de um OD também determinado do V_b, veja-se também Gràcia i Solé (1995: 22; 51).

construções, exibindo a estrutura [N_x de N_y], comporta-se como verdadeiros compostos, à semelhança do que notámos a propósito de estruturas análogas em *-dor/a*. É por isso que Gràcia i Solé (1995: 50-1) fala, relativamente a este último tipo de N, em herança morfológica ou interna, pois ambos os argumentos do V_b são incluídos num SN com estrutura similar à dos compostos. Situação idêntica poderá ser comprovada em exemplos como os seguintes: *arranjadeira de casa* (RL, XIII, 81), *tecedeira de anjos* (*abortadeira*), *vendedeira de peixe/de flores*, *enfardadeira de rolos/de fardos cilíndricos/de papel e cartão*.²²⁰

3.2.3. Estrutura semântica

Como se viu no capítulo precedente, os produtos em *-dor/a* podem admitir variação de género quando denotam um ser humano, ao passo que os denotadores de utensílios/máquinas apresentam género fixo. Os derivados em *-deiro/a* revelam um comportamento semelhante.²²¹ Contudo, ao contrário daquilo que se verifica em relação aos primeiros, nomeadamente no que respeita às hesitações – de que foram dados alguns exemplos aquando da delimitação das unidades do *corpus*, no capítulo II –, também observadas no espanhol (Bosque 1998: 113), os produtos em *-deiro/a* parecem não se apresentar com esse tipo de vacilações de género (vd. as duas únicas excepções atestadas no capítulo IV, § 1, a propósito de algumas alternâncias entre produtos corradicais). Na sequência da hipótese levantada aquando da análise das formas em –

²²⁰ *Arranjadeira* surge na RL, como sinónimo de *governadeira*, destacando-se o uso frequente da expressão «*arranjadeira-de-casa*» (RL, XIII, 81; “Falas e Tradições do Distrito de Viana do Castelo”, Claudio Basto). *Tecedeira de anjos* surge em Queirós (s/d: 447), como eufemismo para “parteira especializada em abortos” ou *abortadeira* (sinónimo ainda de *aparadeira*, em RL, XIX, 184: «Tambem a ouvi a um médico no sentido de parteira, que trabalha só por pratica, sem habilitações»; “Glossário Dialectológico dos Arcos de Val de Vez”, F. A. Pereira).

²²¹ Em espanhol, com *-dero/a*, a situação é análoga, como observa Fernández Ramírez (1986: 46), embora Rainer (1993: 440-3) considere a existência de três sufixos distintos: *-derol-deral-deras*. Sobre os contra-argumentos a essa posição – que, aliás, são semelhantes aos aduzidos aquando da discussão acerca de *-dor/-dora* constituírem ou não o mesmo sufixo –, veja-se a referida análise no capítulo II. Além disso, ao contrário do que sucede em português, este sufixo não forma, no espanhol, produtos AG (vd. Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert 1999: 4538).

dor/a, pode admitir-se, com base no argumento de uma concordância antiga de primitivos A com um S *máquina* posteriormente elidido, a existência um sufixo *-deira* distinto daquele em que a forma homónima corresponde ao feminino de *-deiro* ou de *-dor*. No que toca a esta tese da origem elíptica da categoria INSTR, ela pode ser facilmente rebatida, comprovando-se a existência autónoma e efectiva *ab initio* da referida categoria, como propõe Rainer (2004).²²² Por outro lado, de acordo com o modelo adoptado, o facto de cada RFP se definir por uma única OS genérica ou regular não é impeditivo de que a mesma contenha variantes (Corbin 1987: 485-6; Rio-Torto 1998b: 111), sendo, por vezes, difícil ou mesmo impossível a identificação de cada uma delas a partir da generalidade que caracteriza as paráfrases e descrições dicionarísticas.

Os produtos em análise apresentam-se previsível e sistemicamente como AG e/ou INSTR, diferenciação que remete para o carácter [\pm animado] dos referentes. Ao mesmo tempo, alguns produtos ganham significações não genéricas, figurais e/ou convencionais.²²³ À semelhança daquilo que Rainer (1993: 442) observa para o espanhol, constata-se que também as formas em *-deiro/a*, não sendo exclusivas desse tipo de actividades, se encontram frequentemente ‘enquadradas’ em campos nocionais relacionados com actividades agrícolas, domésticas, piscatórias ou ainda outras actividades tradicionais.

3.2.3.1. Valores semânticos dos produtos em *-deiro*

Contrariamente àquilo que se verifica com os produtos em *-dor/a*, as paráfrases e caracterizações semânticas destas unidades no dicionário afiguram-se claras, e de um modo geral, inequívocas. O tratamento quantitativo do *corpus* revela a subsequente

²²² Rainer (2004) adopta pois uma posição diferente de Rainer (1993: 454-5; 1999: 4601) e de Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4542).

²²³ Sobre os diversos tipos de mecanismos responsáveis pela afectação de propriedades semânticas não sistémicas, veja-se Corbin (1991: 21-3) e Rio-Torto (1993: 145). Booij (1986: 504-7) explica a polissemia característica de alguns sufixos por “*extension rules*”. Confira-se o que ficou dito a este propósito, no capítulo precedente, aquando da análise semântica dos produtos em *-dor/a*.

representatividade dos semantismos veiculados por estes produtos. Expõe-se, em primeiro lugar, a informação tal como é disponibilizada no DLP, repartindo os derivados por séries correspondentes às paráfrases contidas no dicionário e mencionando, ao mesmo tempo, a categoria sintáctica aí atribuída a cada unidade. Na coluna A/S, indicam-se os derivados que na mesma entrada lexical são duplamente categorizados, sendo indiferente, na descrição que a seguir se leva a cabo, e a menos que se indique o contrário, a ordem A/S ou S/A com que aqueles surgem no DLP.

□ **Série AG (“aquele que V_b”)**

Exemplo: *Benedeiro*: «s. m. indivíduo que pretende livrar de doenças e feitiços por meio de rezas e benzeduras; bruxo.»²²⁴ Outros:

A/S ²²⁵	S
<i>ganhadeiro</i> <i>namoradeiro</i> ²²⁶ <i>palradeiro</i>	<i>herdeiro</i> ²²⁷ <i>traduzideiro</i> <i>vinhadeiro</i> ²²⁸

Caracterizando-se pelo traço [+animado], estes produtos podem transmitir, na construção predicativa, os mesmos dois grandes tipos de conteúdos semânticos anotados para *-dor*.²²⁹ Além do conteúdo pontual ou ocasional (N que identificam indivíduos relativamente a acções concretas/papel desempenhado em certo momento), em que a situação é semelhante ao que se verificou para *-dor*, observam-se, contudo, algumas

²²⁴ No ILB, sinónimo de *soldador* (Monteiro 1963: 115). Este, já registado, com a mesma acepção, na RL (II, 252; X, 243 e XXXVII, 258): sinónimo de *benzilhão*, «homem entendido em feitiçarias e bruxedos, que receita remedios contra malefícios, mau-olhado, principalmente. Esta industria, que em Lisboa é exercida por mulheres, está, entre Penamacor e Idanha, a cargo de homens, quase sempre pastores, que, para serem benzilhões ou soldadores, é preciso terem nascido, segundo a crença, com uma cruz no ceu da boca» (RL, II, 245; “Notas sobre a linguagem de Aldeia de St.^a Margarida”, A. A. Alves).

²²⁵ Na análise das unidades descritas pelo DLP como ambivalentes (A/S), em todo o presente trabalho, apenas constitui objecto de estudo o valor substantival.

²²⁶ Também no ILB, com acepção INSTR: «[bancos] *namoradeiros*: adj., bancos de pedra junto das janelas da casa de fora (em Ourém)» (Silva 1972: 320).

²²⁷ *Herdeiro* constituirá haplologia de *herdadeiro* (do lat. *hereditarius*), como mencionam Villalva (2000: 169) e Nascentes (*apud* HOUAISS). Sobre este fenómeno, sublinha Carolina M. de Vasconcelos (RL, XI, pp. 43-4, em “Dicionário etimológico das línguas hispánicas”): «D’ esses casos de simplificação de reduplicações aparentes, inúteis no sentir do povo, há bastantes nas línguas hispánicas».

²²⁸ Sobre a questão da categoria da base de *vinhadeiro* e de outros produtos semelhantes, veja-se a análise efectuada no ponto dedicado à estrutura categorial das bases.

²²⁹ É necessário ter em conta a importância do contexto nessa tarefa. Sobre a questão das leituras diferentes consoante o contexto de actualização, e da responsabilidade da quantificação/determinação do OD, veja-se o que ficou dito na secção consagrada à estrutura eventivo-aspectual das bases.

particularidades no que diz respeito ao valor genérico ou disposicional:²³⁰ os derivados em *-deiro* designarão não tanto grupos profissionais, mas antes a realização habitual de uma acção/função social (*benzedeiro*, *vinhadreiro*) ou então a tendência para um determinado comportamento (*namoradreiro*, *palradreiro*). Os do primeiro subtipo são, ao contrário dos do segundo, referencialmente autónomos, pelo que estes AG se categorizam como S e A/S, respectivamente.

□ **Série INSTR (“aquilo (com) que (se) V_b”)**

Encontram-se representadas no DLP apenas três unidades:

A/S	S	
<i>assadreiro</i> ²³¹ «s. m. o m. q. assador (utensílio que serve para assar); adj. próprio para se assar.»	<i>arribadreiro</i> «s. m. (náut.) cabo que se ala do mar para a terra depois de lançada a rede de arrastar»	<i>moscadreiro</i> «s. m. o m. q. enxota-moscas»

Estes produtos definem-se pelo traço [-animado] e denotam objectos concretos. Por oposição aos INSTR em *-dor*, não se afiguram como aparelhos ou maquinismos com um maior ou menor grau de automaticidade. Sendo utensílios ‘simples’ e ‘manuais’, não é, todavia, por isso que deixam de se apresentar também como «la contraparte inanimada de los sustantivos personales clasificantes» (Laca 1993: 195) ou

²³⁰ Veja-se, na secção correspondente da análise dos produtos em *-dor*, os testes que permitem distinguir os dois subtipos deste valor, propostos por Laca (1993: 194). Por outro lado, substantivações valorativas são particularmente frequentes quando os adjectivos-base apontam para qualidades negativas (Bosque 1998: 109-10). A este assunto voltaremos ao tratar da carga pejorativa em alguns destes derivados.

²³¹ Apesar de as unidades exclusivamente A não constituírem o objecto deste estudo, impõem-se algumas considerações. A unidade categorizada em A/S (*assadreiro*), que, como S se define por designar o “utensílio que serve para assar” (também, por ex., em Pereira (1972: 347)), na interpretação A, é apresentada pelo DLP como “próprio para se assar”. Esta semântica, presente nos restantes A em *-deiro* e em alguns em *-deira* e se caracteriza por exprimir “possibilidade”, constituirá, pois, um vestígio antigo da influência de *-torius*, sufixo latino formador de A que originou, mantendo aquele semantismo (a par do LOC), em português, *-douro* e, em espanhol, *-dero* (mais raramente, segundo Meyer-Lübke (1895: 582), *-duero*). Vd. também Diez (1874: 327). De facto, comprova-se que a maioria dos A (e, possivelmente, alguns S: *torradreiro*: «leitão» (Ferreira 1964: 68 e Santos 1960: 385)) em *-deiro* veicula esse valor, parafraseável por ‘próprio para V_b’ ou ‘que pode V_b’: *andadreiro*, *atadreiro*, *caidreiro*, *casadreiro* (dado, pelo próprio DLP, como sinónimo de *casadouro*). O mesmo valor é apontado por Rainer (1999: 4604; 4607) para *-dero*, considerado um dos sufixos “menores e marginais” no espanhol. Gràcia i Solé (1995: 41) sublinha que, em catalão, *-dor* pode veicular também esse sentido (por ex., *casador*), assemelhando-se, assim, aos adjectivos em *-vel*. O mesmo sucede em português, onde se comprova que os A em *-dor* e os em *-deiro* se relacionam com os adjectivos de possibilidade (RFP^{POSSIBIL}, cf. Rio-Torto 1993; 1998b).

de fazer parte dos «nomes de agente» (Benveniste [1948] 1975: 60), uma vez que designam instrumentos tendo em conta a função própria.

□ **Série AG/INSTR (“aquele/aquilo (com) que (se) V_b”)**

São também apenas três as unidades arroladas no DLP:

A/S	S	
<i>vindimadeiro</i> «adj. e s. m. o m. q. vindimador: aquele que vindima; objecto que se emprega nas vindimas (cesto, tesoura, faca, etc.)»	<i>aguadeiro</i> ²³² «s. m. homem que leva água ao domicílio; molho de linho em rama para demolhar.»	<i>andeiro</i> ²³³ «o m. q. andadeiro e andarilho (o que anda muito e depressa, que é fácil de percorrer (...) diz-se da roupa e do calçado próprio para usar todos os dias, etc.)»

□ **Série INSTR/AG (“aquilo (com) que (se)/aquele que V_b”)**

A única unidade arrolada no DLP é:

S/A
<i>lavadeiro</i> ²³⁴ «s. m. cesto de medir sardinha, usado em algumas praias; homem que lava roupa por ofício; adj. designativo de um ratinho da América que costuma lavar o alimento antes de o comer.»

Conclui-se, assim, que existem, tal como em *-dor/a*, formas ambigualmente classificadas – AG e/ou INSTR. O que importa realçar é que, independentemente de se considerar uma transferência de capacidade designadora da categoria AGENTE para instanciações progressivamente menos típicas desta – AGENTE (impessoal) e INSTRUMENTO (Booij 1986, 1988) –²³⁵ ou a existência independente desta última

²³² Sobre a categoria da base de *aguadeiro* e outros produtos semelhantes, vd. a análise no ponto dedicado à estrutura categorial das bases. No ILB (Silva 1954: 117), regista-se o *cesto aguadeiro*, de vime e com a função de transportar cântaros de água. Outros registos, também no ILB, encontram-se em Mendes (1953: 232), Matias (1974: 267; [*chapéu*-]) e Silva (1972: 259; *augadeiro*). Com o sentido de tipo de *chapéu*, também na RL (XVI, 209; “Notas á Margem do Novo Dicionario”, Oscar de Pratt).

²³³ Outro caso de haplologia (de *andadeiro*), de que se dá notícia no próprio DLP. Contudo, o critério categorial não é claro, pois categoriza-se *andadeiro* como A e *andeiro* como S, dando depois este, na definição, em epigrafe, como sinónimo do primeiro. De facto, a categorização mais correcta seria como A/S. Na RL, *andeiros* são as «chuvadas repetidas alternadas com bom tempo pouco demorado. O tempo está “de andeiros, ás andeiradas”; isto é, ora chove, ora faz bom tempo» (RL, XIX, 184; “Glossario dialectologico dos Arcos de Val de Vez”, de F. Alves Pereira).

²³⁴ No ILB (Silva 1954: 80), regista-se o *cesto lavadeiro*, utilizado para lavar o peixe. Também como LOC ainda no ILB (Matias 1974: 204; *lavadêro*, “local onde se lava roupa”, atestado como sinónimo da unidade corradical em *-douro*) e no DLPC (“fossa para depósito de águas”).

²³⁵ AGENTE (impessoal) e INSTRUMENTO distinguem-se pelo traço [±automático] (cf. Booij 1986: 510).

categoria *ab initio* (Rainer 2004),²³⁶ AG e INSTR (tal como LOC, de que a seguir se trata) são suportes pelos quais a acção se realiza. A distinção entre ambas as categorias remete para o carácter [\pm animado] dos referentes (cf. Benveniste [1948] 1975: 61; Meyer-Lübke (1895: 611); Ali [1931] 1964: 237), questão de âmbito extralinguístico.

□ **Série LOC (“local onde (se) V_b”)**

Exemplo: *Paradeiro*: «s. m. lugar onde se pára; paragem; sítio onde alguma coisa ou pessoa se encontra; morada.» Outros.²³⁷

S	
<i>apeadeiro</i>	<i>deslizadeiro</i>
<i>atascadeiro</i>	<i>mentideiro</i>
<i>atoladeiro</i>	<i>resvaladeiro</i>
<i>bramadeiro</i>	<i>singradeiro</i>
<i>cremadeiro</i>	<i>tragadeiro</i>

Esta constitui a série mais representada dos produtos em *-deiro*. Como se disse atrás, AG, INSTR e LOC encontram-se intimamente relacionados. É este o princípio unificador que subjaz às palavras de Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4512):

«(...) el sufijo puede actualizar diferentes relaciones semántico-gramaticales, bien de manera independiente o combinadas en un mismo proceso derivativo. Sucede esto especialmente en el caso de los contenidos «agente», «instrumento» o «lugar». Los instrumentos o los lugares pueden ser considerados metafóricamente como entidades activas, por lo que no es de extrañar que el mismo sufijo que indica «agente» pueda indicar también «lugar» o «instrumento», como sucede, por ejemplo, en el caso de *-ero* o *-dor*.»

Aos casos aí mencionados, poderemos, por conseguinte, acrescentar *-deiro*, para o português. Contudo, ao invés do que se constata no espanhol (cf. Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert 1999: 4538), no *corpus* arrolado figuram em maior número os produtos (dados pelo dicionário como) estritamente LOC do que aqueles que associam esse semantismo com o INSTR ou o AG, casos que a seguir se analisam.

²³⁶ Para este autor, o padrão INSTR nominal herdado da época medieval continua a ser produtivo na criação de novos vocábulos (Rainer 2004: 109; 117).

²³⁷ Alguns destes vocábulos surgem, por vezes, em usos figurados, que o próprio DLP indica (o DLPC dispensa a indicação), com carga negativa: *desfiladeiro*, «situação embaraçosa, de solução difícil»; *despenhadeiro*, «perigo»; *tragadeiro* (DLPC), «o que é causa de desgraça, de ruína», entre outros.

□ **Série INSTR/LOC (“aquilo (com) que (se)/local onde (se) V_b”)**²³⁸

Como mencionam vários autores (Piel 1940: 32; Rainer 1993: 442, entre outros), LOC e INSTR relacionam-se intimamente, sendo, muitas vezes, difícil destrinçar os dois tipos de conteúdos semânticos. Prova disso é que, embora a paráfrase destes produtos possa incluir referências locativas (“objecto em que/onde se V_b”), todos eles admitem a paráfrase genérica atribuída pela OS (“que serve para V_b”). Os vocábulos exemplificativos destes casos são:

- descansadeiro*: «s. m. lugar ou assento para descansar.»
maçadeiro: «s. m. (reg.) pedra em que se maça o linho; maçadouro».²³⁹
malhadeiro: «s. m. mangual; eira; (fig.) aquele em quem todos batem; aquele que é objecto de motejos; adj. malhadiço.»
picadeiro: «s. m. lugar onde se fazem exercícios de equitação e adestram cavalos; cepo sobre o qual os tanoeiros encurvam as aduelas; lugar de passeio habitual.»
transpiradeiro: «s. m. poro; (fig.) respiradouro.»

Como os próprios exemplos *transpiradeiro* e *maçadeiro* atestam, ao serem remetidos, na definição apresentada, para as formas correspondentes em *-douro*, parece ter havido a influência deste sufixo, descendente do latino *-torius*,²⁴⁰ na capacidade de designação LOC manifestada também por *-deiro*. Os exemplos são vários, como o já mencionado *lavadeiro*, categorizado pelo DLP como INSTR/AG, mas dado também como LOC por Matias (1974: 204), onde ‘*lavadêro*’, “local onde se lava roupa”, se regista, a par de ‘*matadêro*’ e ‘*cebadêro*’ como sinónimos das formas correspondentes em *-douro*, e no DLPC, onde designa ainda «fossa para depósito de águas».²⁴¹

²³⁸ Ou LOC/INSTR. A ordem, aqui, tal como na série subsequente, é arbitrária.

²³⁹ Cf. RL (XII, 106-7; “Tradições populares e linguagem de Villa Real”, A. G. Pereira): «pedra em que se bate o linho, lugar onde isto se faz»; com idêntica acepção, em Mota (1958: 155).

²⁴⁰ Sufixo latino formador de A convertidos depois em S, que originou, no português, inicialmente *-doiro* e depois *-douro* e, na língua culta, se manteve *-tório*, exprimindo LOC e/ou INSTR (vd. Piel 1940: 39, segs.; Nunes [1919] 1989: 371). Em espanhol, o mesmo sufixo originou *-dero*, surgindo mais raramente *-duero* (Meyer-Lübke 1895: 582). Vd. também Diez (1874: 327). Em alguns casos, também *-dor* parece ganhar essa associação LOC por influência de *-douro*; é curioso verificar as remissões que por vezes surgem, nas descrições lexicais, para formas construídas com este sufixo: vd., por exemplo, *espadelador* (DLP) ou *acarradôr* (RL, XXV, 60).

²⁴¹ Esta acepção do DLPC permite, além disso, incluir o produto no grupo dos INSTR designadores de objectos recipientes/continentes, os quais, caracterizados por fortes implicações LOC, representam o grupo de INSTR onde as relações INSTR/LOC são mais evidentes (Rainer 2004: 98; Rio-Torto 1998b:

□ **Série AG/LOC (“aquele que/local onde (se) V_b”)**

São apenas três estas unidades:

cevadeiro: «s. m. pia ou lugar onde se faz a ceva; encarregado da cevadaria; cevador de falcões.»²⁴²

fiadeiro: «s. m. homem que se emprega em fiar; fiandeiro; (reg.) fogueira em volta da qual se reúnem as mulheres da aldeia para fiar, cantar ou rezar; adj. fácil de fiar».

pousadeiro: «s. m. (ant.) o que dava ou preparava a pousada; poleiro».²⁴³

Determinadas as séries e excluídos os produtos classificados como exclusivamente A (13 unidades no DLP), estabelece-se a seguinte repartição pelos diferentes valores semânticos. Os vocábulos anteriormente distribuídos por duas séries distintas (AG/INSTR e INSTR/AG) reúnem-se numa única categoria (AG/INSTR). Ao mesmo tempo, comparam-se os resultados do DLP com os da RL:

Séries Semânticas	Categorias Sintáticas		TOTAIS	Séries Semânticas ²⁴⁴	Categorias Sintáticas		TOTAIS
	(A/S)	(S)			(A/S)	(S)	
AG	3	9	12	AG	3	5	8
INSTR	1	2	3	INSTR	-	11	11
AG/INSTR	2	2	4	AG/INSTR	1	-	1
LOC	-	16	16	LOC	-	2	2
INSTR/LOC	1	4	5	INSTR/LOC	-	1	1
AG/LOC	1	2	3	AG/LOC	-	1	1
			43				24

Quadro 16. Distribuição dos derivados em *-deiro* por séries semânticas/categorias sintáticas (DLP)

Quadro 17. Distribuição dos derivados em *-deiro* por séries semânticas/categorias sintáticas (RL)

125). No mesmo grupo se incluirá *lançadeiro*: «mesa, aparador em que se dispõe e reparte a comida» (RL, I, 213; “Materiaes para o estudo dos dialectos portugueses”, Gonçalves Vianna).

²⁴² Em Matias (1974: 204), ‘*cebadêro*’ surge como sinónimo da forma em *-douro*.

²⁴³ Considera-se como base *pousar*, acção que subjaz quer à realização da mesma por um eventual AG, quer ao próprio LOC da realização. É essa a base também considerada no DELP e no DM; neste, surge ainda com outro cambiante semântico: «(...) as nádegas, sobre que assentamos o corpo». Por alteração fonética na base (Nunes [1919] 1989: 76-7), surge também *poisadeiro*: «a pobrezinha caíra, como pomba que, fatigada de voejar, não achou outro *poisadeiro*» (Camilo 1862: 20; o destaque é nosso).

²⁴⁴ Em AG/INSTR, a unidade é *aguadeiro*, a que já se aludiu várias vezes neste trabalho; em LOC, além de *fiadeiro*, de que se falará a seguir, a outra unidade é *giadeiro*: «[sítio] onde não há sol» (RL, XXXV, 245; “Vocabulário barrosão”, F. B. Barreiros); *maçadeiro* é a unidade INSTR/LOC (vd. a análise nesta série) e *malhadeiro* a AG/LOC («homem; malhada: local onde há colmeias (colmeais) para fabrico do mel»; em RL, XVI, 250; “Notas á margem do novo dicionário”, Óscar de Pratt).

Uma das razões pelas quais os derivados nem sempre se apresentam semanticamente previsíveis, não sendo, por vezes, nada evidente a relação com a base é a existência de uma deslocação metafórica ou metonímica, que, de acordo com Santiago Lacuesta y Bustos Gisbert (1999: 4538) pode afectar o próprio tipo de conteúdo semântico-gramatical do derivado. É o que se observa, por exemplo, com *fiadeiro*, incluído no Quadro 16 (DLP) na série AG/LOC e no Quadro 17 (RL) na série LOC. De facto, além de veicular uma acepção AG (“homem que se emprega em fiar”), outra LOC, sendo a “casa ou espaço em que se fia”, possui ainda um significado temporal, designando igualmente o «serão em que se fia» (RL, XX, 245),²⁴⁵ e, possivelmente, um outro accional (Boal 1964: 308; Mota 1958: 150).²⁴⁶

Ao contrário do que se observa relativamente a *-dor*, onde ambos os *subcorpora* (DLP/RL) confluem na demarcação do valor AG, nota-se, no que toca aos produtos em *-deiro*, alguma disparidade. Assim, os LOC são os que surgem em primeiro lugar no DLP, seguidos dos AG, surgindo depois os INSTR e, por último, as várias associações (AG/INSTR/LOC), como se visualiza no Gráfico 18, relativo às unidades no DLP.

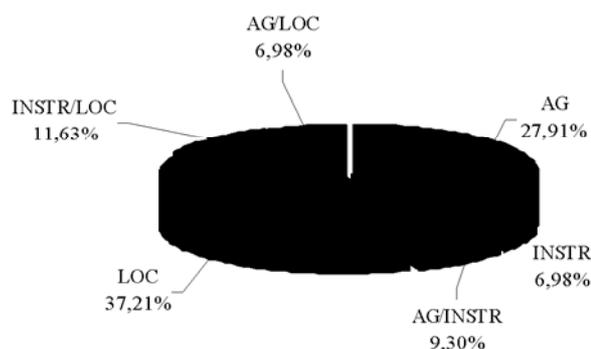


Gráfico 18. Derivados em *-deiro*: séries semânticas e categorias sintácticas (DLP)

Por outro lado, são os INSTR que surgem em primeiro lugar na RL, seguidos dos AG, sendo escasso o número de LOC representados. Em comum, apenas o facto de

²⁴⁵ A unidade surge também no volume XXXV da RL, onde se apresenta a seguinte definição: «(1) serão em que fia o linho ou lã, havendo ao mesmo tempo jogos, tocatas e descantes»; 2) a casa onde se faz o serão» (RL, XXXV, 241; “Vocabulário barrosão”, F. B. Barreiros).

²⁴⁶ É nos materiais do ILB que este semantismo surge: «fiada; reunião de raparigas e mulheres para fiar o linho e estopa» (Boal 1964: 308; a definição é idêntica em Mota 1958: 150).

serem os AG a surgirem em segundo lugar em ambas as fontes, como se constata no gráfico seguinte (Gráfico 19), elaborado a partir do *subcorpus* RL:

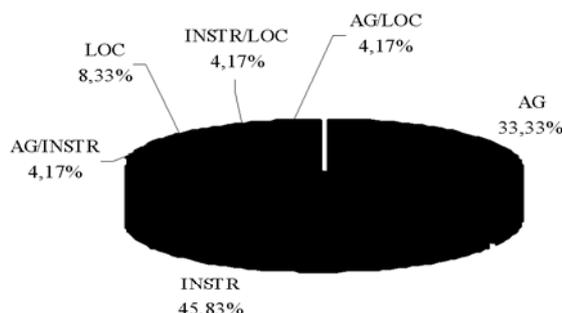


Gráfico 19. Derivados em *-deiro*: séries semânticas e categorias sintáticas (RL)

Conclui-se, assim, que as significações AG e INSTR constituem os significados sistêmicos e estruturais introduzidos pela operação semântico-categorial da regra que forma estas palavras. Por outro lado, o significado LOC, que em *-dor/a* é complementar e accidental, não ocorrendo como único em nenhuma daquelas unidades, afigura-se aqui bastante importante, uma vez que representa a maior parte dos produtos no DLP, situação que é reveladora da grande lexicalização que o sufixo sofreu. Apesar de na RL este significado figurar apenas em terceiro lugar, convém notar que as unidades em INSTR/LOC e AG/LOC são simultâneas. No que diz respeito à distribuição, no interior de cada série semântica, dos produtos de acordo com a sua categorização sintáctica, observem-se os gráficos seguintes. O Gráfico 20 apresenta os dados que dizem respeito ao DLP e o Gráfico 21 os relativos à RL:

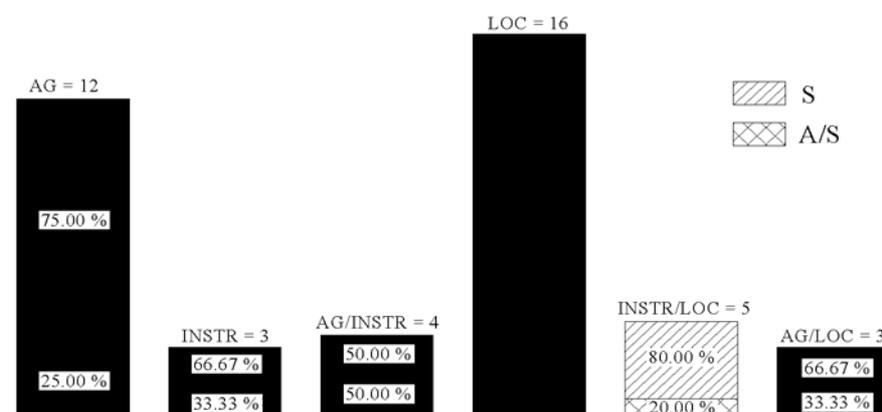


Gráfico 20. Categorias sintáticas dos derivados em *-deiro* nas séries semânticas (DLP)

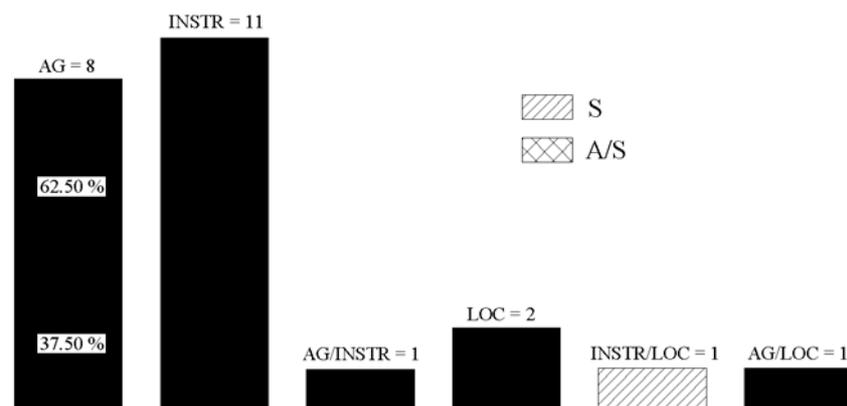


Gráfico 21. Categorias sintáticas dos derivados em *-deiro* nas séries semânticas (RL)

O número maior de S (55 unidades de um total de 67 em ambos os *subcorpora*), comparativamente aos A/S (apenas 12 formas), em todas em séries semânticas, indica que os derivados em cuja formação intervém o sufixo são referencialmente autónomos, produtos já bastante lexicalizados e fixados, evidência que se deixa entrever logo pela ausência – porque desnecessária – de uma categoria “O que V_b ” na descrição semântica efectuada. Neste âmbito, merece destaque especial o facto de os LOC se apresentarem todos, sem excepção, como S. Quanto aos AG, ao contrário do que se verificou para *-dor*, apesar de alguns se apresentarem como A/S, assumem-se como tendencialmente mais classificadores do que caracterizantes.²⁴⁷ Relativamente à série INSTR, já se observa um ponto em comum com *-dor*: em ambos os paradigmas predomina a categorização S face à ambivalente A/S, o que confirma um grau maior de lexicalização destes produtos quando são designadores de instrumentos do que quando se apresentam como AG ou ambi-sémicos (AG/INSTR), categorias em que desponta de modo mais visível uma permeabilidade categorial A/S.

3.2.3.2. Valores semânticos dos produtos em *-deira*

Relativamente à semântica destas unidades, constata-se a existência de uma ligação incontornável, na grande maioria dos casos, com ambientes laborais, de modo

²⁴⁷ Vd. Laca (1993: 194-5) e o que já ficou dito na análise da série semântica AG.

muito particular de índole agrária, artesanal, tradicional ou doméstica. Os valores semânticos atestados nos deverbais em *-deira* enumeram-se de seguida.²⁴⁸

□ **Série INSTR (“aquilo (com) que (se) V_b”)**

Caracterizados pelo traço [-animado], denotam objectos concretos (aparelhos, maquinismos ou partes dos mesmos), a partir da sua função, que realizam efectivamente ou para a qual foram concebidos.

Exemplos:

abraçadeira, «s.f. peça que liga uma coisa a outra, cingindo-as; chapa de ferro para fixar vigamentos ou paredes; cordão que fixa, aos lados, um cortinado».

afiadeira, «s.f. pedra de afiar».

amatadeira (RL, XIX, 183), «pequena pá de madeira, de que se faz uso ao amassar o pão».²⁴⁹

caçadeira, «s.f. espingarda de caçador; jaqueta própria de caçador; pequeno barco para caça às aves aquáticas; adj. que caça ou é própria para caçar».

chaçadeira (RL, XIX, 209), «pedaço de ferro sobre o qual os tanoeiros batem com martelo ou maço para apertarem os arcos das vasilhas».²⁵⁰

desmamadeira, «s.f. chupeta de trapos embebida numa substância amarga, que se dá a chupar às crianças por ocasião do desmame».

encriadeira (RL, XI, 154), «cordas grossas para segurar os saccos nas bestas».²⁵¹

enxertadeira, «s.f. faca própria para enxertar.»

escolhedeira, «s.f. maquinismo de abrir e limpar a lã, nas fábricas de lanifícios.»

escumadeira, «s.f. colher com orifícios, para escumar líquidos; espumadeira».

estinhadeira (RL, XVI, 238), instrumento de ferro para tirar a traça.²⁵²

²⁴⁸ As unidades sem indicação de fonte são as que figuram no DLP.

²⁴⁹ «Ao deitar na farinha a água bem quente, é com a amatadeira que se amata a água, mexendo rapidamente a massa em vários sentidos. Depois disso, é que se amassa com as mãos. Ouvido o termo e a sua explicação no lugar da Mourisca, freguesia de Estramo. Este instrumento, quando é de ferro, é o que se chama ferrea» (RL, XIX, 183; “Glossário Dialectológico dos Arcos de Val de Vez”, F. A. Pereira).

²⁵⁰ No “Glossário Dialectológico dos Arcos de Val de Vez”, F. Alves Pereira.

²⁵¹ «(...) encriar a carga, segurá-la. Está em vez de inquerir, assim como o antecedente em vez de inquirideira» (RL, XI, 154; “Tradições Populares e linguagem de Atalaia”, Carlos A. Monteiro do Amaral). Também em RL, V, 46 (“Vocabulário transmontano”, Augusto C. Moreno).

²⁵² «No Vale-do-Coína, e presumo que em outros pontos do país, estinhar é tirar a tinha (tirar a traça) dos cortiços e dos favos das abelhas, raspando-os com uma face ou estilete de ferro a que chamam

lardeadeira, «s.f. agulha própria para lardear».

marcadeira (RL, XXII, 29), machado pequeno.²⁵³

premedeira, s. f. «pedal do tear; o m. q. apeanha».²⁵⁴

ralhadeira (RL, XV, 196), «matraca movida pelo vento para enxotar os pássaros».²⁵⁵

zinideira, «s.f. verga espalmada, presa por um fio a um pau que os rapazes agitam para o fazerem zunir».

□ Série AG (“aquela que V_b”)

abençoadeira, «s.f. benzedeira; curandeira».

arruadeira, «s.f. mulher que gosta de andar na rua; meretriz».

assisadeira (RL, V, 28), «mulher má-língua, mulher-tesoira a cortar de todos, mulher niqueira que nem deixa uma ninharia por censurar».²⁵⁶

atravessadeira, «s.f. (reg.) apelido dado em Coimbra à mulher que compra os géneros destinados ao mercado para os vender por maior preço; açambarcadeira».²⁵⁷

bersadeira (RL, I, 205), «versejadora de *berso*, ‘verso’».²⁵⁸

cuidadeira, «adj. f. e s.f. mulher que tem alguma coisa a seu cuidado; zeladora».

despicadeira (RL, XXXIII, 170), «Pop. – bisbilhoteira. Mulher, que tem resposta sempre pronta para tudo, que nunca fica calada nas disputas com outras mulheres».²⁵⁹

escamadeira, «s.f. mulher que escama peixe».

estinhadeira. «[Em Felgueiras, concelho de Moncorvo] chamam estinhar a tirar a traça ou tinha das colmeias» (RL, XVI, 238; “Notas á Margem do Novo Dicionario”, Oscar de Pratt).

²⁵³ «machadinha dos negociantes de madeira; no olho ha umas iniciaes com que marcam para a espoladela feita na árvore» (RL, XXII, 29; “Glossario Dialectologico do Concelho dos Arcos de Valdevez (Alto-Minho)”, Felix Alves Pereira).

²⁵⁴ Na RL, define-se como «qualquer peça fixa que exerça acção de carregar, apoiar» (RL XXV, 193; “Glossario Dialectologico do Concelho de Arcos de Valdevez (Alto Minho)”, F. Alves Pereira); também «promedeiras/premedeiras (em Vila de Perdizes, spremedeiras) – pedais do tear» (RL, XXXV, 289; “Vocabulário Barrosão”, F. B. Barreiros). No ILB, com a mesma acepção, em Freitas (1948: 113), surgindo também com a prótese do *a-* em *apremedeira* (Sousa 1955: 264).

²⁵⁵ «(...) taramela (Soajo). (C. B.) O termo é de enfase popular» (“Glossario Dialectologico do Concelho dos Arcos de Valdevez (Alto-Minho)”, F. Alves Pereira).

²⁵⁶ “Vocabulario transmontano”, Augusto C. Moreno. O V_b *assisar* é definido em DM como «dar siso».

²⁵⁷ *Açambarcadeira* «é, em Viana [do Castelo], a contratadeira, mulher que açambarca os géneros trazidos ao mercado para os revender «foi multada a açambarcadeira Joaquina Miranda pelo zelador nº 8» - *Vida Nova* (Viana), Julho de 1907» (RL, XIV, 145; “Linguagem Minhota”, Oscar Pratt).

²⁵⁸ “Vocabulario de “Dialectos portugueses”, Gonçalves Viana. O produto deverá derivar, à semelhança de outros, não do nominal *verso*, mas do tema de *versar*, utilizado como sinónimo de *versejar* (vd. *versar* no GDLP). O pelo <v> é um indício que poderá remeter a ocorrência, registada mas não situada geograficamente por Gonçalves Viana, para uma área mais a norte do país, onde, de facto, se comprova a inexistência da oposição fonológica distintiva entre a bilabial e a lábio-dental. Tal hipótese parece ser confirmada, a crer na classificação de “transmontano” que o DEPP atribui a esta entrada.

²⁵⁹ “Vocabulário Alentejano”, J. A. Pombinho Júnior e, com a mesma acepção, em RL, XXXVII, 229.

espadadeira (RL, XII, 96, 106), «mulher que *espada* o linho». ²⁶⁰

frasquejadeira (RL, XXXVII, 236), «mulher que *frasqueja*, que faz a *frasca* (Baixo Alentejo)». ²⁶¹

governadeira, «adj. f. e s.f. mulher ou designativo da mulher que dirige bem os seus negócios domésticos». Na RL, com este significado, surgem *arranjadeira* e *alinhadeira*. ²⁶²

lambadeira (RL, XIX, 320), «mulher que faz desenhos na louça, e a alisa». ²⁶³

lavradeira, «s.f. fem. de lavrador; mulher que se emprega no mister da lavoura; camponesa».

piladeira (RL, VI, 83), «mulher que *pila* arroz». ²⁶⁴

respigadeira, «adj. f. e s.f. fem. de respigador; que ou a mulher que *respiga*».

rezadeira, «s.f. mulher que faz rezas ou deita cartas; beata; (fig.) *murmuradeira*». ²⁶⁵

tascadeira, «s.f. mulher que *tasca* ou *espadela* o linho».

trabalhadeira, «adj. f. e s.f. fem. de trabalhador; mulher laboriosa; mulher amiga de trabalhar; diligente».

Os exemplos das séries precedentes (AG e INSTR) representam os valores fundamentais, os significados profundos, definitórios e sistémicos observáveis nestes deverbais. Uma parte considerável dos vocábulos estudados é, por outro lado, ambivalente do ponto de vista semântico-referencial, uma vez que muitos deles se apresentam como simultâneos, podendo ocorrer quer como AG, quer como INSTR. Esta circunstância extravasa, como já se disse, a própria língua, decorrendo de condicionalismos referencio-culturais, pelos quais se atribuem os traços [+humano] ou

²⁶⁰ “Tradições Populares e linguagem de Villa Real”, A. Gomes Pereira.

²⁶¹ «frasquejar: Prov. alentejano – fazer bôlos ou doces (de *frasca*: faina de fazer bôlos ou doces)» (“Retalhos de um vocabulário”, J. A. P. Júnior).

²⁶² *Arranjadeira*: «o mesmo que *governadeira*. Muito usada a expressão *arranjadeira-de-casa* (...)» (RL, XIII, 81, “Falas e Tradições do Distrito de Viana do Castelo”, Claudio Basto). Quanto a *alinhadeira*, é referido o seguinte: «o mesmo que *arranjadeira*. (...) *alinhar*: cuidar da família e do conchêgo doméstico, aninhar: *a mulher, pôsto que viúva e pobre, traz a família muito bem alinhada.*» (RL, XXVIII, 90; “Linguagem Popular de Turquel”, J. Diogo Ribeiro).

²⁶³ “Folklore de S^{ta} Victoria do Ameixial”, Luis Chaves. Quanto à semântica da base verbal, «lamber» regista-se figuradamente, em DM, como sinónimo de «tocar levemente, polir».

²⁶⁴ “Dialecto indo-português de Goa”, Mons. Sebastião Rodolfo Delgado.

²⁶⁵ A categorização, no DLP, apenas como S não corresponderá muito à realidade, uma vez que os usos A da palavra são frequentes. A actividade profissional é comprovada nos materiais do ILB (vd., por ex., Pereira 1949: 119 ou Silva 1972: 338).

[+animado] ou [+instrumento] às unidades linguísticas. A seguir, apresentam-se alguns exemplos ilustrativos destes casos, de acordo com os critérios anteriormente definidos (em primeiro lugar, os coligidos nas fontes como AG/INSTR e, depois, os INSTR/AG).

□ **Série AG/INSTR (“aquela/aquilo (com) que (se) V_b”)**

amassadeira, «s.f. mulher que amassa; masseira; máquina de amassar».

andadeira, «s.f. mulher que anda muito; cavalgadura ligeira; pl. cintas para ensinar as crianças a andar».²⁶⁶

basteadeira, «s.f. mulher que põe bastas nos colchões; agulha comprida própria para esse serviço.»

engarrafadeira, «s.f. mulher que engarrafa; máquina para engarrafar.»

espreitadeira, «adj. f. e s.f. que ou a mulher que espreita; s.f. abertura por onde se espreita.»²⁶⁷

maçadeira (RL, XVII, 15), «aquele (ou aquilo) que maçava (masculino: maçom; feminino maçadeira)».²⁶⁸

mondadeira, «s.f. mulher que monda, que trabalha nas mondas; o m. q. mondina; sachinho de mondar.»²⁶⁹

□ **Série INSTR/AG (“aquilo (com) que (se)/aquela que V_b”)**

aparadeira, «s.f. vasilha ou objecto que serve para aparar; (pop.) parteira».²⁷⁰

²⁶⁶ Na RL, o *S andadeira* surge com várias acepções: a de «brinquedo de rapazes. Um pedaço de cana-frecha: no tópo superior um pausito espetado, terminando no alto em forcada, e agora, girando neste eixo, outro pedacinho, espalmado, da mesma canna, furado no meio, e com duas asas de papel, pregadas com picos de silva, nas extremidades, uma para um lado e outra para outro, dando a esta última peça uns longes de um Z. Correndo com ellas ao vento, andam muito, e d’ahi o nome» (RL, V, 26; “Vocabulário transmontano”, A. C. Moreno). Outra acepção é a registada por A. G. Pereira (RL, XI, 290; “Tradições Populares e linguagem de Villa Real”), onde surge como a «pedra que anda (no moinho), a mó superior». Também, com este mesmo valor («mó, pedra girante do moinho»), em RL, XXXV, 260 (“Vocabulário Barrosão”, F. B. Barreiros). Como A, surge em Ribeiro (1968: 178, sob a forma ‘*aundadeira*’) e em RL, XX, 139: «que anda muito. Pôtra andadeira» (“Vocabulário Barrosão”, F. B. Barreiros).

²⁶⁷ *Espreitadeiras*: «as estrêlas. Também lhe chamam luminárias» (RL, XXXVII, 117; “Calão Minderico”, F. Santos Serra Frazão).

²⁶⁸ “Palavras e coisas”. No DM, *maçar* é «pisar, golpear, dar pancadas com maça»; a massagem (ou gramagem) era uma das fases de tratamento do linho.

²⁶⁹ Outro caso de haplogogia surge documentado nos materiais do ILB, em que aparece *mondeira* por *mondadeira* (vd. Costa 1966: 620).

²⁷⁰ Na RL, esse objecto pode ser uma «bandejinha que apara os pingos da vela, no castiçal. (...) Usado não só nesta região como ainda na galiza.» (RL, XVII, 79; “Falas e Tradições”). Por outro lado, a classificação ‘popular’ da segunda acepção, no DLP, é justificada pela RL, uma vez que *aparadeira*

conversadeira, «s.f. cadeira dupla com assentos opostos; mulher que gosta de conversar; namorada.»

dobradeira, «s.f. lâmina para dobrar, usada pelos encadernadores e nas fábricas de fiação e tecidos; mulher que dobra as folhas de impressão na encadernação.»

enchadeira, «s.f. espécie de funil para encher chouriços; mulher que se emprega em encher chouriços.»

viradeira, «s.f. espátula com que se vira o peixe na frigideira; mulher ou rapariga que dança o vira.»²⁷¹

zinideira, «s. f. pedaço de verga espalmada, preso por um fio a um pau que os rapazes agitam para o fazerem zunir; zuna».²⁷²

Relativamente às duas séries anteriores, observa-se a seguinte distribuição dos produtos arrolados no DLP pelas categorias sintáticas S e N:

Séries Semânticas	Categorias Sintáticas		N.º de Unidades
	(A/S)	(S)	
AG/INSTR	4	16	20
INSTR/AG	3	12	15
<i>Total de acepções:</i>	7	28	35

Quadro 18. Distribuição dos derivados em *-adeira* AG/INSTR e INSTR/AG por categorias sintáticas (DLP)

Colateralmente, em exemplos como os seguintes observa-se que, a par da significação INSTR e da AG, emerge um certo aditamento ou cambiante locativo:

abotoadeira, «s.f. instrumento que serve para abotoar; lugar destinado às botoeiras; mulher que faz ou prega botões.»

secadeira, «adj. f. e s.f. fem. de secador; parte da chocadeira onde se põem a enxugar os pintainhos recém-nascidos.»

designa também a «parteira, que trabalha só por pratica, sem habilitações.» (RL, XIX, 184; “Glossário Dialectológico dos Arcos de Val de Vez”, F. A. Pereira).

²⁷¹ O valor INSTR numa ocorrência em RL (XVI, 279): «pequena pá de ferro para «virar» o peixe na frigideira; em Ílhavo. Também lhe chamam *ferrêta*.» (“Notas á Margem do Novo Dicionario”, Oscar de Pratt). A significação AG figura, como regionalismo, no GDLP.

²⁷² A acepção AG surge na RL, após a que subjaz à do DLP: «É propriamente um bocado de *vergancha* (a verga(?) de que se fazem as gigas), aguçado em ponteiro e atado na outra extremidade á extremidade d’ uma vara, e que os rapazes sacodem depois no ar, fazendo-a *zinir*. – Figuradamente, é a mulher que anda sempre numa roda viva, a *zavaneira*» (RL, V, 109; “Vocabulario transmontano”, A. C. Moreno).

□ **Série LOC (“local onde (se) V_b”)**

Nesta série, com o significado LOC associado de modo exclusivo à descrição lexical, surge apenas uma unidade:

manadeira, «s.f. o m. q. manadeiro [nascente abundante de água; (fig.) origem; fonte].»

A manifesta proximidade existente entre significações AG, INSTR e LOC é um facto já amplamente realçado, desde há muito, por diversos linguistas.²⁷³ Vejam-se, nas séries subsequentes, alguns exemplos em que, a par da significação INSTR e/ou a AG surge a LOC, exemplos que, em virtude das afinidades que caracterizam os três tipos de semantismo permitem concluir que estas constituem subvariantes das modalidades de V, expressando o ‘suporte’ (Rio-Torto 1998b: 119) pelo qual a acção de V se pratica.

□ **Série INSTR/LOC (“aquilo (com) que (se)/local onde (se) V_b”)²⁷⁴**

As três unidades que a seguir se apresentam são aquelas em que a ambivalência semântica se encontra já expressa na definição lexicográfica. Todas elas admitem a paráfrase genérica da OS (“x que serve para V_b”).

passadeira, «s.f. alpondra; cada um dos degraus que se fazem sobre os telhados para se poder andar por cima deles; faixa transversal numa rua, que se destina ao trânsito de peões (...); anel ou nó corredio; braçadeira; (...) lugar onde se põe fruta a secar.»²⁷⁵

salgadeira, «s.f. lugar ou vasilha onde se salga; (gír.) caixão».

sangradeira, «s.f. portal de comunicação entre os cristalizadores e o tabuleiro do sal (nas salinas).»²⁷⁶

²⁷³ Meyer-Lübke (1895: 612) sublinha que «La classe des noms d’instruments se rattache très étroitement à celle des NOMS DE LIEUX.»; a «transferência de sentido» verifica-se também, em muitos casos, do sítio onde se pratica uma acção para o objecto por meio da qual ela se realiza ou a situação inversa). O autor já antes referira (*Id.*, pp. 582-3) que, apesar disso, parece mais evidente que o feminino é, nas «langues de l’Ouest», mais usado para designar o INSTR, enquanto o masculino (principalmente *-douro*) parece mais propenso a significar lugar. Vd., a este propósito, também Rio-Torto (1998b: 119) e Piel ([1940] 1989).

²⁷⁴ Ou LOC/INSTR. A ordem, aqui, tal como na série subsequente, é arbitrária.

²⁷⁵ Acepções como estas ou muito aproximadas surgem em RL, XVI, 262 e RL, IV, 69. Nos materiais do ILB, em Capão (1957: 303) e Tavares (1952: 54).

²⁷⁶ Não circunscrita à actividade do sal, ‘*sangradêra*’ regista-se também, nos materiais do ILB, como qualquer «rego para escoar água depositada nos terrenos lavrados» (Alexandre 1974: 178). Por outro

Por outro lado, o hibridismo entre ambas as categorias semânticas é mais visível, como se viu já anteriormente, nos INSTR designadores de objectos recipientes ou continentes, que detêm fortes implicações locativas. Eis os INSTR que exemplificam – uns, decerto, de modo mais evidente que outros – estes casos:

batedeira (RL, XXIX, 249), «pele duma caixa ou bombo onde o tamborileiro bate as batecas (vaguetas).»²⁷⁷

cernideira, «s.f. espécie de caixilho ou grade em que a peneira trabalha.»

cevadeira, «s.f. saco com grão de cevada, centeio ou milho em que se mete o focinho dos animais para eles poderem comer a ração (...)»

corredeira (RL, XXXIII, 148), «baínha, onde se enfia o nastro, cordel, etc., que puxando-se, franze a peça.»²⁷⁸

cozedeira, «s.f. peça de barro em que se leva comida ao fogo.»

cuspeira, «(...) s.f. recipiente onde se cospe; escarrador.»²⁷⁹

geladeira, «s.f. tanque em que, nas fábricas de gelo, se gela a água; utensílio doméstico onde se colocam líquidos ou alimentos para se conservarem frios»

soldadeira, «s.f. recipiente onde se derrete a solda para aplicar.»

tendedeira, «s.f. tábua ou forma em que se tende o pão antes de entrar no forno.»²⁸⁰

□ Série AG/LOC (“aquela que/local onde (se) V_b”)

Registada com um conteúdo AG e, paralela ou simultaneamente, com um LOC, surge a unidade *bailadeira*: «s.f. mulher que baila; dançarina; zona de águas agitadas; adj. que gosta de bailar». Na RL (XXXVII, 104), a forma surge ainda atestada com

lado, *sangradeira* surge aí igualmente com sentido ACT, ao indicar a ‘acção de saída/esvaziamento de algo’: «porta da – portal que dá saída à água da levada» (Martins 1945: 120); ‘*Sangradêra*’: «rego para escoar água depositada nos terrenos lavrados» (Alexandre 1974: 178). Este último registo comprova, na realidade da língua, a intersecção entre as categorias INSTR/LOC/ACT.

²⁷⁷ No estudo “Lexicografia das margens do Minho”, Pe. João Luis Lourenço Loução. Trata-se, portanto, de uma significação distinta da corrente, que surge no DLP («s. f. vaso ou aparelho para bater produtos alimentares em culinária»).

²⁷⁸ «Usa-se em *corredices**, sacos, *talêgas*, etc. (Portel); **corredices*: cortina que corre, e que, ornamentando a chaminé, evita ao mesmo tempo a fuga do fumo para fora da mesma.» (“Vocabulário Alentejano”, J. A. Pombinho Júnior).

²⁷⁹ Na RL, termo sinónimo do já então arcaico *cuspidor*: «Cuspeira, escarrador (...) Português antigo» (RL, VI, 80, em “Dialecto indo-português de Goa”, Mons. S. R. Delgado).

²⁸⁰ No ILB ocorre *tindedeira* (Caramelo 1971: 130).

significação INSTR,²⁸¹ o que demonstra a proximidade entre estas categorias semânticas.

De acordo com o modelo adoptado, os derivados constituem produtos compósitos, cuja estrutura espelha não uma simples agregação das partes constituintes, antes uma interação entre elas e a própria OS. Daí que nem sempre seja fácil analisar a complexidade semântica com que um produto se apresenta, uma vez que para além das regularidades semânticas sistémicas e genéricas, sobrevêm no produto outras (semi)regularidades ou «planos de significação» (Rio-Torto 1998e: 755). Os seguintes exemplos demonstram como estes produtos se apresentam também com outros valores semânticos, que acompanham, neste processo, os significados sistémicos já abordados.

□ **Série ACT (“acção/processo e/ou resultado da acção/processo de V_b”)**²⁸²

O sufixo *-deira* não é normalmente incluído entre os sufixos formadores de *nomina actionis*. Contudo, a presença deste conteúdo semântico em alguns produtos é visível, resultando, possivelmente, de uma influência relacionada com a própria origem do sufixo.²⁸³ Vejamos alguns exemplos em que este semantismo ocorre de forma exclusiva:

bebedeira, «borracheira; embriaguez; incómodo resultante da ingestão demasiada de bebidas alcoólicas ou de narcóticos.»²⁸⁴

brincadeira, «acto de brincar; divertimento de crianças; folgado; gracejo; bailarico.»²⁸⁵

²⁸¹ O contexto é o seguinte: «saia, anágua, etc... Deve provir do facto das saias bailarem com o vento, ou até de, nos bailaricos de roda, as saias dançarem mais do que quem as vestia.» (“Retalhos de um vocabulário”, J. A. P. Júnior).

²⁸² A paráfrase, proposta por Rio-Torto (1998b: 119) para os produtos da RFP^{ACT}, permite abranger, como menciona a autora, «a manifestação ou a ocorrência de V, qualquer que seja a natureza semântica de V».

²⁸³ Cf. Ali [1931] 1964: 232. Surge também a relação com *-aria*, por exemplo, em: *gritadeira* «s.f. mulher que grita muito; gritaria» (DLP, o sublinhado é nosso).

²⁸⁴ *Bedeira* (RL, XVII, 153), mulher bêbeda, bebedeira. *Bedeira* é, pois, outro caso de haplologia. O que é curioso notar é a acepção AG da palavra. No ILB, surge *bobadeira* (Fonseca 1971: 149), mas sem relação com o vocábulo em epígrafe, dado que é distorção de *aboboreira*.

²⁸⁵ No ILB, também com sentido INSTR: «brinquedos» (Caramelo 1971: 108).

chuchadeira, «acto de chuchar; *o que se chucha*; (fig.) negócio chorudo; (pop.) mangação; caçoada».²⁸⁶

comedeira, «comilança; ladroagem».²⁸⁷

quebradeira, «lassidão; quebreira; quebra-cabeças; falência».

trincadeira, «acto de trincar ou de comer; *o que se come*».

zungadeira (RL, XXX, 198), «o mesmo que zonga».²⁸⁸

Este plano de significação presente em alguns produtos em *-deira* não é, portanto, sistémico, uma vez que, para além de não estar presente em todos – ou na maioria – dos derivados, não é seu exclusivo (em relação a derivados por meio de *-ção*, *-mento*, *-gem*, este plano será já o sistémico).²⁸⁹ Todavia, dado o número ainda considerável de ocorrências, poderemos classificá-lo como o plano das significações convencionais, aquelas que, «não sendo sistémicas, estão normalmente associadas aos itens em causa, bem como as que decorrem da polirreferência, das especializações e das lexicalizações que afectam os derivados» (Rio-Torto 1998b: 99). Por outro lado, poderemos interpretar também estes produtos como itens em que actuará uma «operação de semântica figural, isto é, de processos de transformação de significações literais em significações figurais»?²⁹⁰ A hipótese será de ter em conta, uma vez que, por metaforização (Meyer-Lübke 1895: 611), a significação poder-se-á ter deslocado do AG para a ACT em si mesma. Atente-se, por exemplo, na definição de *choradeira* (DLP): «acto de chorar ou de chorar-se; lamúria; (ant.) carpideira.»; de igual modo, é possível que termos a este semelhantes – como *brincadeira*, atestada nos materiais do ILB como INSTR (vd. a nota que lhe corresponde na lista anterior) – possam ter servido

²⁸⁶ Nos relatórios do ILB, com a acepção final – ‘troça’ – em Caramelo (1971: 108) e, como sinónimo de *mangadeira* em Alves (1955: 458).

²⁸⁷ ‘*Quemedeira*’, no ILB (Marta 1973: 102), como AG. De ‘*quemedor*’ (*Id.*, pág. 142), por *comedor*.

²⁸⁸ «zonga: funda, funga ou zunga.» (“Glossário dos Arcos de Valdevêz”, F. A. Pereira). *Fungar*: «Fazer somido, ou ronco sorvendo o ar pelos narizes» (DM).

²⁸⁹ A reforçar estas intersecções entre regras está o facto de, por vezes, produtos em *-deira* serem remetidos, nas definições efectuadas, para outros correspondentes em *-ção*. É o caso de *piadeira*, dado na RL como «o mesmo que piação» (RL, XXXVII, 134; “Calão Minderico”, F. S. Serra Frazão) ou de *carregadeira/carregação* (RL, XXXVII, 225; “Retalhos de um vocabulário”, J. A. P. Júnior).

²⁹⁰ Rio-Torto 1998e: 762.

primitivamente para designar o AG, tendo depois ganhado a semântica instrumental e/ou a accional/resultativa.

A par desses dois casos, encontramos outros, pelo que se justifica a sua inclusão em ACT/INSTR ou ACT/AG. Destas duas séries semânticas se dão a seguir exemplos de produtos em cuja descrição lexical ocorrem ambos os valores por aquelas indicados.

□ **Série ACT/INSTR (“acção/processo e/ou resultado da acção/processo de V_b /aquilo (com) que (se) V_b”)**

fungadeira, «fungada frequente; choradeira; caixa para rapé; tabaqueira.»

guinchadeira, «o m. q. guinchada».

mamadeira, «instrumento para amamentar artificialmente as crianças; (fig.) exploração; comilança; ladroeira.»

rangedeira, «rangido; peça, em regra de sola ou de cortiça, que se mete por baixo da palmilha de um sapato, com o fim de produzir rangidos, durante a marcha».

zunideira, «zunido contínuo; pedra sobre a qual os ourives alisam o ouro.»

□ **Série ACT/AG (“acção/processo e/ou resultado da acção/processo de V_b /aquela que V_b”)²⁹¹**

Para além do já anteriormente citado *choradeira*, o DLP regista ainda:

dormideira, «(bot.) planta herbácea, lactescente, da fam. das Papaveráceas, espontânea em Portugal, que tem propriedades sedativas e narcóticas, e da qual se extrai ópio; (fig.) acção de dormir um sono leve.»²⁹²

piadeira, «muitos pios; piadouro; (ornit.) o m. q. alfanado (palmípede); o m. q. peto-da-chuva.»²⁹³

²⁹¹ AG implica nesta série apenas o traço [+animado] e não obrigatoriamente o [+humano], o qual pode a qualquer momento sobrevir caso os lexemas em epígrafe denotem seres humanos – coisa que, à excepção do antes citado *choradeira*, não sucede nas descrições presentes no *corpus* arrolado.

²⁹² Apenas na primeira acepção, na RL: «Contra as doenças da garganta usam gargarejos de cosimento de flores de malva e capsulas de papoula (*dormideira*)» (RL, XXXII, 271; “Notas de Etnografia da Ilha Terceira”, L. da Silva Ribeiro).

²⁹³ Na RL (XXXVII, 134) como «fala, língua, linguagem (o mesmo que piação) [*piar – falar, ralhar, conversar, cuscovilhar*, etc.]» (“Calão Minderico”, F. S. Serra Frazão).

Atentemos agora, de modo mais particular, nos trechos a itálico das definições de dois dos itens atrás elencados na série ACT:

chuchadeira, «(...) o que se chucha».

trincadeira, «(...) o que se come».

Observa-se, neles, um outro conteúdo semântico que afecta, de forma não regular, os derivados em *-adeira*. De facto, não encontramos presentes, nestas duas acepções, nem o significado AG, nem o INSTR, nem ainda o de ACT. Pelo contrário, serão portadores de uma semântica de paciente, à semelhança do que sucede com certos produtos construídos no espanhol com ‘*-dera*’ (cf. Fernández Ramírez 1986: 46). Estaremos, por conseguinte, na presença de um tipo de significação idiosincrática,²⁹⁴ porque afectante esporadicamente de um ou outro produto.

Alguns produtos apresentam-se com grande complexidade semântica, portadores de diversos níveis de significação, pelo que os desfasamentos acima referidos poderão ser mesmo acentuados. O caso de *carregadeira* é especialmente elucidativo:

«[I] mulher que transporta fardos à cabeça; [II] (náut.) cabo com que se colhem as velas dos navios; [III] espécie de formiga do Brasil; [IV] forquilha;
[V] (fig.) sova; defluxão.»²⁹⁵

²⁹⁴ «Trata-se de significações não previsíveis, não regulares e assistemáticas, que afectam de forma individualizada um ou outro produto de uma regra derivacional; estas significações podem ter origem diversa, sendo as mais frequentes as especializações que decorrem da área semântico-referencial em que o derivado se situa. A significativa diversidade semântico-referencial a que uma palavra se pode prestar é grandemente responsável pelos desfasamentos, por vezes acentuados, que o derivado causa em relação à sua estrutura morfo-semântica derivacionalmente construída.» (Rio-Torto 1998e: 760).

²⁹⁵ A acepção [II] é atestada também na RL: «cabos com que se carregam as velas latinas dos navios e não as “velas dos navios”, em geral, como diz o *Novo Dicionário*. “Os cabos que servem para laborar as velas redondas tem cada um o seu nome especial. Quando se disser simplesmente *carregadeiras*, subentende-se ser os cabos de carregar as velas latinas.” O conjunto de cabos destinados a manobrar o pano redondo denomina-se *obras* (= *carregadeiras* deste pano)» (RL, XVIII, 90; “Notas á Margem”, Oscar de Pratt). [IV] surge em RL (XXXIII, 117; “Vocabulário Alentejano”, J. A. P. Júnior); também em RL (XXXVII, 225), onde, para além de designar [IV], i.e., uma «forquilha grande e com muitos dentes, para encher as redes de palha. (No Novo Dicionário como termo das margens do Sado; também no Alentejo)», incorpora um semantismo relacionado com [V]: «impressão dolorosa de pêso (nos olhos, na cabeça). O mesmo que carregação. “Tenho uma carregadeira nos olhos, que mal os posso abrir”; “Esta constipação tem-me dado uma grande carregadeira na cabeça” (Montemor-o-Novo)» (“Retalhos de um vocabulário”, J.A.P. Júnior).

Em *carregadeira*, como em outros produtos semelhantes, encontram-se, por conseguinte, co-presentes vários níveis de significação, ou várias áreas semântico-referenciais, que o convertem num produto semanticamente complexo. É um exemplo dos produtos que, pela aquisição de novos semanticismos, se afastaram da estrutura derivacionalmente construída, pelo que é necessário identificar e delimitar rigorosamente esses níveis, para que não se confundam. Assim, o produto mantém e exhibe o(s) significado(s) sistémico(s) – AG/INSTR –, ao passo que apresenta paralelamente um nível de significações convencionais, não previsível nem sistémico – ACT. Por outro lado, em usos como «Tenho uma carregadeira nos olhos, que mal os posso abrir» ou «Esta constipação tem-me dado uma grande carregadeira na cabeça» (RL, XXXVII, 225), o derivado denota um estado resultante de um processo de *carregar* (*carregação*, como outros, é termo apresentado na citação da RL como sinónimo, a esse nível semântico, de *carregadeira*). As operações de semântica figural são, de facto, frequentes na nossa língua, particularmente a nível popular/dialectal, originando significações não sistémicas. As seguintes unidades ilustram também variadas interferências e co-presenças de níveis significativos:

moedeira, «instrumento com que os ourives moem o esmalte; (fig.) fadiga; dor surda e prolongada».

piadeira, «muitos pios; piadouro»; (RL, XXXVII, 134), «fala, língua, linguagem (o mesmo que piação)».²⁹⁶

pingadeira, «[I] acto de pingar; [II] coisa que pinga; utensílio de cozinha que serve para aparar os pingos da carne que se assa no espeto ou no grelhador; [III] (pop.) defluxo; menstruação; [IV] (fig.) negócio que vai rendendo sempre; [V] despesa contínua».²⁹⁷

²⁹⁶ *Piadeira*, entendida ainda como a própria língua, órgão humano: «dar à piadeira = bater a piadeira – ralhar, falar, conversar animadamente; “As covanas (naturais de Covão do Coelho – Freg. de Minde – ou do covão do Feto – Freg. de Monsanto) estão há tempos p’rãli a dar à piadeira”» (RL, XXXVII, 115; “Calão Minderico”, F. S. Serra Frazão).

²⁹⁷ Na RL, encontramos as seguintes correspondências/actualizações das acepções em epígrafe: [II] «vaso de barro, de forma oblonga, de ir ao forno» (XIV, 163; “Linguagem Minhota”, Oscar Pratt); [III] e [III] «peça ou vassoura do engenho do linho. Constipação. Vaso de loiça vidrada para onde pinga a carne

Ao mesmo tempo, vislumbra-se, nestes e em produtos análogos, um outro semantismo, o valor intensivo/frequentativo, que caracteriza um produto pela prática em excesso ou habitual de uma actividade. Rainer (1993: 440), embora lembrando o peso das variações dialectais, considera mesmo que ao significado de acção, um dos que define os produtos construídos em espanhol com *-dera*, é intrínseco um elemento de intensificação. Não o encarando como sistémico, comprovamos a sua presença num número ainda significativo de produtos, como, para além de alguns dos já citados:

ganideira, «sucessão de ganidos; choradeira»;
grunhideira, «grunhido demorado; (pop.) a língua»;
zoadeira, «zoada grande e contínua; zoeira»;
regadeira (RL, XVII, 201), chuvadas e vento fortes.²⁹⁸

Nestes exemplos, o elemento intensivo-frequentativo surge associado à semântica ACT, mas pode surgir, igualmente, associado a actualizações AG: *gritadeira*, «mulher que grita muito, gritaria»;²⁹⁹ *faladeira*, «fem. de falador; mulher que fala muito»; *andadeira*, «mulher que anda muito»; *cantadeira*, «(...) adj. que canta muito».³⁰⁰ Além de a AG, pode surgir ainda associado a INSTR (*roçadeira*, «foice de cabo comprido (...); (fig.) ruído contínuo do roçar»)³⁰¹ A presença, em alguns produtos, deste valor não deve, porém, levar a considerá-lo como regular ou previsível, uma vez que não se verifica na totalidade daqueles, comprova-se em outros itens derivados com

emquanto se assa.» (RL, XXV, 190; “Glossario Dialectologico do Concelho de Arcos de Valdevez”, F. A. Pereira.); [III] «menstruação» (RL, XXXV, 269; “Vocabulário Barrosão”, F. B. Barreiros).

²⁹⁸ *Regadeira*, «Na Beira-Alta (S. Pedro do Sul) é especialmente os chuveiros violentos, proprios do mês de Abril, acompanhados por vento forte» (RL, XVII, 201; “Nomes de Ventos”, Oscar de Pratt). Por outro lado, pode designar também o «sulco para condução de água de rega, nas hortas» (RL, XXVIII, 125; “Linguagem Popular de Turquel”, J. D. Ribeiro); com esta acepção – INSTR/LOC –, também em Sá (1970: 138); em Baptista (1961/2: 89), como INSTR, sinónimo de *regador*.

²⁹⁹ O sufixo *-aria*, presente também por exemplo, em *gaitadaria* (*muitas* gaitadas ou gargalhadas) ou em *pancadaria* (*muitas* pancadas), associa, à designação de “acção/resultado de V”, a indicação de “quantidade, abundância ou conjunto de X_b” (vd. Baptista 1970: 357 e Ali [1931] 1964: 232).

³⁰⁰ Como se conclui, o critério do DLP a este nível não é uniforme, uma vez que, destes exemplos aqui apresentados, apenas *cantadeira* é categorizado como S/A, sendo os anteriores todos categorizados como S. Com efeito, comprova-se que este elemento semântico é bastante comum nos usos A, pelo que aquelas unidades deveriam encontrar-se classificadas, no dicionário, como A/S.

³⁰¹ Vd., nos materiais do ILB, *roçadeira* [*fouce-*] em Lima (1955: 434).

sufixos diversos, e, além disto, pode decorrer, em muitos casos, de factores co(n)textuais.³⁰² Entre estes, a própria entoação poderá ser responsável pelo advento daquele valor numa situação comunicativa.

Paralelamente, em unidades como *almoçadeira*, «xícara grande usada ao pequeno-almoço»³⁰³ ou *charruadeira*, «charrua grande com mais de uma aiveca», encontramos usos INSTR que se caracterizam por expressar cumulativamente grandeza ou tamanho. Esta constatação vai, assim, de encontro ao que postulam vários autores, a propósito de o género feminino se caracterizar também por especializações semânticas como a expressão de valor colectivo e/ou aumentativo (vd., entre outros, Meyer-Lübke 1895: 580, Lopes 1971: 69 e Villalva 2000: 222-33).³⁰⁴ Outro tipo de valor semântico assistemático, também assinalado para *-deiro/a*, é o que surge nas acepções A de produtos como *capadeira* («navalha de capar; adj. em estado de se poder capar») e *parideira* («adj. que está em idade de parir; muito fecunda»),³⁰⁵ caracterizando-se por exprimir “possibilidade”, “aptidão para” ou “capacidade”. Outras idiosincrasias semânticas estão presentes igualmente nos vocábulos seguintes:

limpadeiras (RL, XX, 155), «côscos, limpadeiras e reboleiras: detritos que ficam da malha do centeio» (“Vocabulário Barrosão”, F. B. Barreiros);

estaladeira ou *estraladeira* (RL, XVIII, 110): «o Novo Dicionário insere estaladeira como provincialismo alemtejano, na acepção de “casca de pinheiro”. No

³⁰² São vários estes factores, de que Rio-Torto (1997: 815-6) salienta: «o tipo semântico e argumental do predicado verbal, o valor aspectual deste, a classe semântica dos SNs que funcionam como argumentos externos e internos do SV, a natureza da determinação que afecta os nominais, a natureza dos complementos verbais e nominais, os tempos verbais utilizados, a natureza dos adverbais e dos adjectivos (...) os conhecimentos prévios do mundo e os conhecimentos entretanto activados pela apreensão do texto.» Daí que, como continua a autora, a «estrutura morfológica introduz uma significação previsível, ainda que afectável por algum índice de variação, para o produto; mas factores contextuais podem reorientar esse sentido matricial e composicional».

³⁰³ Na RL, *almoçadeira* designa também uma chávena grande, mas «usada ao almoço, geralmente. Em Viana» (RL, XIV, 146; “Linguagem Minhota”, Oscar Pratt).

³⁰⁴ Meyer-Lübke (1895: 580), por exemplo, postula que o feminino serve mais para designar os objectos e o masculino as pessoas e que «na maior parte dos casos, [na sua origem] o feminino deve ter possuído um sentido colectivo, e o masculino designava um só indivíduo» (*Ibidem*: 476).

³⁰⁵ *Parideira*, no século XVI, caracterizando-se pela presença do traço [+humano]: «Está ãa lavradeira/lá no bairro sobre Alfama/que mais parideira dama/não há i mais parideira.» (Vicente [1562] 1984, Vol. I, 374; os sublinhados são nossos). Outro exemplo, não registado no DLP nem na RL (surge aí apenas a forma masculina), é *casadeira*: «disse-me que sua filha estava casadeira (...)» (Castelo Branco 1862: 51).

Vale do Cóiua, Seixal, e Barreiro, dizem no mesmo sentido os dois termos. Estraladeiras é o amontoado de cascas de pinheiro que ficam no solo depois de um corte ou toragem» (“Notas á Margem”, Oscar de Pratt).

Às ocorrências citadas, não se aplica nenhum dos significados já analisados. As formas parecem aproximar-se do conjunto de produtos derivados por intermédio do sufixo *-dura* que denota o “resultado ou efeito da acção de V_b ”, uma das suas significações (Ali [1931] 1964: 237). Uma contaminação morfossemântica parece, assim, ter estado na base da criação destes produtos (*limpadeiras* é sinónimo de *alimpa-dura/limpadura*, registadas no DEPP), cujo conteúdo semântico é o de “efeito da acção de V_b ”, ou, mais concretamente, “objectos residuais resultantes de V_b ”. Por último, outros vocábulos que adquirem significados não previsíveis, por processos de metáforização/metonimização, são aqueles cuja totalidade ou parte da acepção remete para seres animados não humanos, i. e., animais e plantas, ou, ainda, para partes do corpo humano.

São exemplos dos primeiros: *bãlhadeira* («robalo»); *engatadeira* («trepadeira; lúpulo»); *fugideira* (RL, XX, 248);³⁰⁶ *subideira* («trepadeira (pássaro)»); *tremedeira* («tremelga»); *voadeira* (RL, XXXVII, 142).³⁰⁷

Designam partes do corpo:³⁰⁸ ‘boca’ – *moadeira, tosadeira*;³⁰⁹ ‘língua’ – *faladeira, grunhideira, piadeira* (RL, XXXVII, 134); ‘nariz’ – *cheiradeiras*; ‘orelhas’ – *puxadeira*; ‘braços’ – *braçadeira*; ‘pernas’ – *carregadeiras*, entre outros.

³⁰⁶ «Egua de passo travado, mas muito rápido. O *passo travado* é o andamento favorito dos *picadores* do Minho, onde se cria a raça de garranos (Paredes de Coura, Miranda dos Arcos). Consiste no passo mas executado em tempos muito curtos e portanto rápidos.» (In: “Glossario Dialectologico do Concelho dos Arcos de Valdevez (Alto-Minho)”, F. A. Pereira).

³⁰⁷ «ou andarilha: perdiz» (“Calão Minderico”, F. S. Serra Frazão).

³⁰⁸ A fonte dos vocábulos que surgem sem a respectiva indicação é Tavares (1952), uma dissertação de Licenciatura em Fil. Românica da FLUC, que tem por título *Metáforas relativas a partes do corpo*. A estes aspectos voltaremos, no cap. IV, ao analisar o pejorativo nos produtos em estudo.

³⁰⁹ RL, XXXVII, 140 (“Calão Minderico”, F. S. Serra Frazão). Acerca do carácter pejorativo que marca muitas destas derivações, veja-se o que se diz nos materiais do ILB: «(boca) *tosadeira*: serve para *tosar* (cortar alimentos); depreciativo, pois que *tosar* diz-se dos animais quando *pastam*» (Tavares 1952: 46; referindo-se também ao estômago, na pág. 83). O mesmo se poderá dizer a propósito de *grunhideira* (metáfora para língua): «grunhir (depreciativo, porque é próprio do porco)» (*Ibid.*, pág. 55).

Excluídos das contagens os produtos exclusivamente A – uma unidade no DLP e três na RL –,³¹⁰ visualiza-se, no Gráfico 22, que de seguida é apresentado, a distribuição destas formas (DLP) pelas séries semânticas elencadas. Os vocábulos antes dispostos nas séries AG/INSTR e INSTR/AG reúnem-se agora na série AG/INSTR.

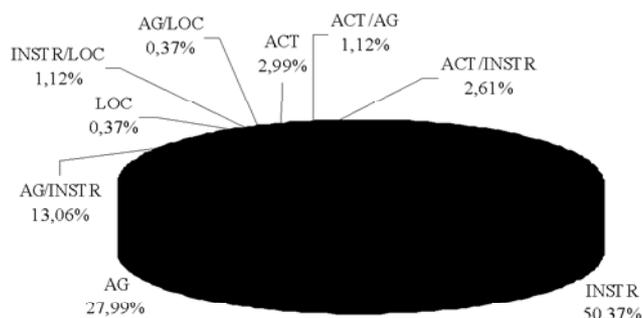


Gráfico 22. Derivados em *-deira*: séries semânticas (DLP)

No *subcorpus* RL, algumas das séries consideradas anteriormente não se encontram representadas, observando-se aqui a distribuição seguinte (Gráfico 23):

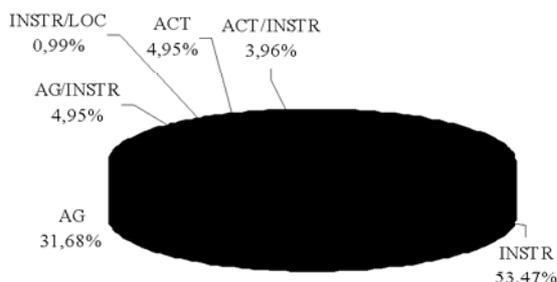


Gráfico 23. Derivados em *-deira*: séries semânticas (RL)

Como se pode aferir, os dados dos dois *subcorpora* convergem de modo claro, apresentando resultados muito similares. Sendo as significações sistémicas as mesmas que as apuradas em *-dor*, os produtos em *-deira* distinguem-se daqueles por o valor

³¹⁰ Tal como em *-dor(a)*, também aqui existe uma única unidade categorizada como A. Em espanhol, '*paridera*' é A/S, designador de AG, LOC, ACT e ainda da circunstância de "tempo em que se V_b" (vd. DLE e Fernández Ramírez 1986: 46). Pelo contrário, o DLP apenas regista *parideira* como A («que está em idade de parir; muito fecunda»). As unidades A na RL são: *reparadeira* – «diz-se das pessoas que reparam muito no que as outras fazem ou dizem (RL, XXV, 200; "Glossario Dialectológico do Concelho de Arcos de Valdevez (Alto Minho)", F. A. Pereira); *alinhadeira* – «adj. o mesmo que *arranjadeira*» (RL, XXVIII, 90; "Linguagem Popular de Turquel", J. D. Ribeiro); *aguadeira* – «capa *aguadeyra*» (RL, XVI, 209; "Notas á Margem do Novo Diccionario", Oscar de Pratt).

INSTR ser superior ao AG. Ao mesmo tempo, esse é um factor que aproxima as unidades em *-deira* das unidades em *-dora*, ainda que o dicionário registre um número muito escasso destas últimas, como se viu na análise efectuada. Deste modo, conclui-se que a grande parte dos produtos femininos inventariados no DLP se definem principalmente pelo valor INSTR, o que não implica que seja o feminino a configuração preferida para novas designações de INSTR, como se verifica, de acordo com alguns autores, em espanhol, onde os produtos que designam máquinas se encontram fixados principalmente no género feminino (Laca 1993: 196; Bosque 1998: 113-5). A análise dos dados seguintes (cf. Quadro 19 e Gráfico 24), permite proceder a um cruzamento de informações entre a representatividade das categorias sintácticas S e A/S (ou N) e as séries semânticas em que estes produtos surgem inseridos.

Séries Semânticas	Categorias Sintácticas						N.º unidades
	DLP			RL			
	(A/S)	(S)	Total	(A/S)	(S)	Total	
INSTR	6	129	135	3	51	54	189
AG	9	66	75	9	23	32	107
AG/INSTR	7	28	35	2	3	5	40
LOC	-	1	1	-	-	-	1
INSTR/LOC	-	3	3	-	1	1	4
AG/LOC	1	-	1	-	-	-	1
ACT	-	8	8	-	5	5	13
ACT/AG	-	3	3	-	-	-	3
ACT/INSTR	-	7	7	-	4	4	11
<i>Total de acepções</i>	23	245	268	14	87	101	369

Quadro 19. Distribuição dos derivados em *-deira* por séries semânticas e categorias sintácticas (DLP/RL)

Tendo em vista o estabelecimento de um quadro geral de resultados, efectua-se uma divisão dos derivados por três grandes grupos semânticos: AG/INSTR, ACT e

LOC, incluindo cada um deles todos os distintos tipos de combinações possíveis previamente determinados.

Esta disposição ampla dos produtos, bem como a contribuição das categorias sintáticas no interior de cada uma das arqui-séries semânticas consideradas, pode ser visualizada no gráfico seguinte (Gráfico 24):

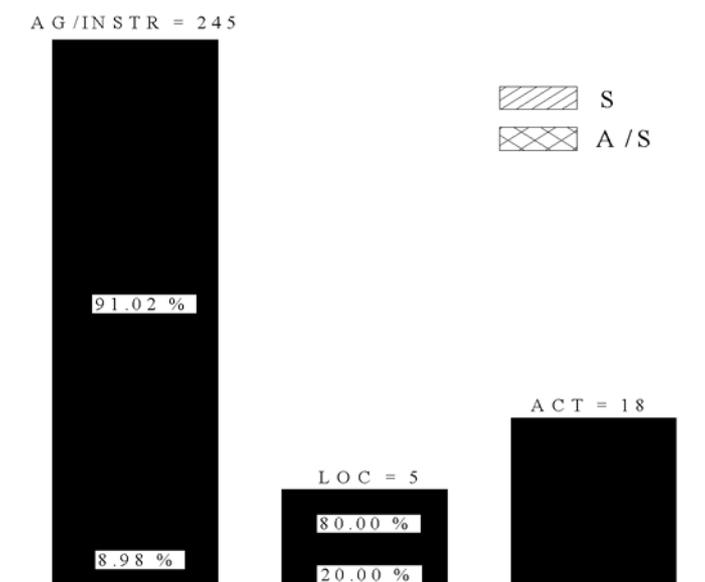


Gráfico 24. Derivados em *-deira*: categorização sintática e arqui-séries semânticas (DLP)

Tendo em conta que AG e INSTR são os únicos valores que, além de figurarem na sua própria (arqui-)série, ocorrem ainda nas restantes duas, nelas se associando a ACT e/ou a LOC – podendo ainda o número daqueles ser ampliado pela inclusão dos vocábulos repartidos por estes últimos –, o grupo em que se inserem afirma-se, de modo bem inequívoco, como o maior e o verdadeiramente significativo. Se as significações LOC se apresentam como praticamente irrelevantes (cinco unidades, das quais apenas uma representa um LOC puro, à semelhança do que se apurou no caso de *-dora*), o grupo ACT detém alguma importância: 18 unidades, oito das quais não ocorrem simultaneamente com interpretações AG e/ou INSTR.

Contudente é também, como se pode observar, a superioridade da categorização S (332 unidades de um total de 369 em ambos os *subcorpora*),

comparativamente à ambivalente A/S (apenas 23 formas no DLP e 14 na RL), em todas em séries semânticas. Outra conclusão que ressalta da análise do Quadro 19 é o facto de as formas A/S se integrarem, na sua quase totalidade (apenas uma única unidade – AG/LOC – foge à regra, sendo dada como A/S), e em ambos os *subcorpora*, na arquissérie AG/INSTR. No interior desta, a maior parte dos A/S corresponde aos AG ‘puros’ (9 unidades, também em ambos os *subcorpora*), facto que não inviabiliza de forma alguma, dada a distância que separa os A/S dos S (66 formas face às 9 atrás mencionadas), que os AG, ao contrário do que se verificou para *-dor*, sejam encarados tendencialmente como classificadores e não tanto como caracterizantes (Laca 1993: 194-5). Estes dados indicam que estamos, de facto, perante vocábulos referencialmente autónomos, já bem lexicalizados e fixados. Se a constatação é válida para a generalidade dos produtos, é-o mais ainda em relação às formas das arquisséries ACT e LOC, que se apresentam, com a única excepção acima referida, como S.

4. *-DEIRO/A*, um operador sufixal do português?

A maior parte dos gramáticos não se refere a este sufixo. Os itens lexicais terminados em *deiro/a*, quando sufixados, são-no, numa perspectiva tradicional, pelo sufixo *-eiro/a*, já que o *-d-*, não integrando o sufixo, é encarado como pertencente à base verbal de onde derivariam estes S e/ou A.³¹¹ Porém, este sufixo afirma-se actuante, de facto, no português. Se, remotamente, a base seleccionada para formar estes produtos terá sido o RAD do particípio passado, de onde ganhou a consoante inicial, desde muito cedo, na nossa língua, este operador afixal surge completamente enformado e emancipado daquela. Vestígios permitem comprovar a adunção de *-deiro/a* em

³¹¹ Veja-se, a este propósito, o que ficou dito acerca da origem e evolução do sufixo, no início do presente capítulo. A omissão de que o sufixo é alvo estará relacionada com o facto de se tratar de um sufixo composto, que resulta do cruzamento do sufixo latino *-to* com o sufixo *-ario/a* (evolução em que se observa uma série de fenómenos – sonorização da consoante surda, metátese do *i* por atracção da vogal tónica e evolução do ditongo *-i*; vd. Nunes [1919] 1989: 370-1).

atestações já antigas, como *poedeira* (DLP): «fêmea dos ovíparos que já põe ovos ou que põe ovos em grande quantidade». Barros ([1540] 1971: 306), a quem formas como esta não seriam desconhecidas, classificá-la-ia, provavelmente, como um dos «nomes participiais». Todavia, tendo aquele derivado como base *pôr*, a estrutura morfológica seleccionada para acolher o sufixo não poderia ter sido o RAD do participio passado (**posideira* ou **posdeira*), mas antes o TV, *poe-*, em português arcaico.³¹²

Se, por outro lado, a princípio o foi, o sufixo não se configura, sincronicamente, como a mera combinação de *-do* e *-eiro/a*. Com efeito, um outro argumento que abona a favor da (percepção pelos falantes da) sua identidade própria/autonomização assenta no facto de ser o sufixo que se encontra acoplado, em adaptações portuguesas, ao infinitivo de bases verbais importadas (cf. os ininterpretáveis *lissadeira*, «máquina de alisar e lustrar os tecidos» e *ramonadeira*, «instrumento de surrador para desbastar as peles mais grossas»)³¹³. Unidades como estas constituirão, deste modo, de acordo com Corbin (1987: 187-8; 459), palavras complexas não construídas do segundo subtipo, aquelas cujos constituintes internos não pertencem todos à lista de entradas lexicais e em que apenas é possível identificar com rigor um constituinte, pertencente à categoria [Afixo].

Por outro lado, dada a heterogeneidade semântico-referencial que estes produtos apresentam, apesar da sua parecença formal e formativa, poder-se-ia colocar a questão,

³¹² Do verbo latino (3.^a conjug.) *pono*, *is*, *ere*, *posui*, *positum* (português arcaico *po(n)er>pôr*). Como menciona Diez (1874: 323), formas que antes se uniam ao RAD do participio, adoptaram, nas línguas românicas, como base, o TV. Mateus (1997: 699), a propósito de *-dor*, menciona que este sufixo terá sofrido um processo de lexicalização, passando a seleccionar o TV, evidência demonstrada pelo facto de a vogal temática «/e/, que pertence ao tema do infinitivo de verbos da 2.^a conjugação, ocorrer nestes derivados (...), e não a vogal /i/ que pertence ao tema do participio». Ora, o mesmo argumento pode ser invocado em favor de *-deira* (cf. *escrevedeira*, *colhedeira*, *batedeira*, etc.).

³¹³ Estas adaptações registam-se no DLP, DELP, HOUAISS e DM (apenas a segunda), sendo as definições acima apresentadas as do DLP. Os dicionários remetem unanimemente para as bases francesas *lisser* («alisar») e *ramoner* («limpar»). Por outro lado, se optarmos por considerar possíveis bases nominais em produtos como *estalajadeiro/a*, *pernadeira*, *pousadeiro/a* (cf. as análises das estruturas categoriais das bases dos produtos em estudo), entre outros, sai reforçada a tese da efectiva lexicalização do sufixo, pela sua recorrência, desde cedo – como Nunes ([1919] 1989: 370, nota 1) menciona, é *sabedeira* (e não **sabideira*) a forma que surge na língua arcaica – nas *Cantigas de Sta. Maria*, de Afonso X – ao lado do então invariável *sabedor*.

à semelhança do que se fez relativamente aos derivados em *-dor/a*, de saber se estamos perante um ou distintos sufixos nas situações em que *-deiro/a* potencia variação genérica (tema *-o* no masculino vs. tema *-a* no feminino) face àquelas em que não é estabelecida tal oposição. Com base na análise então efectuada, a propósito de *-dor/a*, e partindo dos pressupostos aí enunciados, consideraremos a existência de apenas um sufixo.³¹⁴ Na nossa perspectiva, nada impede, ao contrário do que Rainer (1999: 4601) sustenta para o espanhol, que um sufixo se possa definir por um “sentido fundamental único”, materializado num conjunto de variantes semânticas com distintos graus de previsibilidade – porquanto resultado de diversos tipos de especializações –, variantes essas que actualizam o nível profundo e sistémico de suporte pelo qual a acção se realiza. A consideração de sufixos diferentes traduzir-se-ia numa hipergeratividade desnecessária e inconveniente de regras e processos. As variações, ou “esquemas de lexicalização” (Laca 1993: 183), encontram-se previstas, à partida, na OS da mesma RFP que gera os produtos em estudo.

³¹⁴ Alguns dos casos em que o DLP atesta a mesma forma em ambos os géneros (*-deiro/-deira*) parecem ir de encontro ao que Rainer (1993: 454-5) afirma a propósito do conteúdo semântico INSTR próprio, em espanhol, de certas unidades em *-dora*, que designam “máquinas”, por oposição ao carácter mais “manual” das correspondentes em *-dor*: sendo ambos AG/INSTR, na acepção INSTR *lavadeiro* designa «cesto de medir sardinha, usado em algumas praias», enquanto *lavadeira* é a «máquina para lavagem das lãs»; outro caso semelhante é *malhadeiro* (INSTR/LOC), «mangual [utensílio de madeira]» e *malhadeira* (INSTR), «o m. q. debulhadora [máquina]». Contudo, considera-se que estas especializações semânticas não impedem a unicidade da OS. Além disso, o conteúdo próprio atrás referido não se verifica de forma sistemática, quer em *-deiro/a* (vd. exemplos como: *assadeirolassadeira*, «o m. q. assador»), quer em *-dor/a* (vd., no capítulo II, § 2, onde notamos a existência de hesitações na designação de alguns INSTR, como *escarolador(a)*, *ralador(a)*, *rectificador(a)*, entre outros).

**CAPÍTULO IV. RELAÇÕES
INTRAPARADIGMÁTICAS E
INTERPARADIGMÁTICAS. SUAS
IMPLICAÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS
E REFERENCIO-CULTURAIS**

1. Interactividade e alternâncias sufixais

Os produtos em análise são criados no âmbito da mesma RFP. Todavia, constata-se uma especialização dos conteúdos semânticos de cada um dos sufixos. A presença destes conteúdos pode reflectir, em alguns dos casos, e de modo mais ou menos visível, relações multilaterais com distintos paradigmas ou regras formativas (*-eiro/a*, *-douro/a*, *-ção*; cf. § 3 deste capítulo) ou, noutras situações, interferências e relações intraparadigmáticas (*-dor/a* vs. *-deiro/a*) que consideraremos de seguida.

1.1. Relações intraparadigmáticas

Constituindo *-deira* e *-dora* as formas a que a nossa língua recorreu para suplantar a escassa disponibilidade do sufixo original feminino (*-driz*), ao compararmos o número atestado dos derivados femininos com o dos masculinos, verificamos que, como antevê já Oliveira ([1536] 2000: 59), o contraste de género nem sempre possui expressão lexical. A esta circunstância, que desfavorece quase sempre o feminino, não deve ser, também, indiferente o facto de *-dor* ter sido, a princípio, invariável (Nunes [1919] 1989: 370, Ali ([1931] 1964: 62-3 e Diez 1874: 269). O panorama descrito a partir do *corpus* DLP é revelador daquela constatação: 2226 derivados coligidos em *-dor*, face a apenas 33 em *-dora*. Pelo contrário, relativamente a *-deiro/a*, a situação inverte-se: 56 unidades em *-deiro*, face a 269 em *-deira*. Ora, se *-deira*, a par de *-dora*, realiza o feminino de *-dor*,³¹⁵ seria espectável que, dos 1515 AG ‘puros’ arrolados em –

³¹⁵ Os próprios dicionários apresentam *-deira* a par de *-dora*, como dupla possibilidade de realizar o feminino das formas em *-dor* (vd. exemplos do tipo: *debulhadeira*, «s. f. o m. q. debulhadora», ou então, no caso do DLPC, onde se regista na entrada a variação de género, considerando-se, assim, a existência de três formas: uma em *-dor*, outra em *-dora* e outra em *-deira*, como em *lavrador,a,eira* ou *cantador,a,eira*). A dificuldade de destrinçar qual a forma mais prototípica para aquele feminino, questão colocada também por Villalva e Correia (2000: 610), é comprovada na RL e nos materiais do ILB, em que se atestam hesitações como as antes referidas. Vejam-se, adiante (cf. Quadro 20), alguns exemplos dessas hesitações relativas a usos INSTR; em relação aos AG, também na RL se registam *revendedeira* e *revendedora* como formas sinónimas entre si e ainda de *revendedona*: «achar-se-hão nella os vilissimos sentimentos de huma revendedona da Praça» (RL, XV, 75; “Falas e Tradições de Viana-do-Castelo”).

dor (58,27% do total destes produtos), existissem as formas correspondentes em *-deira* e/ou em *-dora*. Tal não se reflecte nos dicionários, uma vez que neles esse tipo de AG é representado por apenas 69 formas em *-deira* (27,99% dos derivados) e por sete formas em *-dora* (21,88% deste total). Paralela (ou subjacente) à questão de economia, a que se deve, em muitos dos casos, o não registo de formas pelos dicionários, encontra-se a da (im)previsibilidade semântica e/ou formal dos produtos. Assim, poder-se-á supor que, daquele número de AG em *-dor*, apenas 69 serão os que realizam mais prototipicamente o feminino em *-deira*, sendo *-dora* o sufixo seleccionado para os restantes casos, de que apenas se dicionariza um escassíssimo número (sete formas no DLP).

Os valores semânticos principais dos produtos em estudo são AG/INSTR. Todavia, em *-deiro* domina a significação LOC e em *-deira* existe um número algo significativo de ACT.³¹⁶ Como se observou a propósito de *-dora* e, de modo particular, de *-deira*, grande parte dos derivados designa INSTR relacionados com actividades profissionais, principalmente de tipo agrário, artesanal ou doméstico. Por outro lado, o facto de se notarem conteúdos semânticos nos quais se tenham especializado os sufixos em análise não é impeditivo de que consideremos estes produtos como tendo sido criados pela mesma RFP. Se, em algumas unidades INSTR, é visível uma certa particularização semântica com base na oposição entre a forma de tema em *-a* (*-dora* e, especialmente, *-deira*) e a de tema \emptyset (*-dor*) ou em *-o* (*-deiro*),³¹⁷ verifica-se também que ela não é sistemática. É o que exemplificam as unidades dispostas no quadro seguinte, nas fontes apresentadas como equivalentes do ponto de vista semântico-referencial:

³¹⁶ Vd. o que ficou dito acerca da relação entre estas diferentes significações nos pontos consagrados à análise semântica dos produtos, nos capítulos precedentes. Em relação a *-dor/-deiro*, são muito poucas as alternâncias, até porque, como se viu, o número de AG e de INSTR é bastante escasso neste último; quando elas existem e se referem a entidades [+humano], servem muitas vezes a demarcação de um sentido pejorativo (vd. § 2 do presente capítulo). Acerca das alternâncias que envolvem INSTR, veja-se o quadro seguinte (Quadro 20), onde são apenas duas as formas registadas em *-deiro*.

³¹⁷ Cf. Rainer (1993: 454-5) e os comentários efectuados a propósito das unidades *lavadeiro/lavadeira* e *malhadeiro/malhadeira*, em § 4 do capítulo III do presente estudo.

<i>apanhador</i>			<i>apanhadeira</i>	“pá para o lixo” (RL, XVI, 213 e RL, XIX, 184) ³¹⁸
<i>calcador</i>			<i>calcadeira</i>	“pau para calcar farinha” (RL, XI, 299) ³¹⁹
		<i>calcadeiro</i>		RL, XII, 110
<i>desengaçador</i>			<i>desengaçadeira</i>	“instrumento para desengajar/o m. q. desengaçador” (DLP)
	<i>desengaçadora</i>			RL, XVIII, 137
<i>pregueador</i>			<i>pregueadeira</i>	“utensílio de costureira” (DLP)

Quadro 20. Algumas alternâncias/equivalências entre formas corradicais em *-dor,-dora,-deiro e -deira*

Na descrição destes exemplos, a que outros do mesmo tipo poderiam ser aduzidos,³²² tomam-se, como se depreende, apenas as acepções INSTR da significação com que cada palavra surge na fonte (uma vez que muitas se podem configurar simultaneamente como AG). Se, por um lado, é verdade que os dicionários e

³¹⁸ *Apanhador*: «apanhador, apanhadeira – na língua familiar de Viana-do-Castelo, a “pá de apanhar o lixo”. O Novo Dicionário só regista apanhadeira neste sentido» (RL, XVI, 213; “Notas á margem do novo dicionário”, Óscar de Pratt; com o mesmo sentido em XIX, 184). No ILB, ‘*panhadeira*’ (Baptista 1970: 645). O DLP regista apenas a forma em *-dor*.

³¹⁹ *Calcadeira* ou *calcador*: «pau que usam os moleiros para atacar a farinha nos folles ou sacos» (RL, XI, 299; “Tradições Populares e linguagem de Villa Real”, A. G. Pereira). No DLP, apenas *-deira* se regista nessa acepção, pois a forma em *-dor* designa aí um INSTR diferente (“peça das máquinas de costura que calca o tecido que se cose”).

³²⁰ Na RL: XXXIII, 158 (“Vocabulário Alentejano”, J. A. P. Júnior); XXXVII, 227 («máquina de debulhar cereais; = debulhadora; dizem debulhadeira, certamente por analogia com caminheira, ceifeira, enfardadeira, etc.» (Campo Maior)). Nos materiais do ILB, em Baptista (1970: 565) e Amorim (1971: 565), onde *debulhadora* ocorre também como *bulhadora*, Carvalho (1970: 518), onde as formas em *-dora* e *-deira* ocorrem ainda como sinónimas de *escaroladora* e de *malhadeira* e Santos (1970/1: 122); *desbulhadeira*, a par de *debulhadeira*, em Capão (1957: 271).

³²¹ *Escaroladora* (*Ibid.*): «máquina para malhar milho; malhadeira; debulhadeira; debulhadora.»

³²² Exemplos como os seguintes, compendiados no DLP, seguem analogamente o padrão dos exemplos acima representados: *arrasador/arrasadeira; descascador/descascadeira; esfarrapador/esfarrapadeira; espevitador/espevitadeira; sulfatador/sulfatadeira*. No ILB, entre muitos outros, *raspador* = raspadeira, raspa (Netto 1945: 355). Como se comprova, é a alternância *-dor/-deira*, sufixos que constroem as unidades mais representadas no *corpus*, que mais se destaca neste tipo de alternâncias.

repositórios lexicais registam muitas vezes sinonímias que só neles existem,³²³ não deixa, por outro lado, de ser igualmente válido que a atestação, na RL e no ILB, de algumas destas alternâncias comprova que as diferenças semânticas podem nem sempre ser assim tão significativas. Por último, no que respeita à não dicionarização do contraste de género em *-deiro/-deira*, os números são também esclarecedores: os AG ‘puros’ em *-deiro* são apenas 12 formas (27,91% do total), número que, embora possa ser acrescido de mais quatro formas (duas em AG/INSTR e outras duas em AG/LOC), continua, ainda assim, bem inferior aos já mencionados AG em *-deira*. Com efeito, para além de se justificarem pela questão da economia atrás aludida, estes factos indiciam que *-deira* não serve exclusiva nem principalmente um contraste de género, quer em relação a *-dor*, quer a *-deiro*. Antes se especializou, mormente na designação de INSTR e, depois, no que respeita aos AG, em nomes de profissões – ou ocupações – especificamente destinadas ao (ou características do) sexo feminino.³²⁴ A série INSTR permite observar um ponto em comum entre as quatro formas dos sufixos: em todos os *subcorpora* predomina a categorização S face à ambivalente A/S, o que permite concluir um grau maior de lexicalização dos derivados quando denotadores de instrumentos do que quando AG ou ambi-sémicos (AG/INSTR), categorias tendencialmente mais permeáveis do ponto de vista categorial.

³²³ Por vezes, acrescenta-se a seguir à menção de sinonímia (frequentemente, pela fórmula ‘o m.q.’ ou convenção similar), a particularização que possa existir, como no caso, por ex., de *incubadora*: «aparelho ou dispositivo para incubação de ovos; o m. q. incubador e chocadeira; (medic.) aparelho usado em pediatria para manter em condições de temperatura e humidade convenientes um recém-nascido prematuro» (DLP). Com efeito, ‘informações adicionais’ – que não serão assim tão supérfluas – deste tipo nem sempre são facultadas. Nos dois casos seguintes nota-se também uma certa distinção semântica máquina/instrumento: *ralador* (utensílio de cozinha) vs. *raladora* (Pinho 1960: 50; *esmagadeira* ou *raladora*, sendo que este último termo é preferido pela autora para se referir à máquina de triturar uvas) ou *rectificador* (“aparelho/dispositivo” (DLP)) vs. *rectificadora* («máquina que corrige o cartonado» (Silva 1945: 110)). Contudo, tal especialização, que não é, como se comprova, sistemática, não constitui motivo para considerar *-dora* ou *-deira* sufixos distintos.

³²⁴ Veja-se, por exemplo, Ali ([1931] 1964: 62-3), embora o autor se refira a *-eira*, em vez de *-deira*. O único caso em que se encontra explicitamente atestada no DLP a mesma forma em ambos os géneros (*-deiro/-deira*), correspondendo tal a uma oposição de género entre unidades [+humano], é *fiadeiro/a*, ‘homem/mulher que se empregam em fiar’. Obviamente, referimo-nos também aqui apenas à categoria S, uma vez que nos (usos) A o género não é inerente e tem conteúdo gramatical (cf. Villalva 2000: 233).

1.2. Algumas relações interparadigmáticas³²⁵

1.2.1. *–dor/a e –deiro/a vs. –eiro/a*

Na gramática tradicional, o sufixo *–eiro/a* (do latim *–ariu*) é caracterizado como um elemento que se destaca especialmente na formação de AG denominais (cf., entre outros, Ali [1931] 1964: 242-3; Cunha e Cintra [1984] 1992: 96). Existe uma profunda conexão entre *–eiro/a* e *–deiro/a*, uma vez que ambos podem designar, em qualquer dos géneros, profissões, INSTR/LOC, aglomeração e árvores ou arbustos, «sendo nas duas primeiras significações quase sinónimas do precedente [*–dor/a*], ao qual, sob a primeira forma [*–deiro*] prestam por vezes o feminino» (Nunes ([1919] 1989: 371). De facto, este sufixo pode também incorporar, como vimos a propósito de *–dor/a* e *–deiro/a*, dois tipos de formações AG: uma cujo valor semântico é o de profissão/ofício e outra cujo valor é o de habitualidade/regularidade.³²⁶

1.2.2. *–dor/a e –deiro/a vs. –douro/a*³²⁷

De acordo com Bechara ([1961] 1999: 359) ou Ali ([1931] 1964: 238), entre outros, *–douro/a* é um sufixo que forma S deverbais designadores de lugar, meio ou instrumento. É por intermédio dos locativos que este sufixo gera que os *nomina actionis* se relacionam mais de perto com os designadores de agentes (Rio-Torto 1998b: 131), verificando-se a existência de grandes interferências entre ACT/LOC/AG, como se constatou nas análises anteriores. Com efeito, é algo significativo o número de correlatos encontrados com conteúdo semântico total ou parcialmente idêntico, que os seguin-

³²⁵ As unidades que não têm indicação de fonte são as que surgem registadas no DLP. Outros casos que poderiam integrar as listagens que se seguem foram sendo referidos ao longo do trabalho nas análises sectoriais dos sufixos.

³²⁶ Exemplos de construções parcialmente co-referenciais, com valor semântico de profissão/ofício, são *mineiro* (que pode ser também gentílico) e *minador* (DLP e RL, XI, 159 [“Tradições populares e linguagem de Atalaia”, C. Monteiro do Amaral]). Na CNP, observam-se duas construções diferentes para a mesma profissão: *resinador/resineiro*.

³²⁷ Do latim *–toriu*; *–doiro*, em português antigo, cf. também Nunes ([1919] 1989: 371).

tes exemplificam:³²⁸ *espadelador/espadeladouro*; *babadeiro/babadouro* (DM); ‘*barador*’/*varadouro* (Baptista 1970: 557); *espalhadeira/espalhadoura*; ‘*bulhadoura*’/*debulhadeira* (Baptista 1970: 565);³²⁹ *sorrascador/sorrascadouro*; *maçadeiro/maçadouro* (DLP e Mota 1958: 155); *lavador/lavadouro* (Pereira 1972: 123);³³⁰ *rapadeira/rapadoura*; ‘*acarradôr*’/*acarradouro* (RL, XXV, 60);³³¹ *roçadeira/roçadoura/roçadoira*; *resvaladeiro/resvaladouro*; *singradeiro/singradouro*; *tapadeira/tapador/tapadouro* (Silva 1945: 117).

1.2.3. –*deira* vs. –*ção*

De acordo com Cunha e Cintra ([1984] 1992: 99), o sufixo –*ção* forma nominalizações deverbais, indicando “acção ou resultado”. Como acrescenta também Ali ([1931] 1964: 240), muitos destes termos datam da fase mais antiga do português, outros surgiram depois, muitos segundo o modelo de formação latina. O operador é um dos que se encontra ao serviço da RFP^{ACT}, regra estreitamente relacionada com a RFP^{AG} e com os produtos locativos (Rio-Torto 1993: 223; 1998*b*: 119). Deste modo, comprova-se que alguns dos produtos em –*deira* se aproximam, particular e frequentemente em usos figurais, dos produtos formados pela RFP^{ACT}, denotando, assim, o processo verbal e/ou o resultado do mesmo (podendo alguns ser

³²⁸ No que toca à notação no dicionário, são apenas dois os produtos da lista em epígrafe que surgem acompanhados, na definição que os dá como sinónimos da forma em –*douro*, das indicações de ‘regionalismo’ (*maçadeiro*) ou ‘popular’ (*mijadeiro*). Todos os outros são apresentados apenas com aquela definição (podendo, alguns, ser simultaneamente INSTR, como *secador*). Em alguns casos dialectais, como ‘*barador*’ ou ‘*bulhadoura*’, poderá não se tratar efectivamente de sufixos distintos, mas de uma realização fonética distinta, que o registador pretendeu traduzir na grafia.

³²⁹ ‘*bulhadoura*’ = *debulhadora* também em Amorim (1971: 565). O ditongo –*oi*–, com que a palavra se apresenta – vd. outras formas com que esta surge actualizada na nota correspondente do Quadro 20, atrás apresentado –, constitui vestígio da forma existente em português antigo (cf. Nunes [1919] 1989: 371). Outros casos a este semelhantes, também encontrados – e que poderiam igualmente integrar a lista acima – *chamador* = *chamadoiro*: «peça de madeira presa à quelha e que batendo com a outra extremidade na mó do moinho, quando este gira, faz estremececer a quelha obrigando o grão a cair» (Amorim 1971: 234); *lavadoiro* = *lavadeira* ou *lavador* (vd. nota seguinte).

³³⁰ Em Netto (1945: 325), ainda «Lavadeira: local ou máquina onde é lavada a azeitona antes de ser moída, também conhecida por *lavadoiro*, *lavador*, *lavadouro* e *lavaria*» (os itálicos são nossos).

³³¹ “Vocabulário alentejano”, J. A. P. Júnior.

simultaneamente AG e/ou INSTR). A definição destas unidades, na acepção mencionada, incorpora, na maior parte dos casos, a expressão “acto ou acção de V_b” (*dormideira, suadeira*); noutros produtos, remete-se para um termo sinónimo, formado com o sufixo *-ção* e de base diversa (v.g. *carregadeira* (RL, XXXVII, 225), «carregação», em que a base é a mesma; *mamadeira*, «exploração»); noutros ainda, co-ocorrem os dois critérios anteriores (*chuchadeira*: «acto de chuchar (...); mangação»).

2. Produtividade em confronto

O sufixo verdadeiramente produtivo na formação de AG/INSTR é *-dor/a*. De facto, trata-se do maior operador a formar, em português, nomes de profissões, bem distanciado dos restantes concorrentes.³³² Ao mesmo tempo, *-deiro* e *-deira*, sendo operadores ao serviço da mesma RFP^{AG}, sofreram distintas especializações, não se afigurando hoje como produtivos. O primeiro representa uma série fechada de S que denotam LOC, enquanto *-deira* se especializou na designação de INSTR. Neste sentido, conclui-se que quanto maior for a generalidade de um sufixo maior será a sua produtividade, ao passo que quanto mais um sufixo se encontrar adstrito a determinada(s) área(s) semântico-referencial(is) menor será a sua produtividade como sufixo. Ou seja, uma das condições mais relevantes para a produtividade é a generalidade dos conteúdos implicados no processo de formação (Basílio 2000). De facto, *-deiro/a* não surge na lista das escolhas dos falantes na hora de criar novos vocábulos, como comprovam os resultados de uma pesquisa efectuada em linha, que a seguir expomos.³³³

³³² É o que se conclui em Villalva (1999) e Villalva e Correia (2000), com base em *corpora* constituídos pelas designações das profissões registadas na CNP.

³³³ A pesquisa foi efectuada no motor de busca *Google*, a 8 e 9 de Agosto de 2005, tendo obedecido aos seguintes critérios: 1) restringiu-se a páginas de Portugal; 2) os resultados devolvidos constituíram páginas actualizadas, no máximo, nos três meses precedentes àquela data. Cf. os pressupostos também expostos no capítulo I. No quadro, RD significa número de *Resultados Devolvidos* (ocorrências).

<i>blogar</i> ³³⁴	3.890	412	2	3	–	aquele que V _b (escreve/publica texto num blogue)
<i>crackear/ craquear</i>	50/–	4/18	–	–	–	' <i>cracker</i> ': aquele que sem autorização acede a um sistema informático alheio, para causar danos/usurpar informação
<i>scanear/ scanar</i>	152/87	11/–	–	–	–	<i>scâner</i> (' <i>scanner</i> '): instrumento que digitaliza imagens por processos de iluminação ³³⁵

Quadro 21 . Representatividade dos sufixos em algumas formas neológicas

Os V_b neológicos aqui representados, cujas bases são importações lexicais do inglês, e de cujo processo formativo não tratamos aqui, podem integrar também a lista daqueles que demonstram a alta produtividade mantida pelo sufixo *-ar* na formação de V (cf. Rio-Torto 2004: 58). O que ressalta da análise dos resultados obtidos é a comprovada produtividade do sufixo *-dor*, que se superioriza aos demais, e de forma bem distanciada, em todas as formas pesquisadas. Paralelamente, as escassas ocorrências que atestam formas em *-deiro/a*, remetem para AG em usos pejorativos ou com marcas de intensidade e/ou dimensão.³³⁶ A este tipo de usos pode assim aplicar-se

³³⁴ No suplemento “kulto” (PÚBLICO, 19/06/2005, pág. 9), lê-se, num pequeno glossário juvenil intitulado “palavras difíceis”: «blogging: verbo que significa publicar coisas num blogue. Em “português moderno”, blogar»; «blogger: nome do serviço gratuito onde crias o teu blogue e substantivo que se refere àquele que “bloga”. Ex. Tu és um blogger». Vd., relativamente também a *postar*: «post: substantivo da linguagem bloguística para todas as coisas que publicas num blogue. Cada pedaço de texto é um post (há até quem diga: “já está na hora de ir postar qualquer coisinha” (*Ibidem*)).

³³⁵ A forma aportuguesada surge no DLPC como sinónima de «leitor óptico». No “Glossário de termos utilizados nas Tecnologias” (AIP – Associação de Informação Terminológica), onde se baseiam muitas das descrições em epígrafe, ocorrem *varredor* ou *digitalizador* para a designação do INSTR (cf.: <<http://www.ait.pt/index2.htm?http://www.ait.pt/recursos/ferramentas.htm>>).

³³⁶ Exemplos do tipo: “E porque hoje estou muito *postadeira*” ou “E em verdade vos digo: inda bem que não lhe deu prò sacerdócio, senão perdia-se um grande dum *blogadeiro*”. Por outro lado, seria interessante, mas é matéria que não cabe no âmbito do presente estudo, confrontar *-dor* com sufixos AG de outros paradigmas, como *-ista*, por ex. Usos depreciativos abundam também na imprensa mormente desportiva (ex. *apitadores*, “árbitros com más prestações/de baixo nível” (JN, 30/06/04)). Aqui, a variedade e a criatividade de expressões comprova que a criação de uma palavra ‘desnecessária’ suscita o surgimento de um sentido diverso (Anscombe 2001). É um processo que se verifica frequentemente quando se trata de realçar situações ou aspectos negativos, pelo que mantém, a este nível, algumas semelhanças com as substantivações valorativas a partir de A de pessoa (cf. Bosque 1998).

também «uma função pejorativizadora», que Basílio (1987: 86) atribui a *-eiro/a* principalmente quando aplicado a «bases que já indicam idéias ou consideradas culturalmente negativas ou facilmente consideradas como tais em determinadas circunstâncias».³³⁷ Contudo, se à base cabe grande parte da responsabilidade na manifestação daqueles tipos de conteúdo, o sufixo não deverá ser, também, isento de tal marcação. Como sublinha Bechara ([1961] 1999: 358), é da conjugação dos valores semânticos de todos dos elementos constituintes, do produto final e das próprias condições contextuais que depende o semantismo final do produto.

Muitas das operações de semântica figural responsáveis pela abundância e complexidade de planos de significação nos produtos em estudo têm a sua representação mais fiel e ilustrativa – porquanto a sua própria origem – a nível dialectal (cf. *dadeira*, «(pop.) mulher de vida fácil»)³³⁸ Ora, verificando-se que a maior parte dos derivados sobretudo em *-deira* se define por valores de agentividade (em sentido amplo) actualizados em vocábulos que remetem para todo um campo semântico-referencial de actividades tradicionais, agrárias, domésticas –³³⁹ é curioso constatar que estes produtos não derivam de bases que configurem V de actividade mental, sendo também escasso o número dos que derivam de predicadores com SUJ experienciadores – revela-se um

³³⁷ De facto, é importante realçar que a responsabilidade do sentido pejorativo não cabe unicamente ao sufixo, como se poderá, numa concepção afíxocêntrica, fazer crer. A base é grandemente responsável por este tipo de cambiantes, como se pode ver pelos exemplos seguintes: *palradeiro* («falador, tagarela»), forma cujo V_b significa «emitir sons que se assemelham aos da fala; proferir sons sem sentido» (DLPC); *alternadeira* (JN, 02/06/04, pág. 34), onde o pejorativo da base, tomada na acepção de gíria (DLPC: «Acompanhar, uma mulher, um cliente, num estabelecimento nocturno (...）」), é determinante; *abortadeira*, onde a própria base já se define por um sentido negativo (cf. artigo intitulado *O estranho caso da abortadeira-trafficante* no PÚBLICO, 27/12/2002). É essa ideia a transparecer também em Tavares (1952: 46; 55), ao realçar que o sentido depreciativo em *tosadeira* (“boca”) e em *grunhideira* (“língua”) lhes provém dos V_b (veja-se o que já ficou dito a propósito da estrutura semântica destes produtos, no capítulo III do presente estudo).

³³⁸ É curioso notar que também em português o feminino se afigura mais propenso a estas conotações negativas, particularmente no campo da sexualidade, à semelhança, pois, do que Romaine (1994) confirma para o inglês, onde atesta uma quantidade bem superior de vocábulos relacionados com a promiscuidade sexual feminina (220 produtos) face à que se refere à masculina (apenas 20).

³³⁹ A noção subjacente é sempre a do “trabalho”, frequentemente associada a dificuldades e grandes exigências: «É entre os povos que se encontra a maior riqueza de léxico referente ao trabalho, e é curioso verificar que, se bem que tenha desaparecido a noção de desprezo, outro conceito está presente e com uma constância que quase não admite excepções: o de sofrimento e tortura, o que denota uma concepção pessimista do trabalho» (Franco 1961: 3).

sufixo pouco produtivo na “norma culta”, ou na língua comum de hoje, em virtude de esse campo semântico-referencial se apresentar cada vez mais esbatido. Para o facto de *-deiro/a* ser preterido em novas construções pode, concomitantemente com esse argumento, de ordem extralinguística – as mudanças de modos de vida, de padrões, de valores –, encontrar-se uma justificação no próprio processo formativo do sufixo. Com efeito, distintamente do que ocorre com *-dor/a*, o processo que cria *-deiro/a* caracteriza-se por modificações formais bem acentuadas e estraticamente adstritas: entre outros fenómenos, este sofreu a metátese do *-i-*, por atracção da vogal tónica.³⁴⁰ Ora, sendo esse um fenómeno característico da fala popular (cf. Nunes [1919] 1989: 156-7), o sufixo ficou, a partir, portanto, da sua génese, marcado negativamente.

Sendo a linguagem do povo/popular menos prestigiada que a dos falantes instruídos, a opção de um falante comum recai mais facilmente em *-dor/a*, um operador mais neutro que formalmente se manteve mais próximo do progenitor latino. Se a *lavradora* é, prestigiosamente, como menciona Leite de Vasconcellos em “Dialectos alemtejanos”, a «mulher do caseiro do monte» (RL, IV, 65), à *lavradeira* mais não resta senão contentar-se em ser a «mulher que se emprega no mister da lavoura; camponesa».³⁴¹

³⁴⁰ Vejam-se três ocorrências em que se atesta o fenómeno: «Quando viram seu *doairo*,/determinaram de a levar;/e ela chegando ao *Rosairo*/houve medo ao *campanairo*,/e fugiu pera o lugar.» Vicente ([1562] 1984: 389; os destaques são nossos). O mesmo é válido, como se deduzirá, para *-eiro/a*, cujo ‘cunho’ popular é assinalado, por exemplo, em Franco (1961: 9), a propósito das unidades *laborador* e *laboreiro* («este [forma em *-eiro*] com feição popular»), ou de *lidador* e *lideiro*: «[o primeiro] “erudito” por oposição a “lideiro”; pop. – “o que é trabalhador”» (*Ibid.*, pág. 13). Uma vez que o emprego de formas com “feição popular” se aproxima em muitos casos – como os atrás referidos – do uso pejorativo, aqui se comprova, de facto, a co-responsabilidade do sufixo na assunção desse semantismo.

³⁴¹ DLP. Outra oposição deste tipo é a que realça o carácter ‘popular’ de *-deira* face ao ‘prestigiado’ – *ista*: em entrevista radiofónica (TSF, 07/11/03), Marisa revela preferir ser conhecida como *cantadeira*, embora aprecie que a apelidem de *fadista*, “título” adquirido, na Mouraria, quando são as outras pessoas que o atribuem (a própria pessoa apenas “ousa” referir-se a si própria como *cantadeira*). Ainda a propósito de *lavradeira/lavradora*, veja-se o contraste já em Gil Vicente ([1562] 1984: 374; os destaques são nossos): «Legião: Está ãa *lavradeira* / lá no bairro sobre Alfama, / que mais parideira dama / (...) Feiticeira: Vós que ficais, i buscar / asinha, logo nessora, ãa *honrada lavradora*» ou em Queirós (1888: 150; os destaques são nossos): «Ainda se houvesse allí umas mulheres para ir dar um bocado de cavaco... Mas qual! Uns monstros. E eu, *lavradeiras*, raparigas de pé descalço, não tolero... Ha gente que gosta... Mas eu, acredite v. exc.^a não tolero».

CONCLUSÕES

O presente trabalho analisa o processo de formação dos nomes deverbais sufixados em *-dor/a* e em *-deiro/a*, no português europeu contemporâneo, com recurso a um *corpus* diversificado (cap. I). Caracterizam-se as bases dos pontos de vista das suas estruturas categorial, morfológica, argumental e eventivo-aspectual, a fim de identificar as regularidades/correspondências nos produtos (cap. II e cap. III).

Assim, apesar de se notarem pontos de contacto entre os sufixos analisados, observam-se igualmente diferenças, apresentando os produtos em *-deiro/a*, de um modo geral, mais restrições formativas. O paradigma é, em ambos os casos, heterocategorial e deverbal, verificando-se a sua adjunção a TV – a primeira conjugação é naturalmente a dominante – para formar novos produtos (cap. II e cap. III, §§ 3.1.1). A maior parte dos derivados em *-dor/a* é ambi-valente do ponto de vista categorial (A/S), ao passo que os produtos em *-deiro/a* se apresentam maioritariamente como S, o que revela um maior grau de lexicalização destes (cap. II e cap. III, §§ 3.2.1).

Ao nível das EMorf, as bases dos derivados em *-deiro/a* manifestam uma menor variedade de tipos, uma vez que não representam verbos deadjectivais nem verbos circunfixados (cap. III, § 3.1.2). Pelo contrário, os produtos em *-dor/a* (cap. II, § 3.1.2) apresentam bases de todos os tipos de EMorf: verbos denominais, deadjectivais e deverbais de derivação imediata (*mesquinhar*), prefixados (*reanimar*), circunfixados (*ensurdecer*) e sufixados (*altear*).

No que toca à EA das bases (cap. II e cap. III, §§ 3.1.3), é possível, em ambos os casos, a derivação a partir de todos os tipos de predicadores, dominando as bases unárias e binárias (transitivas e inergativas), não se agregando estes produtos a verbos

de zero lugares nem a verbos inacusativos. Os produtos derivados com ambos os sufixos herdam, de modo semelhante, as propriedades argumentais das bases: suprimem o argumento externo, incorporado pelo sufixo, e mantêm o interno (cap. II e cap. III, §§ 3.2.2.). Todavia, as unidades ACT em *-deira* apresentam comportamento diverso, ao internizarem o argumento externo do V_b . Por sua vez, estruturas $[N_x \text{ de } N_y]$, actualizáveis por ambos os tipos de derivados quando o Arg^{INT} não seja determinado, comportam-se de modo similar aos compostos (ex. *atendedor de chamadas*).

No que respeita à natureza aspectual interna das bases (cap. II e cap. III, §§ 3.1.4), tendo em conta a importância do co(n)texto nessa categorização, não figuram como bases prototípicas dos produtos em estudo verbos que configurem situações de *achievement* ou culminações. As unidades em *-deiro/a* distinguem-se ainda por não seleccionarem predicadores estativos como formas derivantes.

Relativamente aos valores semânticos observáveis nos produtos (cap. II e cap. III, §§ 3.2.3), conclui-se que, em ambos os casos, os derivados se definem profunda e sistemicamente pela(s) significação(ões) AG/INSTR, embora, no respeitante a *-deiro*, a significação LOC seja a dominante e, em *-deira*, exista um número algo significativo de ACT. Como se observou a propósito de *-dora* (cap. II, § 3.2.3.2) e, de modo particular, de *-deira* (cap. III, § 3.2.3.2), grande parte dos derivados quando não realiza o contraste de género designa INSTR relacionados com actividades profissionais, tendencialmente de tipo agrário, artesanal, doméstico ou similares. Porém, se naqueles em que intervém *-dora* a análise não levanta grandes dificuldades, em relação aos produtos em *-deira* o panorama afigura-se mais complexo, uma vez que muitos desses itens se apresentam com grande densidade semântica, portadores de diversos níveis de significação, frequentemente co-presentes num mesmo item lexical (cap. III, § 3.2.3.2).

Um possível aspecto a estudar, no futuro, seria a actualização do valor adjectival nestes produtos. Usos adjectivais do tipo (*optimismo*) *exportador* ou (*política*) *negociadora* revelam um significado relacional que remete para um S_b abstracto, parecendo, assim, mais aceitável considerar um derivante S (“X relacionado com S_b ”): **optimismo que exporta* ou **política que negocia vs. optimismo/política relacionado/a com exportação/negociação*. Por outro lado, tal como se constatou antes (cf. § 2, neste cap. e cap. II, § 3.2.3.1), *-dor/a* afigura-se como o maior operador a formar, em português, nomes de profissões, bem distanciados dos demais sufixos concorrentes. Este é outro dos aspectos que merecia ser explorado num trabalho mais circunstanciado a propósito dos nomes de profissões/actividades profissionais e de instrumentos/maquinismos. Um estudo desse tipo, efectuado com recurso à RL, ao ILB, e a outros dicionários e classificações de profissões (como, por exemplo, a próxima *Classificação Nacional de Profissões* – cf. cap. I, § 4), permitiria confrontar dados do (início/meio/final do) século XX com formas neológicas do início do século XXI.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, Manuel Said ([1931] 1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, 6.^a edição melhorada e aumentada, Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- ANASTÁCIO, M. da Conceição de Freitas (1997), *Para uma leitura dos nomes de predicativos*, Dissertação de Mestrado (inédita), Faculdade de letras da Universidade de Coimbra.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude (1990), “Pourquoi un moulin à vent n’est pas un ventilateur”. In: *Langue Française*, 86, Paris: Larousse, pp. 103-125.
- _____ (2001), “À propos des mécanismes sémantiques de formation de certains noms d’agent en français et en espagnol”. In: *Langages*, N.º 143, Sept., pp. 28-48.
- ANSHEN, Frank and ARONOFF, Mark (1998), “Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity”. In: A. Spencer and A. M. Zwicky (eds.), *The handbook of morphology*, Oxford: Blackwell Publ., pp. 237-247.
- ARONOFF, Mark ([1976] 1985), *Word formation in generative grammar*, 3.^a edição, Cambridge: The M.I.T. Press.
- _____ (1994) *Morphology by itself. Stems and inflectional classes*, Cambridge, MA: The M.I.T. Press.
- BARBOSA, Jerónimo Soares ([1822] 1830), *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*, 2.^a edição, Lisboa: Academia Real das Sciencias.
- BARBOSA, Jorge Morais (1998), “Modalidades verbais portuguesas”, Sep. de *Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, n.º 16, Rio de Janeiro, pp. 49-64.
- BARROS, João de ([1540] 1971), *Gramática da língua portuguesa, cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*, Maria Leonor Carvalhão Buescu (ed.), Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BASÍLIO, Margarida (1980), *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*, Petrópolis: Editora Vozes.
- _____ (1987), *Teoria Lexical*, São Paulo: Ed. Ática.
- _____ (2000), “Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições”. In: *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, volume 4, n.º 2, pp. 9-18.
- BEARD, Robert (1998), “Derivation”. In: A. Spencer and A. M. Zwicky (eds.), *The handbook of morphology*, Oxford: Blackwell Publishers, pp. 44-65.
- BECHARA, Evanildo ([1961] 1999), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37.^a edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- BENVENISTE, Émile ([1948] 1975), *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen*, Paris: Libr. d’Amérique et d’Orient.

- BERGSTRÖM, Magnus e REIS, Neves (2000), *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*, 39.^a edição, coord. por Maria Henriqueta Costa Campos, Lisboa: Editorial Notícias (consultou-se também a 3.^a edição (1957), Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade).
- BOOIJ, Geert (1986), “Form and meaning in morphology: the case of Dutch 'agent nouns'”. In: *Linguistics*, N.º 24, pp. 503-517.
- _____ (1988), “The relation between inheritance and argument linking: deverbal nouns in dutch”. In: Martin Everaert et al. (eds.), *Morphology and modularity: in honour of Henk Schultink*, Dordrecht: Foris, pp. 57-73.
- _____ (2002), “Constructional Idioms, Morphology, and the Dutch Lexicon”. In: *Journal of germanic linguistics*, 14, pp. 301-327.
- _____ (2004), “Constructions and the interface between lexicon and syntax”. In: Henk Aertsen, Mike Hannay, and Gerard Steen (eds.), *Words in their place. Festschrift for J.L. Mackenzie*, Amsterdam: Vrije Universiteit.
- _____ & HAAFTEN, Ton van (1988), “The external syntax of derived words: evidence from dutch”. In: Geert Booij and Jaap van Marle (eds.), *Yearbook of morphology [1988]*, Dordrecht: Foris Publications.
- BOSQUE, Ignacio (1998), *Las categorías gramaticales. Relaciones y diferencias*. Madrid: Editorial Síntesis, 5.^a Reimp.
- BYBEE, Joan L. (1985), *Morphology: a study of the relation between meaning and form*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- BUSSE, Winfried & VILELA, Mário (1986), *Gramática de valências*, Coimbra: Livraria Almedina.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa e XAVIER, Maria F. (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTELEIRO, João Malaca (1980), “A língua e a sua estrutura. Léxico e gramática”. In *Escola Democrática*, N.ºs 28-29, Lisboa: Direção-Geral do Ensino Básico, pp. 2-7.
- _____ (1981), *Sintaxe Transformacional do adjetivo. Regência das Construções Completivas*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CHOMSKY, Noam (1970), “Remarks on nominalizations”. In: Roderick A. Jacobs e Peter S. Rosenbaum (eds.), *Readings in English transformational grammar*, Boston: Ginn & Co., Waltham, Massachusetts, pp. 184-221. [Tradução francesa: “Remarques sur la nominalisation”. In: *Questions de sémantique*, Paris: Éditions du Seuil, 1975, pp. 73-131]
- COMRIE, Bernard & THOMPSON, Sandra A. (1985), “Lexical nominalization”. In: Timothy Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description*, Vol. 3, pp. 349-398.
- CORBIN, Danielle (1987), *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, 2 Vols., Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- _____ (1991), “Introduction – La formation des mots: structures et interprétations”. In: *Lexique*, 10, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, pp. 7-30.

- COSERIU, Eugenio ([1958] 1978), *Sincronia, diacronia e historia: el problema del cambio lingüístico*, Montevideo: Universidad de la Republica. [3.^a ed., Madrid: Editorial Gredos]
- ____ (1983), “Linguistic change does not exist”. In: *Linguistica nuova ed antica. Rivista di linguistica classica medioevale e moderna*, Anno – I, Galatina: Congedo Editore, pp. 51-63.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley ([1984] 1992), *Nova gramática do português contemporâneo*, 9.^a edição, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- DIAS, Augusto Epiphany da Silva ([1876] 1884), *Grammatica portugueza elementar*, sexta edição revista, Lisboa: Livraria Escolar.
- DIEZ, F. (1874), *Grammaire des langues romanes*, Tome II, Paris: A. Franck.
- DUARTE, Inês (2000), *Língua Portuguesa: Instrumentos de análise*, Lisboa: Universidade Aberta.
- ELISEU, A. (1984), *Verbos ergativos do Português: descrição e análise*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras.
- FAITELSON-WEISER, Silvia (1993), “Sufijación y derivación sufijal: sentido y forma”. In: Soledad Varela (ed.), *La formación de palabras*, Madrid: Taurus Universitaria, 1993, pp. 117-161.
- FERNÁNDEZ RAMÍREZ, S. (1986), *La derivación nominal*, Madrid: Real Academia Española.
- GARCÍA-HERNÁNDEZ, Benjamín (1997), “Sinonimia y diferencia de significado”. In: *Revista Española de Lingüística*, Vol. 27, 1, pp. 1-31.
- GRÀCIA I SOLÉ, Lluïsa (1995), *Morfologia lèxica: l'herència de l'estructura argumental*, València: Universitat.
- GREENOUGH, J. B. et alii (1903), *New latin grammar for schools and colleges: founded on comparative grammar* (Allen and Greenough series of latin textbooks), Boston: Ginn & Company.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador (1997), *Principios de sintaxis funcional*, Madrid: Arco Libros.
- HERNÁNDEZ ALONSO, César ([1984] 1996), *Gramática funcional del español*, tercera edición corregida y aumentada, Madrid: Gredos.
- JACKENDOFF, Ray Samuel (1975), “Morphological and semantic regularities in the lexicon”, *Language* 51.3, pp. 639-671. [Consultou-se a trad. Francesa em M. Ronat (ed.), *Langue. Théorie générative étendue*, Paris: Hermann, 1977, pp. 65-108]
- KEYSER, Samuel J. & ROEPER, Thomas (1984), “On the middle and ergative constructions in English”. In: *Linguistic Inquiry*, 15, pp. 381-416.
- LABOV, William (1994), *Principles of linguistic change*. Vol. I: *Internal factors*. Oxford, Cambridge: Blackwell Publishers. [Tradução espanhola: *Principios del cambio lingüístico*. Vol. I: *Factores internos*. Madrid: Gredos, 1996]

- LACA, Brenda (1993), “Las nominalizaciones orientadas y los derivados españoles en *-dor* y *-nte*”. In: Soledad Varela (ed.), *La formación de palabras*, Madrid: Taurus Universitaria, 1993, pp. 180-204.
- LEVIN, Beth & RAPPAPORT, Malka (1988), “Non-event-er nominals: A probe into argument structure”. In: *Linguistics*, 26, pp. 1067-1083.
- _____ (1995), *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*, Cambridge, Mass.: The M.I.T. Press.
- _____ (1998), “Morphology and lexical semantics”. In: A. Spencer and A. M. Zwicky (ed.), *The handbook of morphology*, Oxford: Blackwell Publishers, pp. 248-271.
- LIEBER, Rochelle (1981), *On the organization of the lexicon*, Bloomington: Indiana University Linguistic Club.
- _____ (1992), *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LOPES, Óscar (1971), *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARANTZ, A.P. (1984), *On the nature of grammatical relations*, Cambridge, MA: The MIT Press.
- MADUREIRA, Nuno Luís [coord.] (2001), *História do trabalho e das ocupações*, Oeiras: Celta Editora. [Vol. I: MADUREIRA, N. L. (org.), *A indústria têxtil*; Vol. II: AMORIM, I. (org.), *As pescas*; Vol. III (2002): MARTINS, C. A. e MONTEIRO, N. G. F. (orgs.), *A agricultura: dicionário das ocupações*]
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1977), *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*, Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra: IER/FLUC.
- MAIDEN, Martin (2001), “What sort of thing is a derivational affix? Diachronic evidence from Romanian and Spanish suffixes”. In: Geert Booij and Jaap Van Marle (eds.), *Yearbook of morphology: 1999*, Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, pp. 25-52.
- MARTINET, André ([1967] 1973), *Éléments de Linguistique Générale*, Paris: Librairie Armand Colin [Trad. portuguesa de Jorge Morais-Barbosa: *Elementos de Linguística Geral*, 5.^a edição, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora].
- MARTÍNEZ MELÉNDEZ, María del Carmen (1995), *Estudio de los nombres de los oficios artesanales en castellano medieval*, Granada: Universidad de Granada.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1997), “Aspectos da fonologia lexical do português”. In: Ana Maria Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima, R. M. Martelo (eds.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto: Campo das Letras, pp. 693-703.
- _____ e ANDRADE, Ernesto d’ (2000), *The Phonology of portuguese* (Série: *The phonology of the world's languages*), Oxford: Oxford University Press.
- _____ et alii ([1983] 2003), *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a edição revista e aumentada, Lisboa: Editorial Caminho, S. A. [consultou-se também a 3.^a edição (1992)]

- MATTEWS, P. H. ([1974] 1979), *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*, Cambridge: Cambridge University Press. [Trad. espanhola de Rafael Monroy Casas, Madrid: Paraninfo]
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm (1895), *Grammaire des langues romanes* (Traduction par Auguste Doutrepoint e Georges Doutrepoint), Tome II: Morphologie, Paris: H. Welter Éditeur.
- MONGE, Félix (1996), “Aspectos de la sufijación en español”. In: *Revista española de lingüística*, Vol. 26, 1 (Enero- -Junio), Madrid: Editorial Gredos, pp. 43-56.
- NUNES, José Joaquim ([1919] 1989), *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*, 9.^a edição, Porto: Clássica Editora.
- OLIVEIRA, Fernão de ([1536] 2000), *Grammatica da lingoagem portugueſa*, Amadeu Torres e Carlos Assunção (ed.), Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- PENA, Jesus (1991a), “La palabra: estructura y procesos morfológicos”. In: *Verba*, 18, pp. 69-128.
- _____ (1991b), “Consideraciones en torno a la palabra y al morfema”. In: M. Brea y F. Fernández Rei (coords.), *Homenaxe ó Profesor Constantino García*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 365-373.
- PERES, João Andrade e MÓIA, Telmo (1995), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho S. A.
- PERLMUTTER, D. (1978), “Impersonal passive and the unaccusative hypothesis”. In: *Proceedings from the IV Annual Meeting of the BLS*, pp. 111-143.
- PIEL, Joseph-Marie ([1940] 1989), “A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português”. In: *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, Lisboa: IN-CM, pp. 201-212.
- PINHEIRO, Eduardo (1958), *Caderno de gramática portuguesa*, Porto: Editora Educação Nacional.
- PLAG, Ingo (1999), *Morphological productivity: structural constraints in english derivation*, Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- RAINER, Franz (1993), *Spanische Wortbildungslehre*, Tübinga: Niemeyer.
- _____ (1999), “La derivación adjetival”. In: Ignacio Bosque e Violeta Demonte (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Tomo 3 (‘Entre la oración y el discurso – Morfología’, pp. 4595-4643), Madrid: Editorial Espasa Calpe.
- _____ (2004), “Del nombre de agente al nombre de instrumento y de lugar en español: ¿cuándo y cómo?”. In: *Iberoromania*, N.º 59, pp. 97-122.
- RAMCHAND, Gillian Catriona (1997), *Aspect and predication. The semantics of argument structure*, Oxford: University Press.
- RAPOSO, E. Paiva (1981), *A construção «união de orações» na gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

- RENZI, Lorenzo et alii (2001), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, Vol. 3 (Cap. 10 – ‘Formazione delle parole’, pp. 473-516), Bologna: Il Mulino.
- RIO-TORTO, Graça Maria de Oliveira e Silva (1993), *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (inédita), Coimbra.
- _____ (1994), “Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral”, Sep. da revista *Diacrítica*, Vol. 9, Braga: Centro de Estudos Humanísticos. Universidade do Minho, pp.319-342.
- _____ (1997), “Construção e interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais”. In: Ana Maria Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima, R. M. Martelo (ed.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto: Campo das Letras, pp. 815-834.
- _____ (1998b), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto: Porto Editora.
- _____ (1998c), “Operações e paradigmas genolexicais do português”, Sep. de *Filologia e Linguística Portuguesa*, n.º 2, Coimbra, pp. 39-60.
- _____ (1998d), “Padrões de formação de verbos em português”, Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXII, Coimbra: ILLP/FLUC, pp. 293-327.
- _____ (1998e), “Semântica derivacional e construção de sentido”. In: *Lessicologia e semantica delle lingue romanze*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 755-766.
- _____ (2001a), “Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe”, Sep. da *Rev. Máthesis*, 10, Viseu: Universidade Católica Portuguesa, pp. 259-286.
- _____ (2001b), “Morfossintaxe e semântica dos nominais derivados”. In: *Saberes no tempo – homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 457-470.
- _____ (org.) et al. (2004), *Verbos e nomes em português*, Coimbra: Livraria Almedina.
- RODRIGUES, Alexandra Filipa Soares (2001), *A construção de postverbiais em português*, Porto: Granito, Editores e Livreiros.
- ROMAINE, Suzanne (1994), *Language in society - An introduction to Socio-linguistics*, Oxford: Oxford University Press.
- SADLER, Louisa & SPENCER, Andrew (1998), “Morphology and argument structure”. In: A. Spencer and A. M. Zwicky (ed.), *The handbook of morphology*, Oxford: Blackwell Publishers, pp. 206-235.
- SANTIAGO LACUESTA, Ramón y BUSTOS GISBERT, Eugenio (1999), “La derivación nominal”. In: Ignacio Bosque e Violeta Demonte (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Tomo 3 (‘Entre la oración y el discurso – Morfología’, pp. 4505-4594), Madrid: Editorial Espasa Calpe.
- SCALISE, Sergio ([1984] 1986), *Generative morphology*, 2.^a edição, Dordrecht: Foris Publications.

- _____ (1994), *Morfologia*, Bologna: Il Mulino.
- SELKIRK, Elisabeth O. ([1982] 1983), *The syntax of words*, 2nd ed., London: The M.I.T. Press.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1936), *Gramática histórica da língua portuguesa*, Lisboa: Livraria Popular.
- SERBAT, Guy ([1975] 1994), *Les structures du latin: avec un choix de textes traduits et annotés de Plaute aux Serments de Strasbourg*, 4^{ème}. ed. rev. et augmentée, Paris: Picard.
- SPENCER, Andrew (1991), *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*, Oxford: Basil Blackwell.
- TELES, Cristina e FILIPE, Ricardo da Graça (2003), “Do léxico à morfologia e da morfologia à sintaxe: mais sobre a estrutura argumental dos deverbais”. In: Amália Mendes & Tiago Freitas (eds.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, 2002)*, Lisboa: APL, pp. 829-839.
- TESNIERE, Lucien (1969), *Eléments de syntaxe structurare*, Paris: Klincksiek.
- THOMAZ, L. Fillipe (1994), *De Ceuta a Timor*, Lisboa: Difel.
- VARELA ORTEGA, Soledad (ed.) (1993), *La formación de palabras*, Madrid: Taurus Universitaria.
- _____ (1999), “Sobre las relaciones de la morfología con la sintaxis”. In: *Revista española de lingüística*, 29, 2, Madrid: Editorial Gredos, pp. 257-81.
- _____ (2001-02), “Sobre las conexiones entre estructura y significado en el dominio de la palabra”, *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XXIV, Coimbra: ILLP/FLUC, pp. 209-239.
- VASCONCÉLLOZ, António Garcia Ribeiro de (1900), *Grammática histórica da língua portuguesa*, Paris e Lisboa: Livraria Aillaud, Alves e C^{ia}.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (s.d.), *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913; seguidas das lições práticas de português arcaico*, Lisboa: Dinalivro.
- VENDLER, Zeno (1967), “Verbs and times”. In: *Linguistics and Philosophy*, Ithaca: Cornell University Press, pp. 97-121.
- VERÍSSIMO, Tânia e PINTO, Marco (2003), “Recursos morfológicos disponíveis para a formação de nomes de ocupação em português”. In: Amália Mendes & Tiago Freitas (eds.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, 2002)*, Lisboa: APL, pp. 851-858.
- VILELA, Mário (1992), *Gramática de valências: teoria e aplicação*, Coimbra: Almedina.
- _____ (1994a), *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra: Livraria Almedina.
- _____ (1994b), “Portugiesisch: Wortbildungslehre (formação de palavras)”. In Günter Holtus, Michael Metzeltin e Christian Schmitt (ed.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, vol. VI (Galego, Português), Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 173-199.

- _____ (1999), *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*, 2.^a edição, Coimbra: Livraria Almedina.
- VILLALVA, Alina (1999), “Comentário linguístico à Classificação Nacional das Profissões”. In: A.C.M. Lopes & C. Martins (eds.), *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 1998)*, vol. I, Braga: APL, pp. 599-612.
- _____ (2000), *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- VILLALVA, Alina e CORREIA, Clara Nunes (2000), “Morfologia e semântica dos nomes-sujeito”. In: R. Vieira de Castro & Pilar Barbosa (eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Faro, 1999)*, vol. II, Coimbra: APL, pp. 604-622.
- WILLIAMS, Edwin S. (1981a), “Argument structure and morphology”. In: *The Linguistic Review*, 1, pp. 81-114.
- _____ (1981b), “On the notions ‘Lexically related’ and ‘Head of a word’”. In: *Linguistic inquiry*, Vol. 12, n.º 2, pp. 245-274.

DICIONÁRIOS

- ANDRADE, Ernesto d' (1993), *Dicionário Inverso do Português*, Lisboa: Ed. Cosmos.
- CASTELEIRO, João Malaca (coord.) (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2 Vols., Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial verbo.
- COELHO, Adolfo (1890), *Diccionario manual etymologico da lingua portugueza, contendo a significação e prosódia*, Lisboa: P. Pantier.
- COROMINAS, Joan & PASCUAL, José A. (1980-1991), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 5 Vols., Madrid: Gredos.
- COSTA, Almeida & MELO, Sampaio e (1996), *Dicionário da língua portuguesa*, 8.^a edição, Porto: Porto Editora e Priberam Informática.
- RAE (2001), *Diccionario de la lengua española*, 22.^a ed., 2 Vols., Madrid: Real Academia Española/Espasa-Calpe.
- FERREIRA (1991), António Gomes, *Dicionário de latim-português*, Porto: Porto Editora.
- FIGUEIREDO, Cândido de ([1898] 1996), *Grande dicionário da língua portuguesa*, 25.^a edição, 4 Vols., Lisboa: Livraria Bertrand.
- GONÇALVES, Rebelo (dir.) (1940), *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa/ Academia das Ciências de Lisboa.
- HOUAISS, Antônio et alii (dir.) (2001), *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa versão 1.0*, Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss e Editora Objetiva Ltda.

- MACHADO, José Pedro ([1952] 1987), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 4.^a edição, 5 Vols., Lisboa: Livros Horizonte.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá ([1969] 1995), *Dicionário de erros e problemas de linguagem*, 4.^a edição, Lisboa: Clássica Editora.
- ROQUETE, J. I. & FONSECA, J. da (1949), *Dicionário dos sinónimos poético e de epítetos da língua portuguesa*, Porto: Lello & Imão Ed.
- SILVA, Antonio de Moraes ([1789] 1813), *Diccionario da lingua portugueza*, 2.^a edição, 2 Vols., Lisboa: Typographia Lacerdina.
- SIMÕES, Guilherme Augusto ([1994] 2000), *Dicionário de expressões populares portuguesas*, 2.^a edição, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- VIANA, A. R. Gonçalves ([1912] 1913), *Vocabulário ortográfico e remissivo da língua portuguesa*, 2.^a edição, Paris e Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de ([1798-99] 1965-1966), *Elucidário das palavras, termos, e frases, que em Portugal antigamente se usaram, e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*, ed. crítica por Mário Fiúza, 2 Vols., Porto/Lisboa: Livraria Civilização.
- WOLF, Elena M. et alii (1971), *Dicionário Inverso da Língua Portuguesa*, Moscovo: Nauka.

FONTES

Dissertações de Licenciatura e Relatórios do I.L.B.

- ABREU, Maria Amélia de Freitas (1960), *Linguagem do carpinteiro e do marceneiro*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- ALEXANDRE, Maria de Guadalupe T. (1974), *Castelo de Vide (Portalegre)*. [Relatório do I.L.B.]
- AMBRÓSIO, Maria Helena Alves (1967/8), *Quintazinha do Mouratão (Guarda)*. [Relatório do I.L.B.]
- AMORIM, Maria Isabel Nogueira de (1971), *Baião. Concelho do distrito do Porto. Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- BAPTISTA, José Afonso Nunes (1967), *A linguagem dos desportos*, Dissertação de Licenciatura, Coimbra: Secção de Textos.
- BAPTISTA, Maria de Fátima Freitas (1970), *Ilha do Faial (Açores). Contribuição para o estudo da sua linguagem, etnografia e folclore*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- BAPTISTA, Maria do Vale Peixoto (1961), *Bemposta (Mogadouro)*. [Relatório do I.L.B.]

- BOAL, Maria Eduarda Monteiro (1964), *Designações para “apontamento de pessoas” em Português*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- BOURA, Laura de Sousa (1959), *Designações portuguesas para «bem vestido» e «mal vestido»*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- CAPÃO, António Tavares Simões (1957), *A Bairrada. Estudo linguístico, histórico e etnográfico*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- CARAMELO, Emília M. V. (1971), *Tavarede* (Figueira da Foz). [Relatório do I.L.B.]
- CARVALHO, Maria Armanda da Cunha Albino (1970), *Satão (concelho do distrito de Viseu). Estudo da linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- CARVALHO, Maria de Jesus Vaz de (1970), *Selores* (Carraceda de Ansiães, Bragança). [Relatório do I.L.B.]
- CARVALHO, Maria Filomena de Andrade Saraiva de (1974), *Linguagem e folclore do concelho da Mêda (distrito da Guarda) – Algumas notas sobre a linguagem da mulher*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- CASTRO, Amílcar Ferreira de (1945), *A giria académica coimbrã (contribuição para o seu estudo)*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada como Suplemento de *Biblos*, 7]
- COSTA, Manuel (1966), *Terminologia das operações agrícolas (até à cobertura da semente) acrescida da sacha e da monda*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- COSTA, Maria da Graça Pinheiro (1960), *Toponímia de Guimarães. Estudo de algumas freguesias da margem esquerda do Ave*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- CUNHA, Maria Manuela B. S. (1969), *Parada de Todea* (Paredes, Porto). [Relatório do I.L.B.]
- ESTEVES, Albino de Carvalho (1966), *Quadrazais* (Sabugal, Guarda). [Relatório do I.L.B.]
- FERNANDES, Imelda Joana Mazedo (1958), *Expressões portuguesas para “teimosia”*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- FERNANDES, João Baptista (1965), *Linguagem de Aldeia Velha e povoações vizinhas*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- FERREIRA, Ana Paula Quintela (1964), *São Julião* (Bragança). [Relatório do I.L.B.]
- FONSECA, Maria Daniela Silva da (1971), *Duas Igrejas* (Miranda do Douro, Bragança). [Relatório do I.L.B.]
- FRANÇA, Maria F. Mendes (1973), *Vila Seca* (Condeixa-a-Nova). [Relatório do I.L.B.]
- FRANCO, Maria Beatriz de Palma Arvela (1961), *Expressões portuguesas para «trabalhar» e «não trabalhar»*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- FREITAS, Odília de Jesus (1948), *Estudo do falar de Santa Valha*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.

- GABRIEL, Ivone Maria Ferreira (1950), *Nomes do Diabo em Portugal*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- GOUVEIA, Maria de Lourdes (1951), *Estudo linguístico, etnográfico e folclórico da freguesia do Piódão*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- LIMA, Maria Alves (1955), *Matosinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. XI (1961) e XII (1962-1963)]
- LOURDES, Maria de (1946), *Subsídio para uma monografia linguística (Aldeia de Campeã)*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- MACARA, Maria Corália Carrajola (1964), *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclore*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- MADEIRA, Eugénia Maria Martins (1966), *A linguagem técnica do cinema*, Dissertação de Licenciatura, Coimbra: Secção de Textos.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1977), *Os falares fronteiriços do concelho do Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilla*, Suplemento IV da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra: IER/FLUC.
- MARTA, Maria Isabel G. P. (1973), *Furadouro* (Condeixa-a-Nova). [Relatório do I.L.B.]
- MARTINS, Camila Maria (1955), *Várias expressões da ideia de magreza em Português*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- MARTINS, Maria Margarida Furtado (1945), *A Oliveira (estudo linguístico)*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- MATIAS, Maria de Fátima de Resende Fernandes (1974), *Bilinguismo e níveis sociolinguísticos numa região luso-espanhola (concelhos de Alandroal, Campo Maior, Elvas e Olivença)*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. XVIII e XIX (1984)]
- MATOS, Elisabete Almeida (1971), *Quintas da Torreira* (Torreira, Murtosa, Aveiro). [Relatório do I.L.B.]
- MENDES, Maria Adélia Campos (1963), *Barreiro* (Fafe, Braga). [Relatório do I.L.B.]
- MENDES, Maria Amélia Pina Amaral (1953), *Nomes de profissões portuguesas. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- MONTEIRO, Maria Ausenda Mendonça (1963), *Tolosa* (Alto Alentejo, Portalegre). [Relatório do I.L.B.]
- MONTEIRO, Maria do Carmo Ferreira da Costa (1970), *Rio Frio* (Bragança). [Relatório do I.L.B.]
- MOTA, Maria da Conceição Santos (1958), *O Linho. Cultura e fabrico. Estudo linguístico, etnográfico-folclórico*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.

- NETTO, Maria Teresa de Mendonça Lino (1945), *A linguagem dos pescadores do concelho de Vila do Conde*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. I (1947) e II (1948)]
- OLIVEIRA, Ângela Maria Alves de Sousa (1957), *A cultura da vinha na Bairrada (estudo da linguagem, folclore e etnografia)*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- OLIVEIRA, Henrique José Coelho de (1971), *O Fabrico do azeite. Estudo linguístico e etnográfico*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- OLIVEIRA, Manuel Rodrigues de (1948), *A Linguagem de Oliveira de Azeméis. Em complemento: contribuição para o estudo do falar técnico do centro vidreiro do norte de Portugal*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- PATRÃO, Ana Maria C. M. (1973), *Póvoa das Forçadas (Parada, Carregal do Sal)*. [Relatório do I.L.B.]
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva (1949), *Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. III (1949-1950), IV (1951) e V (1952)]
- PEREIRA, Mário de Brito Aparício (1972), *Santiago de Rio de Moinhos (Borba)*. [Relatório do I.L.B.]
- PINHO, Maria Elsa Tomás Gomes de (1960), *Terminologia da cultura e preparação do vinho do Porto*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- PINTO, Maria José Gaivão de Sousa (1951), *Contribuição para o estudo dos defeitos físicos no vocabulário, crenças e superstições populares*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- QUARESMA, António Joaquim de Vasconcelos (1968), *Albergaria das Cabras (Arouca, Aveiro)*. [Relatório do I.L.B.]
- RAMOS, Lucília de Castro (1965), *Utensílios e mobiliário da cozinha rural na região portuguesa a norte do Douro*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- RIBEIRO, José António Pinto (1968), *Estela (Póvoa de Varzim)*. [Relatório do I.L.B.]
- SÁ, Carla Maria Campos e (1970), *Frossos (Albergaria-a-Velha, Aveiro)*. [Relatório do I.L.B.]
- SALGUEIRO, Mariana de Lourdes (1945), *Contribuição para um estudo linguístico e etnográfico de quatro aldeias: S. Mamede de Riba Tua, Safres, Amieiro e Franzilhal, pertencentes ao concelho de Alijó*. Dissertação de Licenciatura (inédita), Coimbra.
- SANTOS, Gracinda R. Coelho dos (1972), *Capelins (Alandroal)*. [Relatório do I.L.B.]
- SANTOS, Maria Alice A. Carvalho dos (1970/1), *Monforte (Almalaguês, Coimbra)*. [Relatório do I.L.B.]
- SANTOS, Maria José de Moura (1960), *Os falares raianos de Trás-os-Montes*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada, com o título *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. XII, Tomo II (1962-1963), XIII (1964-1965) e XIV (1966-1968)]

- SARAIVA, Maria Fernanda Mendes Ferreira (1970), *Designações para trabalhadores rurais em Portugal Continental*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- SILVA, Evelina Pereira da (1971), *Autenticidade, estilização e deturpação das linguagens locais no romance regionalista português*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- SILVA, Irene Alves da (1945), "*Linguagem Corticeira*" (*Subsídios para um estudo sobre a linguagem corticeira*). Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- SILVA, Maria Celeste Lopes dos Reis Marques da (1972), *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- SILVA, Maria Gracinda Gonçalves e (1960), *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- SILVA, Maria Helena Santos (1954), *O cesto. Estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação de Licenciatura, Coimbra. [publicada na *Revista Portuguesa de Filologia* – Vols. IX (1959) e X (1960)]
- SOUSA, Amélia da Conceição Inocência de Sousa (1955), *Contribuição para uma monografia etnográfica, linguística e folclórica do concelho de Alfândega da Fé*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- TAVARES, Maria Fernanda Fernandes (1970), *Maçainhas de Baixo (Guarda)*. [Relatório do I.L.B.]
- TORRES, Maria José Vieira Neves da Silva (1959), *A Influência religiosa na linguagem popular*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.
- VIDE, Maria Rita da Fonseca (1972), *São Vicente da Beira (Castelo Branco)*. [Relatório do I.L.B.]
- VIEIRA, Carolina Lucília da Silva (1957), *A olaria no distrito de Braga. Estudo linguístico e etnográfico*. Dissertação de Licenciatura (inérita), Coimbra.

Revista Lusitana

- VASCONCELLOS, J. Leite de (org.), (1887-1943), *Revista lusitana. Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal*, 38 volumes. Porto: Livraria Portuense.

Outras fontes impressas

- CAMÕES, Luís Vaz de ([1572] 1987), *Os Lusíadas*, edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora.
- IEFP (Instituto do Emprego e da Formação Profissional) (1989), *Índice de profissões no masculino e feminino*. Rede de Responsáveis para a Igualdade de Oportunidades, Lisboa.
- _____ ([1994] 2001), *Classificação nacional das profissões: versão 1994*, 2.^a edição, Lisboa.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1982), “Em busca de um mundo perdido”. Revista da JMP *Arte Musical*, Número especial, por ocasião da Quinzena de Etnomusicologia (Outubro de 1982), pp. 6-10 [Revisto e digitalizado por Domingos Morais, em Agosto de 1999].

QUEIRÓS, Eça de (s/d), *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa: Livros do Brasil [Edição integral de acordo com a edição de 1880].

VICENTE, Gil ([1562] 1984), *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente* (introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu), 2 volumes, Lisboa: INCM (Biblioteca de autores portugueses).

Fontes em linha

MorDebe (base de dados morfológicos de Português Europeu) e *corpus REDIP* (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa). In: <<http://www.iltec.pt/>> (Instituto de Linguística Teórica e Computacional).

Fontes literárias em formato digital³⁴²

CASTELO BRANCO, Camilo (1862), *Coração, cabeça e estômago*.

_____ (1882), *A Brasileira de Prazins*.

GARRETT, Almeida (1845), *O Arco de Sant'ana*.

HERCULANO, Alexandre (1851), *A morte do lidador*.

_____ (1844), *Eurico, o presbítero*.

QUEIRÓS, Eça de (1900), *A Ilustre Casa de Ramires*.

_____ (1888), *Os Maias*.

³⁴² In: *Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa*: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/>>. As páginas indicadas ao longo do texto são as que constam na obra digitalizada; as datas são as da primeira edição de cada obra. Fontes do presente trabalho foram também várias edições de jornais e artigos de diversa índole, indicados ao longo do trabalho (cf. cap. I, § 4 e lista de unidades citadas no Anexo 4).

ANEXOS

Anexo 1: *Corpus* DLP

1.a) Unidades em *-dor*

1.b) Unidades em *-dora*

1.c) Unidades em *-deiro*

1.d) Unidades em *-deira*

1.a) Derivados em –*dor* (DLP)

abafador
abaixador
abalizador
abanador
abandoador
abarcador
abastecedor
abatedor
abdicador
abençoador
abjudicador
abjurador
abnegador
aboletador
abolidor
abominador
abonador
abordador
aborrecedor
abortador
abotoador
abraçador
abrasador
abreviador
abridor
abrigador
abrochador
ab-rogador
absorvedor
abusador
acabador
acabrunhador
açacalador
acafelador
acairelador
acalentador
açambarcador
acanalador
acanhador
acariciador
acarretador
acatador
accionador
aceitador

acelerador
acendedor
acendrador
acetificador
achador
achegador
achicador
aclamador
acoimador
acoitador
açoitador
acolchetador
acolhedor
acometedor
acompanhador
aconselhador
acossador
acreditador
acrisolador
açulador
acumulador
acusador
acutilador
adaptador
adelgaçador
adestrador
adicionador
adivinhador
adjudicador
administrador
admirador
admoestador
adorador
adormecedor
adormentador
adquiridor
ad-rogador
adubador
adulador
adulterador
afagador
afamador
afastador
aferidor
aferroador
aferrolhador
afiador
afiançador
afilador
afinador

afogador
aforador
aformoseador
aforrador
afretador
afrontador
afugentador
afuroador
agadanhador
agafanhador
agarrador
agasalhador
agenciador
agitador
agrafador
agremiador
aguador
aguardador
aguarentador
aguçador
aguentador
aguilhoador
ajuizador
ajuntador
ajustador
alagador
alanceador
alanhador
alanzoador
alardeador
alargador
alastrador
alçador
alegrador
alentador
alfabetador
alheador
alcantinador
aliciador
alimentador
alimpador
alinhador
alisador
aliviador
alojador
alquilador
alteador
alterador
altercador
alternador

alugador
alumiador
alveador
alvidrador
alvitrador
alvoroçador
alvorotador
amaçador
amador
amaldiçoador
amamentador
amansador
amarrador
amassador
ameaçador
amealhador
amedrontador
ameigador
amenizador
amentador
amerceador
amesquinhador
amestrador
amezinhador
amimador
amofinador
amolador
amolecedor
amontoador
amortalhador
amortecedor
amotinador
amparador
ampliador
amplificador
analizador
anatematizador
andador
angariador
angustiador
animador
aninhador
aniquilador
anisador
anojador
anotador
anulador
anunciador
anuviador
apadrinhador

apagador
apanhador
aparador
aparelhador
apartador
apascentador
apassivador
apavorador
apaziguador
apedrejador
apegador
apeirador
apelador
aperfeiçoador
aperreador
apertador
apiloador
aplainador
aplanador
apodador
apontador
apoquentador
aposentador
apostador
apostilador
aprazador
aprazedor
apreçador
apreciador
apreendedor
apregoador
apresador
apresentador
apressador
aprestador
apropriador
aprovador
aproveitador
apurador
aquecedor
aquietador
aquilatador
aquinhoador
arador
arbitrador
areador
arejador
arengador
argamassador
argentador

arguidor
argumentador
armador
arpoador
arqueador
arrancador
arranhador
arrasador
arrastador
arrazoador
arreador
arrebanhador
arrebatador
arrecadador
arrefecedor
arrelizador
arrematador
arremedador
arremessador
arremetedor
arrenegador
arrepelador
arrepizador
arrimador
arrogador
arrojador
arrolador
arrolhador
arrombador
arrotador
anticivilizador
arroteador
arruador
arruinador
arrulhador
arrumador
asador
asfaltador
aspirador
assacador
assador
assalariador
assaltador
assassinador
assedador
assedador
assegurador
assentador
asseteador
asseverador

assimilador
assinalador
assoalhador
assobiador
assolador
assoprador
assucador
assustador
atabafador
atacador
atador
atalaiador
atalhador
atamancador
atarraxador
atassalhador
ataviador
ateador
atemorizador
atenuador
aterrador
aterroizador
atestador
atiçador
atirador
atochador
atordoador
atormentador
atracador
atraiçoador
atrapalhador
atrasador
atravessador
atribuidor
atribulador
atroador
atrofiador
atropelador
atuador
atumultuador
aturador
aturdidor
aumentador
auscultador
auspiciador
autenticador
autorizador
auxiliador
avaliador
avalizador

avançador
avassalador
avelhentador
averiguador
aviador
aviltador
avisador
avivador
aviventador
azedador
azeitador
azulador
azulejador
bacelador
bafejador
bailador
bajulador
baldeador
balizador
baloiçador
bandeador
banidor
banqueteador
baralhador
barateador
bastidor
batalhador
batedor
bazofiador
beatificador
bebedor
beberricador
beijador
beijocador
beneficiador
benzedor
berrador
bestializador
bestificador
blasfemador
blasonador
bloqueador
bobinador
bocejador
bojador
bordador
borrador
borrifador
boxador
boxeador

bracejador
bramador
bramidor
branqueador
bravateador
brigador
brincador
britador
brochador
bronzeador
brunidor
brutificador
burilador
burlador
buscador
caçador
cacarejador
cachimbador
cachinador
caçoador
caiador
calador
calafetador
calcador
calçador
calcorreador
calculador
calejador
calibrador
caluniador
cambolador
caminhador
campeador
canalizador
canonizador
cantador
capador
capeador
capinador
capsulador
captador
capturador
caracterizador
carbonador
carbonizador
carburador
cardador
carduçador
carecedor
carimbador

carmeador
carpidor
carregador
cartonador
castigador
castrador
catalisador
catalogador
categorizador
catequizador
causador
cauterizador
cavador
cavalgador
cavaqueador
cavilador
cavilhador
celebrador
cementador
censurador
centralizador
centrifugador
cercador
cerceador
certificador
cevador
chacinador
chacoteador
chalaceador
chalreador
chanfrador
charlador
chasqueador
chatinador
chegador
chiador
chicoteador
chilreador
choramigador
choramingador
choutador
chovedor
chumbador
chupador
cintador
cintilador
cinzelador
circulador
circum-navegador
ciscador

cismador
citador
civilizador
clamador
clarificador
classificador
coabitador
co-administrador
coador
coagulador
co-arrendador
cobiçador
cobrador
cobridor
co-devedor
codificador
co-fiador
colaborador
colador
coleccionador
colhedor
colimador
colocador
colonizador
combinador
começador
comedor
comentador
cometedor
cominador
comiserador
comovedor
compactador
compadecedor
compaginador
comparador
compartilhador
compendiador
compensador
competidor
compilador
complicador
componedor
compossuidor
comprador
comprazedor
comprometedor
comprovador
compulsador
computador

comunicador
comutador
concatenador
concentrador
concertador
conciliador
concitador
conculcador
condenador
condensador
condicionador
confabulador
confeccionador
conferidor
confirmador
conformador
confortador
confrangedor
confrontador
confutador
congelador
congraçador
congratulador
conhecedor
conjeturador
conjurador
conquistador
consabedor
consagrador
conseguidor
consentidor
consertador
conservador
conservidor
consignador
consolador
conspirador
consternador
constituídor
constrangedor
consultador
consumador
consumidor
contador
contaminador
contemplador
contemporizador
contendedor
contestador
continuador

contrariador
contrastador
contratador
contribuidor
conristador
controlador
conturbador
convencedor
conversador
convertedor
convidador
convocador
coobador
coonestador
cooperador
coordenador
copejador
copiador
copulador
corneador
corredor
corregedor
corrompedor
cortador
cortejador
cosedor
cotador
cotejador
co-vendedor
cozedor
cravador
cravejador
cremador
criador
criminator
crismador
cristalizador
criticador
cruciador
crucificador
cruzador
cuidador
cultivador
cumpridor
cumprimentador
cunhador
curador
curtidor
cuspidor
cuspinhador

gador
danador
dançador
danificador
datador
debelador
debicador
debilitador
debulhador
debuxador
decepador
decifrador
declamador
declarador
declinador
decorador
decotador
dedicador
defecador
definhador
definidor
deflagrador
deflegmador
deflorador
deformador
defraudador
defumador
degastador
degelador
degolador
degradador
deificador
delimitador
delineador
delongador
demandador
demarcador
demolidor
demonstrador
denominador
denotador
denunciador
deparador
depauperador
deplorador
depositador
depravador
depreciador
depredador
depurador

derreador
derribador
derriçador
derrocador
derrogador
derrotador
derrubador
derruidor
desabonador
desacreditador
desafiador
desafrentador
desagravador
desagregador
desaguador
desalentador
desamador
desancador
desandador
desanimador
desapropriador
desareador
desarmador
desarmonizador
desarranjador
desassimilador
desassossegador
desatador
desbaratador
desbarbador
desbastador
desbravador
descabeçador
descalcificador
descalçador
descalcificador
descamisador
descarnador
descaroçador
descarolador
descarregador
descascador
descentralizador
descercador
descobridor
desconcertador
descongelador
desconhecedor
desconsertador
desconsolador

descontinuador
descoroçoador
descortecedor
desculpador
desdenhador
desedificador
deseducador
desejador
desembargador
desencaminhador
desencorajador
desenfastiador
desengaçador
desenganador
desengordurador
desenhador
desenredador
desensinador
desenterrador
desentulhador
desesperador
desestimador
desevangelizador
desfavorecedor
desfazedor
desfeiteador
desfibrador
desfigurador
desflorador
desfolhador
desforçador
desfrutador
desgabador
designador
desinfetador
desinquietador
deslastrador
deslindador
deslocador
deslumbrador
deslustrador
desluzidor
desmagnetizador
desmantelador
desmembrador
desmentidor
desmerecedor
desmoitador
desmoralizador
desnacionalizador

desnorteador
desolador
desordenador
desorganizador
desorientador
despachador
despedaçador
despeitador
despejador
despendedor
desperdiçador
despertador
despicador
despoetizador
despojador
despolarizador
despolpador
despontador
despovoador
desprestigiador
desprezador
desqualificador
desqueixador
desrespeitador
dessecador
dessensibilizador
desterroador
destinador
destocador
destorroador
destrinçador
destruçador
destruidor
desumidificador
desvalorizador
desvanecedor
desviador
determinador
detonador
detraidor
deturpador
devaneador
devassador
devastador
devedor
devorador
dialisador
difamador
digladiador
dignificador

dilacerador
dilapidador
dilatador
diligenciador
diminuidor
disciplinador
discreteador
discriminador
discursador
discutidor
disparador
dispensador
disputador
dissecador
disseminador
dissertador
dissimulador
dissipador
distrador
distribuidor
ditador
divagador
divinizador
divulgador
dizedor
dizimador
doador
dobrador
doestador
dogmatizador
doirador
domador
domesticador
dominador
dormidor
dotador
doutrinador
dragador
drenador
dualizador
dulcificador
duplicador
duvidador
ebulidor
ecoador
economizador
edificador
educador
efetuador
efeituador

ejaculador
elaborador
electrizador
electrogerador
elevador
eliminador
elogiador
elucubrador
emancipador
embaidor
embalador
embalsamador
embaraçador
embargador
embarrador
embaucador
embelecador
embelezador
embicador
embofinador
emboçador
emborrador
embotador
embriagador
embrulhador
embrutecedor
embruxador
embutidor
emendador
emigrador
empacotador
empalhador
empalmador
empastelador
empatador
empedrador
empenhador
empestador
emprazador
empreendedor
empregador
emprenhador
empresador
emprestador
empurrador
empuxador
emulador
enaltecedor
encabelador
encadernador

encaixotador
encalacrador
encaminhador
encampador
encantador
encarecedor
encarnador
encarrilhador
encarvoador
encenador
encerador
enchedor
encobridor
encomiador
encostador
encrespador
encurtador
endeusador
endoidecedor
endossador
endurecedor
enfardador
enfeitador
enfeitiçador
enformador
enfraquecedor
enfreador
engajador
enganador
engarrafador
engastador
engatador
engazupador
engessador
engodador
engolidor
engrampador
engrandecedor
engranzador
engraxador
engrolador
engrossador
enguiçador
enleador
enliçador
enlouquecedor
enobrecedor
enojador
enredador
enrodilhador

enrolador
ensaiador
ensalmador
ensamblador
enseirador
ensinador
ensurdecedor
entalador
entalhador
entendedor
enternecedor
enterrador
entivador
entoador
entontecedor
entrançador
entravador
entregador
entretalhador
entretecedor
entrevistador
enumerador
enunciador
envenenador
envernizador
enxalaviador
enxalmador
enxamblador
enxameador
enxertador
enxofrador
enxotador
enxugador
epilogador
episodiador
equilibrador
esbalgidor
esbanjador
esbofeteador
esborralhador
esbulhador
escabichador
escaiolador
escalador
escaldador
escalfador
escalpelizador
escambador
escamoteador
escandalizador

escanhoador
escanhotador
escarafunchador
escaramuçador
escarduçador
escareador
escarificador
escarnador
escarnecedor
escarnicador
escarolador
escarrador
escarvador
escavador
esclarecedor
escoador
escoiceador
escoicinhador
escondedor
esconjurador
escorchador
escornador
escorneador
escorvador
escovador
escravizador
escrevedor
escrevinhador
escrutador
escrutinador
esculpidor
escumador
escurecedor
escutador
esfaqueador
esfarrapador
esfarripador
esfolador
esfolhador
esforçador
esfossador
esfregador
esfriador
esfumador
esganador
esgaravatador
esgotador
esgraminhador
esgrimidor
eslagartador

esmagador
esmaltador
esmerilador
esmiuçador
esmoedor
esmolador
esmurraçador
espadelador
espalhador
espalmador
espanador
espancador
espanejador
espantador
especificador
espectador
especulador
esperador
esperdiçador
espertador
espevitador
espiador
espirrador
espoador
espoldrador
espoliador
espreitador
espremedor
esquadrinhador
esquecedor
esquentador
esquiador
esquipador
estabelecedor
estabilizador
estadeador
estafador
estagnador
estanhador
estazador
estendedor
estercador
esterilizador
esterroador
esticador
estimador
estimulador
estipulador
estirador
estivador

estofador
estonador
estonteador
estorvador
estragador
estrangulador
estreitador
estripador
estrugidor
estucador
esvidador
esvidigador
eterizador
evangelizador
evocador
exacerbador
exagerador
exaltador
examinador
exasperador
exceptuador
excitador
exclamador
excogitador
execrador
exercitador
exibidor
exortador
expectador
expedidor
experimentador
expiador
expirador
explanador
explicador
explorador
exportador
expressador
exprobrador
expropriador
expugnador
expurgador
exsicador
extenuador
exterminador
extinguidor
extirpador
extraviador
fabricador
fabulador

facea-marcador
faceador
facilitador
faiscador
falador
falqueador
falsador
falsificador
famigerador
fanatizador
fantasiador
farfalhador
fariscador
fascinador
fatigador
favorecedor
fazedor
fecundador
felicizador
fendedor
feridor
fermentador
ferrador
fertilizador
fervedor
festejador
fiador
filhador
filtrador
findador
fingidor
firmador
fiscalizador
fisgador
fixador
flagelador
flanador
flanqueador
flutuador
folgador
folheador
foliador
fomentador
forçador
forjador
forjicador
formador
formolizador
formulador
fornecedor

fornicador
fornecedor
forrageador
fortalecedor
fortificador
fossador
fotomultiplicador
fraseador
fraudador
frequentador
fresador
fretador
fretejador
friccionador
frisador
frustrador
fruteador
fulminador
fumador
fumigador
fundador
fundidor
funestador
furador
fustigador
fuzilador
gabador
gabionador
gaguejador
galanteador
galardeador
galopador
galreador
galrejador
galvanizador
ganhador
garantidor
garganteador
garrochador
gaseificador
gastador
gaveador
gazeador
gelador
gemedor
generalizador
gerador
germinador
gesticulador
gingador

girador
gladiador
glorificador
glosador
gofrador
goleador
gorjeador
governador
gracejador
gradador
graduador
gralhador
granador
granidor
granizador
granjeador
grasnador
gratificador
gravador
grazinador
grelhador
gritador
grosador
grudador
grunhidor
guardador
guarecedor
guarnecedor
guerreador
guiador
guilhochador
guinchador
habilitador
habitador
harmonizador
herborizador
hidroplanador
hipnotizador
historiador
homogeneizador
honestador
horripilador
hospedador
humidificador
idealizador
igualador
iliçador
iluminador
ilustrador
imaginador

imitador
imolador
imortalizador
impacientador
impedidor
imperador
implicador
importador
importunador
imprensador
impressionador
imprimidor
improvador
improvisador
impugnador
impulsionador
imputador
imunizador
inalador
inaugurador
incensador
incisador
incitador
incomodador
increpador
incrustador
incubador
inculcador
indagador
indenizador
indicador
indiciador
individuador
industriador
induzidor
inebriador
infamador
infestador
infibulador
inficionador
infiltrador
inflamador
influidor
informador
inibidor
iniciador
injuriador
inoculador
inovador
inquietador

inquiridor
insidiador
insinuador
inspeccionador
inspector-orientador
inspirador
instalador
instaurador
instigador
instilador
instituidor
instruidor
insubordinador
insuflador
insulador
insultador
integrador
interpelador
interpolador
interpretador
interrogador
intimador
intimidador
invectivador
investidor
investigador
invitador
invocador
irradiador
irrigador
irritador
isolador
jaculador
jaspeador
jejuador
jogador
jugador
julgador
jurador
justador
justificador
labutador
laçador
lacrador
ladrador
ladrihador
lajeador
lambedor
lamentador
laminador

lamuriador
lançador
lanceador
largueador
lastimador
lastrador
lavador
lavrador
lealdador
leccionador
ledor
legislador
legitimador
lembrador
lenhador
lesador
levador
levantador
libertador
licitador
lidador
limador
limpador
linchador
liquidador
liquidificador
lisonjeador
livrador
livre-pensador
lixiviador
lobrigador
locador
logrador
lotador
louvador
lustrador
lutador
maçador
macaqueador
machucador
maculador
madraceador
madrugador
madurador
magnetizador
magnificador
malaxador
malbaratador
maleador
malhador

malversador	misturador	noticiador
mandador	mitigador	notificador
maneador	mobilador	numerador
manejador	mobilizador	nutridor
mangador	modelador	obcecador
manifestador	moderador	obliterador
manipulador	modificador	obrador
manobrador	modulador	obrigador
manteador	moedor	obsequiador
mantenedor	mofador	observador
maquiador	moldador	obturador
maquinador	molestador	ocasionador
maravilhador	mondador	ocultador
marcador	monopolizador	ocupador
marchador	montador	ofendedor
marginador	monteador	oferecedor
martelador	morador	oficiador
mascador	moralizador	olhador
mastigador	mordedor	operador
matador	mortificador	opugnador
materializador	mostrador	orador
matraqueador	motejador	orçador
maturador	motivador	ordenador
mediador	movedor	ordenhador
medidor	mudador	organizador
meditador	mugidor	orientador
melancolizador	multiplexador	originador
melhorador	multiplicador	ornador
melificador	mumificador	ornamentador
meneador	mundificador	ornejador
menoscabador	municipiador	orquestrador
menosprezador	municionador	oscilador
mensurador	murador	osculador
mercador	murmurador	ostentador
merecedor	mutilador	outorgador
mergulhador	mutuador	ouvidor
metedor	nacionalizador	ozonizador
metralhador	nadador	pacificador
metrificador	namorador	padecedor
mexedor	narrador	padejador
miador	navegador	padreador
microcomputador	nebulizador	pagador
microprocessador	negaceador	paganizador
migrador	negador	paginador
minador	negociador	palavreador
mineralizador	nitridor	palmeador
ministrador	nivelador	palrador
minutador	nomeador	panificador
mirrador	nomenclador	parafraseador
mistificador	notador	parafusador

parodiador
parolador
participador
partidor
passador
passeador
pasteurizador
patinador
patrocinador
pecador
pedidor
pegador
pelador
pelejador
pendenciador
peneirador
penetrador
pensador
penteador
percutidor
perdoador
peregrinador
perfilhador
perfumador
perfurador
perguntador
perlustrador
permutador
perorador
perpetrador
perpetuador
perscrutador
perseguidor
perturbador
perversor
pesador
pescador
pesquisador
petiscador
petrificador
piador
picador
pilador
pilulador
pinador
pirogravador
pisador
pisoador
plagiador
planador

plantador
platinador
pleiteador
plissador
podador
polarizador
polidor
polinizador
ponderador
porfiador
portador
possuidor
postergador
postulador
poupador
povoador
praguejador
pranteador
prateador
praticador
preanunciador
preceituador
preconizador
predicador
predominador
prefaciador
pregador
pregador
pregueador
prejudicador
prelibador
premiador
prensador
prenunciador
preparador
presador
presenteador
preservador
prestador
prestidigitador
prestigiador
presumidor
pretendedor
prevaricador
prezador
principiador
processador
proclamador
procrastinador
procriador

procurador
prodigalizador
produtor
profanador
profetizador
profligador
profundador
prognosticador
programador
proibidor
prometedor
promovedor
promulgador
pronador
propagador
propalador
propiciador
propinador
proporcionador
propriador
propugnador
propulsionador
prorrogador
prosador
proseguidor
prostituidor
protegedor
protelador
protestador
provador
provedor
provocador
publicador
pugnador
pulverizador
punidor
purificador
puxador
quadrador
qualificador
quebrantador
queimador
querelador
questionador
quilatador
quintador
quintuplicador
quitador
rabeador
rabejador

rabiscador	reflectidor	reprovador
rabunador	reforçador	reptador
rachador	reformador	repugnador
raciocinador	refreador	repuxador
radiador	refrigerador	requibrador
radioamador	refugador	requeredor
ralador	refundidor	requestador
ralhador	refutador	reservador
rangedor	regador	resfriador
rapador	regalador	resgatador
rapinador	regateador	resmoneador
raptador	regedor	respeitador
rascador	regelador	respingador
rasgador	regenerador	respirador
raspador	registador	respondedor
rastejador	regozijador	responsabilizador
rateador	regrador	ressoador
razoador	regulador	ressonador
reabilitador	regularizador	ressuscitador
realizador	reivindicador	restaurador
reanimador	rejuvenescedor	restituidor
rebarbador	relatador	resumidor
rebatedor	relaxador	retalhador
rebocador	relevador	retardador
recalcador	remador	retesador
recalcificador	rematador	retocador
recamador	remediador	retouçador
recebedor	rememorador	retratador
recenseador	remerecedor	retribuidor
receptador	remidor	reunidor
recitador	remoçador	revedor
reclamador	remoqueador	revelador
recompensador	remordedor	revendedor
recompilador	remunerador	reverenciador
reconciliador	renegador	reverificador
reconfortador	renovador	revezador
recordador	renteador	revistador
recortador	renunciador	revivificador
recreador	reorganizador	revogador
recriminador	reparador	revoltador
rectificador	repartidor	revolvedor
recuperador	repatriador	rezador
recusador	repesador	ridicularizador
redor	repetidor	rifador
reedificador	repicador	rilhador
reeducador	replicador	rimador
reexportador	repreendedor	ripador
refazedor	represador	riscador
refilador	representador	rixador
refinador	reprimidor	robustecedor

roçador	sensibilizador	suplantador
rodeador	sentenciador	suplicador
roedor	separador	supridor
rogador	sepultador	surrador
rojador	sequestrador	suscitador
rolador	seringador	suspeitador
rolhador	serrador	suspirador
rompedor	serrilhador	sustentador
roncador	servidor	talador
rondador	significador	talhador
rosnador	silenciador	tangedor
rotador	simbolizador	tapador
roubador	simplificador	tardador
rubricador	simulador	tasquinador
rufador	sindicador	tatuador
rugidor	sintetizador	taxador
sabadeador	sistematizador	tecedor
sabedor	sitiador	telhador
sacador	sofisticador	temperador
sachador	sofredor	temporizador
sacrificador	soldador	tenebrizador
sagrador	solenizador	tentador
salpicador	soletrador	tenteador
saltador	solicitador	terçador
salteador	soltador	tergiversador
saludador	sondador	termomultiplicador
salvador	sonegador	terrificador
sambador	sonhador	testador
sanador	sopeador	testemunhador
sancionador	soprador	testificador
saneador	sorrascador	timbrador
sangrador	sorteador	tingidor
sanificador	sossegador	tinidor
santificador	suador	tirador
sapador	subjugador	tiranizador
saqueador	sublevador	tocador
saracoteador	sublocador	tomador
sarjador	subministrador	tombador
sarrafaçador	subordinador	torcedor
saturador	subornador	tornador
saudador	sub-rogador	torneador
sazonador	subtilizador	torrador
secador	subvertedor	tosador
segador	sufocador	tosquiador
seguidor	sugador	totalizador
segurador	sujador	toucador
selador	sujeitador	toureador
seleccionador	sulcador	touteador
semeador	sulfatador	trabalhador
senhoreador	sulfurador	trabucador

traçador	uniformizador	violador
traduzidor	untador	violentador
tragador	urdidor	virador
traidor	urrador	visador
tramador	usufruidor	visitador
tranquilizador	usurpador	vistoriador
transaccionador	utilizador	vitalizador
transbordador	vacinador	vitimador
transferidor	vaiador	vituperador
transfigurador	valador	vivedor
transformador	valedor	vivificador
transmigrador	valsador	voador
transplantador	vaporizador	vocalizador
transportador	varador	vociferador
transtornador	varejador	volteador
transviador	varredor	vomitador
trapaçador	vascolejador	vozeador
trasfegador	vasculhador	vulcanizador
trasladador	vasodilatador	vulgarizador
tratador	vastador	vulnerador
travador	vaticinador	xingador
trazedor	vazador	zangador
treinador	vaziador	zanzador
trejeitador	vedador	zelador
tremedor	vedor	zincogravador
trepador	velador	zombador
tresgastador	vencedor	zumbidor
triangulador	vendedor	zunidor
trilhador	venerador	zupador
trinador	ventilador	zurrador
trinchador	verberador	zurzidor
triturator	vereador	
triunfador	verificador	
trocador	versejador	
troçador	versificador	
trotador	vertedor	
trovador	vexador	
trucidador	viajador	
trucilador	vibrador	
tumultuador	vice-governador	
tunador	viciador	
turbador	vidrador	
turboalternador	vigiador	
turificador	vigilador	
uivador	vilipendiador	
ultimador	vinculador	
ultrajador	vindicador	
ululador	vindimador	
unhador	vingador	
unificador	vinificador	

1.b) **Derivados em** ***-dora* (DLP)**

auscultadora
autocopiadora
autometralhadora
aveludadora
calculadora
cavadora
condensadora
cosedora
debulhadora
desfiladora
embobinadora
empilhadora
enceradora
encobridora
escavadora
fechadora
fotocopiadora
fresadora
governadora
granuladora
incubadora
lixadora
metralhadora
misturadora
motoniveladora
niveladora
numeradora
perfuradora
pesadora
ratinadora
retroescavadora
separadora
visitadora

1.c)
Derivados em
–deiro (DLP)

agasalhadeiro
aguadeiro
andadeiro
andeiro
apeadeiro
arranjadeiro
arrastadeiro
arribadeiro
assadeiro
atadeiro
atascadeiro
atoladeiro
benzedeiro
bramadeiro
caideiro
casadeiro
cevadeiro
co-herdeiro
comedeiro
cremadeiro
descansadeiro
desfiladeiro
deslizadeiro
despenhadeiro
esbarrondadeiro
estalajadeiro
fiadeiro
ganhadeiro
herdeiro
lavadeiro
lavradeiro
livre-pensadeiro
maçadeiro
malhadeiro
manadeiro
mentideiro
mijadeiro
mondadeiro
moscadeiro
namoradeiro
palradeiro
paradeiro

pato-assobiadeiro
piadeiro
picadeiro
pousadeiro
resvaladeiro
rezadeiro
roçadeiro
singradeiro
traduzideiro
tragadeiro
transpiradeiro
trazedeiro
vindimadeiro
vinhadeiro

1.d) Derivados em –*deira* (DLP)

abençoadeira
abortadeira
abotoadeira
abraçadeira
acarretadeira
achegadeira
acolchoadeira
afiadeira
agenciadeira
aguçadeira
ajuntadeira
alastradeira
alçadeira
alimpadeira
almoçadeira
amalhadeira
amassadeira
amoladeira
andadeira
apalpadeira
aparadeira
apeadeira
apernadeira
apertadeira
apremedeira
aradeira
arrancadeira
arrasadeira
arrastadeira
arribadeira
arruadeira
arrumadeira
assadeira
assedadeira
assentadeira
assobiadeira
atravessadeira
bailadeira
balhadeira
basteadeira
batedeira

bebedeira
betumadeira
bobinadeira
bordadeira
braçadeira
brincadeira
britadeira
brunideira
bulideira
caçadeira
calcadeira
calçadeira
cantadeira
capadeira
carpideira
carregadeira
cercadeira
cernideira
cerzideira
cevadeira
chamadeira
charruadeira
chegadeira
chiadeira
chocadeira
choradeira
chuchadeira
chupadeira
cingideira
colhadeira
comedeira
contratadeira
conversadeira
cortadeira
cozedeira
cravadeira
crestadeira
criadeira
cuidadeira
cuspideira
dadeira
dançadeira
darmadeira
debruadeira
debulhadeira
degranadeira
desandadeira
descalçadeira
descascadeira
descedeira

desempenadeira
desencartadeira
desengaçadeira
desengrossadeira
desmamadeira
desnatadeira
dobadeira
dobradeira
dormideira
embaladeira
embotadeira
embraçadeira
embutideira
empacotadeira
empalhadeira
empolgadeira
encarretadeira
encartadeira
enceradeira
enchadeira
encobrideira
enfardadeira
enformadeira
engarradeira
engarrafadeira
engatadeira
engatinhadeira
engomadeira
enleadeira
enoveladeira
enquerideira
enredadeira
enroladeira
ensecadeira
enxertadeira
enxofradeira
enxugadeira
escamadeira
escanganhadeira
escarnicadeira
escarradeira
escoadeira
escolhadeira
escrevedeira
escumadeira
esfarrapadeira
esfregadeira
esmeriladeira
espadeladeira
espalhadeira

espevitadeira
espichadeira
espirradeira
espreguiçadeira
espreitadeira
espumadeira
estancadeira
estiradeira
estreladeira
estufadeira
faladeira
feltradeira
fendadeira
fiadeira
frigideira
fritadeira
fumadeira
fungadeira
galgadeira
ganideira
gaspeadeira
geladeira
gomadeira
governadeira
gramadeira
gritadeira
grunhideira
guardadeira
guinchadeira
guisadeira
inculcadeira
inquerideira
javradeira
lançadeira
lardeadeira
lavadeira
lavradeira
limpadeira
logradeira
lustradeira
malhadeira
mamadeira
manadeira
marinhadeira
meadeira
mijadeira
misturadeira
moadeira
mondadeira
murmuradeira

nadadeira
natadeira
palmilhadeira
parideira
passadeira
pegadeira
piadeira
picadeira
pingadeira
podadeira
poadeira
pranteadeira
pregadeira
pregueadeira
premedeira
procuradeira
puideira
puxadeira
quebradeira
rabaneadeira
rabiscadeira
rachadeira
rangedeira
rapadeira
raspadeira
raspinhadeira
recuadeira
regradeira
reparadeira
repartideira
repassadeira
respigadeira
retorcedeira
revendadeira
rezadeira
ripadeira
riscadeira
roçadeira
rompedeira
safradeira
salgadeira
sangradeira
secadeira
segadeira
semostradeira
sevadeira
sirgideira
soldadeira
solinhadeira
subideira

sulfatadeira
talhadeira
tapadeira
tascadeira
tecedeira
tendadeira
tesadeira
tiradeira
topejadeira
torcedeira
torradeira
tosquiadeira
trabalhadeira
trançadeira
tratadeira
travadeira
tremedeira
trepadeira
trincadeira
urdideira
variadeira
varredeira
vasculhadeira
vestideira
viradeira
zinideira
zoadeira
zunideira

Anexo 2: *Corpus* RL

2.a) Unidades em *-dor*

2.b) Unidades em *-dora*

2.c) Unidades em *-deiro*

2.d) Unidades em *-deira*

2.a) Derivados em *-dor* (RL)

Volume I (1887-1889)

bersador (205)
pobrador (210)
prestidigitador (58, 223)

Volume II (1890-1892)

apêrador (30)
regulador (105, 119)
soldador (252)
suador (38)
varjador (23)

Volume III (1895)

treidor (186)

Volume IV (s.d.)

carretador (60)
missador (67)

Volume V (1897-1899)

alanzoador (24)
rulhador (173)
vedores (173)

Volume VI (1900-1901)

aguador (76)
cuspidor (80)

Volume VII (1902)

bautizador (144)
batador (110)

Volume VIII (s.d.)

amistrador (94)
ampador (95)
aperador, apêrador, apeirador (97)
barredor (298)
conhocedor (212)
emprador (96)

Volume IX (1906)

cargador (168)
emperador (220)
sabedor (39)

Volume X (1907)

corgedor (249)
espanidor (87)
lavador (93)
provêrador (238)
soldador (243)
trêdor (245)

Volume XI (1908)

abanador (6)
augador (293)
calcador (299)
esfregador (52)
lavrador (197)
minador (159)

Volume XII (1909)

maçador (106, 107)
surrascador (118)
telhador (322)
velador (130)

Volume XIII (1910)

anaciador (253); (es) (250)
anuviador (351)
crestador (154)
degoirador (356)
penteador (364)
sarrafador (291)
veedor, vedor (420)
varjador (126)

Volume XIV (1911)

matador (161)
servidor (166)

Volume XV (1912)

curador (73)
empalhador (73)
mostrador (339)

Volume XVI (1913)

afogador (1)
apanhador (213)
caiador (222)
corredor (231, 247)
passador (262)
prumador (265)
texedores (100)

trédor (100)

Volume XVII (1914)

alimentador (346)
caçador (198)
corredor (154)
fugidor (83)
ripador (15)
varriscador (75)

Volume XVIII (1915)

barriscador (75)
caçador (83)
carregador (peixe do) (90)
conhecedor (98)
corredor (99)
curador (102)
desandador (161)
distribuidor (103)
escanhotador (86)
escariador (108)
fixador (113)
fumigador (115)
lubrificador (125)
pastorizador (137)
tirador (157)
traçador (157)
velador (160)

Volume XIX (1916)

abanador (177)
apanhador (184)
arrigador (314)
assentador (188)
bulador (198)
trabalhador (316)
velador (279)

Volume XX (1917)

assador (141)
atador (141)
cantador (148)
contador (155, 167)
cozêdor de louça (155)
criador (156)
cuntratador (240)
curador (240)
desandador (241)
desenhador (157)
estampidor (161)

esticador (161)
imprestador (255)

Volume XXIII (1920)

amador (5)
chufador (24)
conhocedor (20)
conselhador (21)
corredor (133)
cousidor (22)
devedor (29)
empainador (134)
emperador (33)
entendedor (34)
matador (53)
morador (57)
pecador (64)
rogador (79)
sabedor (79)
servidor (85)
sofredor (86)
traedor (89)
trobador (90)

Volume XXV (1925)

acarradôr (60)
aceifador (60)
passador (185)
pedidor (186)
picador (189)
puxador (194)

Volume XXVI (1927)

balhador (71)

Volume XXVII (1929)

alousinhador (9)
belador (97) e (190)
doestador (27)
devaneador (29)
dividor (29)
escabeçador (35)
fornigador (41)
pecador (58)
rausador (265)
remiidor (66)
temedor (74)

Volume XXVIII (1930)

devidor (228)

moedor (117)
regidor (238)

Volume XXIX (1931)

enrilhador (220)
risador (266)

Volume XXX (1932)

coador (138)

Volume XXXI (1933)

bulador (294)

Volume XXXIII (1935)

carretador (117)
chupador (136)
coberdor, cobredor, cobridor,
cobredidor (139, 140)
curador (155)
imperador (86)

Volume XXXIV (1936)

embelgador (268)
emprezador (274)
engonhador (283)
enrilhador (287)
enrilheirador (287)
enrolador (287)

Volume XXXV (1937)

assentador (281)
basador (281)
enxameador (156)
fiador (241)
impenhador (248).
inregador (249)
lançador (252)
pensador (268)
prêgador (272)
rebatedor (281)
recalcador (241)
servidor (283)
sticador (286)
velador (294)

Volume XXXVI (1938)

escarneador (203)
esforinhador, esfrunhador, esfulinhador
(205)
estalador (211)

Volume XXXVII (1939)

acefadôr(es) (162)
amedador (312)
çoçadores (113)
crestador (114)
enrolador (232)
enxameador (233)
fiador (235)
matador (246)
missador (247)
soldador (258)

Volume XXXVIII (1943)

versador (177)

2.b) Derivados em – *dora* (RL)

Volume IV (s.d.)

empuradôra, empudôra (243)
lavradora (65)

Volume VII (1902)

cantadora (94)

Volume XXIII (1920)

corredora (133)

Volume XXXIV (1936)

empuradôra (274)

Volume XXXV (1937)

entregadora (155)

2.c) Derivados em – *deiro* (RL)

Volume I (1887-1889)

lançadeiro (213)

Volume VIII (s.d.)

herdeiros (58)

posadeiro, pousadeiro (213)

Volume XII (1909)

calcadeiro (110)

chamadeiro (110)

espadadeiro, a (96, 106)

maçadeiro (106 e 107)

piadeiro (115)

Volume XIV (1911)

comedeiro (153)

Volume XVI (1913)

malhadeiro (250)

Volume XVII (1914)

aguadêiro (198, 341)

luvadeiro (156)

mentideiro (84)

Volume XVIII (1915)

picadeiro (140)

Volume XIX (1916)

aguadêiro (chapéu) (314)

andeiros (184)

Volume XX (1917)

bessadeiro (144)

cantadeiro (148)

fiadeiro (245)

Volume XXVII (1929)

herdeiros (43)

mentideiro (51)

Volume XXVIII (1930)

stalajadeiro (240)

Volume XXXIII (1935)

coadeiro (138)

Volume XXXV (1937)

fiadeiro (241)

giadeiro (245)

ordideiro (264)

sentadeiro (283)

Volume XXXVI (1938)

escarneadeiro (203)

escarnicadeiro, a (116)

Volume XXXVII (1939)

escarneadeiro (233)

Volume XXXVIII (1943)

braçadeiro (106)

2.d) Derivados em – *deira* (RL)

Volume I (1887-1889)

aspadeira (222)
bersadeira (205)
choradeira (209)
incanhadeira (212)

Volume II (1890-1892)

espalhadeira (257)
spalhadeira (107)
tiradêra (38)

Volume IV (s.d.)

passadeiras (69)

Volume V (1897-1899)

andadeira (26)
assisadeira (28)
cevadeira (218)
engrideira (46)
zinideira (109)

Volume VI (1900-1901)

piladeira (83)

Volume IX (1906)

chamadêra (169)

Volume XI (1908)

andadeira (290)
babadeira (294)
calcadeira (299)
cantadeiras (300)
encrideira (154)
pernadeira (160)
subideira (162)

Volume XII (1909)

espadadeira(o) (96, 106)

Volume XIII (1910)

arranjadeira (81)

Volume XIV (1911)

açambarcadeira (145)
almoçadeira (146)
frigideiras (158)
matadeira (161)
pingadeira (163)

Volume XV (1912)

cantadeiras (349)
fergidêra (107)
poisadeira (163)
revendadeira (75)
trincadêra (105)

Volume XVI (1913)

aguadeira (209)
cevadeira (93)
chamadeira (227)
estinhadeira (238)
inculcadeira (245)
passadeira (262)
viradeira (279)
volvedeira (279)

Volume XVII (1914)

aparadeira (79)
assedadeira (12)
bedeira (153)
maçadeira (15)
puxadeira (157)
regadeira (201)

Volume XVIII (1915)

carregadeiras (90)
sergideira(s) (151)
engatadeira (106)
estaladeira, estraladeira (110)
inculcadeira (121)
tingadeira (156)

Volume XIX (1916)

abrideira (178)
amatadeira (183)
aparadeira (184)
assentadeira (318)
assintadêra (315)
braçadeira (196)
canhadeira (204)
cantadeiras (205)

chaçadeira (209)
chamadeira (317)
chegadeira (317, 319)
lambadeira (320)

Volume XX (1917)

abraçadeiras (150)
andadeira (139)
cantadeiras (148)
colhadeira (154)
colmedeira (154)
conhadeira (155)
espargadeira (160)
fugideira (248)
fumadeira (248)
limpadeiras (155)

Volume XXII (1919)

marcadeira (29)

Volume XXIII (1920)

avoadeira (132)
brincadeira (95)

Volume XXIV (1922)

heradeira (225)

Volume XXV (1925)

aproveitadeira (70)
picadeira (189)
pingadeira (190)
premedeira (193)
ralhadeira (196)
reladeira (199)
reparadeira (200)
rezadeira (202)

Volume XXVI (1927)

scolhadeira (286)

Volume XXVII (1929)

trabalhadeira (196)
zernadeira (121, 197)

Volume XXVIII (1930)

alinhadeira (90)
escrivideira (270)
esgravadeira (270)
tendedeira (129)

regadeira (125)

Volume XXIX (1931)

apertadeira (248)
batedeira (249)
cantadeiras (251)
chapadeira (252)
espumadêra (220)
raspadeira (163)
pingadeiras (305)
picadeiras (305)

Volume XXX (1932)

zungadeira (198)

Volume XXXII (1934)

dormideira (271)

Volume XXXIII (1935)

arrastadeira (142)
cantadeira (73)
carregadeira (117)
chamadeira (128)
corredeira (148)
debulhadeira (158)
despicadeira (170)
coadeira (138)

Volume XXXV (1937)

andadeira (260)
lançadeira (289)
ordideira (264)
pingadeira (269)
premedeira (289)
promedeiras (289)
rompedeira (241)
spadadeira (285)
spremedeiras (285)
subideira (287)
varejadeira (294)

Volume XXXVI (1938)

braçadeira (240)
picadeira (210)

Volume XXXVII (1939)

aproveitadeira (218)
arrojadeira (102)
bãlhadeira (104)
carregadeira (225)

debulhadeira (227)
despicadeira (229)
espreitadeiras (117)
frasquejadeira (236)
piadeira (134)
tosadeira (140)
voadeira (142)

Anexo 3: *Corpus* ILB/dissertações de licenciatura

3.a) Unidades em *-dor*

3.b) Unidades em *-dora*

3.c) Unidades em *-deiro*

3.d) Unidades em *-deira*

Índice alfabético das unidades coligidas nos materiais do I.L.B. (Relatórios) e em Dissertações de Licenciatura³⁴³

3.a) Derivados em *-dor*

- abanador* (Carvalho 1970: 445); (Ramos 1965: 83); (*es*) (Tavares 1952: 68)
abridor(es) [*de armas*] (Mendes 1953: 151)
açaagador(es) (Mendes 1953: 150)
acarretador (Mendes 1953: 32 [de azeitonas], 131 [de cal])
achanzador (Vieira 1957: 73)
aconchegador(es) (Silva 1971: 105)
adaptador (Madeira 1966: 136)
admistrador (Silva 1971: 140, 141)
afanador (Franco 1961: 77, 78)
aferidor (Mendes 1953: 232)
afianador (Mendes 1953: 233)
afilador (Matias 1974: 233); (Mendes 1953: 233)
afogador (Santos 1972: 201)
agenciador (Franco 1961: 27)
aguador (Freitas 1948: 85); (Monteiro 1963: 93); *augador* (Baptista 1970: 553)
ajoelhador (Matias 1974: 234)
ajuntador (Tavares 1970: 104)
aldeador (Franco 1961: 123)
aleviador (Macara 1964: 200); *aliviador* (Ribeiro 1968: 178)
alimpador (Mendes 1953: 232)
alquilador (Mendes 1953: 229)
alugador (Madeira 1966: 111)

³⁴³ As fontes sublinhadas representam relatórios. As restantes, dissertações de licenciatura.

amador (Baptista 1967: 95)
ambrador (Mendes 1953: 230)
amolador (Mendes 1953: 235)
animador (Madeira 1966: 213)
anotador (Madeira 1966: 47)
aparador (Matias 1974: 239)
apartador (Mendes 1953: 235)
apavonador (Mendes 1953: 277)
apuntadori (Sá 1970: 128)
arador (Costa 1966: 501)
argumentador (Madeira 1966: 136)
aricador (Costa 1966: 613)
armador (Baptista 1967: 99, 149); (Carvalho 1974: 416); (Matias 1974: 241);
(Salgueiro 1945: 55); (Mendes 1953: 235)
arpoador (Baptista 1970: 549)
arrabolador (Macara 1964: 200)
arrefundador (Costa 1966: 527)
arregador (Matias 1974: 241); (Pereira 1972: 346)
arruador (Franco 1961: 124)
arrumador (Madeira 1966: 112)
assanicador (Ramos 1965: 88)
assentador (Oliveira 1971: 282); (Baptista 1961/2: 74)
assoprador (Ramos 1965: 88)
atentador (Netto 1945: 83); *atentadori* (Gabriel 1950: 132)
atestador [de vinho] (Silva 1971: 109)
atirador (Madeira 1966: 188)
atracador (Baptista 1970: 553); (*es*) (Santos 1960: 30)
avaliador (Baptista 1970: 554); *avulador* (Baptista 1970: 554)
avisador (Baptista 1970: 554)
azeitador (Martins 1945: 88)
azulador(es) [de cabos de espadas] (Mendes 1953: 151)
azulejador (Mendes 1953: 134)
barador (Baptista 1970: 557)
bastidor (Matias 1974: 248)

batador (Macara 1964: 200, 296); *batedor* (Sousa 1955: 269); (Vide 1972: 155)
belador (Santos 1960: 297); (Monteiro 1970: 77)
bordador (Mendes 1953: 91)
borrifador (Carvalho 1970: 478)
botador (Baptista 1970: 563)
broslador (Mendes 1953: 91)
brunidor [de holandilhas] (Mendes 1953: 97)
caçador (Castro 1945: 19); (Mendes 1953: 38)
caizador (Mendes 1953: 132); (Fernandes 1965: 244)
calador (Macara 1964: 306); (Silva 1971: 122)
calcador [de calçadas] (Mendes 1953: 243)
caliador (Fernandes 1965: 244)
cantador [de pinheiros] (Carvalho 1970: 489)
capador (Capão 1957: 262); *capadori* (Sá 1970: 130)
capitalador (Mendes 1953: 277)
caracterizador (Madeira 1966: 158)
cardador (Mendes 1953: 60)
carregador (Madeira 1966: 295)
carretador (Mendes 1953: 245)
casgador (Matos 1971: 117)
catalizador (Baptista 1967: 124)
cavador (Mendes 1953: 23); (*es*) (Saraiva 1970: 11)
ceifador (Fernandes 1965: 250)
chamador (Amorim 1971: 234); *tchamador* (Gouveia 1951: 100)
chigadôri (Pereira 1972: 362)
chutador (Baptista 1967: 127)
coador(es) (Pereira 1972: 363)
colador (Madeira 1966: 87)
comedor (Matias 1974: 270); *quemedor* (Marta 1973: 142)
corredor (Baptista 1967: 137); (Lima 1955: 409); (Madeira 1966: 89); (Netto 1945: 104); (*es*) (Macara 1964: 313)
cortador (Fernandes 1965: 253); (Madeira 1966: 89); (Vieira 1957: 83)
crestador (Gouveia 1951: 177)
curador (Monteiro 1963: 104)

curtidor (Mendes 1953: 100)
debitador (Madeira 1966: 91)
debuxador (Mendes 1953: 61, 92)
decorador (Madeira 1966: 166)
deglodador (Baptista 1970: 589)
desbastador (Abreu 1960: 219)
desfolhador (Pereira 1949: 122)
destrocedor (Baptista 1970: 592)
dialogador (Madeira 1966: 142)
distribuidor (Baptista 1967: 149); (Madeira 1966: 117)
dourador (Mendes 1953: 248)
embarlador (Mendes 1953: 115)
embelgador (Matias 1974: 278)
empalhador(es) (Mendes 1953: 250)
empastador(es) (Mendes 1953: 250)
empilhador (Silva 1945: 73)
emprenhador (Fernandes 1965: 260), *imprenhador* (Santos 1960: 345)
Encaldador(es) (Mendes 1953: 132)
encapachador (Oliveira 1971: 309)
enceirador(es) (Pereira 1972: 368)
encenador (Madeira 1966: 169)
enfiador (Sousa 1955: 289)
engodador (Macara 1964: 319)
engraxador (Castro 1945: 37)
enjoelhador (Pereira 1972: 123, 369)
enquadrador (Madeira 1966: 56)
enrelhador (Pereira 1972: 123, 369); *enrilherador* (Santos 1972: 218)
ensacador (Oliveira 1971: 310)
ensamblador (Mendes 1953: 193)
enseirador (Oliveira 1971: 310)
entalador (Macara 1964: 319)
envelhecedor (Madeira 1966: 170)
enxertador (Oliveira 1957: 93); (**es**) (Silva 1971: 105)
enxugador (Silva 1945: 76)

erguedor (Capão 1957: 276); *irguidor* (Pérez 1963: 75)
esbalanciador (Pereira 1972: 123, 370)
esborralhador (Matias 1974: 282)
esbuchador (Netto 1945: 79, 108)
escachador (Boura 1959: 50), (Sousa 1955: 290), *(e)scachador* (Lima 1955: 423)
escarreirador (Baptista 1970: 600)
escoador (Vieira 1957: 85)
escrivador (Capão 1957: 276)
esfossador (Costa 1966: 537)
esmagador (Oliveira 1957: 94); (Silva 1960: 244)
espaldador (Silva 1945: 79)
espevitador (Martins 1955: 34); (Silva 1971: 102)
esticador (Baptista 1970: 603); (Silva 1971: 106); [*da manta*] (Capão 1957: 279)
exibidor (Madeira 1966: 120)
explorador (Madeira 1966: 120)
ferrador (Castro 1945: 47); (França 1973: 102)
filmador (Madeira 1966: 58)
fixador (Madeira 1966: 330)
fundador (Costa 1966: 527)
gaguejador (Pinto 1951: 42)
ganhador (Macara 1964: 200)
goleador (Baptista 1967: 195)
granjedor (Franco 1961: 32)
gravador (Madeira 1966: 343)
iluminador (Mendes 1953: 252)
incensador (Torres 1959: 126)
inquietador (Freitas 1948: 43)
izelador (Baptista 1970: 622)
janseador (Franco 1961: 27)
laborador (Franco 1961: 9)
labutador (Franco 1961: 87)
lançador (Santos 1960: 347); (Silva 1971: 102)
largador (Macara 1964: 331)
lavador (Oliveira 1971: 325); (Pereira 1972: 123)

lavrador (Costa 1966: 541); (Silva 1971: 91); (Sousa 1955: 301); **(es)** (Saraiva 1970: 15); *labrador* (Pereira 1949: 119); (Pérez 1963: 74)
lidador (Franco 1961: 13)
limpador (Lima 1955: 455)
lutador (Baptista 1967: 192)
maçador (Lima 1955: 457)
madraceador (Franco 1961: 150)
maquilhador (Madeira 1966: 174)
marcador (Baptista 1967: 195)
martelador (Fernandes 1958: 46)
mastragador (Freitas 1948: 43, 108)
melhador, *milhador* (Carvalho 1970: 565)
meixedor (Capão 1957: 297)
mistrador (Fernandes 1965: 289); (Silva 1971: 140, 141)
moedor (Fernandes 1958: 46); (Martins 1945: 109); **(es)** [*de linho*] (Mota 1958: 158)
molhador (Carvalho 1970: 565)
montador (Madeira 1966: 89, 96)
mostrador (Fernandes 1965: 289)
mourejador, *moirejador* (Franco 1961: 57)
obturador (Madeira 1966: 309)
operador (Franco 1961: 14); (Madeira 1966: 68); (Patrão 1973: 176); [*de câmara*]
(Madeira 1966: 56)
paradore (Capote 1973: 102)
penerador (Macara 1964: 342)
pescador (Mendes 1953: 42)
picador (Mendes 1953: 116)
pintador (Silva 1960: 197)
planificador (Madeira 1966: 146)
polidor [*de esquinas*] (Franco 1961: 170)
porfiador (Fernandes 1958: 129)
portador (Gouveia 1951: 196)
pregador (Pereira 1972: 123); **(es)** (*Ibid.*: 392)
programador (Madeira 1966: 211)
puxador (Tavares 1952: 69)

quadrador (Silva 1945: 105)
rabeador (Silva 1971: 118)
rabiscador (Martins 1945: 117)
rabunador (Silva 1945: 107)
raspador (Abreu 1960: 231); (Oliveira 1971: 355)
realizador (Madeira 1966: 58, 181)
regador (Matias 1974: 241)
regulador; rigulador (Capão 1957: 312)
renhidor (Fernandes 1958: 129)
retardador (Madeira 1966: 314); [*ao-*] (Madeira 1966: 76)
revelador (Madeira 1966: 334)
ripador (Mota 1958: 164)
ripigador (Santos 1970/1: 143)
rogador (Costa 1966: 691); (Salgueiro 1945: 100)
rundador (Fonseca 1971: 169)
sachador (Capão 1957: 314); (Costa 1966: 613); (Lima 1955: 495)
sacrificador (Santos 1972: 234)
sangrador [*barbeiro-*] (Mendes 1953: 236)
sanicador (Ramos 1965: 88)
segador(es) (Saraiva 1970: 221)
seitador (Costa 1966: 550)
semeador (Capão 1957: 317); (Carvalho 1970: 603); (Costa 1966: 645); *semiador*
(Ribeiro 1968: 130); (Pereira 1949: 120); *samiador* (Carvalho 1970: 603)
serrador [*de valsa*] (Castro 1945: 94)
servidor (Vieira 1957: 97)
soldador (Monteiro 1963: 115)
sulfurador (Pereira 1949: 120)
surrador (Mendes 1953: 100)
surriscador (Silva 1960: 268)
talhador (Fernandes 1965: 310)
tamizador (Madeira 1966: 314)
tangedor (Lima 1955: 505); (Ribeiro 1968: 188); *taingedor* (Ribeiro 1968: 130)
tapador (Silva 1945: 117)
tentador (Gabriel 1950: 138); (Netto 1945: 83)

tiradores [de prata branca e dourada] (Mendes 1953: 264)
tocador (Esteves 1966); *[de harmónio]* (Pinho 1960: 49)
tolhedor (Amorim 1971: 294)
tomador [de carne] (Mendes 1953: 46)
tozador (Mendes 1953: 65)
trabalhador (Franco 1961: 16); *(es)* (Saraiva 1970: 16)
trabucador (Franco 1961: 18)
traçador (Capão 1957: 322)
trancador (Baptista 1970: 549, 681)
treinador (Baptista 1967: 241)
tritador, trutulador [de linho] (Mota 1958: 171)
tunador (Franco 1961: 134)
ultimador (Mendes 1953: 63)
varredor (Macara 1964: 357); (Mendes 1953: 265)
ventilador (Capão 1957: 276); *bentelador* (Pérez 1963: 75)
vertedor (Lima 1955: 514)
vessador (Costa 1966: 520)
vindimador (Mendes 1953: 35)
zelador (Baptista 1970: 622)

3.b) Derivados em *-dora*

anotadora (Madeira 1966: 47)

arrumadora (Madeira 1966: 112)

berradora (Tavares 1952: 47)

ceifadora (Fernandes 1965: 155, 250)

coladora (Madeira 1966: 87)

corredora (Netto 1945: 104)

debulhadora, bulhadora (Baptista 1970: 565); (Carvalho 1970: 518); (Santos 1970/1: 122)

desfamadora (Pereira 1972: 367)

distribuidora [*empresa-*] (Madeira 1966: 118)

embobinadora (Madeira 1966: 91)

escaroladora (Carvalho 1970: 518)

exibidora [*empresa-*] (Madeira 1966: 118)

intercedora (Carvalho 1970: 549)

montadora (Madeira 1966: 89, 96)

perfuradora (Madeira 1966: 312)

positivadora (Madeira 1966: 334)

raladora (Pinho 1960: 50)

rectificadora (Silva 1945: 110)

reveladora (Madeira 1966: 335)

saboreadora (Tavares 1952: 47)

separadora (Mendes 1963: 155)

sgrabinhadora (Marta 1973: 144)

suquidora (Tavares 1952: 46)

tapadora (Santos 1972: 236)

urdidora (Mendes 1953: 60, 61)

3.c) Derivados em *-deiro*

acostadeiro (Santos 1960: 283)

aguadeiro (Mendes 1953: 232); [*cesto-*] (Silva 1954: 117); *aguadêro* [*chapéu-*]
(Matias 1974: 267); *augadeiro* (Silva 1972: 259)

amassadeiro (Baptista 1961/2: 74)

angulideiro(s) (Santos 1960: 289)

amiadeiro (Santos 1960: 289)

apopadêro (Macara 1964: 201)

arimadeiro (Santos 1960: 283)

arregemadeiro (Lima 1955: 374)

assadêro (Pereira 1972: 347)

cebadêro (Matias 1974: 204)

criadêro (Macara 1964: 201)

enchedêro (Matias 1974: 279)

estalajadeiro (Mendes 1953: 53)

fiadeiro (Boal 1964: 308); (Mota 1958: 150)

forradeiro (Marcos 1969: 62)

imbigadeiro (Monteiro 1970: 83)

lavadeiro [*cesto-*] (Silva 1954: 80); *lavadêro* (Matias 1974: 204)

maçadeiro (Mota 1958: 155)

matadêro (Matias 1974: 204)

mentidero (Madeira 1966: 263)

namoradeiro(s) (Silva 1972: 320)

passadeiro (Silva 1960: 259)

ranhadeiro (Baptista 1961/2: 89); (Monteiro 1970: 87)

suquideiro (Tavares 1952: 46)

torradeiro (Santos 1960: 385); (Ferreira 1964: 68)

valadeiro(s) (Saraiva 1970: 246)

3.d) Derivados em –deira

- abarbadeira* (Baptista 1970: 535)
abrasadêra (Macara 1964: 286)
abrideira (Sousa 1955: 260)
aguadeira (Martins 1945: 85); (Oliveira 1971: 274); (**s**) (Carvalho 1974: 406)
ametegadeira (Quaresma 1968: 82)
amassadeira (Mendes 1953: 31); *massadeira* (Baptista 1970: 632)
andadeira, aundadeira (Ribeiro 1968: 178)
apanhadeira (Baptista 1970: 645); (Martins 1945: 87); *panhadeira* (Baptista 1970: 645); [*cesta-*] (Silva 1954: 87)
apremedeira (Sousa 1955: 264)
aradeira (Lourdes 1946: 44)
arrancadeira; arrincadeira (Mota 1958: 134)
arrastadêra (Macara 1964: 286)
arrigadeira (Mota 1958: 134)
astuciadeira (Macara 1964: 286)
atadeira (Sousa 1955: 266)
atalhadêra (Matias 1974: 243)
atiradeira (Capão 1957: 247)
aumentadeira (Marta 1973: 102)
azeitadeira (Martins 1945: 88)
baleadeira (Sousa 1955: 268)
baquiadeira (Patrão 1973: 157)
batedeira (Carvalho 1970: 472); (Oliveira 1971: 292)
benzedeira (Pérez 1963: 74)
bobedeira (Fonseca 1971: 149)
boladeira (Fonseca 1971: 149)
braçadeira (Tavares 1952: 195, 196)
brincadeira(s) (Caramelo 1971: 108)
bruguiadeira (Carvalho 1970: 480)
caçadeira (Baptista 1970: 567)

caladeiras (Carvalho 1974: 441)
cangadeira (Ferreira 1964)
cantadeira(s) (Mota 1958: 139); (Baptista 1970: 571)
capsuladeira (Silva 1945: 59)
carregadeira(s) (Tavares 1952: 94)
cavadeira (Lima 1955: 399)
cerzideira (Mendes 1953: 97)
cevadeira (Costa 1966: 569); (Silva 1971: 114)
cheiradeira(s) (Tavares 1952: 62)
chuchadeira (Caramelo 1971: 113)
coladeira (Madeira 1966: 87); (Silva 1945: 64)
conversadeira (Carvalho 1970: 126); *cumbersadeira* (Marta 1973: 102)
coradeira(s) (Costa 1960: 231)
cortadeira (Costa 1966: 505)
crestadeira (Silva 1960: 240)
cricadeira (Salgueiro 1945: 71)
curadeira (Mendes 1953: 97)
dansadeira (Cunha 1969)
debanadeira (Santos 1960: 328)
debulhadeira (Baptista 1970: 565); (Capão 1957: 271); (Carvalho 1970: 518); (Pereira 1949: 120); *desbulhadeira* (Capão 1957: 271)
desengrossadeira (Abreu 1960: 220)
destanganhadeira (Martins 1945: 129)
embaladeira (Baptista 1970: 596); *imbeladeira* (Pérez 1963: 123); *imboladeira* (Ribeiro 1968: 130)
emboladeira (Netto 1945: 79, 106)
empalhadeira (Mendes 1953: 250)
enchadeira (Freitas 1948: 43)
engaçadeira (Capão 1957: 275); (Oliveira 1957: 93)
enjoelhadêra (Matias 1974: 234); *enjoalhadeira* (Monteiro 1963: 103)
enredadêra (Matias 1974: 280)
enroladeira (Madeira 1966: 91)
ensaladeira (Capão 1957: 275)
entalhadeira (Mota 1958: 146)

enxofradeira (Oliveira 1957: 93)
erguedeira (Amorim 1971: 243); (Carvalho 1970: 517)
esbanjadeira (Marta 1973: 102)
esbeijadeira (Sousa 1955: 290)
esbulhadeira (Baptista 1970: 565)
escachadeira (Boura 1959: 50)
escangadeira (Santos 1960: 333); (Sousa 1955: 291)
escanganhadeira (Pinho 1960: 51)
escarneadêra (Macara 1964: 321)
escoadeira (Vieira 1957: 85)
escolhedeira (Silva 1945: 77)
escrevideira (Carvalho 1974: 482)
escumadeira (Vieira 1957: 85); *iscumadeira* (Pereira 1949: 120); (Pérez 1963: 75)
escupidêra (Matias 1974: 282)
esfregadeira (Silva 1972: 292)
esfulenhadeira(s) (Fernandes 1965: 263)
esmagadeira (Oliveira 1957: 94); (Pinho 1960: 50)
espadadeira(s) (Sousa 1955: 291)
espalhadeira (Costa 1966: 610); (Fernandes 1965: 155)
espirradeira (Silva 1971: 100); (**s**) (Carvalho 1974: 484)
faladeira (Pereira 1949: 120); (Tavares 1952: 55); (Pérez 1963: 75)
fazadeira (Mendes 1963: 99)
fossadeira (Ambrósio 1967/8); *esfossadeira* (Costa 1966: 537)
fresquilandeira (Boura 1959: 92)
frigideira (Mendes 1953: 47)
galgadeira (Abreu 1960: 231)
galradeira (Tavares 1952: 55)
grunhideira (Tavares 1952: 55)
inculcadeira (Lima 1955: 445)
indilgadeira (Franco 1961: 50)
infardadeira (Pereira 1949: 122)
ingrideira (Baptista 1961/2: 83)
janseadeira (Franco 1961: 27)
joeiradeira (Mendes 1953: 25)

labradeira (Pereira 1949: 119)
labrajadêra (Macara 1964: 330)
lavadeira (Gouveia 1951: 100, 190); (Oliveira 1971: 325); (Vieira 1957: 89)
malhadeira (Carvalho 1970: 518); (Fernandes 1965: 157); (Freitas 1948: 43)
mangadeira (Lima 1955: 458)
mareadeira, mariadeira (Oliveira 1948: 72, 117)
mascanhideira (Tavares 1952: 46)
mentideira (Netto 1945: 124)
moedeira (Tavares 1952: 46)
mondeira (Costa 1966: 620)
moquideira (Tavares 1952: 46)
palmilhadeira(s) (Mendes 1953: 97)
palradeira (Tavares 1952: 55)
passadeira (Capão 1957: 303); (Tavares 1952: 54)
pegadeira (Pereira 1949: 121); (Silva 1960: 260)
penteadeira (Madeira 1966: 311)
pernadeira (Tavares 1952: 208)
pescadeira (Mendes 1953: 42); (Netto 1945: 131)
pingadeira (Capão 1957: 306)
pregadeira (Fernandes 1965: 157, 300)
premedeira (Freitas 1948: 113)
puxadeira (Tavares 1952: 69)
quemedeira (Marta 1973: 102)
rabaneadeira (Silva 1945: 106)
raspadeira (Abreu 1960: 231); (Oliveira 1971: 355)
regadeira (Baptista 1961/2: 89); (Sá 1970: 138)
rezadeira (Pereira 1949: 119); (Silva 1972: 338)
ripadeira (Mota 1958: 164)
roçadeira [fouce-] (Lima 1955: 434)
sangradeira (Martins 1945: 120); *sangradêra* (Alexandre 1974: 178)
secadeira (Capão 1957: 316)
silgadeira (Baptista 1970: 670)
suadeira (Franco 1961: 88)
tapadeira (Silva 1945: 117); (Fonseca 1971: 171); *tapadêra* (Matias 1974: 347)

tecedeira (Pérez 1963: 74)
tendedeira (Amorim 1971: 293); *tindedeira* (Caramelo 1971: 130)
tiradêra (Macara 1964: 355); (Matias 1974: 348)
topejadeira (Silva 1945: 120)
tornadeira (Costa 1966: 610)
tosadeira (Tavares 1952: 46, 83)
trabalhadeira (Franco 1961: 16); (Pérez 1963: 75); (Marta 1973: 102)
travadeira (Carvalho 1974: 586)
tremedeira (Netto 1945: 146)
trincadeira (Oliveira 1957: 107)
urdideira (Freitas 1948: 119); (Mendes 1953: 60, 61)
urnideira (Carvalho 1974: 589)
vindimadeira (Mendes 1953: 35)

Anexo 4: Unidades provenientes de fontes jornalísticas e literárias citadas na dissertação

abortadeira-trafficante (PÚBLICO, 27/12/2002)

acendedor de velas (PÚBLICO, 15/08/2004)

alternadeira (JORNAL DE NOTÍCIAS, 02/06/04)

apitadores (JN, 30/06/04)

aspiradora (PÚBLICO, 03/07/2003)

cantadeira (TSF, 07/11/03)

casadeira (Castelo Branco 1862: 51)

corredores (Herculano 1851: 2)

empilhadorista (JORNAL DE NOTÍCIAS, 18/03/2004)

escrevedores (Garrett 1845: 2)

escrevinhador (Queirós 1888: 278; *Id.* 1900: 86); [es] (Castelo Branco 1862: 43)

estalajadeira (Vicente [1562] 1984, Vol. I, pág. 389)

fazedor de cidades (Jornal “O Interior”)

fungidora de necessidades (JORNAL DE NOTÍCIAS, 10/02/2004)

habitadores (Herculano 1844: 23); (Camões [1572] 1987: X.121.1)

lavradeira/lavradora (Vicente [1562] 1984: 374)

lavradeiras (Queirós 1888: 150)

limpador (Jornal “Record”, 11/04/05)

parideira (Vicente [1562] 1984, Vol. I, pág. 374)

provador (Jornal “Expresso das Nove”, em linha, 04/02/05; PÚBLICO, em linha, 04/12/04)

tecedeira de anjos (Queirós s/d: 447)

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (<i>-dor</i>)	20
Gráfico 2. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (<i>-dora</i>)	20
Gráfico 3. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em <i>-dor</i>	38
Gráfico 4. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em <i>-dora</i>	38
Gráfico 5. Produtos em <i>-dor</i> : distribuição pelas categorias N, S e A	41
Gráfico 6. Produtos em <i>-dora</i> : distribuição pelas categorias N, S e A	41
Gráfico 7. Derivados em <i>-dor</i> : séries semânticas/categorias sintáticas (DLP)	63
Gráfico 8. <i>-dor</i> : séries semânticas (DLP)	65
Gráfico 9. <i>-dor</i> : séries semânticas (RL).....	65
Gráfico 10. Categorias sintáticas dos derivados em <i>-dor</i> nas séries semânticas (DLP)	66
Gráfico 11. Categorias sintáticas dos derivados em <i>-dor</i> nas séries semânticas (RL).....	67
Gráfico 12. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (<i>-deiro</i>)	83
Gráfico 13. Distribuição, por conjugações, dos verbos-base (<i>-deira</i>)	84
Gráfico 14. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em <i>-deiro</i>	98
Gráfico 15. Distribuição por categorias sintáticas dos derivados em <i>-deira</i>	99
Gráfico 16. Produtos em <i>-deiro</i> : distribuição pelas categorias N, S e A	100
Gráfico 17. Produtos em <i>-deira</i> : distribuição pelas categorias N, S e A	101
Gráfico 18. Derivados em <i>-deiro</i> : séries semânticas e categorias sintáticas (DLP).....	114
Gráfico 19. Derivados em <i>-deiro</i> : séries semânticas e categorias sintáticas (RL)	115
Gráfico 20. Categorias sintáticas dos derivados em <i>-deiro</i> nas séries semânticas (DLP).....	115
Gráfico 21. Categorias sintáticas dos derivados em <i>-deiro</i> nas séries semânticas (RL)	116
Gráfico 22. Derivados em <i>-deira</i> : séries semânticas (DLP)	132
Gráfico 23. Derivados em <i>-deira</i> : séries semânticas (RL)	132
Gráfico 24. Derivados em <i>-deira</i> : categorização sintáctica e arqui-séries semânticas (DLP)..	134

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Algumas construções paralelas: formas tomadas do latim (<i>-tor/-sor</i>) vs. formas vernáculas (<i>-dor</i>)	13
Quadro 2. Bases dos produtos em <i>-dor/a</i> quanto ao número de lugares	27
Quadro 3. Funções sintáticas operantes.....	27
Quadro 4. Estruturas argumentais típicas das bases de produtos em <i>-dor/a</i>	28
Quadro 5. Eventos (situações/acontecimentos) e traços típicos na base das relações predicativas	33
Quadro 6. Relações predicativas prototípicas das bases dos derivados em <i>-dor/a</i> (tipologia das estruturas eventiva e argumental)	34
Quadro 7. Produtos com estrutura [N _x de N _y].....	51
Quadro 8. Distribuição dos derivados em <i>-dor</i> por séries semânticas/categorias sintáticas (DLP) – 1. ^a versão.....	62
Quadro 9. Distribuição dos derivados em <i>-dor</i> por séries semânticas e categorias sintáticas (DLP) – 2. ^a versão.....	65
Quadro 10. Distribuição dos derivados (<i>-dor</i>) por séries semânticas e categorias sintáticas (RL)	65
Quadro 11. Valores semânticos dos derivados em <i>-dora</i> (DLP e RL)	68
Quadro 12. Bases derivantes dos produtos em <i>-deiro/a</i> quanto ao número de lugares	91
Quadro 13. Algumas bases em <i>-dor/a</i> bloqueadas em <i>-deiro/a</i>	92
Quadro 14. Estruturas argumentais típicas das bases de produtos em <i>-deiro/a</i>	93
Quadro 15. Relações predicativas prototípicas das bases dos derivados em <i>-deiro/a</i> (tipologia das estruturas eventiva e argumental)	95
Quadro 16. Distribuição dos derivados em <i>-deiro</i> por séries semânticas/categorias sintáticas (DLP)	113
Quadro 17. Distribuição dos derivados em <i>-deiro</i> por	113
Quadro 18. Distribuição dos derivados em <i>-deira</i> AG/INSTR e INSTR/AG por categorias sintáticas (DLP).....	121
Quadro 19. Distribuição dos derivados em <i>-deira</i> por séries semânticas e categorias sintáticas (DLP/RL)	133
Quadro 20. Algumas alternâncias/equivalências entre formas corradicais em <i>-dor, -dora, -deiro</i> e <i>-deira</i>	141
Quadro 21 . Representatividade dos sufixos em algumas formas neológicas.....	146

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1: <i>CORPUS DLP</i>	II
1.a) <i>Derivados em –dor (DLP)</i>	III
1.b) <i>Derivados em –dora (DLP)</i>	XVIII
1.c) <i>Derivados em –deiro (DLP)</i>	XIX
1.d) <i>Derivados em –deira (DLP)</i>	XX
ANEXO 2: <i>CORPUS RL</i>	XXII
2.a) <i>Derivados em –dor (RL)</i>	XXIII
2.b) <i>Derivados em –dora (RL)</i>	XXVI
2.c) <i>Derivados em –deiro (RL)</i>	XXVII
2.d) <i>Derivados em –deira (RL)</i>	XXVIII
ANEXO 3: <i>CORPUS ILB/DISSERTAÇÕES DE LICENCIATURA</i>	XXXI
3.a) <i>Derivados em –dor</i>	XXXII
3.b) <i>Derivados em –dora</i>	XL
3.c) <i>Derivados em –deiro</i>	XLI
3.d) <i>Derivados em –deira</i>	XLII
ANEXO 4: UNIDADES PROVENIENTES DE FONTES JORNALÍSTICAS E LITERÁRIAS CITADAS NA DISSERTAÇÃO.....	XLVII